



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS – UFT  
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA-TO  
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE NACIONAL –  
PROFLETRAS

**ANGELITA GOMES FONTENELE RODRIGUES DA CUNHA**

**PRÁTICAS DE LEITURA E DE ESCRITA: O CORDEL NO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

ARAGUAÍNA-TO  
2020

ANGELITA GOMES FONTENELE RODRIGUES DA CUNHA

**PRÁTICAS DE LEITURA E DE ESCRITA: O CORDEL NO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (ProfLetras), na Universidade Federal do Tocantins (UFT), câmpus de Araguaína, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra, sob a orientação da Profa. Dra. Eliane Cristina Testa.

ARAGUAÍNA-TO  
2020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

C972p CUNHA, ANGELITA GOMES FONTENELE RODRIGUES DA.  
PRÁTICAS DE LEITURA E DE ESCRITA: O CORDEL NO ENSINO  
FUNDAMENTAL. / ANGELITA GOMES FONTENELE RODRIGUES DA  
CUNHA. – Araguaína, TO, 2020.  
234 f.

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do Tocantins  
– Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação (Mestrado)  
Profissional em Letras Ensino de Língua e Literatura, 2020.

Orientadora : Eliane Cristina Testa

1. Cordel. 2. Letramento Literário. 3. Práticas de Leitura e de Escrita de  
Cordel. 4. Ensino Fundamental. I. Título

**CDD 469**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer  
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.  
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184  
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**



ANGELITA GOMES FONTENELE RODRIGUES DA CUNHA

**PRÁTICAS DE LEITURA E DE ESCRITA: O CORDEL NO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

Dissertação defendida no Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (Profetras), da Universidade Federal do Tocantins, para obtenção do título de Mestre.

Aprovada em 26, 08, 2020 pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

BANCA EXAMINADORA DE QUALIFICAÇÃO

*Eliane Testa*

---

Profa. Dra. Eliane Cristina Testa  
Orientadora e Presidente da banca UFT/ PPGL

*P/ Eliane Testa*

---

Prof. Dr. Augusto Rodrigues da Silva Junior UNB / POSLIT  
Examinador externo

*P/ Eliane Testa*

---

Profa. Dra. Janete Silva dos Santos  
Examinadora interna UFT/ PPGL

---

Prof. Dr. João de Deus Leite  
Suplente

ARAGUAÍNA-TO  
2020

*Dedico este trabalho  
A você, querido aluno  
Da turma do oitavo ano  
Porque me é oportuno  
Por vivenciar o cordel  
Em tudo que os reúno.*

*Ao Raimundo Clementino,  
Que tão bem nos recebeu.  
Gosto do “Pequeno Príncipe”,  
Que em cordel ele escreveu,  
Visitou a nossa escola  
E muitas lições nos deu.*

*Dedico ao Joames,  
Um poeta competente.  
À ilustre Luzinete,  
Nas rimas eficientes,  
Pois ambos alimentaram  
De Cordel a minha mente.*

*À professora Lia, orientadora presente,  
Que em tudo me acompanhou,  
E em minhas memórias já habitou,  
Deixando em mim a lição vigente:  
Saiba que o cordel a mim ressurgente  
Muito me inspira também a lutar  
Pelas causas que preciso sonhar.  
Eis que o projeto pra mim foi perfeito,  
Torço que a pesquisa tenha bom efeito  
Nos dez de galope da beira do mar!*

*“Ora, a leitura do texto poético é escuta de uma voz.  
O leitor, nessa e por essa escuta, refaz em corpo e em  
espírito o percurso traçado pela voz do poeta: do silêncio  
anterior até o objeto que lhe é dado.”*

*(Paul Zumthor)*

*(In: Performance, recepção, leitura (2014, p. 840).*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, em quem confio e a quem rendo honras por Sua luz em minha vida. Obrigada, Senhor!

À professora Eliane Cristina Testa, pela orientação que me guiou do início ao fim deste trabalho, que tantas alegrias oportunizou ao meu coração.

Ao ProfLetras – UFT/Campus de Araguaína, pelo acolhimento e pela oportunidade de importantes saberes para minha formação profissional como professora de Língua Portuguesa.

Aos Cordelistas de Teresina, da Cordelaria Chapada do Corisco (COCHACOR), que tão bem me acolheram e se dispuseram a colaborar com a pesquisa, permitindo-se serem investigados pelos alunos participantes da pesquisa.

Aos meus alunos que, pelo compromisso e envolvimento no espírito cordelista, leram e produziram com entusiasmo.

Aos meus professores, especialmente à professora Selma e ao professor João de Deus, que me apoiaram na ideia de trabalho com a poesia, sugerindo-me a orientadora que Deus me concedeu. Obrigada, Doutores, mestres amigos.

Ao Valdenor, marido apoiador que, incansavelmente, me acompanha até Araguaína nas semanas de aulas e que já está muito apaixonado pelas rimas obrigatórias do Cordel. Obrigada, amado meu. “Sem você seria eu sem mim!”.

Ao meu pai, que me ensinou Cordel ainda menina, me fazendo memorizar a história de Rosinha Sebastião, que jamais me saiu da memória.

Aos meus filhos, Valdenor Filho e Ítalo, que permitem a minha ausência para dedicar-me ao mestrado.

À equipe gestora e aos amigos professores da Escola em que trabalho, pela compreensão e pelo acolhimento de meu projeto.

## RESUMO

O presente estudo discute as práticas de escrita e de leitura de cordel em uma turma de 8º ano de uma escola da rede pública situada na zona rural, do Município de Teresina, no estado do Piauí. Esse trabalho tem como objetivo principal efetivar o letramento literário dos alunos. A escolha do cordel em sala de aula tem o intuito de fomentar a aproximação maior dos alunos com a literatura, pois a cena do cordel é muito presente e ativa nessa região. Metodologicamente, a pesquisa seguiu os passos da sequência didática, proposta por Cosson (2018), buscando adequá-la à realidade e às práticas docentes da pesquisadora. Como fundamentação teórica, utiliza os seguintes autores: Bakhtin (1998, 2011, 2019), Barthes (2008), Burke (2010), Candido (2011, 2017), Vigotski (2010), Zumthor (1993, 2005, 2010, 2014) e Cascudo (1984). Além disso, utiliza os estudos de Barros (2015), Galvão (2002), Marinho e Pinheiro (2012), Pinheiro (2018), Zilberman (1988), Soares (1999), Testa (2015, 118, 2019), Cosson (2018), Ferreira (2014), bem como obras de Carvalho (2004), Clementino Neto (2010, 2011, 2016, 2018, 2019), Fontenele (2019), Lima (2016), Mendes Sobrinho (2006, 2010, 2018, 2019), Vieira (1980, 2020). Como resultados, os alunos que, comumente, apresentam dificuldades com a leitura literária e com a produção de textos poéticos se integraram efetivamente com as leituras e as produções de cordéis (realizadas em sala de aula); a literatura conseguiu cativar os jovens estudantes, principalmente pelas questões da oralidade, da linguagem (às vezes, menos formal que o cordel apresenta) e das temáticas (que implicaram fortemente a memória e as vivências dos cordelistas dessa região). Portanto, a literatura de cordel desencadeou afetivo e empolgante engajamento dos jovens estudantes, de modo especial, por valorizar aquilo que eles têm em sua cultura local.

**Palavras-Chave:** Cordel. Letramento Literário. Ensino Fundamental. Práticas de Leitura e de Escrita de Cordel.



## ABSTRACT

The present study “Reading and writing practices: cordel in elementary school” discusses cordel writing and reading practices, in an 8th grade class at a public school located in the countryside, in the city of Teresina, in the State of Piauí - PI. This work has as main objective to effect the literary literacy of the students. We emphasize that we chose to work with cordel in the classroom in order to foster a closer relationship between students and literature. In addition, we consider the choice of our research object the region in which we live, as the cordel scene is very present and active. Methodologically, we use the steps of the didactic sequence proposed by Rildo Cosson (2018), seeking to adapt them to our reality and our teaching practices. As a theoretical basis we used the following authors, namely: Barros (2015), Bakhtin (1998, 2011, 2019), Barthes (2008), Burke (2010), Candido (2011, 2017), Vigotski (2010), Zumthor (1993, 2005, 2010, 2014) and Cascudo (1984). The research is grounded on the studies of Barros (2015), Galvão (2002), Marinho and Pinheiro (2012), Pinheiro (2018), Zilberman (1988), Soares (1999), Testa (2015, 2018, 2019), Cosson (2018), Ferreira (2014), Carvalho (2004), Clementino Neto (2010, 2011, 2016, 2018, 2019), Fontenele (2019), Lima (2016), Mendes Sobrinho (2006, 2010, 2018, 2019), Vieira (1980, 2020). As a result, we can highlight that students who commonly have difficulties with literary reading and with the production of poetic texts ended up effectively integrating themselves with string readings and with string productions (performed in the classroom). Thus, we verify how much the literature is able to “hook” the young students, mainly due to the issues of orality, language (sometimes less formal) and the themes (which strongly implied the memory and experiences of the cordelistas in this region). Therefore, cordel literature triggered an affective engagement of young students, in a special way, by valuing what students have of them.

**Keywords:** Cordel. Literary Literacy. Elementary School. Cordel Reading and Writing Practices.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do “Cordel em Teresina”, de Angelita G. F. R. da Cunha .....	25
Figura 2 – Imagem com o cordelista Raimundo Clementino, na turma do 8º ano.....	85
Figura 3 – Alunos do 8º ano com o cordelista Zé Bezerra na “Biblioteca da Literatura Popular” .....	94
Figura 4 – Joames na turma do 8º ano.....	97
Figura 5 – A cordelista Maria Luzinete Fontenele na turma do 8º ano.....	107
Figura 6 – Cordelista Josefina de Lima na turma do 8º ano.....	111
Figura 7 – A turma do 8º ano na casa do cantador, com Pedro Mendes Ribeiro .....	137
Figura 8 – Aluna entrevistando Pedro Mendes Ribeiro .....	137
Figura 9 – Exposição dos cordéis produzidos pelos alunos sobre a cena do cordel em Teresina .....	139
Figura 10 – A turma do 8º ano no dia da culminância apreciando a apresentação do repentista Joaquim da Matta.....	145
Figura 11 – Culminância do percurso com o repentista Joaquim da Matta .....	145
Figura 12 – Performance oral do aluno Antonio Geovane Feitosa Silva, 13 anos.....	146
Figura 13 – Performance oral da aluna Brenda Mirelly Carvalho de Oliveira, 13 anos .....	146

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Comparação das habilidades de leitura entre a BNCC (2018) e o Currículo Municipal de Teresina .....	77
Quadro 2 – Atividades diagnósticas: questionário e respostas dos estudantes.....	82
Quadro 3 – Entrevista com o Cordelista Raimundo Clementino .....	87
Quadro 4 – Entrevista com o poeta cordelista José Bezerra de Carvalho .....	95
Quadro 5 – Entrevista com o poeta cordelista Joaquim Sobrinho Mendes (Joames).....	97
Quadro 6 – Entrevista com a poetisa cordelista Maria Luzinete Fontenele .....	109
Quadro 7 – Entrevista com a poetisa cordelista Josefina Ferreira Gomes .....	114
Quadro 8 – Falas dos discentes durante a subsequência .....	126
Quadro 9 – Entrevista com a poetisa cordelista Marina Campelo .....	128
Quadro 10 – Entrevista com o poeta cordelista Pedro Mendes Ribeiro.....	136
Quadro 11 – Entrevista com o poeta cordelista Francisco Almeida.....	138

## LISTA DE SIGLAS

<b>BNCC</b>	Base Nacional Comum Curricular
<b>COCHACOR</b>	Cordelaria chapada do corisco.
<b>FUNCOR</b>	Fundação Nordestina do Cordel
<b>IPHAN</b>	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
<b>MEC</b>	Ministério da Educação e Cultura
<b>PMTPI</b>	Prefeitura Municipal de Teresina Piauí
<b>PPP</b>	Projeto Político Pedagógico
<b>PROFLETRAS</b>	Programa de Mestrado profissional em Letras
<b>PTIA</b>	Programa de terceira idade em ação
<b>SALIPI</b>	Salão do Livro do Piauí
<b>SEDUC</b>	Secretaria de Educação e Cultura
<b>SEMEC</b>	Secretaria Municipal de Educação
<b>UFPI</b>	Universidade Federal do Piauí
<b>UESPI</b>	Universidade Estadual do Piauí

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>2 PERCURSOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>20</b>
<b>2.1 Apresentação da escola campo da pesquisa.....</b>	<b>20</b>
<b>2.2 Apresentação da turma de alunos .....</b>	<b>22</b>
<b>2.3 Proposta de Intervenção.....</b>	<b>23</b>
2.3.1 Das tardes da “Oficina de Cordel” ao letramento literário .....	24
2.3.2 Percurso das práticas de leitura e de escrita: o cordel no ensino fundamental na turma de 8º ano.....	25
<b>2.4 Letramento Literário: perspectivas na escola e nas práticas sociais .....</b>	<b>26</b>
<b>3 O LETRAMENTO LITERÁRIO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA PROPOSTA DE INTERAÇÃO ENTRE LEITURA, INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO TEXTUAL.....</b>	<b>33</b>
<b>4 O CORDEL: PERSPECTIVA DA CULTURA E DA ORALIDADE.....</b>	<b>50</b>
<b>4.1 Uma definição de cordel.....</b>	<b>51</b>
<b>4.2 Breve histórico do cordel no Brasil .....</b>	<b>52</b>
<b>4.3 O cordel: perspectiva da cultura e da oralidade.....</b>	<b>58</b>
<b>5 O CORDEL NA REGIÃO DE TERESINA: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS.....</b>	<b>63</b>
<b>5.1 A cena da literatura de cordel em Teresina.....</b>	<b>63</b>
5.1.1 O cordel e o Festival de Violeiros.....	67
5.1.2 A Cordelaria Chapada do Corisco (COCHACOR) .....	69
<b>5.2 O cordel em Teresina(PI) como ferramenta de educação, formação e informação.....</b>	<b>71</b>
<b>6 O CORDEL NO ENSINO FUNDAMENTAL: BNCC (2017) E O CURRÍCULO MUNICIPAL DE TERESINA-PI .....</b>	<b>75</b>
<b>6.1 O cordel na sala de aula.....</b>	<b>79</b>
<b>7 ANÁLISE DAS ATIVIDADES DIAGNÓTICAS.....</b>	<b>82</b>
<b>7.1 Análise das atividades diagnósticas.....</b>	<b>82</b>
<b>7.2 Análises da sequência básica e expandidas.....</b>	<b>84</b>
7.2.1 Análise da subsequência 01: entrevistas com os cordelistas participantes da pesquisa .....	85
7.2.1.1 Análise da entrevista com o cordelista Raimundo Clementino .....	85
7.2.1.2 Análise da entrevista com o cordelista Zé Bezerra .....	93

7.2.1.3	Análise da entrevista com o cordelista Joames .....	96
7.2.1.4	Análise da entrevista com a cordelista Josefina.....	111
7.2.2	Análise das subseqüências 02: Socialização das leituras e compreensão dos textos .	117
7.2.2.1	Análise da leitura e da interpretação do cordel “O pequeno príncipe em cordel”, de Raimundo Clementino .....	119
7.2.2.2	Socialização e interpretação do cordel “Reabrindo a biblioteca da cultura popular”, de José Bezerra .....	121
7.2.2.3	Análise da leitura e da interpretação do cordel “O cordel e o repente por caminhos diferentes” de Joames .....	123
7.2.2.4	Análise da leitura e da interpretação dos cordéis “Equidade de gênero: igualdade política e social para a mulher” e “Mulher: o desafio de ser empreendedora”, de Luzinete Fontenele.....	125
7.2.2.5	Análise da leitura e da interpretação do cordel “A batalha do Jenipapo: a peleja piauiense pela independência do Brasil”, de Josefina Ferreira Gomes de Lima .....	127
7.2.3	Análise das subseqüências 03. Socialização das produções sobre as memórias dos cordelistas participantes da pesquisa e reescrita dos textos .....	128
7.2.3.1	Análise dos cordéis escritos pelos alunos .....	130
7.2.3.1.1	Cordelista: Raimundo Clementino.....	131
7.2.3.1.2	Cordelista: José Bezerra.....	131
7.2.3.1.3	Cordelista: Joames .....	132
7.2.3.1.4	Cordelista: Luzinete .....	133
7.2.3.1.5	Cordelista: Josefina.....	134
7. 2.4	Análise sobre a oficina de produção acerca da cena do cordel em Teresina .....	135
<b>7.3</b>	<b>Análise da culminância do projeto .....</b>	<b>145</b>
<b>8</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>147</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>154</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>164</b>
	<b>APÊNDICE A – ATIVIDADE DIAGNÓSTICA .....</b>	<b>164</b>
	<b>APÊNDICE B – INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS COM OS CORDELISTAS .....</b>	<b>165</b>
	<b>APÊNDICE C – CADERNO PEDAGÓGICO DE ATIVIDADES DE PRÁTICA DO CORDEL EM SALA DE AULA POR MEIO DE CINCO SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS .....</b>	<b>170</b>

<b>APÊNDICE D – IMAGEM COM A TURMA NA LEITURA DO CORDEL “O CORDEL E O REPENTE POR CAMINHOS DIFERENTES”</b> .....	187
<b>APÊNDICE E – MOSTRA DE GLOSSÁRIOS CONTRUÍDOS PELOS ALUNOS</b> .....	188
<b>APÊNDICE F – IMAGEM COM A TURMA NA LEITURA DO CORDEL “O CORDEL E O REPENTE POR CAMINHOS DIFERENTES”</b> .....	191
<b>APÊNDICE G – SOCIALIZAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS CORDÉIS “EQUIDADE DE GÊNERO: IGUALDADE POLÍTICA E SOCIAL PARA A MULHER” E “MULHER: O DESAFIO DE SER EMPREENDEDORA”, DE LUZINETE FONTENELE</b> .....	192
<b>APÊNDICE H – SOCIALIZAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DO CORDEL: “BATALHA DO JENIPAPO – A PELEJA PIAUIENSE PELA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL”, DE JOSEFINA FERREIRA GOMES DE LIMA</b> .....	193
<b>APÊNDICE I – ESCRITAS E REESCRITAS SOBRE AS MEMÓRIAS DOS CORDELISTAS</b> .....	194
<b>APÊNDICE J - MOMENTO EM QUE OS ALUNOS ESTAVAM PESQUISANDO E ESCRIVENDO SOBRE A CENA DO CORDEL EM TERESINA (PI)</b> .....	204
<b>APÊNDICE K - ESCRITA E REESCRITA DE TEXTOS CORDELIANOS SOBRE A CENA DO CORDEL EM TERESINA</b> .....	205
<b>APÊNDICE L – A TURMA DO 8º ANO NO DIA DA CULMINÂNCIA APRECIANDO A APRESENTAÇÃO DO REPENTISTA JOAQUIM DA MATTA</b> .....	211
<b>ANEXOS</b> .....	<b>212</b>
<b>ANEXO A – CAPA DO CORDEL “PELEJA DO CEGO ADERALDO COM ZÉ PRETINHO DO TUCUM”</b> .....	212
<b>ANEXO B – FOTO DO VÍDEO DO CORDEL “A CHEGADA DO LAMPIÃO NO CÉU” DE GUAIPUAN VIEIRA, ACESSÍVEL EM LIBRAS</b> .....	213
<b>ANEXO C – CAPA E VERSOS DA OBRE “RECORDANÇA”, DE GUAIPUAN VIEIRA</b> .....	214
<b>ANEXO D – CAPA DO CORDEL “A CHEGADA DO LAMPIÃO NO CÉU, DE GUAIPUAN VIEIRA</b> .....	216
<b>ANEXO E – CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO NA OFICINA DE LITERATURA DE CORDEL E FOTO DE ENCERRAMENTO</b> .....	217
<b>ANEXO F – FOLHETO “NÃO AO FEMINICÍDIO PRODUZIDO NA OFICINA DE LITERATURA DE CORDEL</b> .....	218
<b>ANEXO H – CERTIFICADO DE RECONHECIMENTO POR RELEVANTES SERVIÇOS EM PROL DO DESENVOLVIMENTO DA CULTURA PIAUIENSE</b> .....	222
<b>ANEXO I – “CORDEL EM TERESINA”, DE ANGELITA G. F. R. DA CUNHA</b> .....	223

<b>ANEXO J – MATRIZES DE REFERÊNCIA DA PROVA TERESINA .....</b>	<b>226</b>
<b>ANEXO K - IMAGEM DA CAPA DE “O PEQUENO PRÍNCIPE EM CORDEL”, DE RAIMUNDO CLEMENTINO .....</b>	<b>228</b>
<b>ANEXO L – IMAGEM DA CAPA DO CORDEL “REABRINDO A BIBLIOTECA DA CULTURA POPULAR”, DE JOSÉ BEZERRA.....</b>	<b>229</b>
<b>ANEXO M – BIBLIOTECA LITERATURA POPULAR.....</b>	<b>230</b>
<b>ANEXO N – CAPA DA OBRA: “O CORDEL E O REPENTE POR CAMINHOS DIFERENTES, DE JOAMES.....</b>	<b>231</b>
<b>ANEXO O - CAPAS DA OBRAS: “EQUIDADE DE GÊNERO: IGUALDADE POLÍTICA E SOCIAL PARA A MULHER” E “MULHER: O DESAFIO DE SER EMPREENDEDORA”, DE LUZINETE FONTENELE .....</b>	<b>232</b>
<b>ANEXO P – PROJETO “CORDEL NA SALA DE AULA” .....</b>	<b>233</b>
<b>ANEXO Q – NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DE TEXTOS ORAIS.....</b>	<b>234</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo desenvolveu-se como uma pesquisa-ação e uma proposta prática de intervenção de caráter qualitativa. O presente trabalho faz parte do programa de Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da Universidade Federal do Tocantins (UFT), câmpus de Araguaína, que tem por objetivo a formação de professores do ensino fundamental em todo o território nacional. Destacamos também que o referido programa busca melhorar a qualidade do ensino no Brasil.

A investigação interventiva que realizamos tem como foco o desenvolvimento da leitura e da produção textual, por meio do letramento literário. Assim, trabalhamos a leitura, a interpretação e a produção de textos de cordéis nas aulas de Língua Portuguesa II, em uma turma de 8º ano da Escola Municipal Hermelinda de Castro, no Município de Teresina-PI.

Observamos, por meio das atividades realizadas em sala de aula, que a leitura de diferentes cordéis oportuniza prazer e conhecimento aos alunos, uma vez que, ao ler as obras selecionadas como *corpus* deste estudo, os adolescentes estudantes foram impelidos a vivenciar e a interpretar esses textos. Portanto, a comunicação que vem da literatura (dos cordéis) ajuda na construção de saberes dos alunos e aprofunda o seu letramento literário.

Destacamos também que o cordel, na cena cultural de Teresina-PI, é de grande expressividade. Fato este que acabou por ampliar as nossas possibilidades metodológicas e os caminhos para desenvolvermos o trabalho, principalmente a partir da presença de cordelistas em nossa sala de aula, tornando o processo de ensino e aprendizagem mais significativo e próximo da realidade cultural.

Todavia, não poderíamos deixar de ressaltar que o trabalho realizado também implicou as dificuldades dos alunos com a leitura e a produção de poemas. Acreditamos que isso seja consequência de *déficits* que os discentes apresentam em relação à leitura e à produção textual. Entretanto, mesmo diante das dificuldades, procuramos efetivar as nossas sequências de letramento literário, buscando: (i) Oportunizar aos alunos modos instigantes de leitura de cordéis; (ii) Desenvolver estratégias pedagógicas para a escrita de cordéis; (iii) proporcionando aos alunos vivência mais íntima com a literatura.

Nesse contexto, levantamos a seguinte questão: a leitura e a produção de cordéis podem auxiliar na promoção do letramento literário? Como resposta, depois de realizarmos toda a pesquisa, podemos dizer que o letramento literário (compreendemos como práticas sociais) dos alunos pode ser ampliado de modo que estes tornem a leitura e a escrita significativa em suas vidas.

Além disso, para concretizarmos este trabalho, foram aplicadas cinco sequências didáticas, divididas em três subseqüências cada uma, que contaram com a presença dos autores dos cordéis que foram lidos, sempre nas primeiras subseqüências; as segundas subseqüências foram destinadas ao compartilhamento da leitura e da compreensão dos textos; e as terceira subseqüências se destinaram ao compartilhamento das produções e à reescrita dos cordéis. Por fim, houve uma oficina de produção específica sobre a cena do cordel em Teresina, além da culminância das atividades, com a presença de um repentista e a performance oral dos alunos, que foi, em parte, gravada em vídeo.

Destacamos ainda que o presente trabalho está estruturado em seis seções, além da introdução, na qual apresentamos o tema da pesquisa, os objetivos, a metodologia, alguns resultados e as considerações finais.

Na segunda seção, apresentamos os percursos metodológicos da pesquisa, a caracterização da escola campo de pesquisa, da turma de alunos, da proposta de intervenção e descrevemos os passos para efetivar o letramento literário.

A terceira seção traz o aporte teórico e apresenta concepções de leitura, de literatura e de poesia também adotadas como base teórico-metodológica que fundamenta esta pesquisa-ação. Assim, para subsidiar o nosso estudo, utilizamos como principais autores: Rildo Cosson (2018, 2019), Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar (1993), Maria José R. Faria Coracini (2005), Ana Creliá Penha Dias (2016), Antonio Candido (2011, 2017), Teresa Colomer (2007), João de Deus Leite (2019), Délia Lerner (2002), Lev Vigotski (2010) e Eliane Cristina Testa (2015, 2018, 2019).

A quarta seção apresenta alguns aspectos teóricos sobre cordel e oralidade, apoiados em autores como Peter Burke (2010), Câmara Cascudo (1984), Jerusa Pires Ferreira (2014) Mikhail Bakhtin (2019) e Paul Zumthor (2010). Traçamos algumas ideias sobre a relação do cordel, enquanto manifestação cultural popular com a oralidade, fixando o olhar na importância desse estilo na configuração de memória e de saberes.

Na quinta seção, abordamos acerca do cordel na região de Teresina-PI, considerando suas histórias e memórias, a partir de pesquisa, realizada por nós, sobre a cena do cordel nesta região e sobre as memórias de cinco cordelistas, sócios da Cordelaria Chapada do Corisco (COCHACOR). Para a concretização desta parte da pesquisa, recorremos a diferentes fontes bibliográficas e realizamos entrevistas com os cordelistas Francisco Almeida e Pedro Mendes Ribeiro, residentes na cidade de Teresina-PI.

Na sexta seção, abordamos o cordel no ensino fundamental, discutimos a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) (BRASIL, 2017), o Currículo da Rede Municipal de

Teresina e a experiência vivenciada com a turma de 8º ano da Escola Municipal Hermelinda de Castro, localizada na zona rural de Teresina-PI.

A sétima seção traz a análise de dados gerados a partir das ações didáticas de intervenção, que foram organizadas em cinco sequências didáticas, com três subseqüências em cada, além de uma oficina de produção de cordel, enfatizando as análises de diferentes poesias produzidas pelos alunos; e apresenta as concepções de cordel pelos alunos.

Os resultados apontam que oportunizar o acesso à literatura de cordel fez com que a leitura, a interpretação e a produção de textos poéticos também são modos de transformar a competências linguísticas e literárias desses alunos da zona rural.

Enfatizamos que todo o trabalho foi adequado à realidade local, mais precisamente ao currículo da Secretaria Municipal de Educação (SEMEC) de Teresina-PI. Nessa configuração, procuramos observar, em cada sequência realizada, as habilidades orientadas pelas Matrizes de Referência da Prova Teresina – Língua Portuguesa –, relativas aos bimestres das aplicações, e, depois, as sequências expandidas foram relacionadas às habilidades de leituras.

Além disso, acreditamos que este trabalho interventivo, que coloca os textos da literatura de cordel em tela, possibilitou aos alunos o reconhecimento da função social desse gênero literário, bem como o domínio de suas características básicas. Ademais, destacamos ainda que a experiência do contato com as/os cordelistas traz aos jovens estudantes a literatura mais “viva” para sala de aula, por isso, abre espaço para outros modos de relação com o texto poético.

Por fim, afirmamos que este estudo não se esgota na escrita deste texto (desta investigação), mas antes nos lança a “novos e outros” desafios no âmbito do ensino da literatura. Por isso, reafirmamos a importância da experiência de trabalharmos o texto literário em sala de aula, uma vez que conseguimos reavaliar muito das nossas práticas pedagógicas diante das tantas experiências com o cordel, com a poesia, e, assim, vimos fortalecer novas possibilidades de ensino e de aprendizagem.

## **2 PERCURSOS METODOLÓGICOS**

### **2.1 Apresentação da escola campo da pesquisa**

A Escola Municipal Hermelinda de Castro situa-se no povoado São Vicente, zona rural leste do Município de Teresina, contando com 457 alunos matriculados nas séries do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental; e turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Caracteriza-se como escola central na região rural leste e recebe alunos de comunidades diversas, que são transportados em ônibus escolares nos turnos manhã, tarde e noite.

Os alunos que estudam nessa escola são de famílias com baixo poder aquisitivo, sendo a maioria assistida por programas sociais do Governo Federal, que constituem a sua única fonte de renda, pois, apesar de ser a escola de zona rural, é rodeada por comunidades de povoados, salvo alguns assentamentos nos quais há trabalho no campo. Há uma minoria de pais e mães que têm empregos formais e informais. Assim, a situação econômica é precária, por exemplo, a alimentação não é adequada e a aquisição de materiais escolares fica na dependência da escola para lhes fornecer até mesmo lápis e canetas, porém costumam primar pelos cadernos. Todos os livros didáticos são fornecidos pela Secretaria de Educação, conforme escolha realizada pelos professores das disciplinas. Quanto aos paradidáticos, os professores costumam trabalhar com os que existem disponíveis na escola e/ou recorrer ao uso de fotocópias muitas vezes custeadas por eles mesmos. A compra de livros não é um valor para a realidade da comunidade escolar, salvo um ou outro caso, especialmente na época do Salão do Livro do Piauí (SALIPI), quando a SEMEC fornece vales-livros para todos os alunos que são levados ao evento.

Um problema que circunda a escola e as adjacências é a violência, por conta disso, no mês de setembro do ano de 2019, ocorreu, na quadra poliesportiva da escola, uma audiência pública realizada pela Câmara de Vereadores do Município, quando a comunidade apresentou estratégias de solução para amenizar a situação.

Nessa escola, os anos escolares estão organizados em dezesseis turmas nos três turnos, que são organizadas em sete salas de aula; havendo também uma sala de apoio para projetos; uma sala de leitura, denominada biblioteca, na qual estão livros paradidáticos e didáticos e há uma professora responsável por sua organização, e que também é sede do Clube de Leitura, presidido pelo aluno Francisco Diego, do 7º ano A manhã; uma sala de música, onde funciona a organização do projeto Música nas Escolas, que alcança também as escolas do entorno, e o coral de flauta, que tem grande expressividade no município de

Teresina. Além dessas das salas, existem duas salas administrativas, cantina, pátio, sala de professores, banheiros, quadra poliesportiva coberta e espaço de convivência, completando a estrutura física da unidade escolar.

A escola conta com dois diretores administrativos, sendo o diretor titular e a diretora adjunto; duas pedagogas; uma secretária; e duas auxiliares de secretaria. Na área de ensino e aprendizagem, há uma auxiliar para as crianças especiais, e, ainda, os professores de disciplinas específicas para os alunos do Ensino Fundamental II. Na área de cuidados do patrimônio escolar, há dois agentes de portaria e duas funcionárias de serviços gerais que se encarregam da zeladoria e do preparo do lanche para os alunos.

O currículo da escola é definido pela SEMEC, e, atualmente, encontra-se alinhado à BNCC, mas o funcionamento pedagógico é previsto no seu Projeto Político Pedagógico (PPP), no qual constam as ações a serem desenvolvidas no ano letivo. Além de assegurar a dinâmica do dia a dia para as salas de aulas, o PPP previu, para 2019, os seguintes projetos pedagógicos: Rede de Cultura “Musicalidade e Recepção Sonora; Clube de Leitura da Escola Hermelinda de Castro; Projeto Mais Educação; Coral de flautas; Vem desenhar; Voleibol na escola; além das festas alusivas às datas comemorativas, Dia das Mães, dos Pais e dos Estudantes, quando foi realizado um desafio cultural. Prevê, ainda, aulas de campo, torneios interclasses e gincanas, além da participação dos alunos nas olimpíadas de Língua Portuguesa, Matemática, Física, Química e Robótica, entre outras, nas quais eles têm sido agraciados com menções honrosas e medalhas nas três modalidades: ouro, prata e bronze.

Além dos projetos previstos, a Escola Municipal Hermelinda de Castro realizou, em parceria com Ordem dos Advogados do Brasil Seção Piauí (OAB/PI), o projeto Um Dia de Cidadania no Clube da OAB, por ocasião do Dia do Estudante, quando foram oportunizados aos alunos palestras, vídeos e lazer, como torneios desportivos e banho de piscina.

Quanto à formação dos professores, além dos planejamentos realizados na escola, a SEMEC, por meio do seu Centro de Formação, promove contínuas formações e reuniões de planejamento orientadas para o alcance das metas que são previstas pelos descritores definidos em matrizes bimestrais, especialmente para as disciplinas de Língua Portuguesa e de Matemática, e que são avaliados pela própria Secretaria, por meio de sua equipe técnica de avaliação, que se encarrega de elaborar as provas bimestrais e de proceder à inserção no sistema dos resultados obtidos.

## 2.2 Apresentação da turma de alunos

A pesquisa foi desenvolvida com a turma do 8º ano A, turno da manhã. A escolha se deu porque, dentre as turmas que trabalhamos, esta é uma das mais motivadas para a prática de leitura, porém, no trabalho com poema, no primeiro semestre, não demonstrou bom desempenho nos alcances dos descritores previstos para a produção de versos livres, razão pela qual a escolhemos para buscar desenvolver a capacidade de versificação, a partir das memórias dos poetas cordelistas que foram entrevistados, observando a rima e a metrificação utilizada nos textos cordelianos.

A turma que, inicialmente, tinha 40 alunos, atualmente, tem 37 matriculados, dos quais 16 são do sexo masculino e 21 do feminino, todos na faixa etária entre 13 e 16 anos. Todos os alunos participaram das atividades de entrevistas dos cordelistas, salvo a entrevista com o cordelista Zé Bezerra, que foi realizada por apenas quatro alunos na biblioteca do poeta. Igualmente, todos participaram das atividades de leituras e de produções de cordéis, contudo, para fins de registro de produções foram analisadas, especialmente, quanto às memórias dos cordelistas, a metade das produções por cordelista, escolhidas aleatoriamente, visando verificar tanto as efetivas participações quanto aquelas que não conseguiram produzir conforme a proposta. Para fins de exemplificação, apresentamos cinco análises da escrita e da reescrita de produções de memórias, sendo uma por cada cordelista. Já com relação à produção sobre a cena do cordel em Teresina, as estrofes que compõem o cordel foram escolhidas pelos próprios alunos durante a oficina realizada. Dessas, registramos a análise de três produções da escrita à reescrita.

A turma apresentou-se fortemente envolvida com as atividades desenvolvidas, mas ocorreram exceções quanto à produção dos cordéis, por isso, acreditamos ser importante mencionar que alguns alunos sentiram dificuldades, alegando não gostar, não saber ou não ter vocação para escrever poemas e/ou cordéis. Como solução, foram adotadas as produções em duplas, conforme fora apresentado ao Comitê de Ética, como proposta para evitar o constrangimento na impossibilidade da produção individual. Percebemos também que no dia do passeio à casa do cantador (que, hoje, é o espaço mais importante da Cordelaria), faltaram oito alunos.

Também ocorreram algumas reclamações quanto ao trabalho com o cordel, pelo fato de ele não fazer parte da matriz curricular no semestre letivo, e, por esse motivo, não ser cobrado na prova bimestral, que é elaborada de forma padrão para toda a rede de ensino.

Mas apesar de grandes desafios e de alguns exemplos vivos de que o trabalho docente não é nada fácil de ser fazer, enfrentamos todas as questões com a nossa experiência docente e a grande vontade de transformar o espaço escolar pela literatura de cordel, uma paixão viva em nós e que nos move fortemente a superar os entraves do ensino na sala de aula.

### **2.3 Proposta de Intervenção**

Apresentamos, nesta subseção, a nossa proposta de intervenção, que implica contribuir com as práticas de leitura e de escrita na sala de aula, bem como o desenvolvimento das habilidades de leitura literária, pautado na compreensão e na produção de cordéis, em vias de promoção do letramento literário no âmbito da escola. A metodologia foi baseada em oficinas embasadas na proposta de Cosson (2018, 2019), que reflete sobre os contextos do ensino de literatura, em vias de efetivar o letramento literário, a partir da sequência básica e expandida. O autor defende que a literatura é um instrumento que ajuda na construção de uma comunidade de leitores. Procuramos seguir o que ele propõe, mas sempre considerando a adequação às nossas práticas docentes, ao gênero literário (o cordel) selecionado para o trabalho e às realidades de uma escola da zona rural. Para tanto, aplicamos cinco sequências, sendo uma básica e quatro expandidas (COSSON, 2018, 2019).

Destacamos, ainda, quando da elaboração das ações pedagógicas interventivas, que também consideramos os pressupostos teóricos de: (i) Joaquim Dolz, Minhèle Noverraz e Bernard Schneuwly (2011), que propõem sequências didáticas para o oral e a escrita (um procedimento); (ii) Bordini e Aguiar (1993), que orientam para a adoção de um método de ensino como princípio norteador para a compreensão e a interpretação do texto literário; (iii) Candido (2017), para quem a literatura precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito e uma via para a humanização.

Para a organização desta proposta, utilizamos estratégias tendo por base as dificuldades apresentadas pelos alunos, principalmente quanto ao domínio do gênero textual poema, mas, também, consideramos as suas dificuldades de leitura e de escrita, verificadas após a análise dos dados coletados na atividade diagnóstica desta pesquisa.

Por uma questão das ações das primeiras aproximações da turma com o cordel, denominamos a sequência das atividades realizadas de: 1 – “Das tardes da ‘Oficina de Cordel’ ao letramento literário”. 2 – “Percurso das práticas de leitura e de escrita: o cordel no ensino fundamental na turma de 8º ano”.

### 2.3.1 Das tardes da “Oficina de Cordel” ao letramento literário

A aplicação da intervenção teve início com uma fase que chamamos de “namoro com o cordel”, em especial, quando a turma tomou conhecimento da “Oficina de Cordel”, a ser realizada pela COCHACOR, que foi acompanhada da participação da professora e de duas das alunas da turma, a saber: Maria Luiza Sousa Silva e Flávia Joelma Gomes Sousa. As Oficinas ocorreram em quatro tardes (aos sábados) na livraria Entrelivros, que é um importante espaço cultural da capital piauiense, no período de 15 de junho a 13 de julho de 2019. Vejamos, no Anexo A, o folheto de divulgação da “Oficina de Cordel”:

No período das oficinas, era grande a animação às segundas-feiras quanto à curiosidade da turma para saber o que havíamos aprendido. As alunas participantes foram muito comprometidas e ajudaram os colegas no ensino da rima, da metrificação e também falaram sobre a temática da oficina, que era o feminicídio.

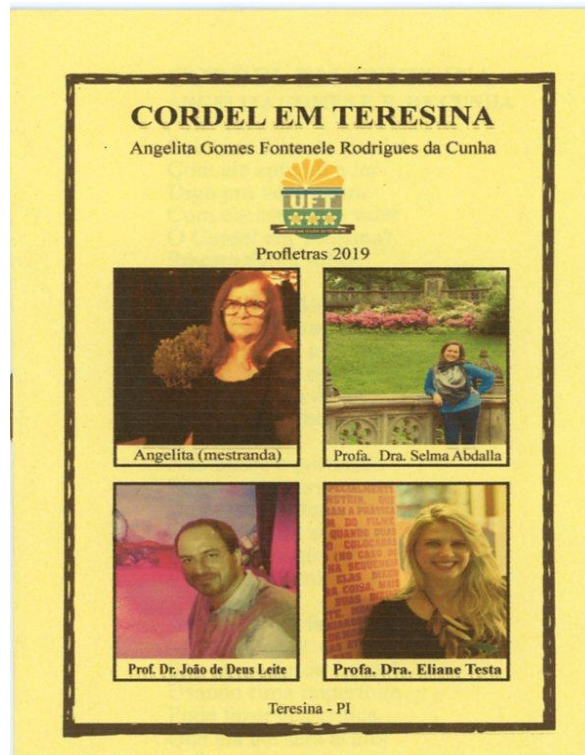
O último encontro das oficinas culminou com a entrega dos certificados aos que tiveram o devido aproveitamento, conforme se pode observar, no Anexo E, os certificados das alunas e da professora. Na mesma oficina de encerramento, ocorreu a entrega do folheto de cordel “Não ao Feminicídio”, Anexo F, uma produção coletiva que contém versos dos participantes da oficina, cuja capa é resultante de um concurso realizado com os participantes da oficina e escolhida pelos cordelistas ministradores da oficina, sendo que a vencedora foi Ana Beatriz Carvalho Silva, 14 anos, aluna da mesma turma de 8º ano. Ressaltamos que o concurso fora realizado em todas as turmas da escola, nos turnos manhã e tarde.

Após a segunda participação na “Oficina de Cordel”, novamente fizemos o concurso da capa do cordel intitulado “Democracia”. Dessa vez, a vencedora foi Marília Silmara Passos de Sousa, 14 anos, aluna do 9º ano.

Após os concursos das capas dos cordéis e uma audiência pública na escola, que discutiu a questão da violência na comunidade e adjacências, a COCHACOR, juntamente com a Gráfica Rima e a Livraria Entrelivros, concederam à pesquisadora o certificado de reconhecimento por relevantes serviços em prol do desenvolvimento da Cultura Piauiense, Anexo E. E mais: pela participação nas oficinas e por ter apresentado em forma de cordel o “nascimento” da presente pesquisa, esta pesquisadora foi aceita como sócia da COCHACOR. A seguir, apresentamos a capa do cordel que descreve em versos o surgimento deste estudo. No Anexo G pode ser conferido todo o poema.



Figura 1 – Capa do “Cordel em Teresina”, de Angelita G. F. R. da Cunha



**Fonte:** Acervo da autora.

### 2.3.2 Percurso das práticas de leitura e de escrita: o cordel no ensino fundamental na turma de 8º ano

O projeto de intervenção: leitura, compreensão e produção de memórias dos cordelistas teve início com aplicação da atividade diagnóstica, Apêndice A, que foi realizada no dia 2 de agosto de 2019, após a prévia apresentação do cordel, que se deu pela participação da professora e de duas alunas da turma na “Oficina de Cordel”. Esse período foi muito importante para despertar os conhecimentos adquiridos, que foram transmitidos à turma, principalmente, quanto às estrofes, à métrica e à rima.

As atividades da proposta de intervenção, denominadas de sequências básica e expandida, são seguidas dos nomes dos cordéis lidos em sala de aula. As ações foram realizadas no período de 9 de agosto a 13 dezembro de 2019, e foram as seguintes:

#### I- SEQUÊNCIA BÁSICA:

“O Pequeno Príncipe em Cordel”, por Raimundo Clementino (Adaptação do clássico de Antoine de Saint-Exupéry/ Teresina-PI, 2016)

#### II – SEQUÊNCIAS EXPANDIDAS:

- a) “Reabrindo a biblioteca da cultura popular”, José Bezerra de Carvalho (Zé Bezerra), Teresina-PI: Gráfica Rima, 2004);
- b) “O cordel e o repente por caminhos diferentes”, Joaquim Mendes Sobrinho (Joames), (Teresina-PI: Gráfica Rima, 1998);
- c) “Mulher: o desafio de ser empreendedora e Equidade de gênero: igualdade política e social para a mulher”, Maria Luzinete Fontenele, Teresina-PI: Gráfica Rima, 2019.
- d) “Batalha do Jenipapo: a peleja piauiense pela independência do Brasil”, de Josefina Ferreira Gomes de Lima (Teresina, CCOM, 2016).

Quanto à adequação à realidade local, mais precisamente ao currículo da SEMEC, procuramos observar em cada sequência realizada as habilidades orientadas nas matrizes de referência da Prova Teresina – Língua Portuguesa – referentes aos bimestres das aplicações. As referidas matrizes formam o Anexo J deste trabalho.

A adequação, além de ser uma necessidade pedagógica, tendo em vista a avaliação a que os alunos seriam submetidos, foi uma exigência da equipe de formação em Língua Portuguesa e está prevista na proposta de Cosson (2018, 2019), que, principalmente, orientou-nos na intervenção realizada.

#### **2.4 Letramento Literário: perspectivas na escola e nas práticas sociais**

Inicialmente, cumpre dizer que a compreensão da noção de literatura que será adotada também é alicerçada nas ideias de Antonio Candido (2011), Ezra Pound (1970) e Mikhail M Bakhtin (2011), pois discutirem os meandros da literatura na função social e humana.

Assim, para Candido (2011, p. 56) “[...] a função social independe da vontade ou da consciência dos autores e consumidores de literatura. Decorre da própria natureza da obra, da sua inserção no universo de valores culturais e do seu caráter de expressão, coroada pela comunicação”. Do que nos diz o autor, vemos que a função social da literatura também está intimamente ligada à questão da comunicação humana. E, ainda, que a obra literária implica diferentes valores socioculturais.

Já para Pound (1970):

A literatura não existe num vácuo. Os escritores, como tais têm uma função definida, exatamente proporcional à sua competência COMO ESCRITORES. Essa é a sua principal utilidade. Todas as demais são relativas e temporárias e só podem ser avaliadas de acordo com ponto de vista particular de cada um. (POUND, 1970, p. 36, grifo do autor).

Ao analisarmos o que defende o autor, é importante perceber que ele situa a literatura no mundo e sua “função” na qualidade da obra naquilo que o escritor produz.

Também para Bakhtin (2011), os estudos literários devem estabelecer vínculos estreitos com a história da cultura, por isso: “A literatura é parte inseparável da cultura, não pode ser entendida fora do contexto pleno de toda a cultura de uma época [...]” (BAKHTIN, 2011, p. 360). Nesse sentido, toda literatura é a expressão de um povo e de uma cultura. Por isso, considerar os contextos de produção da obra é fundamental para a compreensão mais ampla da literatura e da sociedade. Ainda, para o autor supracitado, a literatura não pode ser estudada sem levar em conta a cultura. As duas são inseparáveis e a cultura de uma época não pode ser fechada em si mesma como algo pronto, pois isso faz do autor pertencente à sua época (BAKHTIN, 2011, p. 364).

Diante disso, entendemos que a literatura é desenvolvida nas tramas da cultura e a partir das vivências e das experiências de escritores/leitores, ou seja, a literatura não surge do nada. Nessa perspectiva, observamos que cada escritor tem individualidade/singularidade da situação retratada, isto é, ele passa a ser um observador de um mesmo evento (com um ponto de vista), e, assim, pode apresentar concepções distintas do objeto (ou daquilo que quer expressar) em questão. Essa subjetividade que a literatura tem determina a função social de cada tema abordado, nunca sendo um objeto de análise fechado.

Cabe indagarmos: por que ler literatura na escola? É certo que há grandes teorias que procuram explicar a importância e os problemas existentes com a leitura literária na escola, mas Colomer (2007) defende que, a partir do valor formativo da literatura, é possível afirmar:

que o objetivo da educação literária, é em primeiro lugar, o de contribuir para a formação da pessoa, uma formação que aparece ligada indissolavelmente à construção da sociabilidade e realizada através da confrontação com textos que explicam a forma em que as gerações anteriores e as contemporâneas abordam a avaliação da atividade humana através da linguagem. (COLOMER, 2007, p. 31).

Pelo que expõe a autora, percebemos que trabalhar com a literatura nas escolas é de vital importância para que os alunos desenvolvam maior “sociabilidade”, pois a sala de aula também é o lugar das diferenças (das alteridades). Além disso, com a literatura, as gerações podem se conhecer mutuamente. Por isso, ela é intrínseca ao processo de formação sociocultural dos jovens estudantes, pois é um bem cultural. Além disso, com o acesso à literatura, os adolescentes discentes podem desenvolver potenciais de sensibilidades e de concentração, bem como fortalecer o exercício da imaginação, e, ainda, ampliar aspectos linguísticos e cognitivos sob o ponto de vista de adquirir diversos saberes.

Dessa maneira, a formação do leitor literário implica a oportunidade de vivenciar diferentes contextos da cultura. Nesse sentido, Bordini e Aguiar (1993, p. 116) asseguram que “A formação escolar do leitor passa pelo crivo da cultura em que este se enquadra. Se a escola não efetua o vínculo entre a cultura grupal ou de classe e o texto a ser lido, o aluno não se reconhece na obra, porque a realizada representada não lhe diz respeito”.

Diante do que defendem as autoras, entendemos que a literatura está imbuída de experiências cotidianas, e que, essas são levadas para dentro do texto, assim, há consonância com a cultura de determinado local. Dessa forma, é possível proporcionar ao alunado acesso aos textos literários, isso porque quando o docente realiza a interação e a mediação aluno e texto, ele pode encaminhar leituras mediadas, o que pode conduzir a múltiplas interpretações.

Novamente, recorremos a Cosson (2019, p. 51), que apresenta a seguinte interrogação: “Se a leitura literária tem um caráter formativo, se a leitura literária é um modo diferente de ler, quer pelo tipo de texto, que pela forma como é realizada, o que se lê quando se lê literariamente? Quais são os objetos da leitura literária?”. Para o autor, os objetos da leitura literária são o texto, o contexto e o intertexto, e, para nós, também. Ainda, de acordo com Cosson (2019):

quando leio um texto sempre leio simultaneamente o texto, o contexto e o intertexto, ainda que cada um desses objetos possa receber maior ou menor atenção do leitor (é o que acontece, por exemplo, na escola que, até por necessidade da didatização do processo de leitura, enfatiza um ou outro desses objetos). (COSSON, 2019, p. 51)

Por isso, Cosson (2019, p. 97) entende que: “[...] a leitura literária não tem apenas um caminho e que o diálogo da leitura pode ser iniciado de diversas maneiras. Do mesmo modo, esse diálogo pode ser efetivado por meio de várias atividades”. Então, nesse sentido é que desenvolvemos as nossas ações didáticas, para abrir possibilidades de leitura e caminhos de acesso, via objeto “texto”, ao jovem estudante em formação, para ele interagir com as obras lidas, pelo texto literário e não, apenas, pelas análises textuais.

Assim, Cosson (2019) apresenta uma proposta de letramento literário à qual tomamos como modelo (passível de adaptações singulares) para aplicação de leitura, compreensão e produção de textos cordelianos, como já ressaltamos anteriormente neste trabalho.

O letramento literário corresponde, de modo amplo, à capacidade desenvolvida de leitura gerada por meio da interatividade entre o autor e o leitor. Essa interação sugere a leitura como atividade socializadora, na medida em que promove interação, por consequência, impregnando-lhe sentido na ocasião do seu exercício na escola. Por isso, compreendemos o

importante papel da escola como fomentadora das práticas de letramento, conforme as palavras de Cosson (2018):

[...] devemos compreender que o **letramento literário é uma prática social** e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (COSSON, 2018, p. 23, grifo nosso).

Para além do papel motivador da leitura literária, verificamos que é preciso extrapolar a escolarização da literatura, pois é mister evidenciar o poder humanizador que a literatura promove. Assim, cabe realmente promover o letramento literário na escola. Por isso, a concepção letramento literário de Cosson (2018) parece ir na contramão do uso do texto “apenas” como pretexto para análises linguísticas, ou “[...] de interpretações de texto trazidas pelo livro didático, usualmente feitas a partir de textos incompletos, [...] resumos dos textos, fichas de leitura e debates em sala de aula [...]” (COSSON, 2018, p. 22).

O letramento literário que Cosson (2018) demanda é ampliador das interpretações da literatura e abre espaço para (re)significar contextos e leituras. A leitura é, por muitas vezes, concebida como um ato isolado e solitário, e esse egotismo retira de cena as práticas sociais que podem fluir na escola, que, por excelência, é um espaço profícuo de práticas sociais, e o letramento literário, segundo Cosson (2018), é prática social de responsabilidade da escola. E, nós, como proposta de efetivar o letramento literário dos alunos, assumimos esta “responsabilidade”, de modo bastante dinâmico e até mesmo buscando “inovar” as nossas práticas docentes.

Evidenciamos, no entanto, que Cosson (2018) não concebe as sequências de atividades por ele destacadas, como modelares e únicas, mas as coloca como exemplares, dando aos professores a oportunidade de adequações e de combinações que atendam às necessidades de sua realidade. Vejamos, a seguir, o que explicita Cosson (2018):

o caminho que propomos sistematiza as aulas de Literatura em duas sequências exemplares: uma básica e outra expandida. Naturalmente há entre essas duas sequências muitas possibilidades de combinação que se multiplicam de acordo com os interesses, texto e contexto da comunidade de leitores. [...] **nem a sequência básica nem a sequência expandida devem ser tomadas como limites** [...] por isso essas duas sequências são consideradas exemplares e não modelares [...]. (COSSON, 2018, p. 48, grifo nosso).

Dessa forma, o que vemos é que Cosson (2018) propõe um modelo de sistematização das aulas de literatura. Por isso, as sequências desenvolvidas, neste trabalho, foram sendo adaptadas à realidade e às possibilidades que se fizeram necessárias ao longo do desenvolvimento desta pesquisa-ação.

Já o trabalho com a literatura de cordel desenvolveu-se com a interação entre aluno, autor e texto. A exceção de um dos autores, José Bezerra, que por motivo de saúde não pode comparecer à escola para a interação pessoal com os alunos, os demais autores selecionados como *corpus* deste estudo tiveram contato direto com os estudantes no próprio ambiente escolar. Mas, apesar de o cordelista não poder comparecer à escola, recebeu um grupo de alunos na biblioteca de sua casa, onde foi realizada uma entrevista, que depois foi compartilhada com restante da turma.

O desenvolvimento do letramento literário deu-se, conforme orientação da sequência básica, “[...] constituída por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação [...]” (COSSON, 2018. p. 51), seguidos de produções textuais pelos alunos. Houve, ainda, a aplicação “adaptada” da sequência expandida, que “[...] vem deixar mais evidente as articulações que propomos entre a experiência, saber e educação literários inscritos no horizonte desse letramento na escola” (COSSON, 2018, p. 76).

A descrição do desenvolvimento e as análises das sequências demonstram como se deram as adequações, inclusive nas necessidades de ajustes à Matriz de Referência da Prova Teresina (SEMEC, Teresina-PI), uma vez que os alunos envolvidos no trabalho são estudantes da rede municipal de ensino da capital piauiense, portanto, propusemos, com esta proposta de letramento, oportunizar o alcance dos descritores da matriz durante os bimestres, na escola campo da pesquisa.

Acreditamos, por tudo que os alunos vivenciaram durante a aplicação da sequência didática (com vistas à efetivação do letramento literário), que a leitura é também um dos caminhos para sua concretização. De acordo com Áustria Rodrigues Brito e Rogeane Silva Moura Frois (2017, p. 78), “[...] a partir desse conhecimento pessoal, será possível caminhar rumo a novos conhecimentos, que são proporcionados pelo ato da leitura, pois ler é uma forma de autonomia e interação com o mundo”. Dessa maneira, a leitura e a escrita são caminhos para a concretização do letramento literário na escola (e fora dela também).

Sendo assim, o processo de escolarização da poesia a partir da leitura abre novos horizontes para os alunos, que, aliás, seguem com passos lentos nesse processo, que é sempre gradual e depende muito do estímulo que, nós, docentes proporcionamos a eles. Diante disso, acreditamos que o trabalho realizado na turma de 8º ano, com as leituras de cordéis e as

discussões em sala de aula, propiciou aos alunos modos de protagonismos na sala de aula, pois eles foram impelidos a se posicionarem criticamente diante dos textos literários.

Nesse sentido, corrobora Djalma Barbosa Enes Filho (2018, p. 39) que “[...] o letramento literário é muito mais do que uma habilidade pronta e acabada para ler textos literários [...], mas uma experiência de dar sentido ao mundo por meio de palavras que falem de palavras, transcendendo os limites de tempo e espaço”.

É válido ressaltar também que o trabalho realizado em sala com os alunos foi capaz de levar à construção de saberes, pois desde o princípio da aplicação das sequências didáticas, percebemos que houve engajamento e comprometimento por parte dos alunos, o que facilitou desenvolvermos nossa pesquisa na turma.

Luiza Helena Oliveira Silva (2017, p. 205) levanta a seguinte questão: “Como comprometer o aluno com o trabalho de atribuição de sentido e como negociar os sentidos possíveis diante dos que transcendem o texto como superinterpretação?”. Nessa perspectiva, a subjetividade e a interação do aluno com o texto são muito importantes, pois, muitas vezes, o sujeito leitor apenas lê decodificando, mas não consegue abstrair as informações necessárias para buscar a compreensão dos sentidos do texto.

Por isso, se a leitura é utilizada apenas para decodificar os signos linguísticos ou para identificação das características textuais, gêneros ou personagens, pode comprometer o seu sentido. Assim, cabe ao professor mostrar que há mecanismos que ultrapassam o ato da leitura apenas como decodificação, isso significa que a interação do aluno com o texto deve ultrapassar as questões linguísticas e fazer um mergulho contextual. Desse modo, entendemos que o trabalho com o cordel contribuiu para que os jovens discentes pudessem alcançar a interpretação, com maior competência, do texto poético. Portanto, os debates em sala de aula, as diferentes leituras de cordéis e as rodas de conversas com os cordelistas ajudaram nas estratégias de construção de leitores literários.

Nesse sentido, Angelita Gomes Fontenele R. da Cunha e Maria Gessi-Leila Medeiros (2018, p. 123) afirmam que uma educação com essa proposta pressupõe considerar “[...] que a escola se constitua em um local onde os indivíduos adquiram consciência de si como sujeitos de direitos e de deveres para uma consciência harmoniosa com as outras pessoas e com o meio ambiente”. Por isso, sob essa ótica, entendemos que a via para uma sociedade mais justa e isonômica passa pelos caminhos da escola. É a partir dela que nos tornamos mais empáticos para com os nossos semelhantes e que podemos entender nossas prerrogativas como cidadãos no ambiente escolar ou em quaisquer espaços.

Sendo assim, observamos que o trabalho com os textos de cordéis oportunizou à turma do 8º ano ampliar suas capacidades leitoras, interpretativas e de realizar produções textuais (pelo menos foi o que a maioria dos alunos demonstrou). Além disso, o trabalho com o cordel em sala de aula trouxe uma experiência enriquecedora, visto que esse gênero aborda temas sociais diversos e permite que os jovens alunos amadureçam culturalmente.



### **3 O LETRAMENTO LITERÁRIO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA PROPOSTA DE INTERAÇÃO ENTRE LEITURA, INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO TEXTUAL**

No atual contexto da educação, urge que a escola possibilite aos alunos o alcance de habilidades necessárias para suas vidas e as competências de leitura e de escrita não estão fora dessa urgência. Dessa forma, a prática da leitura e da escrita na escola torna-se fundamental para a busca do exercício da cidadania e da conquista de uma realidade menos desigual, portanto, mais equânime.

Nessa esteira, Magda Becker Soares (1999, p. 19) afirma que “[...] em nossa cultura grafocêntrica, o acesso à leitura é considerado como intrinsecamente bom [...]”, pois a leitura tem valor positivo absoluto com benefícios óbvios e indiscutíveis ao indivíduo e à sociedade. Nesse sentido, este trabalho apresenta uma proposta interventiva, por meio do letramento literário implicado em práticas de leitura e de produção de textos de cordéis, dentro de uma concepção sociointeracionista de ensino.

Sabemos que a leitura insere os modos de como se interpreta um conjunto de informações em determinada circunstância e pauta-se principalmente de forma individual. Não obstante, o leitor não é apenas um sujeito passivo e alheio às questões socioculturais, uma vez que o texto, muitas vezes, dialoga com os acontecimentos que giram ao redor do escritor, portanto, a leitura necessita de perspectiva sociocognitiva-interacionista para que haja êxito no processo da compreensão e de produção de sentidos. Isso porque os mecanismos de interpretação e/ou de intertextualidade também desencadeiam no sujeito leitor a expectativa de que ele tenha conhecimentos prévios acerca de algumas temáticas abordadas em um texto. Sob esse viés, observa-se que o hábito da leitura é uma ação de fundamental importância para ampliar o raciocínio, a capacidade reflexiva e a habilidade interpretativa.

Nesse contexto, entendemos que o papel da leitura exerce atividade transformadora no sujeito ativo em suas práticas sociais. Então, o professor precisa encontrar meios de trabalhar a formação leitora dos seus alunos, que estarão sempre abertos a novos conhecimentos. A leitura ainda possibilita que o mecanismo de interação ocorra entre os diversos sujeitos participantes da leitura, seja em casa ou no ambiente escolar. Com isso, Cosson (2019), no seu livro “Círculos de Leitura e Letramento Literário” (2019), defende que:

A leitura é, assim, um processo de compartilhamento, uma competência social. Daí, que uma das principais funções da escola seja justamente constituir, a processar a leitura. E isso é verdadeiro tanto em relação ao conhecimento técnico - científico e

cultural expresso [...] ler consiste em produzir sentidos por meio de um diálogo, um diálogo que travamos com o passado enquanto experiência do outro, experiência que compartilhamos e pela qual nos inserimos em determinada comunidade de leitores. (COSSON, 2019, p. 36).

Dessa forma, é válido pontuar que os elementos da leitura devem ser de extrema importante para todos nós, não apenas por serem fundamentais em nossa formação intelectual, mas, também, por permitir a todos nós o acesso ao mundo das informações e os diferentes contextos socioculturais, pois ler é ampliar horizontes e deixar que a imaginação desenhe situações e lugares desconhecidos, e isto é um direito de todas e de todos. O processo interacionista da leitura que buscamos tratar, como processo de leitura, no nosso trabalho, pode levar à maior (e mais ativa) participação dos alunos em sala de aula, facilitando, assim, a cooperação mútua de ensino e aprendizagem entre aluno e professor. Esse modo de relação dos alunos com a leitura é capaz de suscitar debates acerca de temas postos no ambiente escolar.

Nesse sentido, com o objetivo de reforçar o papel da leitura em sala de aula, apresentamos, a seguir, um trecho do texto de literatura de cordel, de Clementino Neto (2018), “A importância da Leitura”. Ressaltamos que esse cordel foi lido com a turma de 8º ano, ainda na fase da Oficina de Cordel, que será apresentada mais adiante. Vejamos:

A leitura é uma forma  
de gerar conhecimento,  
com certeza, aquele aluno  
que lê mais, tem mais talento,  
consegue êxito em tudo,  
porque lendo seu estudo  
tem mais aproveitamento.

Nada é tão gratificante  
do que o ato de ler,  
além do aprendizado,  
a leitura dá prazer,  
digo, de forma segura  
se não existir leitura  
não pode existir saber.

A leitura propicia  
boa fluência ao falar,  
melhora o vocabulário,  
o modo de se expressar.  
Quem ler é um invencível  
que ajuda a elevar o nível  
do ambiente escolar.

[...]

Sou um privilegiado

No meio estudantil,  
 Leio poesias e contos,  
 Literatura infantil.  
 No Piauí, onde moro,  
 Entre os autores adoro  
 O gênio Assis Brasil

[...]

Vamos ler e escrever  
 jamais perder uma chance!  
 Quem lê, melhora a escrita,  
 este é o grande lance  
 e... É lendo que a gente tem  
 a chance de escrever bem,  
 texto, poesia e romance.

Toda vez que abro um livro  
 e na leitura prossigo,  
 as páginas me orientam  
 dialogando comigo  
 e vamos interagindo  
 como se fosse um amigo.

Assim sendo, se transforma  
 numa grande companhia  
 é no livro que a cultura  
 constrói sua moradia.  
 E quem lê nunca se atrasa  
 porque o livro é a casa  
 que mora a sabedoria.  
 (CLEMENTINO NETO, 2018, p. 1-5).

O cordelista Clementino Neto demonstra, ao longo de seus versos, a capacidade que a criança e o jovem têm de situar as oportunidades e as mudanças que a leitura pode trazer para desenvolver o senso crítico e outros olhares sobre a própria leitura-literatura e o mundo. Assim, o leitor, ao deparar-se com um texto, seja um poema ou um texto em prosa, o sujeito ativo da leitura deve interagir com o texto, essa conexão proporcionará melhor compreensão do que está sendo lido, visto que a leitura se torna prazerosa e envolvente.

Na perspectiva de analisar as concepções de leitura, Coracini (2005) assevera que:

A leitura, como sabemos, sempre carrega consigo uma postura teórica, ainda que não explicitada, já que partimos dos pressupostos de que teoria e prática se entrelaçam e se interpretam- uma constitui a outra sem que se torne um todo homogêneo- e de que é no espaço que se separa e ao mesmo tempo as une, espaço de tensão, que ocorre o processo de leitura, como ocorre, aliás, toda e qualquer atividade humana, consciente ou não. (CORACINI, 2005, p. 15).

Nessa conjuntura, o ato da leitura metamorfoseia o sujeito passivo para o polo ativo, uma vez que ler também é um processo que permite a expansão de si mesmo, criando a

abertura para quase infinitas possibilidades de sobrepor potenciais que há em cada ator-leitor e, assim, capacita o indivíduo a desenvolver mecanismos para o processo de aprendizagem. Desse modo, um leitor assíduo tem mais chance de absorver mais, de adquirir conhecimento, o que pode significar um incentivo para a sua própria evolução pessoal, mas sem esquecermos do “prazer de ler”, pois o texto pode ser como o corpo, ele pode libertar, seduzir e encenar (BARTHES, 2008, p. 15-16), sem falar que o objeto texto, como diz Regina Zilberman (1988, p. 21), pode “[...] estimular uma vivência singular com a obra [...]”. Por isso, é importante que o professor viabilize este acesso ao seus discentes, que o docente encontre meios de despertar o interesse dos estudantes para a leitura literária, que é uma das formas mais eficientes de agregar valores humanos, dentro do ambiente escolar e/ou familiar.

Angela B. Kleiman (2016, p. 12) afirma que a “[...] leitura é um ato social, entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados”. Logo, a leitura deve ser entendida como o resultado de criação de sentidos, já que o texto é o resultado de um trabalho anterior do autor, isto é, de conhecimentos de mundo. Diante disso, o leitor será capaz de interagir com a obra lida, pois percorre todo um caminho de percepções e impressões. Desse modo, acreditamos que o processo da leitura literária, sob o ponto de vista da perspectiva cognitivo-interacionista, diante das múltiplas possibilidades de interação, projete aluno e professor como agentes modeladores no ato da leitura.

No mesmo sentido do exposto até o momento, a escrita também não se faz dissociada da leitura, haja vista que essas duas ferramentas são fundamentais para que ocorra a compreensão plena de um texto. Isso se dá, porque o uso da língua escrita mostra-se como o maior responsável pela transmissão de conhecimentos de uma para outra geração, assim, esse “uso” representa a difusão da cultura e da aprendizagem. Contudo, para que tal fato seja possível, o reconhecimento dos códigos linguísticos deve ser ensinado (em vários níveis de aquisição), no ambiente escolar. Outrossim, a escrita assegura que determinados fatos históricos ou escritos literários sejam deixados para as futuras gerações.

Para Vigotsky (2010), a escrita não está separada da linguagem falada, pois ela é constituída por um sistema de símbolos e signos que tem capacidade de atribuir significados, que determinam os sons e as palavras da linguagem oral. Para dominar esse sistema simbólico, é necessário que a criança desenvolva certas funções superiores, especificamente a abstração. Para autor (2010, p. 109), devemos tomar “[...] como ponto de partida o fato de que *a aprendizagem da criança começa muito antes da aprendizagem escolar. A aprendizagem*

escolar nunca parte do zero. Toda a aprendizagem da criança na escola tem uma pré-história.” (grifos do autor).

Nesse viés, entende-se que o sujeito-aprendiz reconhece os signos linguísticos antes mesmo de ir à instituição de ensino, mas a aprendizagem desses mecanismos linguísticos serão aprimorados pelos educadores, que têm o papel de oportunizar o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos no sentido de despertar o senso crítico sobre os fatos que os rodeiam. Assim, observa-se que o conhecimento cotidiano que é levado para a sala de aula é de vital importância para que a interação social entre aluno e professor ocorra.

Diante disso, consideramos importante registrar o que assevera Alexander Romanovich Luria (2010):

Escrever é uma das funções culturais típicas do comportamento humano. Em primeiro lugar, pressupõe o uso funcional de certos objetos e expedientes como signos e símbolos. Em vez de armazenar diretamente alguma ideia em sua memória, uma pessoa escreve-a, registra-a fazendo uma marca que, quando observada, trará de volta à mente a ideia registrada. A acomodação direta à tarefa é substituída por uma técnica complexa que se realiza por mediação. (LURIA, 2010, p. 99).

Dessa maneira, analisando o que dizem os autores supracitados, a escrita possibilita a capacidade de o sujeito ativo trazer da memória os fatos observados e descrevê-los. Por isso, a escrita é um processo simbólico que precisa ser expandida, por meio de mensagens para muito além do seu próprio tempo e espaço. De início, a escrita era utilizada somente para o registro de informações importantes e era reservada a um pequeno grupo social, nos dias de hoje, ela é completamente diferente, e passa a ser basilar para a formação do ser humano.

Por isso, o papel da escrita na formação do indivíduo é muito mais profundo do que se pensa, pois é a porta de entrada para participar da cultura grafocêntrica. A partir da escrita, o homem é capaz de registrar os sentimentos que lhe afloram para o papel, assim, as manifestações podem ser eternizadas por meio da técnica da escrita, que não é apenas uma decodificação dos símbolos linguísticos, mas memória e um variado modo de expressar subjetividades.

Dessa maneira, as noções de escrita e de leitura que fundamentam o nosso trabalho fazem com que compreendamos mais estas duas instâncias, que são indissociáveis no processo de letramento do aluno e no nosso processo de apropriação didática. Bordini e Aguiar (1993) afirmam que:

Todos os livros favorecem a descoberta de sentidos, mas são os literários que o fazem de modo mais abrangente. Enquanto os textos informativos atêm-se aos fatos particulares, a literatura dá conta da totalidade do real, pois, representando o particular, logra atingir uma significação mais ampla. (BORDINI; AGUIAR., 1993, p. 13)

Como vemos, as autoras defendem que são as obras literárias que podem levar o estudante a “atingir uma significação mais ampla” da vida e do mundo que o cerca. Além disso, é a literatura que abre questões de alteridade (como lidar com os outros em sentido expandido), bem como é ela que faz nos aprofundarmos em nossas próprias questões humanas.

Bordini e Aguiar (1993) que orientam para a adoção de um método de ensino com um princípio norteador voltado à compreensão e à interpretação do texto literário, tendo em vista a busca pela superação dos modelos tradicionais, às vezes esgarçados diante dos novos desafios do mundo e da formação leitora. Por isso, para as autoras supracitadas:

A adoção de um método de ensino para a literatura depende, sobretudo, do posicionamento do professor quanto ao aluno que tem à frente. Se o leitor que a escola quer formar é aquele que assimila os sentidos acriticamente, só para acumular sensações ou informações, que de nada lhe servem na vida concreta, ou é aquele que não consegue sequer apreender esses sentidos por força de barreiras linguísticas e sócio-culturais, não há razão para procurar a sistematização das atividades, uma vez que tais leitores são produzidos *in absentia* de qualquer método. Se o modelo almejado é do leitor crítico, capaz de discriminar intenções e assumir atitude ante o texto com independência, a primeira providência é sondar as necessidades dos estudantes. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 41-42).

É por compactuar das ideias das autoras em questão, que propusemos um trabalho didático sobre a literatura de cordel com nossos alunos. E, em sentido abrangente, os textos literários são a força necessária para a nossa busca para construir leitores críticos e mais autônomos. Por isso, é que nos propusemos a trabalhar, nas aulas de Língua Portuguesa II, do 8º ano – Turma A, do período matutino, da Escola Municipal Hermelinda de Castro – Teresina-PI, com a intervenção pedagógica intitulada “Práticas de leitura e de escrita: o cordel no ensino fundamental”, a partir das sequências básica e expandidas, propostas por Cosson (2018, 2019), para fazer efetivar o letramento literário.

A nossa pesquisa ainda tem por base a crença no que afirma Lerner (2002), de que é necessário fazer da escola:

um âmbito onde leitura e escrita sejam práticas vivas e vitais, onde ler e escrever sejam instrumentos poderosos que permitem repensar o mundo e reorganizar o próprio pensamento, onde interpretar e produzir textos sejam direitos que é legítimo exercer e responsabilidade que é necessário assumir. (LERNER, 2002, p. 18).

Sabemos que, como defende Lerner (2002), levar à prática docente esta “responsabilidade” é uma tarefa difícil e árdua, mas não impossível. Por isso, faz-se necessário desenvolver a ideia de letramento que possa englobar um conjunto de práticas socialmente organizadas e que usem um sistema de símbolos e de tecnologias para produção e reprodução. Não estamos nos referindo somente ao saber ler e escrever, mas, também, a aplicar o conhecimento de leitura e de escrita para um fim específico e em um contexto específico de uso. Além disso, também nos pautamos nas ideias de letramento de Cosson (2018), para quem o letramento literário na escola se diferencia da leitura literária e se constitui numa prática social de responsabilidade da escola.

Tal contexto também está presente no Currículo da Secretaria Municipal de Educação de Teresina, que propõe, para o trabalho com a Língua Portuguesa, a pedagogia que busca o desenvolvimento de habilidades e competências, por meio da capacidade descritora, dentre eles o descritor EF06LPP71, que prevê para o desenvolvimento das habilidades

declarar e/ou ler poemas de forma livre ou fixa e demais textos versificados, empregando os recursos linguísticos e cinéticos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como ritmo, entonação, emprego de pausas e prolongamento, tom, timbre e eventuais recursos de gestualidade”. (TERESINA, 2018).

Acreditamos, desde o princípio, que o trabalho com a literatura de cordel na sala de aula potencializa a construção de práticas de leitura e de escrita. Por isso, nossa proposta de efetivar o letramento literário numa turma de 8º ano, da Escola Municipal Hermelinda de Castro, que se encontra na zona rural leste do Município de Teresina-PI. Ademais, ainda, cremos que a convivência com o cordel pode abrir diferentes horizontes reflexivos e críticos, além de ampliar a capacidade leitora dos alunos, já que a literatura de cordel traz e aciona outros saberes.

Em concordância com o pensamento de Testa (2019), foi respeitado o direito de o aluno gostar ou não dos textos literários, que os leitores podem se expressar de acordo com seus sentimentos, suas marcas emocionais e socioculturais, pois, segundo a autora:

o direito de não gostar de uma determinada obra literária (mesmo sendo ela canônica ou de um escritor renomado) faz parte da subjetividade do leitor que, em vias de trocas democráticas tem a “coragem” de revelar ou marcar sua posição de sujeito autônomo e singular. (TESTA, 2019, p. 90).

Observamos, do exposto, que Testa (2019) ressalta o respeito à cultura e aos acervos dos conhecimentos/saberes empíricos junto à individualidade de cada leitor, dando a esses a

liberdade que a leitura requer ou abre espaço, uma vez que os textos literários (e a leitura de cordel também) podem desenvolver a emancipação crítica de carga emocional, em cada sujeito-participante no ato do encontro com o texto literário.

A aplicação das sequências básica e expandida, proposta por Cosson (2018, 2019), auxiliou-nos na produção de cordéis. Evidentemente, vamos adaptá-las às nossas realidades e singularidades docentes, pois essas sequências não podem ser vistas como normativas, mas, sim, elas podem se configurar em um apoio metodológico, ao desenvolvermos o nosso singular e/ou pessoal processo de apropriação didática.

Também fundamentaram a organização e a aplicação das sequências didáticas os ensinamentos de Joaquim Dolz, Michèle Noverraz e Bernard Schneuwly (2011), que propõem sequências didáticas para o trabalho com os textos oral e escrito. Segundo os autores:

Uma sequência didática” é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” [...] uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto [...]. (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2011, p. 82-83).

Sem dúvida, as sequências didáticas aplicadas por nós durante a intervenção pedagógica fundamentam o nosso trabalho em sala de aula e nos ajudam nos modos de explorar, em sala de aula, a literatura de cordel.

A literatura de cordel e as memórias dos cordelistas da região de Teresina-PI são nortes a seguir em nossas estratégias de ensino e aprendizagem. Além disso, consideramos importante destacar a concepção de Sérgio Roberto Costa (2020), para quem os textos de memórias apresentam como características recordações do passado marcadas nas expressões temporais e nas imagens que remetem ao tempo da lembrança. Às vezes, em comparação com o momento da narração. Para Costa (2020):

O gênero memórias faz exatamente isso: resgata o passado social existente em cada indivíduo, geralmente mais velho, que vai relatar suas lembranças, numa entrevista oral, ao escritor de um texto narrativo de memórias, que deve, em primeira pessoa assumir a voz do entrevistado. O texto de memórias se caracteriza por ter um estilo referencial em que o passado se presentifica em objetos, coisas, lembranças... e se concretiza em expressões como “naquele tempo, “antigamente”, verbos narrativos no tempo passado, palavras “antigas” que devem ser explicadas, etc. (COSTA, 2020, p. 167).

A concepção de memória explicitada por Costa (2020) é a que adotamos no presente estudo, pois, por meio das entrevistas com os cordelistas participantes desta pesquisa, a



produção de cordéis sobre suas memórias ajuda a resgatar o “passado social”, as “lembranças”, as vozes, uma memória “coletiva” que se “presentifica em objetos, coisas, lembranças...” Apesar de não estarmos lidando com o gênero textual memorialista, o cordel (juntamente) com as entrevistas dos cordelistas residentes em Teresina, simboliza toda a tradição e a produção popular, e as novas gerações de jovens têm o direito de participar efetivamente e criativamente dessa memória literária e sociocultural.

É importante destacar também que os relatos e as memórias dos cordelistas de Teresina nos ajudaram nesta rede de saberes e de práticas para efetivarmos o letramento literário. Sabemos das dificuldades que os alunos comumente apresentam com a leitura literária, bem como com a produção de textos poéticos, que são muitas, mas que o trabalho em sala de aula com os cordéis nos ajuda a transpor essa realidade. Assim, as dificuldades podem ser transpostas (se não todas elas, mas uma grande parcela) com a literatura popular, uma vez que ela está bem mais próxima das realidades dos estudantes. Ademais, a linguagem popular, a oralidade, os temas discutidos e o tema proposto para produção textual acerca das vivências dos cordelistas da região de Teresina-PI valorizam aquilo que o aluno tem próximo dele.

Nessa reunião de saberes, as práticas pedagógicas podem estar pautadas na autonomia, no senso crítico e de cidadania dos alunos, e é por meio disso que justificamos a escolha do presente tema, pela sua relação com a proposta pedagógica da Secretaria Municipal de educação de Teresina (SEMEC/PI), considerando também algumas das práticas de letramento necessárias para o desenvolvimento dos estudantes. Nesse sentido, buscamos evidenciar e analisar as manifestações da evolução dos alunos para a construção de competências na escola campo da pesquisa, uma vez que os jovens estudantes participam de uma sociedade cada vez mais exigente e requerente de um letramento literário competente.

No texto “O direito à literatura”, Candido (2017 [1988]), partindo da premissa de que se trata de um direito humano e considerando-a da maneira mais ampla possível, afirma que:

todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 2017, p. 176).

Conforme afirma o autor, “[...] cada sociedade tem as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com seus impulsos, as suas crenças, normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e a atuação deles” (CANDIDO, 2017, p. 177). Nessa

perspectiva, o letramento literário, a partir da literatura de cordel, efetivado por nós, fez-se propício ao fazer pedagógico, tendo em vista que o cordel faz parte de nossa cultura, apresentando nossos valores e nossas crenças; e que precisamos dar continuidade a essa cultura, oportunizando aos jovens o contato e a construção de saberes.

A fruição da literatura na vida dos seres humanos vem, ao longo dos séculos, manifestando-se a partir de anseios nitidamente impulsionados pelos diferentes contextos históricos e sociais. Na sala de aula, a literatura pode assumir papel formativo de destaque, uma vez que ela extrapola a didatização do “uso” do texto literário como elemento motivador de análises gramaticais, devido à sua ampla oferta estética e cultural. Dessa forma, segundo Isaquia dos Santos Barros Franco e Eliane Cristina e Testa (2018, p. 205), “[...] as multidimensões a que um texto está sujeito e que a escola deva recuperar e privilegiar atividades que reconheça esta pluralidade contextual”. Por isso, o professor, como mediador, deve se atentar aos recursos que possibilitem trabalhar “[...] as multidimensões a que um texto está sujeito mediante aos vários sentidos que ele pressupõe”.

Atualmente, o documento oficial que norteia os currículos nacionais é a Base Nacional Curricular Comum (BRASIL, 2017), que assegura a valorização de competências que remetem ao saber, às habilidades, às práticas, o que sugere uma educação com o olhar voltado para o exercício do trabalho pedagógico, inclusive, com o uso de diferentes tecnologias, uma vez que a cultura digital é uma realidade crescente na sociedade.

Especificamente, em se tratando da literatura, este componente curricular não está explícito na BNCC (BRASIL, 2017) como conteúdo obrigatório, o que nos leva a pensar que há desprestígio do ensino da literatura, e que parece decorrer de cada novo documento implantado para orientar a educação e os professores. As competências relativas ao componente Língua Portuguesa, por seu turno, explicitam os direcionamentos para o trabalho com gêneros textuais, bem como a importância da norma padrão, por vias de leitura e de produção textual.

Observamos que o tratamento dispensado ao texto literário, na BNCC (BRASIL, 2017), relaciona-se muito às práticas sociais associadas a textos multissemióticos e multimidiáticos. Em contrapartida, no ensino fundamental, em especial do 6º ao 9º ano, percebemos que a literatura parece preterida, ou relegada, apenas, como referência à leitura. Vejamos a seguir o que aponta o documento:

O Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/telespectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias [...] (BRASIL, 2017, p. 69).

Percebemos, então, nesse fragmento, que não há direcionamento quanto à abordagem específica da literatura, que pode vir em suas diversas manifestações textuais, como poema de cordel (ou não). Por exemplo, evidenciando-se no texto oficial o direcionamento destacado aos gêneros da cultura digital, que ratifica a formação voltada para o trabalho. Contrariando essa perspectiva, Candido (2017, p. 177) afirma que: “[...] talvez não haja equilíbrio social sem a literatura”. Desse modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo, assim, confirma o homem na sua humanidade.

Por humanização, Candido (2017) entende ser um processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão [acaba também, de algum modo, por dialogar com a BNCC (2017), e propõe que o conhecimento precisa estar a serviço da construção da inteligência emocional dos sujeitos, que precisam aprender a conviver da “melhor” forma possível com seus semelhantes e com o meio ambiente. Isso é numa visão de projeto que além da atenção dada aos conteúdos de literatura ministrados.

Corroborando o tímido tratamento dado à literatura na BNCC (BRASIL, 2017), que realça certo descaso para com a formação de leitores literários no ensino fundamental, o documento sugere a adesão às práticas de leitura literárias e “Mostra-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura, textos de divulgação científica e/ou textos jornalísticos que circulam em várias mídias” (BRASIL, 2017, p. 72). Assim, observamos o superficial tratamento (e destaque) dado ao texto literário, já que não há menção a processos de compreensão e de análise textual.

Por outro lado, em âmbito municipal, o currículo oficial da SEMEC apresenta um capítulo específico sob o título de “Literatura e a formação do leitor literário”, no qual dá um tratamento especial à leitura literária, conforme constatamos a seguir: “Para formar leitores capazes de experienciar toda a força humanizadora da literatura, é preciso que se promova o letramento literário que faça mais do que ensinar a ler e que ultrapasse a leitura literária mecanizada e modelizada [...]”. (TERESINA, 2018, p. 74).

Nesse documento, percebemos um tratamento diferenciado dispensado à literatura, reconhecendo-a como fundamental, para a condução de experiências de leitura diferenciadas e profundas, em que o aluno atue como “[...] coparticipante na construção de sentidos do texto literário [...]” (TERESINA, 2018, p. 110), considerando, ainda, no documento municipal o

tratamento dado ao texto literário, o contexto social, a construção dos sentidos, a produção, a recepção, a circulação e a interação da obra literária no diálogo com outros textos. Percebemos a diferença positiva com que o contexto municipal evidencia o texto literário no ensino fundamental da rede pública de ensino, isso, comparado ao que traz em seu escopo a BNCC (BRASIL, 2017).

Enquanto a BNCC (BRASIL, 2017) aborda superficialmente a literatura no ensino fundamental, o currículo municipal da SEMEC (2018), legitimado pela Secretaria de Educação do Estado do Piauí, “[...] defende que a leitura de textos literários esteja ligada à formação do estudante na consolidação de sua condição humana e na sua vivência emocional e afetiva”. (TERESINA, 2018, p. 74).

Assim, a literatura deve direcionar a aprendizagens diversos, para além de contextos históricos ou de estilos, uma vez que ela pode conduzir o protagonismo do aluno na sala de aula, principalmente ao incitar o pensamento crítico e mais sensível dos jovens discentes, que podem renovar os sentidos dados à leitura literária, alçando voos mais intensos e diversificando seus saberes. Assim, o aluno que lê literatura pode sair em busca de ampliar repertórios e de preencher as expectativas do horizonte leitor.

Ressaltamos, ainda, que, pelas características da literatura de cordel, a maioria dos alunos manifestou interesse pela leitura literária e pela produção de cordéis. Sobre os “sintomas” individuais e/ou coletivos, como aponta Leite (2019, p. 126), ao tratar do tema da leitura literária: “A leitura literária assume esse lugar privilegiado, pois, com base nas obras literárias a identificação com enredo, personagens, tempo, cenário, narradores, etc., pode se estabelecer. Eis uma implicação particular do sujeito com a obra literária”.

Do exposto, entendemos que o autor compreende que os diversos elementos que compõem os textos literários enriquecem a experiência leitora e que os resultados tanto se dão no campo do sujeito individual como no grupo coletivo de leitores, e isso vai ao encontro do letramento literário implicado na presente intervenção, cujo objetivo de ensino e aprendizagem é engajar os estudantes no processo socioeducativo que vai (ou está) muito além da sala de aula.

Entendemos que a palavra (elemento primário do poeta), em estado de poesia, como afirma Testa (2015, p. 146), pode agradar ao aluno leitor e oportunizar a ele a aquisição de habilidades leitoras sensíveis e reflexivas sobre os textos lidos, o que também vai ao encontro do letramento literário proposto nesta intervenção pedagógico-literária. A aplicação prática do trabalho com a poesia, em sala de aula nos mostrou a importância da literatura de cordel como

uma possibilidade de efetivar o letramento literário, numa turma de 8º ano da Escola Municipal Hermelinda de Castro, do Município de Teresina- PI.

Dias (2016, p. 218), sobre a presença do texto literário na sala de aula, afirma que “[...] práticas bem-sucedidas de trabalho com a literatura na escola não podem desconsiderar o texto e o mergulho nele”. Nesse sentido, nosso propósito, ao desenvolvermos esta pesquisa, foi o de promover aos discentes este “mergulho” na literatura de cordel, bem como fomentar as práticas de letramento literário que ora se apresenta neste trabalho.

Além disso, este estudo implica a leitura, a compreensão e a produção escrita de cordéis, já que temos por base a crença de que a poesia é um conteúdo essencial na vida dos estudantes e, como bem lembra Hélder Pinheiro (2018, p. 112), “[...] o acesso a ela é um direito de toda criança e de todo jovem [...]”. Dessa maneira, precisamos oportunizar o encontro de nossos alunos com o poema. Assim, por meio do cordel, os estudantes podem ser desafiados a refletir sobre temas como: preconceito, injustiça, direitos das mulheres, trabalho infantil, meio ambiente sustentável, racismos, entre tantos outros. Esses temas podem colaborar para que se tornem leitores mais exigentes e críticos no futuro.

Para Lígia Marrone Averbuck (1988, p. 70), “A poesia é um discurso que mostra de alguma maneira o trabalho da linguagem sobre si mesma [...] Na verdade é a existência ou não de rimas, de ritmo, ou de certa cadência que assegura ao texto sua natureza ‘poética’ [...]”. Portanto, cabe ao professor, como mediador na sala de aula, explorar o trabalho com a linguagem e explicitar que a poesia pode romper com a linguagem cotidiana/usual.

Candido, em sua obra “O Estudo Analítico do Poema” (1996), discorre sobre poesia e poema, suas explanações expõem algumas dificuldades acerca dessa linguagem poética, pois,

A poesia apresenta certas dificuldades especiais, porque no universo prosaico o meio de expressão nos parece mais próximo da linguagem quotidiana, e nós nos familiarizamos mais rapidamente com ele. A linguagem da poesia é mais convencional e impõe uma atenção maior, sobretudo porque ela se manifesta geralmente, nos nossos dias, em peças mais curtas e mais concentradas, que por isso mesmo são menos acessíveis ao primeiro contato. (CANDIDO, 1996, p. 12).

Ao analisarmos o que diz Candido (1996), vemos que o contato inicial com a poesia não é suficiente para se compreender os significados que ela é capaz de trazer, pode, pela própria concentração da linguagem, se tornar menos acessível num primeiro contato. Por isso, talvez, o aluno tenha dificuldade maior com os textos poéticos do que os em prosa. Mas aí, está uma prova de como a mediação do professor na leitura de poemas se faz necessária.

Também sobre o poema, Candido (1996, p. 23) expõe que:

Poema é basicamente uma estrutura sonora. Antes de qualquer aspecto significativo mais profundo, tem esta realidade liminar, que é um dos níveis ou camadas da sua realidade total. A sonoridade do poema, ou seu "substrato fônico" como diz Roman Ingarden, pode ser altamente regular, muito perceptível, determinando uma melodia própria na ordenação dos sons, ou pode ser de tal maneira discreta que praticamente não se distingue da prosa.

Desse modo, analisando o que afirma o autor, no campo da poesia ou do poema, podemos compreender que poesia é criação com uma linguagem específica e sua edificação (construção em forma e conteúdo) é o poema. São vários os elementos que compõem um poema, por isso, para a sua elaboração se necessita manejar diversos elementos gramaticais e literários, sem esquecer que existem diferentes técnicas para a construção de um poema. Buscamos observar que o poema é uma manifestação “real” da poesia. Assim, o poema pode ser sentido, tocado no corpo e na alma, interpretado, lido e estudado.

É importante destacarmos que é na escola que o aluno pode ter seu primeiro contato com o poema. Portanto, a tarefa da escola é também acionar a formação para as práticas do contato com a poesia, Kleiman e Silvia E. Moraes (2002, p. 91) afirmam que: “[...] a principal tarefa da escola é ajudar o aluno a desenvolver a capacidade de construir relações e conexões entre os vários nós da imensa rede de conhecimento que nos enreda a todos”. Nesse sentido, acreditamos que a (con)vivência com os poemas de cordéis possibilitou aos alunos (e a nós, como professora mediadora do processo de letramento literário) uma oportunidade de enriquecimento e de interação com a cultura local, com as memórias dos cordelistas, e participar da cena do cordel em Teresina-PI.

Ressaltamos que houve um espaço de (re)conhecimento compartilhado, embora, muitas vezes, os alunos ainda sejam (estejam) imbuídos de certa timidez, a participação da maioria dos estudantes foi considerável, e as interações, por certo, estão repletas de significados e saberes compartilhados.

Desse modo, o estímulo à leitura e o desenvolvimento das habilidades leitoras deve ser uma tarefa da escola quanto ao acesso à literatura. Nesse sentido Colomer (2007, p. 101) sustenta que: “[...] o ensino escolar evoluiu em direção à consciência, de que uma aula onde se lê e se fala sobre livros é o centro de sua tarefa literária [...] que meninos e meninas progridem na sua capacidade de interpretação dos textos [...]”. Assim, os livros têm que ser o centro da aula, como a cereja no bolo. É o objeto livro que pode desencadear encontros que trazem mais autonomias aos estudantes.

Colomer (2007, p. 159) afirma, ainda, que: “A leitura literária pode expandir o seu lugar na escola através de múltiplas atividades, que permitam sua integração e conferência

com outros tipos de aprendizados [...]”. Por isso, a literatura tem que ter seu lugar na escola, e o espaço da leitura literária tem que estar em evidência na sala de aula, pois,

Para este espaço de leitura a escola há de se pensar em livros que deveriam estar presentes na aula em momentos determinados ou períodos concretos. Por exemplo, livros que podem ser lidos ou consultados para servir de modelos do resultado que se espera em projetos de escrita sobre gêneros específicos [...]. (COLOMER, 2007, p. 160).

Assim, acreditamos ter realizado o trabalho de intervenção dentro daquilo que a autora afirma, uma vez que foram disponibilizados textos poéticos, apostilas sobre as características do cordel, antologia poética com biografia dos poetas cordelistas, dicionários de rimas, livros e revistas que tratam do cordel em Teresina-PI, o que possibilitou aos adolescentes as produções de textos em forma de cordel.

Rogério Alves de Carvalho e Stela Maria Viana L. Brito (2019), ao tratarem sobre estratégias de letramento literário, dizem que:

Entender como funciona o processo de leitura e em que sentido ela oferece caminhos para uma formação do sujeito crítico tão almejado socialmente, pode ser o ponto de partida para a formulação de propostas de ensino de leitura de textos literários na escola de ensino fundamental. [...] Pensar a literatura nesse contexto pode estimular a prática de atividades docentes que tenham uma significação na vida dos alunos, permitindo que eles se transformem em leitores competentes. (BRITO; CARVALHO, 2019, p. 194).

A proposta dos autores pauta-se no pensamento de que a literatura pode ser um fenômeno simultaneamente cognitivo e social, como também, fundamentado em Cosson (2012), que propõe três grandes grupos para compreender a leitura: a perspectiva do texto, a perspectiva do leitor e a perspectiva interacional.

Conforme afirmam Bordini e Aguiar (1993, p. 16), “[...] a formação escolar do leitor passa pelo crivo da cultura em que este se enquadra [...]”, e na Escola Hermelinda de Castro não seria diferente. Observamos a deficiência na capacidade leitora dos alunos e falta de vivência com a literatura, em especial, com a poesia. Por isso, foi com o intuito de contribuir com tal situação que elaboramos a presente intervenção, acreditando, especialmente, que com o letramento literário via textos de cordéis, estes estudantes tenham maiores oportunidades de olhar e compreender o mundo de um modo mais amplo.

Para tanto, elaboramos cinco ações didáticas, às quais chamamos de sequências didáticas, cada uma dividida em três momentos diversos e subsequentes, quais sejam: Primeiro momento – Um encontro com um cordelista (autor do cordel a ser lido em sala de

aula), seguido de orientação para leitura e produção textual; Segundo momento – Destinado ao compartilhamento e à interpretação da leitura; e Terceiro momento – Hora da socialização das produções e da reescrita dos textos.

Este estudo é qualitativo e a metodologia adotada é a pesquisa-ação, com uma proposta de intervenção. Metodologicamente, procuramos efetivar uma proposta de letramento literário com textos cordelianos, buscando: (i) Oportunizar a construção de habilidades de leitura e de escrita de cordéis previstas para o desenvolvimento dos alunos; (ii) Evidenciar manifestações do desenvolvimento das habilidades e competências da leitura e da produção de texto; (iii) Analisar os resultados alcançados pelos discentes quanto à leitura e à produção de cordéis na perspectiva de letramento literário.

Esta pesquisa-ação, de caráter interventiva qualitativa, foi realizada na escola no campo da pesquisa. A investigação a que se propõe, por ter abordagem qualitativa, pressupõe que a pesquisadora fará uma abordagem empírica de seu objeto, por isso, também se mantém postura fenomenológica. Como metodologia, aplicamos questionários semiestruturados, entrevistas gravadas em áudio e filmagens de vídeo.

Além disso, este estudo traz um olhar dentro de uma perspectiva sócio-histórica, uma vez que aciona aspectos descritivos munidos de percepções pessoais dos sujeitos envolvidos no trabalho. Dessa forma, adota-se a perspectiva de totalidade, defendida por Marli Eliza Dalmazo Afonso de André (1995, p. 28), pois também levamos em conta todos os componentes da situação em suas interações e influências recíprocas compartilhadas no cotidiano.

Para Silas Borges Monteiro (2012), a pesquisa-ação em educação propicia o desenvolvimento profissional, portanto, ela tem o seu lugar nesse processo, por que amplia as noções de formação inicial e contínua, bem como as dimensões pessoais e profissionais dos professores. Dessa forma, em uma palavra, a noção de desenvolvimento profissional procura considerar os diversos elementos que constituem o modo de ser da profissão docente, “[...] nesse caso a pesquisa-ação é a estratégia privilegiada para promover o desenvolvimento profissional” (MONTEIRO, 2012, p. 143).

Quanto à ação intervencionista, recorreremos à sequência básica e expandida de Cosson (2018, 2019), em vias de efetivar o letramento literário, mas com apropriação didática adaptada à nossa realidade. Tal ação configura-se na pesquisa-ação, pois segundo Michel Thiollent (2011, p. 51) “[...] a investigação está valorativamente inserida numa política de transformação”. Nesse sentido, pudemos acompanhar as diferentes transformações sofridas



por nós (como pesquisadora e docente) e as dos alunos participantes. Por isso, há, neste trabalho, um encadeamento de ações transformadoras.

#### 4 O CORDEL: PERSPECTIVA DA CULTURA E DA ORALIDADE

O cordel é um estilo literário poético e uma das mais expressivas formas da cultura popular, que, de modo geral, retrata o cotidiano e a realidade do povo e, muitas vezes, traz a realidade dos próprios cordelistas. Convém, nesse sentido, destacar que, segundo Bakhtin (2019, p. 106), analisando Vinogradov, as variantes sociais, regionais, profissionais, das modalidades faladas e escritas, “[...] adquirem sentido quando inseridos em obras literárias, onde se subordina ao projeto estético-literário, às condições da composição estrutural e literária e ao gênero literário [...]”, assim como ocorre no gênero poético cordel.

Quanto ao estilo literário, Bakhtin (2019, p. 105) explica que “[...] a estilística literária aborda o estilo literário individual do autor, os estilos dos gêneros literários em prosa e em poesia bem como os estilos das escolas literárias em sua evolução histórica”. Nesse sentido, o cordel mantém estruturas formais de versos, que traz um estilo próprio do uso das estrofes, das rimas e da metrificação, o que o torna reconhecido em sua estrutura formal.

Outra característica do cordel diz respeito à estreita relação com a oralidade, na poesia de cordel destaca-se o poder performático e o processo contínuo de significação. Além disso, ressalta-se, ainda, o seu valor estético, que associa um modo peculiar de declamação com a descrição de história, ou, ainda, apresenta um tom cômico de crítica, com irreverência. Sobre essa performance que valoriza a estética e a sonoridade do texto apreciado, Galvão (2010, p. 195) reforça dizendo que “[...] a beleza a que se referem os leitores das histórias associava-se ao caráter coletivo e à performance do leitor declamador que caracterizavam, em grande parte, essas práticas”.

Desse modo, observamos que o movimento entre o texto lido e a performance do leitor se faz fundamental para a “[...] entrada no jogo literário que conduz à experiência estética” (ROUXEL, 2014, p. 31). Entende-se, dessa forma, que a relação do leitor com o cordel extrapola sua experiência pessoal e integra conhecimentos sociais e históricos, enriquecendo seu repertório sociocultural produtivo. Ademais, Zumthor (2005, p. 87) afirma que “[...] a performance é uma realização poética plena: as palavras nela são tomadas num conjunto gestual, sonoro, circunstancial tão coerente (em princípio) que, mesmo se se distinguem mal palavras e frases, esse conjunto como tal faz sentido”.

Nesse sentido, entendemos que a dinâmica do texto lido e a performance do leitor é de vital necessidade para o engajamento na função social e nos fins pedagógicos do cordel para a leitura na escola. Joseph Maria Luyten (2005, p. 24/25) afirma que este gênero literário possibilita discutir as relações entre educação e cultura.

Ainda pensando na função social do cordel para a leitura escolar, destacamos que, a perspectiva da consciência linguística do locutor e do receptor encontra-se ligada diretamente aos contextos de uso, como afirma Bakhtin (2006, p. 96): “[...] a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”. Eis a importância do trabalho na escola com os textos cordelianos, não no sentido de formar cordelistas, mas de formar leitores de textos literários, uma vez que o cordel traz fortalecimentos para a consciência linguística e para a comunicação estética da poesia.

#### 4.1 Uma definição de cordel

Trazemos o conceito de cordel apresentado no “Dicionário brasileiro de literatura de cordel”, da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC, 2005, p. 45): “[...] termo atribuído por Rymond Cantel para designar os folhetos da literatura popular, vendidos nas feiras populares pendurados em pequenas cordas, cordinhas, cordões”. Para exemplificar, o referido dicionário cita os versos do folheto “Beabá do cordel”:

Pendurados num cordão  
 Esses livretos viraram  
 O jornal da região  
 Levando conhecimento  
 Àquela população.  
 (ABLC, 2005, p. 45).

Contudo, para além desse Dicionário, sabemos que inúmeras são as definições elaboradas por teóricos, escritores, pensadores e até cordelistas, e muitas se popularizaram no Brasil, mas, de modo geral, o cordel é sinônimo de “poesia popular em versos”. Dessa forma, diz-se que as histórias de batalhas, amores, sofrimentos, crimes, fatos políticos e sociais do país e do mundo, as famosas disputas entre cantadores, fazem parte de diversos tipos de texto em versos denominados literatura de cordel. Segundo Ana Cristina Marinho e Hélder Pinheiro (2012):

A expressão “literatura de cordel” foi inicialmente empregada pelos estudiosos da nossa cultura para designar os folhetos vendidos nas feiras, sobretudo em pequenas cidades do interior do Nordeste, em uma aproximação com o que acontecia em terras portuguesas. Em Portugal, eram chamados cordéis os livros impressos em papel barato, vendidos em feiras, praças e mercados. (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 18-19).

Nessa citação, observamos a diferença dada ao cordel no Brasil e em Portugal. Mas foram muitos os estudiosos a formular questões teóricas sobre o cordel, tanto no Brasil como em Portugal. Também, para Idelette Muzart-Fonseca dos Santos (2006), o termo cordel era empregado desde o XIII (1200), na região da Valença (Espanha), para designar um cordão ou uma linha, e, em Portugal, no século XVIII (1700), falava-se corretamente em teatro de cordel.

A partir desse cordão que serve de suporte para a venda das pequenas brochuras nos mercados e outros lugares públicos a palavra compõe uma série de expressão designando o produto vendido: farsas de cordel, entremeses de cordel ou teatro de cordel, que se referem somente às produções teatrais vendidas na rua, livraria de cordel, que se refere a um tipo de comércio de livraria, literatura de cordel, enfim, cuja aceitação se estende a toda obra literária de origem popular, exposta à venda sobre um cordão. (SANTOS, 2006, p. 61).

Nessa perspectiva, é importante destacar que a autora chama a atenção para o fato de que o primeiro dicionário de Português, que registra “farsas de cordel”, o Caldas Aulete, de 1881, tanto em Portugal quanto no Brasil, mesmo citando a expressão literatura de cordel, é sob a denominação de “folhetos de cordel”, que faz uma análise situando o artigo de bibliologia (descrição, autores, título, modo de distribuição) e conclui anunciando o seu quase desaparecimento em Portugal sem incluir nenhuma menção aos folhetos brasileiros.

Já para Hélder Pinheiro e Ana Cristina Marinho (2012, p. 18), a expressão “literatura de cordel” foi inicialmente empregada pelos estudiosos da nossa cultura para designar os folhetos vendidos nas feiras, sobretudo em pequenas cidades do interior do Nordeste, em uma aproximação com o que acontecia em terras portuguesas, e, de acordo com Santos (2006), o termo “literatura de cordel” foi utilizado para designar o folheto, pela primeira vez, em 1879-1880, por Silvio Romero. “Ele se inspira na evidência do exemplo português, ao qual seu mestre, Teófilo Braga, havia consagrado diversos estudos” (SANTOS, 2006, p. 60).

Por fim, de acordo com Marco Haurélio (2010, p. 16), estudiosos de cordel, trata-se de “[...] poesia popular, herdeira do romanceiro tradicional, e, em linhas gerais, da literatura oral (em especial dos contos populares), desenvolvida no Nordeste e espalhada por todo o Brasil pelas muitas diásporas sertanejas”

## **4.2 Breve histórico do cordel no Brasil**

Miguel Pereira Barros (2015, p. 69) informa que Recife é considerada o berço da literatura de cordel brasileira. O cordelista destacado é Leandro Gomes de Barros (1865-

1918). Ele conviveu desde cedo com renomados cantadores e violeiros locais que foram de grande influência em sua obra.

Sobre Leandro Gomes de Barros, no folheto, em “O cordel: sua história, seus valores”, de Marcos Haurélio e João Gomes de Sá (2011), encontram-se os versos:

Leandro Gomes de Barros  
É nome de menestrel  
Que deu forma e deu essência  
Ao que chamamos cordel  
Que da tradição oral  
Migrava para o papel.

Grande poeta satírico  
E lírico maravilhoso,  
Escreveu obras eternas  
Como O boi misterioso  
E A donzela Teodora  
De modo criterioso.

De sua lavra saíram  
O reino da pedra fina  
Também o príncipe e a fada  
Que são Barman e Gercina  
E o clássico inigualável  
Chamado Alonso e Marina.  
(HAURÉLIO; SÁ, 2011, p. 8-9).

No mesmo sentido de esclarecer as remotas origens do cordel em nosso país, Santos (2006, p. 59) afirma que a literatura de cordel nasceu, no Brasil, “[...] no final do século XIX, mais precisamente a partir de 1893, quando Leandro Gomes de Barros começa a publicar seus poemas em folhetos, seguido por Batista (1902) e Athayde (1908)”.

Diante disso, Santos chama a atenção de que também Silvino Pirauá de Lima é constantemente citado como o pioneiro autor de folhetos e que todos são do estado da Paraíba, porém Leandro e João Martins “emigram” para o Recife e Francisco das Chagas Batista instalou-se na capital do estado da Paraíba, onde criou a Popular Editora.

O mesmo cordel, acima citado, apresenta versos sobre a presença desse quarto pioneiro. Vejamos:

Outro grande Pioneiro  
É Silvino Pirauá,  
E entre ele e Leandro  
Sempre se perguntará  
Quem foi que editou primeiro,  
E a dúvida persistirá

Pirauá era de Patos  
E Leandro de Pombal

Ambos vão para Recife  
E lá se encontram, afinal,  
Onde Pirauá se mostra  
Um cantador genial.

Pirauá introduziu  
Na cantoria a sextilha,  
Também inventou a deixa  
Que foi uma maravilha  
É por isso que seu nome  
Entre os pioneiros brilha.

O capitão do navio  
É a ele atribuído  
E Zezinho e Mariquinha,  
Outro folheto querido,  
Da memória popular  
Nunca mais foi esquecido.  
(HAURÉLIO; SÁ, 2011, p. 9-10).

Nos versos citados, podemos observar que Pirauá se faz notável por ter introduzido, na cantoria, a sextilha e a permanece trazendo, assim, essa modalidade de estrofe, e a outra, de versos – a deixa –, que é uma obrigação de começar uma estrofe com uma rima a partir do último verso da estrofe anterior.

Para Miguel Pereira Barros (2015, p. 69), “Recife é considerada o berço do cordel brasileiro” e, negando o senso comum que diz que os folhetos só eram lidos por pessoas analfabetas e da zona rural, o autor aponta pesquisa que ressalta a importância de centros urbanos nordestinos, como Recife e João pessoa.

Segundo Franklin Maxado (1980, p. 30), o folclorista Câmara Cascudo afirma que o primeiro folheto de cordel brasileiro publicado foi o romance “Zezinho e Mariquinha ou a Vingança do Sultão”, do cantador Silvino Pirauá de Lima, em fins do século XIX, uma história que, segundo o autor, tem nítida influência árabe.

Na tentativa de demonstrar os folhetos originais, Maxado (1980, p. 30) assegura que o folclorista Horácio de Almeida afirma que foi de Leandro Gomes de Barros os primeiros folhetos impressos e aponta que Ariano Suassuna dá notícias de um folheto impresso em 1836, o “Romance d’A pedra do Reino”, que circulava pelos sertões, que descrevia fatos locais de Pernambuco.

Do exposto pelo autor, percebemos não haver certeza acerca dos primeiros folhetos da literatura de cordel, contudo consideramos importantes os estudos de Sílvio Romero, do século XIX, apresentados por Maxado (1980, p. 31), afirmando que folhetos de cordel eram muito comuns nas feiras das vilas e cidades do interior, principalmente em Sergipe, sua terra natal, e que ele faz referência à decadência do cordel, diante da grande circulação dos jornais,

fato que, para o autor, fora também responsável pela decadência do cordel em Portugal, na Espanha e na França.

Tal contexto parece não ter sido tão sentido no Nordeste, pois, afirma Maxado (1980, p. 31): “Mas no sertão nordestino isolado, os poetas e folheteiros corriam de feira em feira declamando e vendendo as composições impressas. Eram até jornalistas dando notícias do litoral ou de onde se davam os acontecimentos importantes”.

Em primeiro lugar, é importante analisar o contexto histórico em que cordel se faz presente. Esse gênero textual tem em seu cerne a origem popular que retratava os acontecimentos sociais da sociedade circundante. Desse modo, com os avanços tecnológicos, tal como a imprensa livre e disseminada por boa parte do país, o cordel acabou perdendo espaço para esse novo veículo de comunicação social, isso se ratifica com as palavras de Maxado, ao falar, com pesar, do declínio do cordel em Sergipe. Apesar desse progresso, em outros rincões do Brasil ainda se faz o uso do cordel como forma de expressar e comunicar a sociedade dos fatos que ocorrem no país.

Consideramos importante a informação de Carlos Jorge Dantas de Oliveira (2015, p. 180), para quem o surgimento da literatura de cordel coincide com o nascimento do cangaço, que, por esse motivo, se tornou um dos temas preferidos no gosto dos ouvintes, e que é possível supor que tal fenômeno tenha contribuído para firmar essa literatura.

Para Oliveira (2015):

Afirmar peremptoriamente que as histórias de valentia são adaptações pura e simplesmente das velhas histórias orais trazidas pelos colonizadores portugueses, é esquecer (ou fazer de conta que não existe) todo um conjunto de práticas sociais consideradas hoje violentas, mas que eram a única forma de manter-se vivo, tanto física como psicologicamente. (OLIVEIRA, 2015, p. 181-182).

A violência se naturalizava diante da falta de policiamento ostensivo e de juízes comprometidos para o necessário apaziguamento das disputas, o que levava os sertanejos a buscar sua própria forma de fazer justiça, como um “código de honra”, pois a honra constitui-se um valor extremamente importante e deve ser conservado mediante vingança, e isso está presente na origem da literatura de cordel, que destaca as façanhas dos cangaceiros. Segundo Oliveira (2015, p. 185), Chagas Batista foi o poeta mais importante de todos, destacando-se, em suas narrações sobre Lampião, os seguintes folhetos: “Os decretos de Lampião”, “A história do capitão Lampião”, “O marco de Lampião” e “Aos novos crimes de Lampião”.

Importante marco na história do cordel se deu em 1921, quando João Martins de Atayde adquiriu, da viúva de Leandro Gomes, o direito para a publicação da obra do cordelista. Esse momento representa a “[...] a passagem do poeta-editor de sua própria obra, para a de editor-proprietário”. Segundo Oliveira (2015):

a partir desse momento, o cordel deixa de ser uma atividade individual, de pequena circulação, na qual cada poetisa tinha um total controle da produção e da comercialização das suas obras, para uma maior situação que se caracterizou por uma maior circulação dos folhetos, na medida em que a editora de Athayde passa a publicar a obra de Leandro, assim como a comprar as obras de outros poetas. (OLIVEIRA, 2015, p. 221).

No Brasil, as diferenças sociais são um marco da nossa história, o que acaba por existir sempre conflitos iminentes. O cordel, no Brasil, como em outras regiões em que ele se fez presente, buscava retratar os fatos sociais das pessoas comuns e dos assuntos do país. Esse gênero textual acaba por ser um elemento de amálgama entre o povo e as notícias que eram veiculadas pelo cordel, sendo que, muitas vezes, poderiam ser manipuladas por aqueles que detinham o poder de fazer circular os relatos e o panorama de uma questão política.

A partir desse gênero em circulação, o povo humilde, sem assistência do governo, era capaz de julgar os fatos como certos e errados de acordo com o entendimento de uma moral existente na comunidade. Assim, podemos compreender que o cordel foi capaz de atender aos anseios e ao desejo por justiça em locais que não se faziam presentes os órgãos públicos e os meios de comunicação para inteirar a população dos acontecimentos sociais.

Acerca da nacionalização do cordel, Maxado (1980) afirma que os poetas nordestinos proliferaram as possibilidades de impressão e o mercado consumidor e que

escreviam estórias pregando a privação, o sacrifício, a flagelação; a luta dos cavaleiros contra infiéis; os romances difíceis das brancas filhas do coronéis fazendeiros; com os vaqueiros mamelucos da terra; contra a natureza agreste das secas e enchentes; dos cangaceiros (atualizados cavaleiros medievais) contra as forças sobrenaturais e morais; a vida dos santos, dos beatos e religiosos anunciando o fim do mundo e pregando uma moral medieval e bíblica; a vinda do Messias para a salvação ou volta de d. Sebastião; dos conselheiros orientando seu povo escolhido; dos cavaleiros lutando contra mulçumanos e forças ocultas, numa influência direta; além dos romances de amor melosos, de sofrimentos ou dramáticos. (MAXADO, 1980, p. 33).

Dessa forma, a literatura de cordel foi se destacando em diversas temáticas e foi também sendo utilizada com funções como: distração, conselhos, instruções, propaganda, campanha política, dentre outras, como poesia nordestina, que, segundo José de Ribamar Lopes na obra “Literatura de cordel: antologia” (1982), há uma identificação de três tipos de



cordéis que refletem um Nordeste bastante característico, a saber: (i) O cordel da área rural; (ii) O cordel da área urbana; e (iii) O cordel das metrópoles (Rio de Janeiro e São Paulo).

Vejamos o que diz o autor:

O poeta do cordel da área rural é, de todos, o mais conservador, Católico, defensor intransigente do governo, do chefe político local, do juiz, do padre, verberando contra qualquer tipo de mudança social ou cultural [...]; O poeta de cordel da área urbana é ainda um conservador, embora com certa abertura para algumas inovações[...]; Dos poetas nordestinos residentes no Rio de Janeiro e em São Paulo já se pode dizer que estão aculturado ao novo meio onde vivem. Utilizam os termos de gírias cariocas espontaneamente, inclusive os estrangeirismos mais em voga. (LOPES, 1982, p. 25-30).

Do exposto, observamos a presença do cordel nordestino nas áreas rurais e urbanas, inclusive nos grandes centros, e consideramos importante destacar que, segundo Barros (2015), hoje, o cordel já dialoga com a cultura de massa, tendo em vista que:

Nos últimos anos do século XX, e na primeira década do século XXI, vem passando por mudanças associadas principalmente à sua entrada nos meios eletrônicos de comunicação, à adaptação às novas tecnologias e à inserção nas escolas, justificando, assim, a revisão pela qual passa no âmbito dos estudos literários. (BARROS, 2015, p. 79).

Dessa forma, Barros (2015) aponta as múltiplas influências de uma linguagem sobre as outras, ou de uma mídia sobre a outra. Por isso, o cordel está no:

Cinema, teatro (com a peça O auto da compadecida), Televisão (com a novela Cordel encantado) e na música por meio da banda Cordel do fogo encantado; de outro lado, o próprio cordel aborda temas provenientes de outras mídias, com a criação de folhetos sobre: programas de televisão (Carta de um jumento a Jô Soares, O porco endiabrado, no programa do Ratinho, entre outros campos. (BARROS, 2015, p. 79).

O autor assevera que o uso da internet também proporcionou novos modos de fazer os folhetos de cordel no campo da cibercultura (cultura de redes resultante da interação da sociedade contemporânea com as novas tecnologias), um novo campo aberto aos poetas e que respeita as regras da criação de versos e da poesia popular.

É evidente que as tecnologias não anulam a poesia popular tradicional, que permanece viva, pois, de acordo com Marinho e Pinheiro (2012, p. 17): “[...] o cordel viveu períodos de fartura e escassez e hoje há poetas populares espalhados por todo o país, vivendo diferentes situações e compartilhando experiências distintas”.

### 4.3 O cordel: perspectiva da cultura e da oralidade

A literatura de cordel, como manifestação genuinamente de origem oral, apresenta-se no cenário cultural como tradição e resistência do texto rimado e ritmado, mantendo viva uma prática popular que constitui parte da identidade nacional brasileira.

De acordo com Zumthor (2014, p. 14-15), ocupar-se do estudo da voz humana é também expor-se a um ponto privilegiado, situado no que ele chama de lugar do “[...] qual as perspectivas contemplam a totalidade do que está na base [...]” das culturas e “[...] na fonte da energia que as anima, irradiando todos os aspectos de sua realidade”. Integrando a literatura de cordel ao objeto de estudo deste trabalho, ressaltamos a concepção do autor sobre poesia como “a arte da linguagem humana”. Destacamos o fato de que essa produção mantém a estima de um povo, constituindo verdadeiro almanaque da memória popular.

O estudo do cordel também remete à exploração da xilogravura que, normalmente o acompanha. Peter Burker (2010, p. 31) relata que “O pintor Courbet inspirou-se em xilogravuras populares, mas até 1850 não se desenvolveu um interesse sério pela arte popular, talvez porque os objetos artesanais populares, até então, não tivessem sido ameaçados pela produção em massa”.

O autor faz essa explanação na sua obra “Cultura popular na Idade Média”, na qual, notadamente, ao citar grandes nomes intelectuais da arte, traz conceitos e informações que merecem destaque neste recorte que aqui fazemos sobre a cultura e a oralidade. De acordo com Burker (2010):

Herder chegou a sugerir que a verdadeira poesia faz parte de um modo de vida particular, que seria descrito posteriormente como “comunidade orgânica”, e escreveu com nostalgia sobre povos “que chamamos selvagens (Wilde), que muitas vezes são mais morais do que nós”. O que parecia estar implícito no seu ensaio é que, no mundo pós-renascentista, apenas a canção popular conserva a eficácia moral da antiga poesia, visto que circula oralmente, é acompanhada de música e desempenha funções práticas, ao passo que a poesia das pessoas cultas é uma poesia para a visão, separada da música, mais frívola do que funcional. (BURKER, 2010, p. 27).

Assim, percebemos que Burker (2010) enfatiza a poesia como elemento cultural comum e popular, e não apenas destinada à pequena parcela de intelectuais. Notamos, ainda, a poesia apresentada como fluida, por circular tão bem oralmente.

Ao falar de oralidade, Pierre Lévy (1994) faz referência à oralidade primária, aquela compreendida como existente em dada comunidade antes de essa ter se apropriado da palavra grafada, ressalta a sua função própria de formar memórias. Para Lévy (1994):

Na oralidade primária, a oralidade tem como função básica a gestão da memória social, e não apenas a livre expressão das pessoas, ou a comunicação prática cotidiana [...]. Numa sociedade oral primária quase todo edifício cultural está fundado sobre as lembranças dos indivíduos. A inteligência, nestas sociedades, encontra-se muitas vezes identificada com a memória, sobretudo com a auditiva. (LÉVY, 1994, p. 77).

Resistente ao tempo, o autor mostra que, mesmo na modernidade, a oralidade, é por ele denominada como secundária, ou seja, aquela característica da atual cultura de alta tecnologia continua a cumprir seu papel e tem garantido o seu lugar.

A persistência da oralidade primária nas sociedades modernas não se deve tanto ao fato de que ainda falemos (o que pode estar relacionado à oralidade secundária), mas à forma pela qual as representações e as maneiras de ser continuam a transmitir-se independentemente dos circuitos da escrita e dos meios de comunicação eletrônicos. (LÉVY, 1994, p. 84).

Câmara Cascudo, por seu turno, apresenta um panorama da literatura oral, apontando o surgimento do termo em 1881, passando pela introdução da tipografia para ressaltar a oralidade no seu sentido primeiro: “[...] contos, lendas, mitos, adivinhações, provérbios, parlendas, cantos, orações, frases feitas, tornadas tradicionais ou denunciando uma estória, enfim todas as manifestações culturais, de fundo literário, transmitidas por processos não gráficos” (CASCUDO, 1984, p. 23).

A manifestação cultural da oralidade, portanto, remonta de séculos atrás, sugerindo a sua influência na vida das pessoas e na sua formação intelectual, considerando seu meio e o que é repassado no grupo ao qual pertence.

Zumthor (1993) evoca a oralidade a partir de três categorias, sendo elas: (i) a oralidade primária e imediata, em que não há nenhum contato com a escrita, ocorrendo em sociedades desprovidas de símbolos gráficos; (ii) a oralidade mista, sugestivamente aquela na qual há a coexistência da escrita e oralidade, e a influência da escrita permanece parcial; e (iii) a oralidade segunda, típica de culturas letradas. Assim, o autor sugere que a oralidade oscila conforme épocas, regiões, classes sociais e indivíduos. No que tange ao cordel, corrobora-se o entendimento do autor, uma vez que, nesta pesquisa, percebemos muitas variantes de texto escrito, dos folhetos e do texto oral, exemplificado, a partir das intervenções dos cordelistas e das demais ações com o cordel.

O cordel, por ter sua proliferação, na maioria das vezes, feita por meio do canto e da musicalidade, traz muito marcante a sua característica oral, além de manter ativo o processo de manutenção do universo ideológico, uma vez que, ao ouvir as trovas cantadas, ou ao

declamar as estrofes, gera-se um movimento performático que, naturalmente, fixa um saber ou instiga uma descoberta (GOMES, 2012, p. 171).

Trata-se, portanto, de um operador simbólico que traz marcas da oralidade da linguagem falada de dado grupo social. Em especial, a literatura de cordel manifesta a pluralidade de discursos e interesses culturais, simbolizando, metaforicamente, certa simbiose entre cultura, oralidade, ouvinte e emissor, como afirma Cascudo: “[...] regra infalível de aproximação psicológica, preparação simpática, envolvimento fraternal” (CASCUDO, 1984, p. 366).

Oliveira (2015) nos apresenta perfeita sintonia com a citação de Cascudo (no parágrafo acima), referindo-se à performance entre o cordelista e o leitor-ouvinte:

Como obra composta e publicada para ser cantada e/ou lida em público, seja em uma cantoria real, ou mesmo uma feira, quando o poeta diz “Preste atenção, meu leitor, /ao caso que vou contar”, ele está nitidamente se dirigindo aos leitores-ouvintes, pois “ler” era sinônimo de “ouvir”. Esse é um “verbo de palavra”, ou seja, verbos que denotam situações reais onde a palavra é proferida num momento de *performance*, em uma situação de oralidade mista [...]. (OLIVEIRA, 2015, p. 67).

Dessa forma, vemos que a exploração (e a extrapolação) do texto de cordel nas práticas pedagógicas que envolvem a leitura literária e a disseminação da cultura oral é muito rica em especificidades – sonoras, orais e rítmicas –, principalmente, por emanar vozes de atores sociais diversos. Assim, a exploração dos poemas de cordéis sugere atividades que vão além de leitura mecanizada, comumente adotada nas escolas, pela facilidade pedagógica. Mas sabemos que a leitura do cordel pressupõe o envolvimento e o desejo de compartilhamento, de modo especial, por questões da oralidade.

A literatura de cordel e a oralidade remetem a processos comunicacionais/culturais e esses foram evoluindo ao longo dos séculos, acompanhando a evolução social, a adaptação dos modos de trocas e de interações humanas. Assim assevera Ferreira (2014):

Vamos percorrendo alguns livrinhos da nossa literatura de folhetos conhecida como literatura de cordel, e que nos trazem, em verso, belas histórias de encantamento, de princesas e príncipes, de incríveis heroísmos pedindo relatos, questionando nossas concepções de tempo e espaço. Estes folhetos nos conduzem também ao conto oral, expressão – a mais antiga que se possa imaginar – que reúne temas, situações, ajustando pontos distantes da realidade [...]. Poderíamos até dizer que permanece viva na memória dos povos, multiplicando-se em vários espaços/tempos, recriando-se e fazendo-se alimentar de muitos detalhes e de concretas adaptações. (FERREIRA, 2014, p. 71).

Nessa ótica, vemos que a literatura de cordel, na perspectiva da oralidade, vem cumprindo o seu papel de mensageira de modos culturais e artísticos, principalmente nas terras do sertão brasileiro, seja na modalidade escrita dos livretos, seja nas suas variadas formas orais (ou de oralidade), que vai se desdobrando de geração a geração nas tramas da cultura. Acerca disso, diz Ferreira (2014, p. 15):

Este universo em que se firma a literatura oral/impressa é construído numa esfera de aproximação dos sentidos, em várias formas de expressa: ver, ouvir, dizer, gesticular, da voz, dos gestos e da figura. O folheto, a xilogravura, o conto oral e outros “gêneros” situam-se nesta configuração profunda de um universo em que tudo se vai reunindo e completando, sem hiatos ou tréguas, e que não comporta as datações convencionais como princípio, pois remetem a um tempo que nos permite acompanhar concretamente quando tudo começa. (FERREIRA, 2014, p. 15).

No sentido de concluir a presente seção, trazemos o conceito de cordel (literatura) apresentado por Paul Teyssier (2003):

No Brasil, chama-se comumente *literatura de cordel* à literatura popular em verso cujo suporte material é constituído pelo *folhetos*, isto é, livrinhos de oito, dezesseis, vinte e quatro ou trinta e duas páginas, de papel ordinário, com uma capa também de papel, descorada, às vezes enfeitada com uma xilogravura. O formato é de 11 X 16 centímetros. Essas brochuras eram oferecidas antigamente pelos vendedores (geralmente ambulantes) pendurados em barbantes – cordéis – esticados na horizontal. É uma tradição de origem ibérica que ressurgiu no Nordeste do Brasil em fins do século IX e que permanece viva ainda hoje. Essa produção floresceu particularmente de 1930 a 1960. (TEYSSIER, 2003, p. 37, grifos do autor).

Na citação acima, o autor refere-se ao cordel como texto escrito, mas, na sequência conceitual, ele destaca que o texto escrito permaneceu fiel ao seu caráter primitivo de poesia oral, concebida como tal pelos autores (cantadores ou trovadores), de forma que a métrica e as rimas são sempre mais apropriadas ao ouvido do que ao olhar, e obedientes à prosódia particular do falar regional.

Podemos concluir que a história dos cordéis remonta ao período medieval na Europa e que, no Brasil, foi introduzida pelos portugueses, no início da colonização. Destacamos que, no aspecto da identidade cultural do povo nordestino, além das temáticas já referidas, pode ainda ser destacada na literatura cultural as diferenças marcadas pelas desigualdades sociais, como fonte de trabalho, protesto, resistência, informação e lazer. Abordando o cordel pelo viés informativo, destacamos a colaboração de Amadeu Amaral (1976, p. 12) “[...] a literatura popular escrita é consumida pelo povo que não sabe ler direito mas que tem carência de comunicação e sente necessidade de se manter informado do que está acontecendo não somente no seu mundo municipal ou nacional ou internacional”.

Além de Amaral (1976), Mário Souto Maior (1981) contribui com esses aspectos dos cordéis, trazendo a seguinte informação:

Lidos à luz dos fifeiros fumacentos nos alpendres das fazendas, nas bodegas ou nas casas onde alguém está frequentando a escola rural, mais próxima, após um longo dia de trabalho, os folhetos desde que surgiram na região constituíam também o lazer dos que viviam divorciados do progresso e da tecnologia. (MAIOR, 1981, p. 89).

Dessa forma, a literatura de cordel pode ser considerada uma forma de colaborar com a resistência da cultura popular, assim como foi a cultura popular na idade média, pois ela abraça temas envoltos da/na própria cultura/tradição popular-oral.

## 5 O CORDEL NA REGIÃO DE TERESINA: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS

### 5.1 A cena da literatura de cordel em Teresina

Não há como falar sobre o cordel na região de Teresina-PI, sem lembrar de Firmino Teixeira do Amaral (1896-1926), considerado o mais famoso poeta popular piauiense, que se destacou pela célebre “Peleja de cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum” (1916) – vide capa no Anexo A –, e por criar um novo gênero na cantoria, o trava-língua. Segundo pesquisa realizada no *site* “Memórias do cordel” (<http://memoriasdocordel.blogspot.com/>), esse poeta popular e jornalista piauiense:

nasceu na localidade de Bezerro Morto, então pertencente à Amarração, hoje Luís Correia, Piauí, em 1896 e faleceu jovem, aos 30 anos (1926), em Parnaíba, Piauí. Residiu em Belém, Pará e foi um dos principais autores da Editora Guajarina, fundada pelo pernambucano Francisco Lopes e funcionou por 14 anos (1914-1942), considerada a maior editora de cordel da região Norte, chegando a publicar cerca de 846 folhetos neste período. Autor da célebre *Peleja de Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum* (1916), que muitos consideram real, tudo indica que foi ficção; chegou a ser gravada por Nara Leão e João do Vale no disco OPINIÃO (Philips, novembro de 1964). Nesta obra Firmino criou o trava-língua, novo gênero na cantoria. (MEMÓRIAS DO CORDEL, 2020).

Em Haurélio (2010), encontramos importante referência sobre a “Peleja” de Firmino Teixeira do Amaral:

Embora tenha se tradicionalizado, e muitos ainda a deem por real, a peleja, como foi exposto acima, é tão fictícia quanto o Zé Pretinho vencido por Aderaldo, e que é confundido com o grande Zé Pretinho do Crato, criador do galope à beira-mar. Firmino Teixeira do Amaral, que o Professor Átila Almeida dá como cunhado do cego Aderaldo, é, ainda, conforme este autor, ‘o mais brilhante poeta que já deu o Piauí, um dos melhores do Nordeste. (HAURÉLIO, 2010, p. 59).

Assim, vemos que o piauiense Firmino Teixeira do Amaral faz parte da história/memória do cordel em Teresina-PI. Apesar de ter ido embora dessa capital, para residir em outra região do país, suas raízes de piauiense o acompanham.

Outro importante cordelista piauiense (de Teresina), é o Guaipuan Vieira (1959), o poeta faz parte da história do cordel na capital do Piauí, tanto como cordelista quanto por colaborar com revista a cultural “De Repente”, e por ter publicado, recentemente, a obra intitulada “Personagens folclóricos do bairro Macaúba” (2018), que narra fatos lendários do bairro Macaúba, local onde ele morou em Teresina, até o ano de 1976.

Consta no *site* “Cordel Arretado” que:

estão despertando o interesse de diversos pesquisadores, além do que é autor de obras cordelianas que tematizam a cultura nordestina e problemas vivenciados no Brasil e no mundo, relacionando-as com questões de fé/religiosidade, como é o exemplo dos Cordéis: “Brumadinho: marcas apocalípticas do Século XXI”; “Coronavírus: o apocalipse do século XXI” e “A chegada do Lampião no céu”. (CORDEL ARRETADO, 2020).

Destacamos, que “A chegada do Lampião no céu”, de Vieira (2007) está presente em muitos Livros Didáticos de Língua Portuguesa. Além disso, ressaltamos que a produção desse cordelista tem contribuído com a cultura popular nordestina fortemente, e que Vieira já publicou mais de 300 cordéis, bem como apresenta o programa de rádio “Canto sertanejo”, em Fortaleza. Ademais, muitas das suas obras estão disponíveis na *internet*, inclusive com acessibilidade, como é o caso do vídeo-cordel “A chegada do Lampião no céu”, que se encontra disponível no canal do *YouTube* (Anexo B), em Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Acerca da memória e das produções culturais, que é o nosso interesse neste trabalho, trazemos uma fala de Jean Davallon (2020), para quem:

lembrar um acontecimento não é forçosamente mobilizar e fazer jogar uma memória social. Há necessidade de que o acontecimento lembrado reencontre sua vivacidade; e sobretudo, é preciso que ele seja reconstruído a partir de dados e de noções comuns aos diferentes membros da comunidade social. (DAVALLON, 2020, p. 25).

Dessa forma, vemos que Vieira faz o jogo entre memória e comunidade social em diferentes modalidades de seus cordéis. Também, para ampliar as nossas discussões, retiramos da dissertação de mestrado “A literatura de cordel em foco: uma investigação sobre a aceitabilidade do cordel em uma turma de 3ª etapa da EJA” (2020), de Zilene F. S. Santana, um depoimento enviado (via *e-mail*) para Santana (2020), em que Vieira fala das suas memórias. Vejamos a seguir:

Este velho poeta fica feliz e emocionado ao ler seu e-mail. Agradeço-lhe por ter escolhido um cordel deste autor. Sobre a repreensão de minha mãe - Naqueles anos 60 acompanhava meu pai a uma pequena propriedade rural que tínhamos na região metropolitana de Teresina. Lá eu ouvia o vaqueiro aboiando, fazendo aqueles versos de improviso para conduzir o gado. Eu achava bonita aquela tonalidade musical. Aquilo ficava martelando na minha cabeça. Em Teresina morávamos em um sítio grande, repleto de plantas frutíferas onde muitas aves aproveitavam aquela pequena flora. Aproveitava o espaço e me afastava da casa e fazia meus ensaios de aboio. Um dia escutei minha mãe conversando com meu irmão mais velho a respeito de ter ouvido alguém aboiando pras bandas do quintal. Meu irmão, talvez na ingenuidade, bateu com a língua nos dentes e disse que era eu. Mãe suspirou fundo e ficou calada. Eu, besta, três dias depois quando estava satisfeito, aboiando, despertei com uma lapada de relho nas pernas, que me engasguei com a rima. Mamãe com raiva disse-me: você é besta! está feito matuto, quer ser poeta vá estudar, seu cabra. E me levou pra dentro de casa puxado pela orelha. Naquele tempo os versos de cordel ou cantoria eram maus vistos pela sociedade. Tido como verso vulgar, cantados por



peças do sertão que não tiveram escolaridade. Mas muitos poetas eram autodidatas. Esqueci os improvisos. No colégio, no recreio, rabiscava alguns versos soltos, rimados, alguns eram expostos em flanelógrafo, espaço do aluno no colégio. Parte desse material resultou no livro *Recordança*. Os poemas de cordel daqueles anos 70, em torno de 50, muitos foram perdidos. Estou organizando o livro *Poesias de um matuto da cidade grande*. Também tenho publicado o livro *Canta Cordel*, pela Editora Comepi/PI, edição esgotada. [...] (SANTANA, 2020, p. 78-79).

Assim, vemos que o cordelista tem suas memórias enraizadas em Teresina-PI. Também entramos em contato com Vieira (via *WhatsApp*), que nos contou que seu livro “*Recordança*” (1970)<sup>1</sup>, que o autor diz ter “apenas” um exemplar, é um caderno de poesias escrito nos anos 1970:

Eu estava fascinado pela poesia de Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Ferreira Gullar, Mário de Andrade, Oswald Cruz etc. Em Oswald encontrei a poesia popular. Escrevia de tudo um pouco. Buscava no campo poético meu estilo. Terminei dedicando-me a poesia popular. Eis cópia de humildes versos. (VIEIRA, 2020).

Constatamos, pela conversa, que Vieira construiu-se poeta popular a partir do fascínio pela poesia, principalmente, de Oswald de Andrade. E, generosamente, o cordelista enviou-nos algumas imagens das páginas do seu livro “*Recordança*” (1970), nas quais constam seus versos, por ele chamados de humildes – disponíveis no Anexo C.

Além de ter entrado em contato com Vieira via *WhatsApp*, realizamos uma entrevista (eu juntamente com a professora doutora (minha orientadora neste trabalho) Eliane Cristina Testa, já submetida à avaliação de uma revista acadêmica. Dessa entrevista, destacamos três aspectos que consideramos mais importantes dentre o que Vieira disse: (i) que o “cordel se mantém por ser possuidor de linguagem própria”; (ii) que o “cordel traduz o sentimento do povo; (iii) que o “papel da literatura de cordel para a difusão da cultura brasileira é resgatar e valorizar seu espaço cultural”. Também entre as nossas perguntas, questionamos se o cordelista está desenvolvendo novos projetos e obtivemos a seguinte resposta:

Sim, se Deus me permitir, desejo ver meus livros inéditos publicados, para tanto, estou burilando “*Caminhos do Repente*”, “*Personalidades histórias do Ceará*”, cantadas em cordel, e “*Poesias de um matuto da cidade grande*”. Também os cordéis: “*A História de Zé da Mata*” e “*O trem Maria Fumaça e a história da donzela do Mearim engolida por uma sucuri*”. Todos com base em fatos. (VIEIRA, 2020).

---

<sup>1</sup> Ressaltamos que não tivemos acesso à obra “*Recordança*”, de Guaiupan Vieira, na íntegra, pois está esgotada. Contudo, tivemos acesso a algumas páginas da obra.

Após destacar e relacionar os dois reconhecidos cordelistas, Amaral e Vieira, à memória local de Teresina, por representarem o início da história do cordel piauiense, traçaremos uma cena (mais recente) do cordel nessa Capital. O cordel em Teresina-PI tem sua história ligada ao Festival de Violeiros, pois, durante muito tempo, predominou na cena cultural de Teresina e, somente em 2019, os cordelistas se organizaram e fundaram uma associação, a Cordelaria Chapada do Corisco (COCHACOR).

Ao consultar, nas páginas da *internet*, informações sobre o cordel em Teresina-PI, é possível encontrar a informação de que há, nesta região, uma “Academia de Cordel”, mas ao procurarmos informações sobre a referida academia (que informa a *internet*) constatamos que ela não existe, mas que houve, por parte do poeta Pedro Costa (*in memoriam*)<sup>2</sup>, uma tentativa de fundar uma academia, porém, a morte prematura desse cordelista o impediu de cumprir tal intento.

Segundo o cordelista Francisco Almeida (2019), não é possível falar sobre o cordel em Teresina(PI) sem citar Pedro Costa principalmente por sua incansável luta por essa bandeira. Segundo Almeida (2019):

Pedro Costa percorreu todo Brasil, pesquisando e divulgando a Cantoria e a Literatura de Cordel. Criou juntamente com amigos admiradores da cultura, a Fundação nordestina do Cordel – FUNCOR. Ganhou destaque através da Folha Ilustrada do Jornal Folha de São Paulo, na Edição do dia 16 de outubro de 1999; recebeu votos de congratulações da Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba, pela criação da Fundação Nordestina do Cordel – FUNCOR, na sessão do dia 20 de outubro de 1999, cujo requerimento foi do Deputado Luís Couto PT-PB. Na Literatura de Cordel, no Brasil, tem participação em vários livros. É autor do livro "Brasil, Cinco Séculos de História". É autor dos hinos municipais das cidades de Novo Santo Antônio e Agricolândia – Piauí. Pedro ganhou:” Concursos de Cordel, a saber: "Teresina, 145 anos, em 1997; e do segundo concurso de Literatura de Cordel "Metró de São Paulo", em 2003, com o Cordel Intitulado a Cidade sobre os Trilhos”, com tiragem de 210 mil exemplares, distribuídos nas escolas de São Paulo. (ALMEIDA, 2019).

Do exposto, é possível observar o ativismo de Pedro Costa em prol da (re)organização do cordel, não só em Teresina, mas em todo o Brasil, deixando para o nosso estado o legado da revista “De Repente” (fundada em 4 de dezembro de 1994), cujo objetivo é revitalizar e divulgar a literatura de cordel, buscando preservar e resgatar a cultura popular nordestina, para tanto, usa o expediente de entrevista com artistas e pesquisadores em todos os seus

---

<sup>2</sup> Pedro Nonato da Costa é piauiense, de Alto Longá (1962 -2017) foi poeta cordelista, violeiro, repentista, editor e membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel.

números. Ressaltamos que seu empenho nesse resgate tem expressividade na organização e no desenvolvimento do festival de violeiro, conforme pode ser discorremos a seguir.

### 5.1.1 O cordel e o Festival de Violeiros

Consultando exemplares da revista “De Repente”, foi possível constatar que o primeiro “Festival de Violeiros” ocorreu em agosto de 1971, tendo, na gestão do prefeito Wall Ferraz, sido incorporado às comemorações do aniversário de Teresina, sendo, muitas vezes, realizado durante o feriado do dia 16 de agosto.

Contudo, demorou 15 anos para ser organizada a “Casa do Cantador”. Em muitos dos exemplares, consta que, antes disso, os violeiros instalavam-se com amigos e parentes, e Pedro Ribeiro organizava, em sua casa, no bairro São João, um verdadeiro churrasco de cantoria no estilo “bandejão”, quando os violeiros improvisavam seus repentes e os convidados, em sua maioria pessoas influentes e de bom nível financeiro, depositavam trocados numa bandeja, e, ao final, a renda era dividida entre cada violeiro. Foi num desses churrascos que o empresário João Claudino (*in memoriam*), reconhecido como mantenedor do festival, e, por nutrir grande paixão pelo evento, surpreendeu a todos quando pediu para dar o mote (versos que o repentista utiliza para completar a décima a ser improvisada). Prometeu, em poesia, doar a “Casa do Cantador”.

Assim, a “Casa do Cantador” foi inaugurada, em 16 de agosto de 1985, e foi batizada pelos violeiros de “palácio dos poetas”, por servir de sede para um dos maiores encontros de violeiros do mundo.

A revista “De Repente”, ano I, n. 4, de setembro de 1995, nas palavras do editor, Pedro Costa, deixa evidente que o cordel e o repente são tratados como se fossem do mesmo gênero, além de evidenciar que havia, então, um esforço para resgatar o cordel no estado do Piauí:

Com muito esforço, mas também com enorme satisfação, estamos entregando mais um número da nossa revista De Repente para todos vocês que, acreditando no nosso projeto, estão sendo a mola mestra para a consolidação dessa luta em prol da divulgação e valorização do cordel em nosso estado. (COSTA, 1995, p. 3).

Vemos, assim, que o esforço foi coletivo e que a consolidação da cultura também significa assegurar um espaço físico para as produções dos cordéis e repentes. Na obra “Bodas de Prata no Repente”, de Pedro Mendes Ribeiro (1999), o autor afirma:

nossa maior alegria é que Teresina deu o pontapé inicial para o resgate da literatura de cordel e, especialmente, do repente”, além de destacar outra vitória: “o engajamento da mocidade na arte cordelista em duas grandes avenidas: o surgimento de novos repentistas e a presença de plateia jovens, assegurando a continuidade da Literatura de Cordel. (RIBEIRO, 1999, p. 7).

Esse autor traz um dado muito importante, para nós, que é destacar a presença de jovens, como público, o que pode assegurar a continuidade da literatura de cordel. Assim, quando escolhemos o trabalho com o cordel na escola, estamos, de algum modo, também assegurando essa mesma continuidade, se pensarmos que o público do cordel, em seus primórdios, eram, em sua maioria, adultos. Hoje, a escola (com os diferentes projetos sobre cordel) pode ser uma das maiores incentivadoras desse tipo de literatura.

É importante pontuar que na cena do cordel e do repente parece que ambos andam juntos, pois “[...] o interesse dos jovens, no Piauí, pelo cordel é entusiasmante [...] em todas as gincanas realizadas, é obrigatória a presença de violeiros” (RIBEIRO, 1999, p. 7). Desse modo, observamos que não havia uma separação entre as duas vertentes de produção popular.

Como já referido anteriormente, neste trabalho, em 1971, foi realizado em Teresina-PI o “I Festival de Violeiros do Norte e Nordeste”, que, segundo Ribeiro (1999), é o marco do seu engajamento no movimento cordelista e que sensibilizou o mundo para o resgate da literatura de cordel nessa região. Para o autor supracitado, “[...] era a chama do ideal que nos aprisiona definitivamente ao repente. Foi um acontecimento maravilhoso que reuniu João Claudino, professor Cordão e Deusdedit Ribeiro como comandante de uma jornada cujo final somente a Deus é dado conhecer” (RIBEIRO, 1999, p. 7).

É ainda Ribeiro (1999, p. 10) que afirma: “Desde então, pesquisadores do mundo inteiro têm vindo constantemente a Teresina investigar os nossos festivais. O estudo do cordel impressionou a quantos estiveram em Teresina, despertando o maior entusiasmo e interesse pela poesia cordeliana”.

Sobre o festival de Teresina(PI), Ribeiro (1999) afirma que ele é diferente dos demais realizados no país, pois, enquanto outros encontros são limitados a um número de violeiros, reunindo a elite dos cantadores, o da capital piauiense é o único que oferece oportunidade de apresentação aos grandes e pequenos repentistas:

o festival de Teresina se transformou numa verdadeira universidade do repente, com o aperfeiçoamento de uns e a revelação de outros. Em decorrência disso, já foram revelados na Capital Mafrense inúmeros repentistas que logo integram a elite dos cantadores. (RIBEIRO, 1999, p. 10).

Dessa maneira, a marca, por excelência, do encontro é essa mescla de gerações e revelações de novos cordelistas e repentistas. Tudo isso, do nosso ponto de vista, é muito benéfico para a região e, acima de tudo, externa a solicitude para com as gerações mais novas.

### 5.1.2 A Cordelaria Chapada do Corisco (COCHACOR)

A COCHACOR, fundada em 23 de março de 2019, conforme Ata de fundação, tem por objetivo:

Congregar os poetas cordelistas, repentistas e xilogravuristas, promover assistência social aos integrantes da classe, trabalhar em parceria com os poderes públicos e entidades privadas, no sentido de desenvolver a Literatura de Cordel, o Repente e atividades culturais afins; estimular o aprendizado, a produção, a adição, a divulgação da Literatura de Cordel, do Repente e da xilogravura, através de oficinas, folhetos, concursos de cordelistas e festivais de repentista; aprovação do Estatuto; eleição e posse da Diretoria Executiva, para um mandato de três anos, de vinte e três de março de dois mil e dezenove a vinte de março de dois e vinte e dois. Foi nomeado para presidir a Assembleia, o senhor Antônio Raimundo da Silva, e o Senhor Manoel Dias Madeira, para secretariá-la, o Presidente abriu a Assembleia, passando ao Secretário o Edital de convocação publicado nas redes sociais, no dia dezessete de março de dois mil e dezenove e o Estatuto. O Secretário leu o Edital e depois o Estatuto, para a apreciação dos presentes, sendo o mesmo aprovado por unanimidade. Em seguida o Presidente apresentou uma única chapa, composta pelos seguintes nomes: Presidente – Joaquim Mendes Sobrinho; Vice-Presidente – Raimundo Clementino Neto; 1º Secretário – José Edimar Mendes Barbosa; 2º Secretário – Maria Luzinete Fontenele; 1º Tesoureiro – Maria Gomes Campelo; 2º Tesoureiro – Antonio Marcos da Silva Sousa. (COCHACOR, 2019, p. 1).

Como se pode observar, a COCHACOR congrega também os repentistas que queiram associar-se, numa clara demonstração de que cordelistas e repentistas continuam juntos também na Associação dos Cordelistas.

A COCHACOR é regida por seu estatuto, organizado em 32 artigos, que estabelece as regras de funcionamento da entidade e os direitos e deveres dos membros que, conforme o artigo 5º podem ser: I – Fundadores; II – Efetivos III – Beneméritos. A Cordelaria ainda não tem sede própria e suas reuniões ocorrem na Casa do Cantador ou na Livraria Entrelivros, onde também ocorrem as Oficinas de Cordel, nos sábados à tarde, conforme calendário estabelecido.

A COCHACOR tem se feito presente em diversos eventos, dentre eles: oficina no Salão do Livro do Piauí; oficina poética criativa realizada no Programa Terceira Idade em Ação (PTIA), da Universidade Federal do Piauí (UFPI); em oficinas nos Centros de Formação de Professores do Estado do Piauí; nas atividades do Gabinete Itinerante da Secretaria de

Segurança Pública; nas Oficinas do ProfLetras da Universidade Estadual do Piauí (UESPI); no Festival de Violeiros no Teatro de Arena.

Em reunião realizada no dia 14 de dezembro de 2019, na Casa do Cantador, ficou estabelecido que, no mês de fevereiro, a COCHACOR abriria sua biblioteca, que funcionaria na Casa do Cantador e que realizaria, em convênio com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o Projeto Cordel na Escola, e minis Festivais de Violeiros por setor. No entanto, os encaminhamentos não foram possíveis em virtude da pandemia ocasionada pela Covid-19. Destacamos, ainda, da referida reunião, a fala da professora Stela Viana, na qual ficou evidenciado que é preciso investir na divulgação dos eventos, a fim de conquistar público. Houve uma proposta de oficinas mensais, com módulos avançados, e o cordelista e pesquisador Dastur propõe que o cordel seja pensado não só como arte, mas como negócio e que seja buscado assegurá-lo nas escolas como política pública institucional. Sobre essas propostas, a diretoria da COCHACOR ficou de encaminhar grupos de trabalho por afinidade para as devidas providências.

Publicado no *Facebook*, em 13 de dezembro de 2019, pelo poeta cordelista e vice-presidente da COCHACOR, Raimundo Clementino, os versos a seguir demonstram a visão do poeta quanto ao cordel em Teresina nos dias de hoje:

Cordel em Teresina

Tem evoluído muito  
O Cordel em Teresina  
Temos um poeta novo  
Inspirado, em cada esquina  
Com certeza, engrandecendo  
A cultura Nordestina.

E em cada novo talento  
Vemos mais um candidato  
A poetisa, escrevendo  
Sua poesia, de fato  
Para conquistar a fama  
E sair do anonimato.

Então, para aprimorar  
A produção da poesia  
Existe a Oficina  
De cordel que auxilia  
Com o apoio irrestrito  
Da nossa Cordelaria.  
(CLEMENTINO NETO, 2019).

Em forma de versos, Clementino enaltece o cordel em Teresina-PI, a partir de uma visão positiva, destacando, em especial, que há um poeta em cada esquina, o que acaba por

engrandecer a cultura piauiense (nordestina). Além disso, ele divulga as oficinas de cordéis, que, em suas palavras, conta “com o apoio irrestrito da nossa Cordelaria”.

## **5.2 O cordel em Teresina(PI) como ferramenta de educação, formação e informação**

Sabemos que o cordel, desde os seus primórdios, tem suas tradições mais influentes na região Nordeste, e, em Teresina, capital do Piauí, ele tem se manifestado nas mais variadas situações, o que ajuda a expandir a literatura nessa região do país. Projetos com o cordel ganham destaque na educação do estado, assim, essa literatura manifesta-se em Teresina como gênero frutífero. Então, na rede municipal de ensino da capital piauiense, alguns projetos nas escolas mostram-se como motivadores e valorizadores da cultura popular, utilizando-se fortemente da literatura de cordel.

A SEMEC leva às unidades da rede o projeto: “Lei Maria da Penha nas escolas”, que consiste na difusão do conteúdo da Norma n. 11.340/2006 nos estabelecimentos de educação da rede, sendo coordenado pela Prefeitura de Teresina, por meio da Coordenadoria de Políticas Públicas para Mulheres e da Secretaria Municipal de Educação, com objetivos de construir a conscientização mais precoce de meninos e meninas acerca da violência contra a mulher e do feminicídio. Por isso, o trabalho conta com a participação e o apoio do artista Tião Simpatia, um cearense, cantor, compositor e arte-educador, autor do livreto “Lei Maria da Penha”. Tião vai pessoalmente visitar as escolas da rede pública e apresenta sua arte com o intuito de ajudar a educar jovens de modo mais lúdico (sem deixar de ser didático).

Muitos professores, buscando dinamizar suas metodologias, fugir da desmotivação e alcançar o envolvimento dos alunos, também têm se valido do cordel para, além de criar didática mais dinâmica ou prazerosa, por difundir a arte popular nordestina entre os jovens estudantes de Teresina. Um desses trabalhos com cordel na sala de aula resultou na dissertação Mestrado de Wilson Seraine da Silva Filho (2009), intitulada “O uso da literatura de cordel como texto auxiliar no ensino de ciências do ensino fundamental da educação básica: uma abordagem quantitativa”, pela Universidade Luterana do Brasil.

Silva Filho (2009), numa escola da rede privada de Teresina, fez a experiência de pesquisa com a aplicação do cordel em conteúdos de ciências em determinada turma do ensino fundamental. Em duas turmas da mesma série foram aplicados os mesmos conteúdos, porém, em uma, por via do livro didático convencional; e, na outra, para além desse, foi inserido o conteúdo por cordel. Após isso, foram aplicados teste e entrevistas para a investigação dos resultados, em que foram constatados crescimento no aprendizado dos

discentes e manifestações positivas do uso do cordel, como nesta fala de um aluno participante do trabalho:

Aluno 5: “É muito bom o cordel, que a pessoa vai aprendendo, vai desenvolvendo. À medida que a pessoa estuda, a pessoa vai tendo vontade de aprender cada vez mais, porque o cordel ajuda a pessoa a aprender. A pessoa vai aprendendo a tocar como repentista, fica ligado naquilo, facilita muito”. (SILVA FILHO, 2009, p. 58).

Entendemos, por meio desse trabalho de Silva Filho (2009), que o cordel pode ser bastante eficaz na educação ou nas práticas docentes. Podemos dizer que a linguagem é de mais fácil assimilação por parte do aluno, além de a cadência provocada pelas rimas poderem envolver mais amplamente os jovens estudantes, por causa das sinestésias que o cordel desperta, em especial, por meio da audição. Assim, o cordel pode ser uma ferramenta importante no processo de ensino e de aprendizagem.

Para além do uso como ferramenta de leitura, a produção e a criação de cordéis também ganham destaque em Teresina-PI. Ilustrando essa afirmativa, apresentamos a nossa participação na “Oficina de Cordel”, juntamente com duas alunas participantes da pesquisa, Maria Luiza Sousa Silva e Flávia Joelma Gomes Sousa, que ganhou destaque no *site* da Prefeitura Municipal de Teresina (PMT). Os objetivos consistiram em estimular a aproximação das estudantes com a literatura de cordel; incentivar a leitura, a criatividade e a produção de textos e de ilustrações/desenhos; reconhecer e valorizar o cordel como gênero literário e expressão artística da cultura popular; e com o propósito posterior de replicar o aprendizado entre seus pares. Conforme declaramos em entrevista concedida à equipe de imprensa da Prefeitura Municipal de Teresina (PMT), em 2019:

O cordel é uma das principais formas de expressão da cultura popular nordestina. E é sempre válido utilizar novas técnicas de produção da literatura, como o gênero literário cordel, para desenvolver atividades em sala de aula. A minha participação e das alunas serve para multiplicar com os demais estudantes o que aprendemos e estimulá-los a participarem de atividades envolvendo leitura e escrita. (PMT, 2019).

Nossa participação deu-se pelo interesse e pela preocupação com a valorização da literatura de cordel, especialmente dentro da escola, mas, também, pela necessidade de aproximação com a cena do cordel em Teresina-PI, tendo em vista o desenvolvimento deste estudo.

Para além da experiência didática, o cordel é manifestação cultural de vários espaços sociais, por isso, ele é um meio de informação (ou de conscientização), quando versa, por exemplo, sobre o comportamento no trânsito, na obra “Vida em equilíbrio”, de Raimundo



Clementino Neto, professor, poeta e cordelista de Teresina, em que ele, por meio dos versos, alerta sobre a seriedade do assunto, como podemos ver nos trechos a seguir:

TRÂNSITO É COISA SÉRIA.

PILOTAR UMA MOTO  
É MAIS SÉRIO AINDA!

VIDA EM EQUILÍBRIO  
(Não é brincadeira)  
É a arte de sensibilizar  
para melhor conscientizar.  
[...]  
Conheço várias marcas de moto.  
A pior delas é aquela que fica no  
corpo da gente.  
[...]  
(CLEMENTINO NETO, 2011, p 01)

Nos versos acima, é possível perceber a intencionalidade do autor de alertar e conscientizar os leitores sobre a importância do trânsito seguro, com o jogo de sentidos que suscita no verso “vida em equilíbrio” (CLEMENTINO NETO, 2011), que se pode interpretar como uma orientação de comportamento equilibrado e o equilíbrio em cima de duas rodas, uma vez que ele destaca que o trânsito com motocicletas exige bem mais cuidado.

Verificamos que o cordelista Clementino Neto tem outros títulos com a mesma temática, sendo eles: “A história do monstro devorador”; “O belo exemplo de Educacionildo”; “Eu vi a morte emborcada”; e “Fração de segundo”. Por exemplo, em “O belo exemplo de Educacionildo”, o autor cria um personagem que serve de exemplo para as posturas esperadas de um cidadão no trânsito e ainda sugere que a educação para o trânsito seja incluída na grade curricular de ensino das escolas do país, dada a importância do tema e destacando o papel formador da escola, que vai além dos conteúdos tradicionais das matérias formais dos currículos. Vejamos, a seguir, alguns fragmentos do cordel “O belo exemplo de Educacionildo”:

Usando a arte através  
Da cultura popular  
No meu enredo agora  
Em versos quero falar  
De Educacionildo  
Um cidadão exemplar

[...]

Educação para o trânsito  
É bom se acrescentar

Como tema transversal  
Na grade curricular  
Das escolas do Brasil  
Para um melhor perfil  
Dos motoristas-urgente  
Com bons projetos que vêm  
Mostrar que a escola tem  
Que fazer-se sempre presente.  
(CLEMENTINO NETO, 2011, p 02.)

Assim, de forma artística, o autor presta dois importantes serviços à comunidade de Teresina, além de conscientizar sobre a postura de um cidadão no trânsito, ele alcança a conscientização política de alertar sobre a responsabilidade de formação cidadã da escola.

Além do cordelista Clementino Neto, o professor Raimundo Clementino participou, ainda, do projeto Trilhas Literárias, realizado pelo Serviço Social do Comércio (SESC), em Teresina, no ano de 2017, no qual ele ministrou uma oficina de produção de cordel voltada para professores, graduandos e comunidade em geral, com a finalidade de sensibilizar esses públicos quanto à importância da literatura de cordel para a melhoria e a prática de leitura e de escrita, além de disseminar a valorização e a prática do cordel.

Percebemos, então, que o cordel, no cenário da capital piauiense, manifesta-se ativamente e em diversos espaços, da cidade, tais como: oficinas, festivais de violeiros, nas escolas, nas campanhas públicas, no *shopping*, em bibliotecas, nas arenas, nos cafés, nos espaços culturais das livrarias e nas universidades. Além disso, os projetos visam valorizar, disseminar e dar visibilidade ao cordel, e podem ajudar a despertar outros modos de uso do cordel como ferramenta de formação e como recurso didático. Por isso, consideramos o gênero cordel como grande estimulador da leitura e da escrita no cenário teresinense, ao mesmo tempo em que a cena literária é uma forma de contribuir para a perpetuação da arte cordelista nesta região.

## **6 O CORDEL NO ENSINO FUNDAMENTAL: BNCC (2017) E O CURRÍCULO MUNICIPAL DE TERESINA-PI**

Promulgada em dezembro de 2017, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) destaca-se, hoje, no cenário da educação brasileira como documento norteador do ensino básico das escolas do país. Seus preceitos ou orientações sugerem impactos contundentes nos componentes do cenário educativo, em especial, dos currículos do Distrito Federal, dos Estados e dos Municípios, requerendo revisão nas matrizes avaliativas, nos projetos políticos pedagógicos e, ainda, na formação dos professores.

O documento da BNCC assume que a “[...] educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza” (BRASIL, 2018). Dessa forma, manifesta, por conseguinte, um compromisso nascido ainda com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), numa concepção de linguagem como uma forma de ação e de interação no mundo, segundo João Wanderley Geraldi (2015). Desse modo, os estudos relacionados aos gêneros textuais e à linguagem, no ensino fundamental:

não devem nesse nível de ensino ser tomados como um fim em si mesmo, devendo estar envolvidos em práticas de reflexão que permitam aos estudantes ampliarem suas capacidades de uso da língua/linguagens (em leitura e em produção) em práticas situadas de linguagem. (BRASIL, 2017, p. 67)

Com relação aos gêneros textuais, a BNCC (BRASIL, 2017) preconiza que os

conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos, sobre a língua, sobre a norma-padrão, sobre as diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/ campos de atividades humanas. (BRASIL, 2017, p. 63).

Dessarte, contemplando os gêneros poema e cordel, vemos o importante destaque dado pela BNCC (BRASIL, 2017) a tais gêneros, que são recorrentes em situações de ensino e de aprendizagem, nas práticas das linguagens. Os textos versificados, como poema e cordel, são contemplados na BNCC (BRASIL, 2017), a partir dos campos de atuação relativos à leitura, oralidade e escrita, o que comprova que, nessa normativa, o texto é o centro do processo no ensino da Língua Portuguesa, uma vez que será a partir dele que os variados aspectos da língua serão despertados e aprofundados. Os eixos de prática de linguagem

apontam para um ensino de multimodalidades textuais, o que se mostra mais democrático para a educação em um país com dimensões continentais como o Brasil.

Assim, como os eixos de prática de linguagem amplificam as possibilidades de estudo dos gêneros textuais, os campos de atuação apontam que “[...] para a importância da contextualização do conhecimento escolar, para a ideia de que essas práticas derivam de situações da vida social e, ao mesmo tempo, precisam ser situadas em contextos significativos para os estudantes” (BRASIL, 2017, p. 80).

Considerando o imperativo da significância, observamos que o destaque dado ao poema/cordel contempla padrões de interações sociais e, ao mesmo tempo, reflete uma manifestação de particularidade em relação ao “eu poético”. E, diante da sociedade letrada e não letrada, os cordéis desempenham muito bem sua função oral.

Em consonância com a normativa de 2017, a SEMEC atualizou suas bases curriculares, inclusive incluindo aspectos locais, visando a um processo de ensino-aprendizagem voltado para o uso da língua e seu funcionamento em textos orais e escritos, nos diversos contextos, a partir da contemplação em campos de atuação, guiados por objetos de conhecimento, tendo as habilidades a serem desenvolvidas definidas por séries (Currículo de Teresina, 2018). Vejamos, a seguir, um fragmento do documento:

em contextos que permitem colaborar para a formação da cidadania, em uma educação ética e estética, que pressuponha as necessidades de aprendizagem e o desenvolvimento dos estudantes no mundo contemporâneo, desde as questões cotidianas de usos da língua/linguagem, como as questões da tecnologia, da ciência, da cultura e da participação social. (TERESINA, 2018, p. 56).

Ratificamos o discurso uníssono que há entre os documentos educacionais. Existe uma consideração das concepções de texto, de gênero e de discurso, além do intercâmbio entre linguagem oral e escrita e entre as variações e a norma culta, como princípios constitutivos da linguagem.

Considerando o poema/o cordel como texto literário, com cargas significativas bem fortes, a educação ratifica a significância dos gêneros nas séries de ensino fundamental. Assim, conseguimos verificar algumas habilidades relativas a esses textos, almejadas na BNCC (BRASIL, 2017), e, respectivamente, pelo Currículo de Língua Portuguesa da Rede Municipal de Educação do município de Teresina-PI, considerando o ensino fundamental. Vejamos, a seguir, um quadro comparativo que elaboramos, observando a contemplação das habilidades de leituras previstas nos dois documentos: BNCC (BRASIL, 2017) e o Currículo Municipal de Teresina-PI.

Quadro 1 – Comparação das habilidades de leitura entre a BNCC (BRASIL, 2017) e o Currículo Municipal de Teresina

BNCC (BRASIL, 2017)	Currículo de Língua Portuguesa da Rede Municipal de Educação da cidade de Teresina-PI
(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequada a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infanto-juvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.	(EF69LP16) Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas, aliterações, etc.) e semânticos (figuras de linguagem, por exemplo).
(EF67LP31) Criar poemas compostos por versos livres e de forma fixa (como quadras e sonetos), utilizando recursos visuais, semânticos e sonoros, tais como cadências, ritmos e rimas, e poemas visuais e vídeo-poemas, explorando as relações entre imagem e texto verbal, a distribuição da mancha gráfica (poema visual) e outros recursos visuais e sonoros.	(EF69LP17) Reconhecer, em poemas visuais e concretos, efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos gráfico-espaciais, imagens e sua relação com o texto verbal.
(EF12LP05) Planejar e produzir, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, (re)contagens de histórias, poemas e outros textos versificados (letras de canção, quadrinhas, cordel), poemas visuais, tiras e histórias em quadrinhos, dentre outros gêneros do campo artístico-literário, considerando a situação comunicativa e a finalidade do texto.	(EF04LP06) Ler e compreender poema, cordel, repente, letra de música e conto etiológico (africano e indígena).
(EF04LP27) Recitar cordel e cantar repentes e emboladas, observando as rimas e obedecendo ao ritmo e à melodia.	(EF04LP81) Recitar cordel e cantar repentes, músicas e paródias, observando as rimas e obedecendo ao ritmo e à melodia.

Fonte: BNCC (BRASIL, 2017); Currículo de Teresina (TERESINA, 2018).

Como é possível observar no quadro apresentado, tanto na BNCC (2017) como no texto do Currículo Municipal de Teresina-PI, o gênero poema aparece explícito em séries dos ciclos 3 e 4 (6º ao 9º ano), do ensino fundamental; já o termo cordel, na BNCC (2017) só aparecerá explícito em habilidades correspondentes às séries iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano), bem como acontece também na proposta curricular da capital piauiense, com a particularidade de, no currículo municipal em estudo, aparecer como “[...] gênero para frequentar”, o que corresponde ser um estudo correspondente, segundo o texto, àqueles “que envolvem, sobretudo, sequências de atividades ou atividades ocasionais” (Currículo de Teresina, 2018).

No texto da BNCC (2017), o estudo do cordel pode ser subtendido como gênero a ser trabalhado a partir do imperativo de outras habilidades, por exemplo:

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

(EF69LP48) Interpretar, em poemas, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos sonoros (estrofação, rimas, aliterações etc.), semânticos (figuras de linguagem, por exemplo), gráfico espacial (distribuição da mancha gráfica no papel), imagens e sua relação com o texto verbal. (BRASIL, 2018).

Tais habilidades refletem a finalidade de se reconhecer, no texto e na sua produção, características específicas correspondentes a valores culturais veiculados e da construção de uma identidade. Reconhecemos, mais uma vez, pontos interligados entre o documento norteador nacional e o documento com a diretriz municipal de Teresina-PI, principalmente no que diz respeito ao alinhamento de abordagens dos gêneros poema e cordel.

Importante ressaltar, ainda, que Cosson (2018) também fundamenta teoricamente o Currículo do Município de Teresina(PI). Vejamos um trecho:

Nessa perspectiva, a escolarização da literatura pressupõe considerar o horizonte de expectativas do grupo social de leitores a quem se destina a aprendizagem e tomar o texto literário em sua integralidade e em seu suporte original, evitando leitura de fragmentos textuais descontextualizados. Cosson (2012) exemplifica que é importante partir daquilo que o estudante já conhece em direção ao que ele desconhece, pois isso oportuniza o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura. (TERESINA, 2018, p. 110).

Nesse sentido, o Currículo Municipal de Teresina aponta que:

A leitura de textos literários esteja ligada a formação do estudante na consolidação de sua condição humana e na sua vivência emocional e afetiva. [...] em relação a formação o do leitor literário, para que [...] a função utilitária da literatura [...] possa dar lugar a sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, e preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor [...]. (TERESINA, 2018, p. 111).

O referido documento oficial estabelece como uma unidade temática para o 8º ano, no campo de atuação artístico literário e compreensão em leitura (EF06LP01), que: “Ler e compreender poemas, crônicas, cordéis, letras de música, HQs, mangas e tirinhas, considerando a situação comunicativa e o tema do texto” (TERESINA, 2018, p. 111). Por isso, o nosso intuito no desenvolvimento deste trabalho com o cordel foi o de proporcionar aos estudantes uma vivência como estes “leitores-fruidores”, como orienta o documento citado.

## 6.1 O cordel na sala de aula

Em 2018, o cordel foi reconhecido pelo IPHAN como “Patrimônio Cultural do Brasil”, e esse tipo de produção literária mantém suas singularidades. Muitas vezes, ele é tomado como uma literatura mais popular. Em virtude de seus diferentes aspectos, a escola tem recorrido ao cordel como uma estratégia de ensino para formação de crianças e jovens leitores literários.

Segundo Pinheiro (2018, p. 11), o cordel, “[...] de todos os gêneros literários, provavelmente é o menos prestigiado no fazer pedagógico em sala de aula”. Então, levar o cordel para sala de aula é oportunizar aos alunos o acesso à poesia, e nós estamos aqui para comprovar que ele tem, sim, seu espaço na escola e nas nossas vidas.

Marinho e Pinheiro (2012, p. 7-17) afirmam que o cordel é sinônimo de poesia popular em verso e uma das mais importantes manifestações da cultura popular brasileira. Para eles, abrir as portas da escola para o conhecimento e a literatura de cordel é uma conquista da maior importância. As histórias de batalhas, amores, sofrimentos, crimes, fatos políticos e sociais do país e do mundo, as famosas disputas entre cantadores, fazem parte de diversos tipos de texto em verso denominados literatura de cordel.

Importante também destacarmos os primórdios da presença do cordel no Nordeste, quando os folhetos eram vendidos por homens que declamavam os versos e cantavam toadas. Eram nordestinos pobres e semialfabetizados, mas que tinham interesse tanto pela escrita quanto pela oralidade. Ressaltamos que os cordelistas participantes desta pesquisa declararam terem tido contato com o cordel ainda na infância, e que isso foi fundamental para o desenvolvimento de seus gostos pela leitura literária.

Por isso, Neusa Sorrenti (2009, p. 73) diz que “A boa leitura de um poema em classe pode-se constituir como o primeiro passo para se criar o gosto pelo texto poético”. Destacamos que a literatura de cordel pode ser trabalhada em sala de aula de diversas formas, como, por exemplo: leitura em voz alta, debates sobre diferentes temas, jogos, xilogravuras, encenações teatrais e produções escritas, o que pode se tornar muito prazeroso para os alunos e, por que não, para o professor.

Para Sorrenti (2009), nossos adolescentes costumam ser resistentes à poesia porque costumam andar muito ocupados com as novas tecnologias, não sendo muitos os que se dispõem a desarmar o seu tumultuado coração para acolher os versos, e, porque enfrentam uma fase conflitiva. Cabe ao professor o papel de mostrar o texto poético a eles, “[...] mas só vale com entusiasmo, sinceridade e emoção. Um discurso da boca para fora põe tudo a

perder” (SORRENTI, 2009, p. 29). Assim, vemos que o professor também tem que ser um entusiasta, quiçá, um apaixonado pelo cordel.

Consideramos, ainda, o uso das tecnologias, pois essas podem tornar o trabalho mais atraente e dinâmico. Desse modo, incluímos momentos de apreciação de pequenos vídeos temáticos sobre o cordel (encontrados na *internet*), de exibição de *slides*, do uso do celular para pesquisas de rimas e de significados de palavras, mas lembramos que utilizamos, principalmente, o celular quando possível, pois, por se tratar de uma comunidade rural, nem sempre temos acesso à internet, o que, de certa forma, dificulta o nosso trabalho e/ou a performance de leitura dos alunos.

Averbuck (1998) diz que não se trata

de que a escola assuma a responsabilidade de fazer poetas, mas de desenvolver no aluno (leitor) sua habilidade para sentir a poesia, apreciar o texto literário, sensibilizar-se para a comunicação através do poético e usufruir da poesia como uma forma de comunicação com o mundo. (AVERBUCK, 1998, p. 67)

Desse modo, para a autora, na possibilidade de expansão do real se encontra o cerne do caráter libertador na poesia. Eis o reconhecimento do engajamento da literatura de cordel, pois ela retrata uma realidade possível e/ou mesmo existente e chama o aluno leitor para a sensibilidade de problemas existentes em sua vida, na comunidade em que vive, na sociedade mais ampla ou no meio ambiente. Nessa perspectiva, o trabalho com o cordel se faz necessário e urgente na educação do século atual, pois urge que as pessoas aprendam a conviver umas com as outras pautadas em valores éticos que façam o bem para a vida e para a sustentabilidade.

Em pesquisa que apresenta prática de letramento literário no trabalho com cordel, Vilma Aparecida Gomes e Claudia Goulart (2019, p 129) afirmam: “A poesia de cordel em sala de aula: interligando os processos de leitura e escrita [...]”. O estudo relata experiência de culminância de um projeto anual, em 2017, ressaltando que nele houve a declamação de poesias de determinados autores previamente selecionados, quando fazem referência a Goulart (2005, p. 13):

Esse momento de declamação de poesias, além de propiciar aos alunos a oportunidade de interação com o público, também possibilita a prática da declamação e da dramatização de textos poéticos. Essa prática contribui também para a desinibição do aluno no momento em que ele se coloca como “locutor, e não apenas como interlocutor”, nas práticas de linguagem oral. (GOMES; GOULART, 2019, p. 129).



Gomes e Goulart (2019), citando Versiani (2007), afirmam:

A questão das escolhas literárias (autores e obras) é importante para o processo de amadurecimento dos jovens leitores porque o que a escola busca é a ampliação e o burilamento dos processos de recepção da leitura por parte deles. De acordo com a autora, “há uma tensão entre a circulação de produtos culturais que se sustentam por uma certa familiaridade com o gosto e aqueles que produzem outros parâmetros de julgamento de valor por leitores jovens”. (GOMES; GOULART, 2019, p. 130).

Acreditamos que a oportunidade dada aos alunos, de conhecerem os textos cordelianos, possibilitou-lhes o processo de amadurecimento, levando-os ao desenvolvimento tanto do gosto pela leitura de cordéis quanto pela produção literária dos textos cordelianos sobre as memórias dos cordelistas participantes da pesquisa e sobre a cena do cordel em Teresina-PI, além de despertá-los para o reconhecimento do valor cultural do cordel em nossa região.

Importante destacar que o texto poético tem características próprias, assim, produzir poemas depende da imaginação, mas depende também do trabalho artesanal com a palavra, e, embora a “licença” libere a(o) poeta de técnicas mais qualificadas na poesia moderna, no cordel, há que se observar a organização do trabalho com versos quanto à rima e quanto à metrificação. Assim, consideramos importantes as palavras de Pinheiro (2018):

Para nós que trabalhamos com o poema em sala de aula, a consciência de que a poesia é sempre “comunicação de alguma experiência” tem sabor especial. A experiência que o poeta nos comunica, dependendo do modo com ela é transmitida ou estudada, pode possibilitar (ou não) uma assimilação significativa pelo leitor. (PINHEIRO, 2018, p. 17).

À afirmativa de Pinheiro (2018), com a qual comungamos plenamente, nós gostaríamos de acrescentar que vivenciar as experiências de trabalho com a poesia, em nosso caso, com a poesia de cordel, tornam-se memórias e, cremos, que jamais serão apagadas da vida dos nossos alunos e muito menos da nossa, como professora e apaixonada pelo cordel.

## 7 ANÁLISE DAS ATIVIDADES DIAGNÓSTICAS

Como é próprio da pesquisa qualitativa, as propostas partiram de um investimento teórico-metodológico preestabelecido, para, em seguida, serem preparados os necessários instrumentos de geração e de coleta de dados, de modo a fornecer subsídios importantes para análise posterior, na presente pesquisa. Após a geração de dados, passamos a interpretá-los/analísá-los, para alcançarmos o que nos levou à realização deste estudo, para, depois, dizermos de alguns resultados.

A presente seção, dedicada à análise dos dados, será apresentada em duas subseções, a saber: Análise das atividades diagnósticas; e Análise da sequências básica e expandidas.

### 7.1 Análise das atividades diagnósticas

A atividade diagnóstica, Apêndice A, foi realizada no dia 2 de agosto de 2019, após prévia apresentação do cordel (por meio da participação da professora e de duas alunas da turma na “Oficina de Cordel”, fora da escola), quando, por intermédio das informações repassadas à turma, os alunos foram se familiarizando com o cordel, além de se apropriarem das técnicas do texto cordeliano e sobre a cena do cordel em Teresina.

Vejamos, a seguir, o Quadro 2, com as questões (elaboradas por nós) e as respostas das(os) alunas(os):

Quadro 2 – Atividades diagnósticas: questionário e respostas dos estudantes

Questão	Diagnóstico e respostas
1. Você gosta de ler poemas? Por quê?	<p><b>Diagnóstico:</b> Obtivemos como resultado um sinal positivo, pois a maioria dos jovens estudantes disse gostar do cordel. Por isso, destacamos algumas respostas:</p> <p>R: Ana Beatriz de Carvalho Silva, 14 anos. “É muito interessante, transmite sentimentos e impressões sobre o mundo”.</p> <p>R: A aluna Daniele Baltazar Conceição, 13 anos, disse que não se sente bem.</p> <p>R: Maria Jennefer Ferreira dos Santos, 14 anos, não tem paciência.</p> <p>R: Jean Charles Matos da Silva, 14 anos, disse: “é muito legal, divertido e passa uma sensação incrível”.</p> <p>R: Sabrina Stefany de Amorim Lira, 13 anos, declarou: “ler poema ajuda no desenvolvimento dos estudos”.</p>
2. Você já escreveu algum poema? Por quê?	<p><b>Diagnóstico:</b> A maioria da alunos responderam que sim. Os motivos mais citados foram:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- porque a professora pediu;</li> <li>- para apresentar na escola;</li> <li>- por vontade própria.</li> </ul> <p>R: Walyson Rodrigues de Sousa, 15 anos, disse ter escrito, porque ama cordel e tem um sonho de ser cordelista.</p>

3. Você já leu algum cordel?	<u>Diagnóstico:</u> A maioria disse que sim, citando os cordéis da “Oficina de Cordel” e outros cordéis que tiveram acesso fora da escola.
4. Você sabe diferenciar cordel de poema com versos livres?	<u>Diagnóstico:</u> A maioria disse que sim, justificando que o cordel segue a métrica e a rima, e que o poema pode ou não ter rima.
5. Você sabe quais são as características do texto em cordel?	<u>Diagnóstico:</u> A maioria disse que já sabia e apontou características dos cordéis tais como se apresentam.
6. Você conhece algum cordelista? Quem?	<u>Diagnóstico:</u> A maioria disse que não e os que disseram que já viram não lembraram os nomes, salvo as alunas que participaram da “Oficina de Cordel” (realizada fora da escola), que disseram conhecer vários cordelistas.
7. Você participou do Festival de Violeiro de Teresina?	<u>Diagnóstico:</u> Nenhum dos alunos participou.
8. Na oitava questão, pedimos que os alunos escrevessem alguns versos sobre suas vidas.	<p><u>Diagnóstico:</u> Apenas uma pequena parcela da turma produziu os versos solicitados. Dentre os que escreveram, estão os estudantes relacionados, a seguir:</p> <p>Meu nome é Ana Letícia Tenho 15 anos de idade Sempre morei no campo Nunca morei na cidade Na cidade tem muito barulho E aqui muita felicidade. (Ana Letícia dos Santos Melo, 15 anos).</p> <p>Sou uma menina simples Humilde, mas com educação Todos os dias vou pra escola E lá aprendo de montão Para dar orgulhos aos meus pais E também ter um futuro bom. (Brenda Mirelly Carvalho de Oliveira, 13 anos).</p> <p>Eu me chamo Crislany Eu moro em Teresina Tenho 14 anos Moro sozinha Tenho uma amiga muito gentil Conheço ela com todo amor e carinho. (Crislany Ferreira da Silva, 14 anos).</p> <p>Eu me chamo Mikael E não gosto de cordel Eu tenho um sonho grande Ser juiz de futebol Com a ajuda dos professores Eu conseguirei, eu sei. (Mikael dos Santos Lima, 13 anos).</p> <p>Me chamo Walyson Sou um menino respeitoso Que na vida sempre quis Ser um menino feliz (Walyson Rodrigues de Sousa, 15 anos).</p>

**Fonte:** Dados desta pesquisa.

## 7.2 Análises da sequência básica e expandidas

Na expectativa de desenvolver o letramento literário, na turma de 8º ano, elaboramos cinco ações didáticas (sequências), cada uma dividida em três momentos subsequentes, sendo eles: (i) contato com os autores para o levantamento de informações, a fim de que os alunos produzissem cordéis; (ii) compartilhamentos de impressões e de interpretação de leituras literárias; e (iii) socialização das produções, com posterior trabalho de reescrita (quando necessário).

Reiteramos que as sequências didáticas foram executadas sob perspectivas do letramento literário proposto por Cosson (2018), mas adaptadas às nossas realidades e práticas docentes, e para poder também seguir as orientações do Currículo Escolar de Teresina-PI, precisamente observando as matrizes bimestrais das provas que devem ser aplicadas.

Para manter a fundamentação de Cosson (2018), partimos de uma sequência inicial (estabelecida como básica), a partir do texto “O pequeno príncipe em cordel”, que escolhemos por se tratar de um texto que reconta em forma de cordel um clássico da literatura, além de ele possibilitar a vivência das trocas e discussões sobre um tema dos mais importantes para os adolescentes: a amizade.

Em todas as sequências, salvo a segunda, em que levamos quatro alunos até a biblioteca do autor, o primeiro encontro foi destinado a entrevista com os cordelistas participantes da pesquisa em sala de aula. A esses encontros chamamos subsequência 01.

A partir do contato com os cordelistas, os alunos fizeram anotações que usaram para a produção de seus versos, usando como tema as memórias daqueles. Nesses encontros, cada aluno recebeu um cordel para ler em casa, após a leitura das estrofes iniciais, juntamente com o autor, também receberam a orientação para produzir duas ou três estrofes sobre as memórias do cordelista, conforme anotações que fizeram a partir das entrevistas realizadas por eles, previamente organizadas por nós e da biografia do autor, que fora disponibilizada para leitura e pesquisa.

Segundo Vanilda Salton Köche e Adiane Fogali Marinello (2017, p. 100) “[...] a entrevista permite que o leitor conheça melhor o entrevistado e suas ideias a respeito de determinado assunto. Assim, quem ganha destaque é o entrevistado e suas colocações [...]”. Assim, a entrevista é uma metodologia de trabalho importante para os mais diversos fins.

No segundo encontro de cada sequência, intitulada de subsequência 02, ocorreram as leituras e as interpretações das leituras realizadas dentro (e fora) da sala de aula. As

interpretações foram feitas em observação com as habilidades previstas nas matrizes bimestrais da Prova Teresina.

O último encontro de cada sequência foi destinado à socialização das produções dos cordéis sobre as memórias dos cordelistas e também à reescrita dos textos.

Para manter afinidade temática, organizamos a presente análise a partir das subseqüências, ou seja, inicialmente, apresentaremos os resultados da subseqüência 01 (entrevistas); em seguida, será apresentada a análise da subseqüência 02 (leituras e interpretações); e, por último, analisaremos a subseqüência 03 (produção de memórias dos cordelistas).

### 7.2.1 Análise da subseqüência 01: entrevistas com os cordelistas participantes da pesquisa

#### 7.2.1.1 Análise da entrevista com o cordelista Raimundo Clementino

Raimundo Clementino Neto é piauiense de Bocaina, e ainda adolescente foi morar em São Paulo, onde formou-se em Engenharia. Após 15 anos, voltou ao Piauí e montou a Gráfica Rima. É autor do livro “Futebol e Vida – Qualquer semelhança é mera coincidência”. O cordelista esteve na turma do 8º ano, no dia 9 de agosto de 2019. Como podemos verificar na Figura a seguir.

Figura 2 – Imagem com o cordelista Raimundo Clementino, na turma do 8º ano



Fonte: Arquivo da autora.

O primeiro encontro da turma do 8º ano com cordelistas, cujo propósito era os jovens alunos entrevistarem o cordelista Raimundo Clementino, ocorreu de forma muito descontraída, tendo em vista as características da personalidade do autor e de sua vida: que ele mesmo faz ser uma metáfora com o futebol, o que muito agradou aos alunos.

Por conta da descontração, foi necessária a escuta individual do autor, seguindo o roteiro da entrevista, conforme consta no Apêndice B. Passamos a transcrever trechos importantes das respostas dadas aos alunos e da escuta realizada, ambas importantes para a produção dos cordéis pelos estudantes da turma. O poeta Raimundo Clementino Neto, após os devidos cumprimentos dirigidos à turma, falou um pouco sobre rima e metrificação, características do cordel que lhes são primorosas. Para tanto, propôs a construção de uma sextilha, especialmente por ser o tipo de verso presente na obra “O pequeno príncipe em cordel”, folheto a ser lido pela turma de alunos do 8º ano.

Sobre o que é rima, os alunos tiveram acesso à “Cartilha do cordel nas escolas”, do poeta cordelista Joames, utilizada na “Oficina de Cordel”, que define rima como: “A semelhança ou identidade de sons entre duas ou mais palavras. Em poesia popular, geralmente no final dos versos, mas também pode ser usada em outros locais, dependendo do desejo do poeta” (MENDES SOBRINHO, 2019, p. 4).

Ainda na entrevista com o cordelista Raimundo Clementino Neto, conforme orientação da professora e roteiro de entrevista previamente repassado, os alunos fizeram as perguntas e obtiveram, dentre outras respostas, as seguintes:

**Fragmento 01:**

Raimundo Clementino: Bom pessoal... então... já faz 60 anos que eu nasci... numa cidade chamada (Picos)...

Raimundo Clementino: no interior de Picos, no Piauí... hoje é a cidade Bocaina... os meus documentos são de Bocaina... só que quando eu nasci, a Bocaina ainda não existia...

Professora: ah... entendi... ela era de Picos... "né"?

Raimundo Clementino: era...

Raimundo Clementino: éhh... inclusive... eu tava (numa escola de Picos) ... era na quinta série... aí, tinha uma professora... que se chamava professora Socorro Araújo... aí, no dia de... um dia lá da semana... tinha o dia lá... a data... de quinze em quinze dias... a gente tinha que fazer alguma coisa artisticamente... produzir alguma coisa... aí, ela chegou na sala aí, ela falou assim... ohh: "hoje vocês vão fazer uma poesia... não vale decorada... tem que inventar uma poesia... escrever e aí, me tragam aqui que eu faço um visto e pode ir embora... [inaudível] faz de um tamanho razoável no caderno e não vale decorado..." aí, quando eu estudava... a aula de sábado era só de recitar poesia... cantar o hino nacional... quem não soubesse declamar nada ia cantar o hino nacional... aí, era melhor a gente inventar porque era mais rápido... fazia uma poesia aqui ou trazia... aí, a professora ela pediu pra todo mundo fazer a poesia... aí, qual o assunto? qualquer assunto... aí, eu tinha chegado de Picos... eu não conhecia direito lá... e tal... [incompreensível] (mentia que

conhecia pra eles)... e eu não tinha ainda... lá onde eu morava ninguém nem falava nisso... aí, eu tinha uns amigos... lá eu morava numa rua chamada...

Assim, podemos ver as memórias do poeta. Mas as memórias são sempre tentativas de resgatar, de rememorar fatos, acontecimentos, vivências etc., mesmo que de modo fugidio ou até mesmo “inventivo”, as memórias são acervos culturais e emocionais. Por isso, o cordelista diz que o futebol representa uma filosofia para sua vida.

Ao falar sobre sua metáfora com o futebol, o poeta retrata emoções, prazeres e queixas. Portanto, a entrevista realizada pelos jovens alunos (e organizada por nós) cumpre uma importante função social quando traz a comunicação de uma memória. A partir dessas memórias, é possível evocar emoções e prazeres presenciados no corpo de quem as têm, além de elas possibilitarem o despertar da imaginação de tempos e lugares.

Nesse sentido, segundo Köche, Marimello e Odete Maria Benetti Boff (2015, p. 135): “[...] o produtor do texto tem liberdade para recriar situações ou fatos de modo que deixem o leitor comovido”. Por isso, com o leitor ouvinte podem ser (com)partilhadas as emoções da fala, assim, sempre podemos aproveitar a beleza e a profundidade da voz humana. Depois, escutamos o poeta Raimundo Clementino Neto novamente, uma vez que registramos/gravamos suas memórias (suas falas) no celular.

Da entrevista realizada como o cordelista Raimundo Clementino Neto foi possível levantar as seguintes informações, conforme se pode observar no quadro abaixo:

Quadro 3 – Entrevista com o Cordelista Raimundo Clementino

Questionamento	Resposta
1. Poeta Raimundo Clementino, onde o senhor nasceu?	R: certo... eu sou do Piauí... eu nasci na cidade de Boicana... só quando eu nasci não era cidade... lá era uma vila Picos... quando eu fui tirar os documentos com quatorze anos... aí fui tirar tudo como Boicana... então eu nasci no ano em que a cidade não existia... aí eu sou natural da cidade que não existia... hoje ela existe... tá até ameaçada de sumir no mapa... burocraticamente nos documentos eu sou de Boicana... eu nasci em cinquenta e nove... ela não era cidade... ela era uma vila de Picos... quando eu fui tirar os documentos que era eu mesmo que tirava... a gente que tirava lá... aí ela era cidade já... então nasci na cidade de Boicana... aí...
2. Como foi sua infância e adolescência?	R: num sei... o destino foi muito... muito gentil... porque até os treze quatorze ano eu vivi lá... na cidade natal... então eu tinha... contato direto com a natureza... com aquela grandiosidade... então a gente trabalhava na roça... a gente ajudava ((inaudível))... isso... isso ainda muito criança... o tanger boi e engenho era serviço de menino pequeno... (engenho de pau a gente muntava)... ajudava em moagem em desmanche... num tinha sossego... era trabalhando direto... aí eu fui um dos primeiros assim... a ter a oportunidade de sair pra estudar... saí assim frequentar a escola quando aparecia um professor particular... num mês aí ele ia embora... até chegar na cidade da Bucoina tinha escola da prefeitura... na sede do município... aí eu comecei estudando por ali... mas morando nesse fim de mundo... e fazendo todos os serviços da roça... serviço pesado né? enfrentando gado... cobra que tinha muito lá... medo... correndo atrás de gado... tirando ((inaudível)) d'água... sabe? então isso

	aí... o que foi mais importante nisso...
3. Desde quando o senhor mora em Teresina?	R: eu saí de Picos fui para São Paulo... fiquei quinze anos... eu posso dividir em quinze e quinze... um arroba... meus primeiros quinze anos foi no sertão... naquela luta braba... na enxada... com quinze fui pra São Paulo... foi em setenta e cinco... aí foi mais quinze... aí com noventa... aí em mil novecentos e noventa... quinze em São Paulo e quinze aqui... aí eu voltei... aí eu fiquei quinze aqui em Terezina... aí esses quinze já passou outros quinze... agora vai fazer trinta ano...
4. Quando iniciou o seu gosto pelo cordel?	R: é porque tinha a diversão do pessoal... que era... através da canturia... através do reisado... e aí isso sempre tinha... reza também tinha muito... ((inaudível))... isso sempre tinha lá... eh era feito pelos homem... os homem grande... e os minino pequeno eles brincavam muito feriado... domingo... quando podia... aí a gente imitava os grande... fazia o reisado só com os minino... aí eu botava dois lá na ((inaudível)) pra cantar... nois cantava... então aí foi onde começou... assim... o primeiro... o primeiro contato... a primeira... embora que eu nem quisesse mas esse negócio de fazer o reisado com os mininus... eu comecei a... a mexer com isso... com o cordel... e uma estrofe do reisado que eu aprendi com homem grande lá do careta... eu cantava... construindo ((inaudível)) um modelo pra eu começar a escrever... e eu ainda hoje eu uso essa mesma estrofe... sim... o careta... ele ia cantar na (toalha) da buirrinha... né? aí ele cantou... eu era muito criança... logicamente eu não ia decorar nem nada... mas depois quando a gente ia apanhar algodão... sei lá... fazer um serviço mais leve... catar arroz panhar algodão... você vai cantando assobiando... então o pessoal decorava... os mais véi decorava... e ficava conhecido no reisado... aí vendo alguém falar essa estrofe... eu aprendi essa estrofe é mais ou menos assim apresentando a burrinha... pro meu amo... o dono da casa... o careta falava assim... “o meu amo se a burra... que o careta me informou... toda enfeitada de fita com a toalha de flor... é um encanto de beleza que vem lá de fortaleza só visitar o senhor...” ainda hoje eu uso essa estrofe... pra... pra... pra medir as sílabas... aí o processo foi evoluindo... hoje eu num conto... nunca gostei de contar as sílabas... hoje eu metrifico mais por substituição... quando força ou quando demora... aí eu troco uma palavra duas sílabas por de três pra ver o que acontece... ao invés de ficar contando no dedo... no lápis... dá certo não...
5. Por que escreveu o pequeno Príncipe em Cordel?	R: quem escreveu foi o francês... eu entrei no mei[ mas em cordel foi você que escreveu... porque escreveu? foi a adaptação... [ assim... quando eu cheguei em São Paulo[quando eu cheguei lá e me afastei do pessoal do nordeste... aí no Banespo... uma moça que trabalhava comigo ((inaudível)) “se você ler esse livro aqui... você vai gostar”... aí era o Pequeno Príncipe... aí ela falou se você lê você vai gostar... porque? “nam num sei... seu jeito...”... aí eu num entendi muito bem... e aí eu comecei a me vestir de personagem né... do garoto... do príncipe... sabe? longe do planeta... meu planeta era meu sertão em que nasci... então aquilo marcou muito... aí eu li tudo... depois eu comentando ((inaudível)) aprofundei mais os estudos... e o pequeno príncipe sempre citado... sempre em evidência... quando foi em dois mil e dezesseis... aí ele caiu em domínio público... não que eu tivesse contando... nesse intervalo aí... nesse intervalo aí... aqui no Piauí... morando aqui... eu tinha lido ele novamente... mas aquela sensação de príncipe lá... de garoto que eu era... nessa segunda vez que eu li não consegui mais encontrar... eu já me vi dentro do livro mas como piloto do que como príncipe... aí eu li... aí tipo em dois mil e dezesseis... completou lá setenta anos de publicação... coisa desse tipo... o autor morreu... alguma coisa assim... setenta ano... caiu em domínio público... quando caiu em domínio público... por ele ser muito citado... famoso e tal... aí as editoras começaram a lançar... reeditar... e eu fui convidado pelo Leonardo... ele é ((inaudível)) naquela bagunça lá... ele falou “oh vou precisar do pequeno príncipe adaptado em cordel ((inaudível))... fez as camisetas... “vou trabalhar essa obra e tal”... “aí é pra você fazer” é... aí eu disse “não... não tenho condições de fazer... até porque o ((inaudível)) começa no final da semana... só tem cinco dia...” aí ele falou assim “você conhece a obra num conhece”... “conheço”... “você já leu?” “já”... ele disse “pois então tá bom... eu vou embora você disse que conhece... então eu também lhe conheço... e daqui cinco dia eu quero pra começar o serviço... se não tiver impresso caça um lugar aí e imprime... chega no meio do ((inaudível))”... aí nesse dia



	pronto... não dormi mais... aí mexe aqui tal... aí comecei a fazer e tal... e no outro dia... com dois dias ou três trouxe o rascunho[
6. Qual o seu tema preferido?	R: seria de vida... tanto que já escrevi... só tenho um livro que me dar passaporte pra outro mundo... tranquilo que é o futebol... esses outros aí... esse da mãe que fiz agora... pra mim eles estão muito atrás... o de futebol
7. Fale sobre sua participação na Bienal.	R: [acaba o pequeno príncipe... em Fortaleza não porque a segunda edição dele... adaptada foi feito em Fortaleza... aí o editor... ele tem um monte lá... aí na bienal do Ceará ele tem muito rendagem também... mas aí... ele tem um estoque grande... agora em São Paulo... o Ceará vai arruma um espaço... aí vende os dele tudo... aí eu chego lá com os meus... aí boto lá... aí quando acaba os dele ele vende o meu... aí sempre acaba... nunca deu em São Paulo... aí até pretendia ir nesses lugares aí... Rio de Janeiro... pra ver também... mas sozím a gente não vai...
8. Além de fazer cordel gosta de ensinar a fazer? Como o senhor faz para ensinar cordel a quem quer aprender?	R: é... eu num sei... eu acho uma coisa tão simples... que às vezes eu fico me perguntando porque que todo mundo me (percebe)... num sei... as minhas coisas... eu vou morrer sem conseguir (optar por nada... tudo é o destino)... quando eu estava estudando professor... particular lá no fim do mundo... que era da palmatória... ((inaudível))... aí eles fazia muito de pegar o quadro que tinha no livro... um resumo... chamado de vocabulário... um negócio assim... botava pra gente decorar... “oh você vai decorar isso aqui... quando for meio dia você vem e diz a lição sem óia”... era coisa pequena... eu acho que isso aí talvez... foi abrindo... aberto sei lá... a mente para essas coisas entrar... porque aí... eu acabei memorizando com mais facilidade tá certo? e a questão da métrica... você mesmo sem cantar nada... sem entender nada de tom você percebe que entrou forçando... rasgando... você percebe que aquilo não deu... aí você percebendo isso... aí você vai lá e substitui e pronto... agora o livro... não ensina desse jeito... o livro manda você corta com lápis e contar... parece uma conferência... hora de produzir... sabe? no hora eu até pensei em uma coisa mais... mais dinâmica... [ considerando o cordel... o quê que a regra diz? se tiver duas vogal átonas... pega e junta... então a regra diz isso... mas isso é o que geralmente a gente fala... a gente não vai falar (uma)... aí quando tem uma átona... aí já não deve fazer a junção... mas isso aí é o que se fala...
9. O que preciso fazer para aprender a produzir cordel?	R: pois é... o que que você tem que fazer? pega a regra e junta... e abre... de acordo com o que se fala... a gente (fala) que quem fez a oficina ele saí metrificando em qualquer idioma... porque a gente trabalha mais o fonema do que palavra... agora fonema num é dada atenção... eu nunca entendi fonema - - nos cursos que eu andei por aí... nunca entendi fonema... agora na métrica é o que você acaba sabe? pega uma sílaba sei lá... (referência tira o i bota o h) fica referência ((inaudível)) e às vezes a gente dependendo da pronúncia você tem que abrir como lha... muita vezes juntar... como ditongo... a mesma palavra pra completar a métrica... por isso que escrevo ((inaudível)) você pode fazer as duas coisas... agora o que a regra manda fazer é o seguinte... duas vogais átonas... pega e junta e fica uma só... duas vogais átonas... isso de contar com os dedos e lápis é muito demorado... desestimula muito...
10. Especialmente, sobre a contribuição de Pedro Costa para o cordel em Teresina, o que o senhor pode nos informar?	R: o Pedro... eu conheci o Pedro antes de começar a escrever mesmo... (até imitava) né? aí o Pedro... logo que ele começou a escrever... ele largou tudo... então ele dedicou ((inaudível)) então é uma pessoa que teve bastante movimento... né? ia num lugar... ia noutra... vai e volta amanhã... ele num tinha esse negócio de trabalho de entrar num sei que horas e sair num sei que horas... aí ele fez muito isso... ia mexer ((inaudível)) aí ele falava pra mim “rapaz eu... eu trabalhei num caminhão... eu vendia picolé... até que um dia eu tava vendendo picolé...” aí ele disse num sei o que lá... em um grupo de teatro... aí começaram a perguntar se eu fazia e tal... aí aquilo foi um toque... aí eu comecei a escrever aí veio outras coisas[é ele fazia tudo... ele chegou no cordel... aí ele disse assim “bom... aqui agora tudo que é possível vou fazer”... então ele fez tudo que era possível... não vou questionar aqui a qualidade dessas coisas... ele era repentista... mas ((inaudível)) mais... ele botava a viola e ia desafiando cantador... e num enganchava estrofe não... ((inaudível)) os cordel ele sempre procurava mostrava como era que tava... num sei o que e tudo... era muito criativo... mas ele não tinha muita paciência... assim pra metrificar... é porque ele vivia só disso mesmo... e cada evento daquele... ia acabar rendendo alguma coisa...

	[ financeira também... ele só vivia daquilo [ o sustento[ [ ele se sustentava através da [ ele fazia um evento... sempre sobrava uma coisa né? [ é de carreira... ele ia atrás de projeto... projeto cordel nas escolas... ele trabalhou com [
11. Nos fale sobre o repente e o cordel em Teresina, especialmente, sobre como veio sendo condutivo pela Diretoria do Associação dos Poetas e Violeiros nos últimos tempo.	R: a associação ela trabalha... embora não queira/ não assuma isso... ela trabalha cem por cento pra violeiro... cordelista lá não tem... ohh:: eles tem recursos que dá pra fazer alguma coisa... mas nunca fizeram... nunca foi feito nada... em mil novecentos e noventa e três apareceu lá um diretor... eles fizeram lá uma eleição não sei o quê... apareceu uma pessoa lá... que era presidente... não sei o quê... diretor de cultura... não sei o quê... é até gringo... Hector não sei o quê lá... aí o Hector... não sei se pagou do bolso dele... promoveu lá um concurso de cordel... né? em pleno festival de violeiro... aí mandaram a história pra lá e tudo... aí eu fiz um cordel... em noventa e três... aí foi eleito... né? ganhou em primeiro lugar... aí tinha uma premiação lá... no valor dos cachê lá dos 'cantador'.. era cento e cinquenta reais no tempo... e também a casa do cantador ia imprimir um milheiro... aí recebi o cachê e o milheiro nunca foi impresso... quando foi no ano seguinte ele promoveu de novo... né? esse primeiro que eu ganhei... tinha o nom de... o cordel... a casa do cantador e sua função social... no segundo ano eles promoveram um com o título... o nordeste terra de violeiros... em noventa e quatro... aí eu consegui também... não é que eu seja essas coisas... é que pouca gente participou... aí a premiação era a mesma... um cachêzinho lá... do tanto dos cantador lá... e a impressão de mil folhetos... só que os folhetos nunca foram impressos... e o cachêzinho eu recebi lá... assinei os papéis e ficou por isso... então tudo o que ela faz.. a casa do cantador e direcionado aos violeiros exclusivos... o cordel... nada... tá certo? então se for... falando da associação... nada... agora o que eu percebi aqui é que tinha um monte de gente produzindo... através da gráfica ((inaudível))... e aí não sabia o que fazer com aquilo... sei lá... não tinha quem estimulasse... porque o (Pedro) tinha muito interesse nas coisas dele... o (Pedro) conversava com todo mundo... mas ele se identifica muito... em quem podia patrocinar alguma coisa... ajudar... esse pessoal que ficava escrevendo... não... né? nem tanto... então o pessoal as vezes escrevia e nem sabia o que fazer com aqui... é mais ou menos os ((inaudível)) que nem o carro... você vai chegando de carro no interior... né? devagarzinho... pra enxergar os buracos... (na roça...) aí o cachorro tá lá e levanta e sai latindo... corre pra perto do carro... o carro em chegando e o cachorro vai latindo... quando você chega que para o carro... aí parou o carro... aí o cachorro que tava latindo não sabe mais o que fazer... então aqui existia muito desse tipo de gente... poeta... que escrevia e não sabia o que fazer... aí eu mesmo fui um... eu não sabia pra quê... pra quê que eu ia escrever cordel... totalmente desmotivado... aí... daí... veio aquela história de fazer jornalzinho... "bom... eu vou fazer... mas aí eu faço um jornalzinho... a cada dois meses eu faço um... eu já tenho um público que era o (BANESPA) que começou lá dentro... aí vai quando eu sair do (BANESPA) eu vou sair com um jornalzinho... ((inaudível)) e alguém que interessava lá dentro... né? e muita gente não se atentou nem pra esse jornalzinho... eu tinha facilidade de impressão... então comecei fazendo ele... e hoje tá no cento e sessenta e três.. que é o que eu tô fazendo... então são cento e sessenta e três... ((inaudível)) mas muita gente fazia e tentava parado naquilo... depois eu comecei sentir a necessidade de interagir... porque São Paulo... quando eu imprimi meu primeiro folheto... quando eu... quando Franklin Machado um poeta famoso... ((inaudível)) ele foi fazer uma apresentação na faculdade que eu estudava... aí quando eu vi aquele monte de cordel lá e aquele maluco lá no meio.. eu disse "olha... eu tenho um pra fazer e quero saber se você faz também..." ele disse "faço... eu só tenho que ver primeiro pra mim saber... aí eu faço..." aí assim eu fiz o primeiro... ((inaudível)) aí eu senti essa necessidade... né? de interagir... ((inaudível)) só violeiro... não dá atenção pra você... não faz diálogo... não tem nada... e o Pedro ((inaudível)) mais interessante nas coisas dele e aí... o quê que aconteceu....
12. Fale sobre a fundação da Cordelaria Chapada do Corisco – COCHACOR.	R: eu comecei antes da (cordelaria) um ano antes... fazer oficina aqui no Leonardo... e arrumei o espaço com ele e tal... aí a associação de ((inaudível))... eu pedi pra eles o CNPJ pra mim colocar no certificado o nome... e o CNPJ pra algum eventual quando precisasse... aí deu certo... aí eu fiz a primeira... fizemos a segunda... e tudo... aí no ano seguinte que foi dois mil e dezenove... aí o (Joanes) inventou a cordelaria... eu mesmo não ia inventar a cordelaria não... e tomara que ele fique lá... porque ele me botou como vice... mas eu não pretendo assumir aquilo lá não.... agora eu sinto muita

	falta da oficina... eu sinto muita falta do espetáculo musical... bom... aí... a cordelaria... tudo bem.. tá num patamar aí... mas a oficina... ela pegou... [eu acho a oficina mais importante... porque a oficina... ela começou a levar esse monte de gente que tá produzindo aí pra/ pra imprimir... pra interagir com os outros através da cordelaria... [
13. Que avaliação você faz do Projeto Lei Maria da Penha em Cordel desenvolvido nas escolas de Teresina com a presença do cordelista Tião simpatia.	R: olha... nota dez... nota dez pro Tião... nota dez pra trazerem ele de fora porque ele é realmente competente... se a gente tivesse ilustrador aqui e músico... não precisava trazer o Tião... né? só que a gente não tem... então 'vamo's ficar na deficiência? então o Tião foi se apresentar em Pernambuco... Recife...((inaudível)) e aí tinha um pessoal da prefeitura de Teresina lá nesse encontro... e aí pra lá conheceram o Tião... assim ele me contou... né? e aí perguntaram e tal... se ele fazia... como era que fazia e tudo... aí deram os contatos e tudo... e aí tá com seis anos que ele trabalha cordel nas escolas aqui e eu acho que pagam bem... porque ele vem de avião ((inaudível))
14. O que você tem a nos informar sobre a Academia Piauiense de Literatura de Cordel.	R: o que existe mesmo é a academia brasileira de literatura de cordel com sede no Rio de Janeiro... presidida por Gonçalo Ferreira o que existe mesmo é a academia brasileira de literatura de cordel com sede no Rio de Janeiro... presidida por Gonçalo Ferreira ((inaudível)) então em função dessa academia brasileira... presidida por Gonçalo... poeira antigo do Ceará... em função dessa brasileira... aí as pessoas que nem o Pedro... ele fazia tudo... nem sei se tem em outros estados... ele foi lá no Gonçalo pleitear cadeira na academia... aí Gonçalo disse que precisa disso... disso... e tal... e Pedro era membro da academia brasileira de [então mesmo ele sendo membro da academia brasileira... porque não cada estado do Brasil ter a sua academia? todas sendo associadas... né? pela brasileira né? só que nos outros estados você não tem notícias se tem... talvez alguns devem ter... aí o Pedro foi lá e disse não eu quero abrir uma academia piauiense de literatura de cordel... vinculada a essa aqui seguindo a mesma norma e tal... aí Gonçalo fez o estatuto e num sei o que lá... "aí você vai e atrás das pessoas e tal"... inclusive ele foi lá falar comigo... que era para eu ocupar uma cadeira dela e tal... aí eu discordei das opinião dele tal tal tal... e eu acabei não participando... e o Gonçalo é meu velho amigo... eu tava até sem jeito pra assistir dia cinco de dezembro de dois mil e quatorze se eu não me engano... foi empossado aí... deram posse e começou a funcionar... em dois mil e quatorze dia cinco de dezembro... aí Gonçalo veio e tudo... mas aí no outro dia eu encontro ele no centro artesanal aí lá nós conversamos né? bastante inclusive sobre esse assunto... e aí eu fiquei assim... mas aí eu disse "amanhã tô indo para o Ceará pra bienal o senhor não vai não"... aí ele disse "vou não"... eu eu tinha encontrado ele na outra bienal... aí quando eu perguntei pra ele assim "mas rapaz a acadêmia do Ceará você já tá aqui... no seu estado você não vai?" ((inaudível)) aí discordei... aí fiquei assim... "não amanhã depois eu entro na academia do Pedro"... mas o Pedro fazia tudo e depois ele não dava continuidade...
15. Que avaliação você faz sobre o cordel em Teresina?	R: então... a cordelaria... as oficinas principalmente... trouxeram esse povo... que escrevia... né? pra ver o resultado... né? da coisa escrita... porque a coisa pior que tem é você escrever e não ter pra quem mostrar... sabe? eu escrevo... as vezes eu acho que tô escrevendo difícil... aí chega alguém me interrompendo eu mal olho pra pessoa... mas na hora que eu acabo de escrever aí saí atrás... ((inaudível)) quando a gente escreve tá doido pra mostrar... pois é... aí o cara tá escrevendo... não tem pra quem mostrar... não tem utilidade... em noventa e quatro eu descobri uma fórmula que sabia o dia da semana de qualquer ano... se você quisesse saber o dia treze de maio de mil oitocentos e oitenta e oito... da libertação dos escravos... eu falava "foi um dia de tal..." aí depois eu descobri que aquilo não servia pra nada... e aí se a pessoa pegasse uma data mais recente ele sabia... e se eu falasse errado eu ia ficar era mal... aí eu esqueci... então é a mesma coisa... você escreve e não tem pra quem mostrar... você desestimula... a cordelaria... a oficina principalmente... ela trouxe um monte de gente pra produzir junto... né? pra aglomerar... pra mostrar uns aos outros... então... eu comecei a cordelaria mais ou menos só com poetas... alguns que eram simpatizantes... eu conhecia das primeiras oficinas... e aí depois começou aparecer essas pessoas que a gente não sabe... né? de onde viveram... a dona Angelita... o Chico ((inaudível))... o Orlando lá do porto... o Francinaldo... né? um menino novo...
16. Fale sobre a importância da gráfica	R: só que foi só ele... a poesia também... porque na gráfica a gente tem mais facilidade de fazer os livro... quando eu comecei lá... quando eu comecei a gráfica...

Rima para o cordel em Teresina.	eu fazia oitenta por cento do serviço... era pra empresa... era impresso comercial... era papel timbrado... envelope... cartão de visita... era cartão de natal que se fazia naquele tempo... era tudo pra empresa... nota fiscal... nota de serviço... pra empresas... pra prefeitura... nota fiscal da fazenda... então a gente trabalhava oitenta por cento com esse tipo de impressão... e vinte por cento... pra cordel... só que aí... o pessoal chegava pra fazer livro... a primeira coisa que a gráfica diz “pode ser mil?... vamo fazer mil?... por que se for mil saí mais em conta... agora se você quiser só quinhentos dá pra fazer mas... fica ruim... fica caro a unidade...”... se for menos de quinhentos não faz... aí ninguém costumava fazer livro... aí as coisas vai mudando né? aí acabou a nota fiscal da prefeitura... de serviço... ficou eletrônico... aí o estado também com modificações também... cortou um monte de nota fiscal... e aí apareceu a internet essas coisas... e foi sumindo... cartão de natal ninguém nem fala mais... e aí foi sumindo o impresso... o impresso sumiu... aí quando eu percebi essa defasagem esse negócio... aí a saída foi tentar de adaptar... aí largar o comercial não todo... deixar... só que aí abriu espaço pra o impresso de livro... impresso de cordel... esse impresso que num é puramente comercial... aí hoje [
17. Fale sobre os Projetos da COCHACOR.	R: da cordelaria eu não tô muito autorizado a falar... porque tem o presidente... não... éhh:: eu tô falando autorizado... mas é informado... né? realmente eu não sei... eu acho que do dia vinte e três de Março pra cá... não tem um ano ainda... aí fez um monte de coisa... que eu acho até impossível... que determinou o ano até foi o resultado positivo... três mil reais no caixa... com aqueles folhetos que a gente fez... aí teve umas desavenças... e tudo... aí eu não sei... esse ano... como é que a gente vai fazer... o (Bira) tá meio doente... e eu tô muito ocupado aí com as minhas coisas agora... agora eu sinto uma saudade imensa das oficinas... elas são meio trabalhosinhas, mas eu sinto uma saudade imensa... eu particularmente... tenho mais vontade de investir na oficina... se o Felipe tivesse tempo e se dedicasse mais a gente já tava com a oficina trabalhando... porque sempre vai ter um lugar pra apresentar...

Fonte: **Dados gerados por esta pesquisa.**

Como é possível observar, o poeta cordelista Raimundo Clementino falou sobre suas experiências de vida, sonhos e sensações vivenciadas. Para Henri Bergson (2006, p. 51) “[...] a lembrança de uma sensação é coisa capaz de *sugerir* essa sensação, ou seja, de fazê-la renascer, fraca primeiro, mais forte em seguida, cada vez mais forte à medida que a atenção se fixa mais nela” (grifos do autor).

Podemos constatar que o poeta tranquilamente vai falando de suas lembranças e que as sensações se fazem presentes na medida em que rememora a vivências que lhe deram alegria e/ou lhe causaram alguma dificuldade.

Na continuidade da entrevista, o poeta passou a falar sobre questões relativas ao cordel em Teresina. O objetivo desse roteiro foi a obtenção de informações para a produção dos alunos sobre a cena do cordel em Teresina.

A história do cordel em Teresina tem sido registrada, a partir de 1971, quando foi fundado o Festival de Violeiro. A literatura consultada pouco retrata sobre a presença do cordel como literatura escrita. Foi possível observar, no entanto, que o cordel tem sido trabalhado nas escolas e que é utilizado como divulgação de campanhas educativas, como

mostra um importante registro de Gilmar de Carvalho (2001, p. 23), ao publicar uma entrevista realizada com o cordelista Pedro Gonçalves, em que o entrevistado diz:

Cordel tem, em diversos lugares, aí, tem poetas que escrevem cordel, mas não é que nem no Ceará, cordel aqui o pessoal não vive, assim do cordel. Tem gente no Ceará que vive do Cordel. Tem gente aí, que escreve cordel, vende cordel, mas eles não são profissionais, quem mais se dedicou a vender cordel no Piauí, aqui em Teresina, fui eu, né? Passei quase 30 anos, todo dia, no mercado, nesse mercado velho, quase todo dia eu estava lá. No mercado Central. (Carvalho, 2001, p. 23).

Do exposto, podemos observar que há uma ideia de que os cordelistas de Teresina-PI não são cordelistas profissionais, mas, sim, pessoas que têm seus empregos e que fazem do cordel uma paixão. O entrevistado Pedro Gonçalves era militar, assim como é o poeta Zé Bezerra, hoje com 91 anos.

#### 7.2.1.2 Análise da entrevista com o cordelista Zé Bezerra

O poeta José Bezerra de Carvalho (Zé Bezerra) nasceu em Ipueira (CE), no ano de 1929, mas ainda menino veio morar no Piauí. É o cordelista de mais idade e com mais prática do cordel em Teresina-PI. Por sua idade e pelo estado de surdez completa, não foi possível comparecer à escola para ser entrevistado pelos alunos da turma de 8º ano, como fizeram os demais cordelistas participantes, portanto, foi entrevistado por quatro alunos em sua “Biblioteca da Literatura Popular”, no dia 28 de agosto de 2019. Sendo eles: Ana Beatriz de Carvalho Silva, 14 anos; Francisco Ailton da Silva Pereira, 13 anos; Mikael dos Santos Lima, 13 anos; e Maria Eduarda do Livramento Silva, 13 anos.

Para a realização da entrevista, o cordelista recebeu o roteiro das perguntas, que ele mesmo lia e ia respondendo.

Figura 3 – Alunos do 8º ano com o cordelista Zé Bezerra na “Biblioteca da Literatura Popular”



Fonte: Arquivo da autora.

Além de responder o que lhe foi perguntado, o cordelista deu explicações acerca da origem do cordel, conforme fragmentos a seguir:

**Fragmento 01:**

CORDELISTA ZÉ BEZERRA: [...] criança vindo da escola como vocês 'tudim'... pra saber por que... a origem do cordel... essa coisa toda... que vocês já sabem... foi pendurado num cordão aí... chamam de literatura de cordel, porque... porque foi pendurado num cordão...

[...]

a origem... ela não é daqui... a origem do cordel propriamente dita... onde ele foi pendurado [...] ele é do século dezessete... mais ou menos século dezessete... quando aqui no Brasil apareceu os primeiros folhetins... porque ela era escrita só numa folha de papel... então, depois é que foi... foi evoluindo... não é? passou pra grande [...] mesmo não é? aqueles grandes poetas do passado... Gonçalves Dias e outros... que eram professores... né? e lá no mato o caboclo... [inaudível] essa nova literatura... ela... oo: Nelso da Catingueira... era um... preto... que foi trazido de lá da África... e foi levado pro Ceará... ele... lá foi quem começou esse negócio... porque ele era improvisador... não é? ele improvisava... e cantava... [o cordelista cantou um trecho)] ... era assim... aí, depois ele foi modificando...

As explicações do cordelista foram bastante apreciadas pelos alunos e Zé Bezerra continua respondendo às perguntas feitas pelos alunos, quando explica que não é preso ao estilo de métrica e de rima cobrado pelos críticos da literatura de cordel e diz que fazer cordel é vocação.

**Fragmento 02:**

CORDELISTA ZÉ BEZERRA: é uma coisa que é de nascença... o dom da poesia... ninguém ensina ninguém... é um dom que a gente tem... eu nasci com esse dom... até eu digo assim... " no dia que eu nasci... que a parteira me pegou... foi me pegando e foi dizendo... é o rei dos cantadores... eu fiquei mal acostumado que nem no roçado eu vou..."

Durante a entrevista, o cordelista Zé Bezerra nos deu importantes informações, conforme o quadro abaixo:

Quadro 4 – Entrevista com o poeta cordelista José Bezerra de Carvalho

Questões:	Respostas:
1. Onde e quando o senhor nasceu e como foi sua infância e juventude? Desse tempo, do que o senhor sente saudades?	R: Nasci em Ipueiras (CE), no dia 13 de março de 1927. Não sinto saudades, porque já nasci trabalhando. Fui dado para uma família rica do Piauí, que morava em Campo Maior e também em Teresina, onde eu só trabalhava.
2. Fale sobre seus estudos na escola e fora dela.	R: Não frequentei escola. Tive apenas três meses de aulas particulares, mas pegava tudo o que a professora ensinava.
3. Desde quando o senhor mora em Teresina?	R: Desde o ano de 1936, quando passei a morar com minha família, porque precisava trabalhar para dar comida, porque meu pai ficou doente (aleijado).
4. Quando iniciou o seu gosto pelo cordel?	R: Tenho de nascença o dom da poesia: “no dia em que eu nasci que a parteira me pegou foi pegando e foi dizendo é o rei dos cantadores. Fiquei mala acostumado que nem no roçado eu vou. A poesia é um dom, uma graça, ninguém aprende”. Nunca me prendi às técnicas que os críticos do cordel exigem,
5. O senhor escreve sobre a realidade. Fale-nos sobre as realidades presentes em sua obra.	R: Escrevo sobre a realidade, mas com um toque de poesia. Ainda menino escrevi o cordel “O menino e o sabiá” que foi uma situação que vivenciei em que o sabiá morreu, mas não coloquei a morte para não tirar a beleza da história. Então, é isso: é realidade com fantasia.
6. A religiosidade também está presente em sua obra. Conte-nos por qual motivo o senhor escreve sobre a fé.	R: Minha religiosidade é por amor a Deus. Se não amasse, não importava a fé. Tem que provar o amor. Aprendi a rezar o Pai Nosso, de joelhos, com meus pais. Jesus ensinou: orai e vigiai. Eu sou ministro da eucaristia e amo minha religião, mas respeito todos os credos. Escrevi “O pão que não acabou” com base num folheto que uma moça evangélica veio deixar aqui. Ela andava evangelizando. Eu recebi e escrevi um cordel. As universidades já estudaram minha religiosidade. Muitos estudantes vêm aqui saber sobre a minha literatura religiosa.
7. Por que o senhor construiu sua biblioteca popular?	R: Com a finalidade de incentivar o conhecimento da cultura popular, às pessoas e, em especial, aos estudantes como vocês que estão me entrevistando.
8. Sobre literatura de cordel, o que precisamos fazer para aprender a produzir cordel?	R: É preciso que tenha vocação. É um dom. Escreva o que lhe venha à mente. Não escreva sobre o que você não conhece.
9. O senhor pode nos dizer que obra ou que versos seus mais marcam a sua vida?	R: “Tudo o que fez permanece nele”. É como um filho.
10. Fale-nos sobre sua última obra escrita e se o senhor está escrevendo alguma obra do momento.	R: A última obra foi “Saulo que virou Paulo”. No momento, não estou escrevendo. Quero dizer que também escrevi o cordel para o meu velório, porque já sou de idade avançada.

**Fonte:** Dados gerados por esta pesquisa.

O cordelista José Bezerra, com muita ênfase, falou sobre a origem do cordel, dizendo que no século XVII era folha corrida e que veio da França. Falou sobre Inácio da Catingueira, que, vindo da África para o Ceará, foi um pioneiro do cordel no Nordeste. A fala do cordelista foi ouvida com bastante atenção pelos quatro alunos já referidos.

O fato de o cordelista dizer que fazer cordel é vocação influenciou alguns alunos a se negarem a produzir justificando que não tinham vocação, assim como outros muitos alunos já se encontravam influenciados pela construção da métrica por meio da melodia ensinada pelo cordelista anteriormente entrevistado, em sala de aula, Raimundo Clementino, ou seja, a ideia de que produzir cordel exige técnicas passíveis de serem aprendidas.

Nesse sentido, Lopes (1982, p. 23) diz que: “[...] o bom poeta do cordel já tem o ritmo do verso no ouvido, a música, que flui naturalmente sem esforço. Outros, embora imaginosos, são duros de roer na métrica e rima. É que aos poetas populares, em geral, interessa-lhes mais o conteúdo do que a forma de expressão”.

Como ficou evidenciado na entrevista, o poeta cordelista Zé Bezerra é de origem rural, frequentou apenas três meses de aulas particulares e ainda na infância escreveu seu primeiro cordel, “O menino e o sabiá” e ele próprio disse que não é preso às técnicas que os críticos do cordel exigem, demonstrando já ter o ritmo do verso no ouvido de forma bem natural.

#### 7.2.1.3 Análise da entrevista com o cordelista Joames

Joaquim Mendes Sobrinho (Joames) é piauiense de Pedro II, mas reside em Teresina, desde o ano de 1968. Além de fazer parte da Associação dos Violeiros e Poetas Populares do Piauí e da Associação dos Poetas Populares de Timon e Região dos Cocais, sediada em Timon (MA) é presidente da COCHACOR.

Joames é autor das obras “As proezas de Konaré”, “Ajuricaba”, “Como fazer versos” e organizador da “Antologia dos cantadores e poetas populares do Piauí”. Organizou, também, em parceria com Messias Freitas, a revista “As dez piores drogas do mundo”. Joames escreveu dezenas de cordéis e poesias avulsas, dentre eles, “O cordel e o repente por caminhos diferentes”, que foi trabalhado em sala de aula.



Figura 4 – Joames na turma do 8º ano



Fonte: Arquivo da autora.

Joames esteve na turma do 8º ano no dia 21 de outubro de 2019, quando os alunos lhe entrevistaram e procederam às suas anotações para a produção das memórias do cordelista. Dentre as respostas dadas, Joames falou de sua obra, destacando a importância de sua antologia:

**Fragmento 01:**

CORDELISTA JOAMES: esse aqui é o mais importante... agora... pra cultura do Piauí... para cultura do Piauí a mais importante é a Antologia dos cantadores... que é uma fonte de pesquisa... pra quem quiser conhecer...

Joames foi também entrevistado, por nós, gravamos em áudio a entrevista cujas perguntas e respostas se encontram no quadro abaixo.

Quadro 5 – Entrevista com o poeta cordelista Joaquim Sobrinho Mendes (Joames)

Questões:	Respostas:
1. Onde e quando o senhor nasceu e como foi sua infância e juventude? Desse tempo do que o senhor sente saudades?	R: Muito bem... eu nasci em Pedro II, no ano de mil novecentos e cinquenta e um... a minha infância foi trabalhando com meu pai na roça... né? Trabalhando na roça... com meus pais... a partir dos doze anos eu comecei a frequentar uma escolinha particular... lá no interior mesmo de Pedro II... Quando eu já desenvolvia mais ou menos a escrita e a leitura... meus pais me mandaram pra cidade de Pedro II pra fazer o que a gente chamava de primeiro ano... segundo ano... terceiro ano naquele tempo... que hoje é... é basicamente o ensino fundamental... não é, professora? Depois eu cursei... um... fiz um curso chamado de exame de admissão... que valia... éhh: dava acesso ao ginásio... que seria.. o segundo período do ensino fundamental, hoje... né? aí, eu terminei o ginásio e aí, parei de estudar... vivi em Pedro II até... trabalhando com meus pais... até os dezoito anos... aos dezoito anos... em mil novecentos e sessenta e nove... a infância... apesar de ter sido muito sofrida no interior... por mais sofrida que seja a infância de todos nós... a gente não consegue apagar todas lembranças...
2. Fale sobre seus estudos na escola e fora dela.	R: Eu vim pra Teresina... chegando em Teresina... passei ainda bastante tempo sem frequentar escolas... trabalhando pra sobreviver aqui... em várias

	<p>atividades... eu pratiquei várias atividades... aí, depois eu me matriculei pra fazer o ginásio lá na escola Álvaro Ferreira... na Piçarra... né? aí, eu fiz o ginásio... né? terminei o ginásio... e fiz o primeiro científico. Naquela época, o científico era o primeiro do ensino médio hoje... né? éhh: eu fiz lá no Colégio Lourival Parente... lá no bairro Lourival Parente... parei de estudar novamente... e posteriormente, agora... falando dos estudos... depois a gente fala dos outros assuntos... agora. Dois mil e onze... depois disso, eu parei de estudar e fiquei estudando só como autodidata... certo? eu era muito interessado pela leitura... eu comecei a ler vários autores... autores brasileiros e também autores clássicos da antiguidade... e mesmo modernos... de Portugal... espanhóis e franceses... e: em dois mil e onze... por incentivo de um amigo...</p>
<p>3. Desde quando o senhor mora em Teresina?</p>	<p>R: Vivi em Pedro II até... trabalhando com meus pais... até os dezoito anos... aos dezoito anos... em mil novecentos e sessenta e nove...</p>
<p>4. Quando iniciou o seu gosto pelo cordel?</p>	<p>R: Tive... eu tive contato com o cordel e com o repente... porque... meu pai era repentista... né? Meu pai era repentista... e além de ser repentista... tinha uma particularidade dos repentistas daquela época... professora... que hoje... não é mais uso... corrente... é que os cantadores... os repentistas daquela época... eles cantavam muito folhetos de cordel que eles chamavam de romance... né? eles iam pras cantorias e cantavam um periodozinho de repentes... improvisados na hora... e as pessoas... ficavam pedindo pra se cantar os cordéis que eram famosos na época... né? os clássicos... né? (Pavão misterioso)... (Valentão do mundo)... (Capitão do navio)... (Lampião)... e outros mais... e em virtude de haver muita exigência pra cantar cordel... os romances... meu pai comprava cordel nas feiras... os romances... pra decorar... pra cantar nas cantorias quando alguém pedisse... e nós... eu e meus irmãos... como nós já tínhamos aprendido a ler um pouco... a gente lia bastante... lá em Pedro II... a gente lia bastante... e eu era o que tinha me destacado mais na leitura... eu gostava... porque tinha aquele serviço caseiro que era debulhar feijão de noite... meu pai botava um monte de feijão na sala... que dava dois metros de altura... aí, aquela vizinha que gostava de ouvir os cordéis... vinha tudo pra ouvir os cordéis e ajudava, debulhava o feijão e eu ficava só lendo... era a minha missão... e eu tinha preguiça de debulhar feijão e aproveitava pra ficar lendo... né? pra divertir as pessoas... eu tive esse contato muito ligado com o repente e o cordel na minha infância e juventude...</p>
<p>5. O senhor se declara o poeta engajado. Explique-nos porque o senhor se diz ser engajado? Como sua obra retrata esse fato?</p>	<p>R: Certo... eu me considero... primeiro... vamos por itens... primeiramente, eu me considero um poeta muito razoável... agora, por quê? Porque eu sou uma pessoa muito cuidadosa... eu sou uma pessoa muito [...] naquilo que escrevo. Pode ser que haja... Sei que há poetas melhores do que eu aqui em Teresina... agora mais cuidadoso do que eu pra escrever não tem... a senhora pode pegar meus livros ali... a senhora não encontra erro, não... a senhora não encontra erro de métrica... erros ortográficos a senhora não encontra... a não ser que haja erros de digitação... que as vezes passa... o digitador deixa passar... e eu fico muito bravo... depois de um livro editado... um trabalho já editado que eu encontro um erro... sabe? eu fico muito aborrecido... então, eu talvez... eu não sou o melhor poeta do Piauí... mas eu sou o mais cuidadoso... eu já observei... não é me vangloriando, não... é porque eu analiso as obras dos outros... os outros são mais desleixados... embora conhecendo as regras... e tudo mais... até uma cultura mais superior do que a minha... uma formação mais... uma formação superior... mas tem menos cuidado... são mais desleixados do que eu... então, eu capricho... eu me considero um bom poeta... não pela inspiração... mas pelo/ porque a poesia ela não é só a prática... ela não é só a correção gramatical... não é só a correção métrica... precisa que você tenha uma capacidade de colocar sentimentos na poesia... aquele poeta que coloca sentimento na poesia é o melhor poeta... eu não digo que eu sou o melhor poeta do Piauí... porque talvez eu não tenha essa capacidade de colocar sensibilidade... uma grande sensibilidade na minha poesia... capaz de sensibilizar todo mundo... mas no ponto de vista de correção... eu me considero um dos melhores... quanto ao que a senhora falou... engajado eu sou... eu sou engajado completamente na arte da poesia popular... eu vivo a poesia popular... tanto do cordel quanto do repente... eu vivo nesse meio há muito tempo e não trabalho com outra coisa... eu sou</p>

	<p>completamente entregue a essa arte... e quanto ao ponto de vista que a senhora falou de crítico literário... esse problema de crítico literário é uma função que requer muito capacidade intelectual pra ser um crítico literário... certo? as pessoas até... às vezes, me pedem pra prefaciar livros... eu até, às vezes, eu declino dessa responsabilidade... porque prefaciar um livro é fazer uma análise da obra... uma análise bem resumida pra se colocar no começo do livro pra que o leitor possa ter uma visão lendo o prefácio... possa ter uma visão geral de toda a obra... e não é todo mundo que é capaz de sintetizar uma vasta obra dentro de poucas páginas... poucas palavras... né? mas eu... já tenho feito isso... eu não me considero um crítico literário... eu me considero um estudioso... da poesia popular... certo? é que eu estudei... há algum tempo... eu li... sobre o sofrimento dos negros no período da escravidão aqui no Brasil... e depois da abolição dos escravos não melhorou muita coisa para os negros... né? não só para os negros como para a sociedade pobre... né? os mais necessitados... os menos favorecidos... e aqueles problemas sociais que tocavam essas pessoas... que 'martirizavam' essas pessoas... né? tocaram minha alma... então, eu achei que/ existe um provérbio que diz assim... "evite ser um moleque... um canalha... porque se você evitar o mundo tem um canalha a menos..." então, eu pensei assim... eu vou dar o meu grito... se todo mundo não ouvir... mas se alguém ouvir já é alguma coisa... certo? é como eu digo também... que se por acaso... eu levar o cordel nas escolas... com a temática de prevenção e combate as drogas é muito importante, sabe por quê? num universo de mil alunos... se tiver duzentos alunos com tendência a usar drogas... e eu conseguir tirar dez alunos do mundo das drogas... já é uma vitória... é uma vitória por quê? Porque eu vou evitar a família daqueles alunos de ter problemas... vou evitar a justiça de ter problemas de andar correndo atrás de drogado e bandido... porque as drogas transformam qualquer pessoa em/ éhh: primeiro transforma num dependente... doente... e mais tarde num bandido... porque ele/ a droga faz com que ele se torne bandido, por que ele sente necessidade das drogas... [inaudível] assalta... rouba e tudo mais... bom... eu evito problema pra a aquela família daquela criança... eu evito problema pra justiça... pra polícia... eu evito problema nos hospitais pra tá pagando/ tratando de drogado e de doente... e tudo mais... então, num universo de duzentos alunos... se eu conseguir tirar dez do mundo das drogas... eu já acho que é uma vitória... então, eu tenho um projeto muito importante que é...</p>
	<p>O cordel como ferramenta (de) prevenção no combate as drogas... eu tenho o projeto... só falta ser aprovado... né? bom... então, eu/ voltando ao assunto aí, das minhas obras... eu tenho essa preocupação com os menos favorecidos... e vi que o negro é menos favorecido... continua sendo aqui no Brasil... como acho que quase no mundo todo... o índio foi muito massacrado... foi muito massacrado e continua sendo... então, eu elevei meu grito também em defesa do índio... né? o [...] foi um herói que lutou em defesa da causa indígena... e eu centralizei um poema no [...] ele é o protagonista principal dessa obra que eu escrevi... porque ele foi um herói que lutou pelo seu povo... contra... contra a invasão... e contra a escravidão que os brancos... os portugueses... e alguns brasileiros tentaram... tentaram não... eles conseguiram... éhh: fazer com que... escravizar os índios também... né? então, eu... e eu ainda tem outras classes sociais que eu pretendo trabalhar por ela... tem a mulher... tem outras mais...</p>
<p>6. O senhor é reconhecido como crítico literário. Explique-nos o que é ser um crítico literário do cordel.</p>	<p>R: Éhh: até certo ponto/ agora/ no ponto de vista... porque o crítico literário... em se falando de crítico literário... tá abrangendo a literatura em geral... agora um crítico de cordel eu sou... né? crítico de literatura de cordel eu sou... por quê? Porque eu conheço o cordel que está correto e o cordel que está errado... eu conheço... eu conheço o cordel que tem mais sensibilidade e menos sensibilidade... então, eu sei falar desses pormenores da literatura de cordel... no ponto de vista da particularidade em literatura de cordel eu sou um crítico... sou um crítico da literatura... mas sou mais estudioso... quer dizer... eu vivo mais pesquisando... onde eu vejo um novo autor... qualquer tipo de trabalho de um novo autor... a biografia de um novo autor, eu tô lendo e tudo mais... pra me inteirar do que está acontecendo no mundo do cordel... não é só aqui no Piauí, não... e no Brasil todo... né?</p>
<p>7. Que obra ou versos seus</p>	<p>R: Oh: os cordéis... eu li muitos cordéis... mas tem alguns clássicos que são...</p>

<p>mais marcaram a sua vida? Por quê?</p>	<p>são lembrados... são memorizados até com muito prazer... né? Porque... foi uma leitura muito agradável... e um trabalho muito bom... alguns trabalhos muito bons... eu tenho pra indicar pra quem não conhece... é... ler os cordéis do Pavão misterioso... é... ler o cordel de O valentão do mundo... ler o cordel de O príncipe e a fada... é um dos melhores cordéis que eu já li até hoje... de Leandro Gomes de Barros... tem também José de Souza Leão... tem... éhh: a Chegada de Lampião no inferno é engraçado... porque é um tema humorístico... né? lúdico... né? muito engraçado... apesar de ser... aliás... esses cordéis... todos do passado, eles são ficção... né? são ficção... e eu admiro muito os autores daquela época... né? que são... eles foram umas pessoas muito criativas... eles tinham uma facilidade impressionante de engendrar um roteiro bonito... maravilhoso... chamativo ,que despertava a atenção do ouvinte e do leitor... do leitor e do ouvinte... né? então, eles tinham aquela capacidade imensa engendrar um roteiro muito bonito... né? o que está faltando hoje... hoje... as pessoas... eu não sei se é consequência da mídia... a mídia é muito realista e imediata... éhh: imediatista... eu não sei se é porque as pessoas só querem ver as coisas reais e não estão mais acreditando em lendas... histórias... assim... fantasiosas... né? mas que são bonitos esses cordéis que eu citei... são... éhh: falando mais aqui... dois clássicos... até tem um que eu escrevi também... já me espelhando em um deles... é a história do João Grilo... As proezas de João Grilo... né? muito engraçado também... e a história de canção de fogo... canção de fogo era... éhh: as ações dele eram bem idênticas as do João Grilo... né? só que ainda mais engraçada... e eu escrevi a história de cançãozinho... filho de canção de fogo... e nós, essa história foi até transformada em filme... né? a casa do cantador filmou esse cordel... pois é... então, eles são muito bonitos... né? esses cordéis...</p>
<p>8. Sobre literatura de cordel, o que precisamos fazer para aprender a produzir cordel?</p>	<p>R: O que é preciso pra aprender... primeiro você tem que se adaptar a leitura... do cordel... né? Porque... você se adaptando a leitura... eu não sei se com a senhora acontece isso... olha... eu não era... eu não escrevia soneto... eu escrevia qualquer tipo de poesia popular e tal... mas menos o soneto... eu consegui um livro de Bocage... duzentos sonetos escolhidos... né? e eu comecei a ler o livro... os sonetos de Bocage... aí, com a metade do livro eu já tava ansioso pra fazer soneto... né? e hoje eu faço sonetos também... né? então... precisamos ler primeiro pra nos pegarmos o ritmo do cordel... porque o cordel/ aliás não é só o cordel... e toda poesia... ela é ritmada... nem que ela não seja metrificada... mas ela tem um ritmo... se a poesia não for ritmada... ela perde aquela... aquele... digamos o cerne da poesia... ela deixa de ser poesia e passa a ser prosa... então... quando eu pego um poesia... quando nós pegamos uma poesia...a primeira coisa que nós devemos fazer... é descobrir qual é a musicalidade da poesia... qual é a métrica da poesia... o ritmo da poesia... porque você vê que o martelo a galopado tem um ritmo... o galope a beira mar tem outro ritmo... os versos [...] tem outro ritmo... por quê? Por causa da métrica... né? nós temos que nos adaptar primeiro a leitura e depois que nós estivermos bem gastos na leitura da poesia de cordel... aí, nós podemos escrever imitando mais ou menos aquilo que nós/ aquela maneira que nós lemos... aquelas formas dos versos que nós lemos... isso com as nossas palavras é claro... embora que nós não consigamos fazer a métrica perfeita... e tudo mais... mas aquilo a gente vai... a métrica a gente vai aprimorando com o tempo... mas a primeira coisa é a prática da leitura... como... pra você se tornar um bom escritor... ou... um bom orador... você tem que ler bastante... leitura... né?</p>
<p>9. Fale-nos sobre sua última obra escrita e se o senhor está escrevendo alguma obra do momento e também sobre sua Antologia? Qual a importância dela para o Cordel em Teresina?</p>	<p>R: Cordel... né? minha última obra escrita em cordel... que eu fiz agora mesmo... por último... ainda não foi nem publicada... ela vai ser publicada agora em breve... são duas... tem uma... O quadro mal assombrado é cordel... né? e tem o Monstro... são duas obras que são bastante parecidas... por exemplo... eu faço uma crítica aos/ o quadro mal assombrado é quase uma crítica aos poetas que não têm... que não têm primor pela arte... né? eles são desleixados... são aqueles que não ligam pra melhorar... pra se aprimorar... que não estudam... né? é o quadro mal assombrado... e o monstro é um retrato do homem moderno... certo? o monstro é o homem moderno... que diz assim... "sou a mais temível fera... oriunda das quimeras... eu mato... eu devoro... eu roubo... eu furto... eu destruo a natureza... e faço tudo mais... eu tenho egoísmo... só faço o que é bom</p>

	<p>pra mim... e o ruim para os outros..." [inaudível] e no fim quem é esse monstro? esse monstro somos nós... né? chamados de raça humana... é isso... e esse outro... O quadro mal-assombrado... que é uma crítica aos poetas que não se interessam pela arte... eu idealizei como se eu fizesse um quadro e botasse aqui... né? eu botei assim... "para assombro dos [...] infieis... vou agora pintar um grande quadro... pego a régua o compasso e o esquadro... nesse quadro farei grandes painéis... pego a tinta macabra e meus pincéis... nesse quadro meu [...] se concentra... nesse quadro sinistro mal adentra... e depois dele pronto bem pintado... lá em casa na sala pendurado... o cantador vendo o quadro lá não entra..." porque eu vou colocar um bocado de/ de/ digamos assim de monstros no quadro e tudo mais... só que quando o cantador ruim... o poeta ruim chegar aqui... no final eu invento lá um (estratagem) que quando o cantador for entrando aqui ou o poeta... aí, as feras que estão no quadro eles ganham forças vitais... pulam na frente e devoram o cantador ruim... a antologia... a antologia dos cantadores foi... olha professora quando nós quisermos ou queremos realizar um feito... uma obra... nós temos que idealizá-la e pôr as mãos à obra... temos que trabalhar... se nós tivermos uma ideia e ficarmos inativos... a gente não consegue... eu comecei a estudar literatura de cordel... e eu comecei a pesquisar cordel do Brasil inteiro... daqui do Nordeste... e tudo mais... Paraíba... Ceará... Pernambuco... de todos esses estados eu encontrei fontes... né? eu fazia pesquisa sobre os cantadores e os cordelista e encontrava fulano de tal... nasceu em tal lugar... viveu em tal lugar... morreu em tal ano... produziu isso e aquilo... aí, eu vou... procuro agora do Piauí... não tinha ninguém... não tinha fonte de pesquisa nenhuma... a senhora acredita? aqui no Piauí... fonte de poetas que eu colhi informação aqui no Piauí só tinham dois... Firmino Teixeira do Amaral... que foi um dos percursos... mas o percursos... principalmente... foi Hermínio Castelo Branco... né? ele escreveu aquele livro vida sertaneja... o nosso primeiro poeta popular... é... poema de cordel muito bonito...</p>
	<p>a senhora não conhece não? Vida sertaneja é pra senhora conhecer... eu comprei lá... eu não tenho mais esse livro... porque me roubaram aqui... mas eu comprei... eu já comprei aquele livro duas vezes e me roubam... porque eu vivo só... e tem umas pessoas que me visitam aqui que são ladras de livros... né? são ladrões... [inaudível] eu até cheguei a dizer pra um que ele ficou me criticando que eu tinha pouco livro... né? aí... "rapaz... tu tem pouco livro..." eu tenho ali uns sete... é porque a senhora não viu ainda... eu tenho mais ou menos uns quinhentos livros... aí... ele disse "rapaz... tu tem quantos livros? uns quinhentos..." ele disse "eu tenho uns três mil lá em casa..." "tem razão... porque eu faço é comprar e você faz é roubar..." ele pegou e devolveu tudinho aqui... agora eu vou falar um pouquinho da antologia... a antologia foi o seguinte... eu procurei aqui no Piauí... pesquisar sobre os autores piauienses e não encontrei informação nenhuma... sabe o quê que eu fiz... nessa época eu trabalhava... eu já estudava... era muito interessante... mas eu trabalhava... eu era técnico em fogão... e eu trabalhava aqui em Teresina... eu tinha uma boa clientela aqui... a senhora sabe o que foi que eu resolvi, só pra poder colher os dados dos poetas? eu arranjei umas caixas grandes... comprei peças... enchi duas caixas grandes de peças de fogão e saí... de cidade em cidade... consertando fogão e nas horas vagas eu saía perguntando... aqui tem poeta cantador? tem poeta cordelista? coisa e tal... tem alguém que canta? tem alguém que escreve cordel? aí, quando alguém dizia assim... "acolá tem um homem que faz lá... cordel..." eu ia lá... chagava lá... conversava com ele... oh... andei no Piauí todinho... eu andei de Parnaíba à Corrente... acredita? nesse tempo... o Piauí... faz tempo isso... nessa época o só tinha cento e vinte e quatro municípios... eu andei em todos os cento e vinte e quatro... hoje eu não conheço mais... porque foram desmembrados alguns... né? mas andei em todos os cento e vinte e quatro municípios... colhendo o nome de cantador e poeta... eu consegui... dos poetas melhores... eu consegui cento e trinta e dois... aí, eu peguei a biografia dos cento e vinte e dois... agora eu vou fazer uma antologia pro Piauí... porque as pessoas chegam aqui e vão pesquisar os poetas do Piauí e não tem... aí, eu peguei... e fiz aquele livro... agora... o livro foi feito... e pra editar... minha senhora? não tinha quem patrocinasse... ninguém patrocinava... o [...] mandou eu levar lá no [...]... eu consegui um patrocínio com um empresário de material hospitalar... aí, quando</p>

	<p>eu cheguei com um cheque lá... pra editar três mil livros... dez mil e quinhentos reais... que ele mandou eu fazer o orçamento lá na gráfica... aí, eu cheguei e o [...] disse... "oh... não posso mais receber não que o prazo venceu ontem..." eu digo... "tá aqui o dinheiro... moça... tá aqui o dinheiro que o rapaz me deu... é só depositar... aí, é só você anotar aí, pra você descontar no imposto dele lá..." aí, disse... "não... não posso não... porque o prazo venceu ontem..." eu fiquei com raiva dela... sabe? [inaudível] bom... aí, minha senhora... isso... em noventa e cinco... cê acredita? em noventa e cinco essa antologia tava pronta... aí, de lá pra cá... sempre que aparecia alguém eu ampliava um pouco... modificava... quando foi em dois mil e seis... eu fui com o Pedro Ribeiro lá... num encontro com o Wellington [...]... aí, ele ia patrocinar o Festival de Violeiros... né? aí, ele conversou lá com o doutor Pedro... coisa e tal... aí, perguntou assim... "Pedro... e os cantadores aí... não tem alguma coisa pra/ cd pra gravar... livro pra publicar não?" aí, o doutor Pedro distraído da mente... disse... "não... por enquanto não tem não... só se prepararem..." aí, eu disse... "eu tenho... governador... eu tenho um livro pra ser editado... e é um livro de muita importância para o Piauí..." aí, ele disse... "que livro é esse?" aí, eu digo... "é a antologia dos cantadores e poetas populares que é muito útil para pesquisadores e estudos... né? alguém que queira colher informações sobre a poesia popular do Piauí... tá tudo contido no livro que eu escrevi..." era um dia de sexta feira... ele disse assim... "traga esse livro pra mim aqui segunda feira... quando chegar aqui... cê fale com aquela moça ali... aí, diga pra ela que vai falar comigo... não precisa falar mais com ninguém... é só entrar e falar... traga o livro..." era um dia de sexta... segunda feira quando cheguei lá... nesse tempo a presidente da [...] era a Sônia Terra... não sei se a senhora se lembra... aí, ele olhou o livro todinho ali... ligou pra Sônia Terra... aí, disse... "Sônia... eu tô aqui com o livro do poeta Joames... em mãos... vou mandar ele aí, com o livro... e você... pra você mandar editar esse livro... este mês ainda..." aí, tá bom... eu levei... cheguei lá ela recebeu... e tudo bem... passou-se um mês... dois meses... três meses... quatro meses e nada... né? quando foi com mais ou menos seis meses aí, eu fui lá e ela disse... " não Joames...</p>
	<p>a Secretaria de Fazenda nunca liberou o dinheiro pra tu editar o livro..." eu disse... "pois olha... Sônia... me dê o livro... que eu vou sair agora aqui e vou mostrar pro governador e dizer que não foi possível editar o livro... né? Porque ele pediu/ ele me garantiu que ele ia editar esse livro... então, me dê o livro que eu vou levar..." aí, ela disse... "não... tenha paciência aí, que eu vou falar/ vou falar com o secretário e vê o que ele pode fazer... vem aqui..." aí, eu fui lá... também por coincidência... um dia de sexta feira também... né? vem aqui segunda feira que segunda feira de manhã eu falo com ele... cê vem aqui umas onze horas... aí, eu fui... quando cheguei lá ela disse... "falei com o secretário de fazenda... ele liberou o dinheiro..." rapaz... já tava liberado... era má vontade... eu digo... "e agora?" tava pertinho do festival... né? faltava uma semana... festival de violeiro... e aí, eu queria esses livros pra ser lançado no festival... agora não vai mais dar... né? aí, ela disse... "não sei não... eu já mandei lá pra gráfica..." ... "você já mandou? pra onde?" ... (mandei... pra [...]..." "foi?" ... "foi"... aí, tá bom... aí, eu liguei pra lá... falei com um sobrinho que é gerente de lá... eu já/ ele não me conhece não... mas eu já tinha falado com ele uma vez lá... aí, eu digo... ôô sobrinho... aqui é o Joames... e me diga uma coisa... tem um livro aí, de Joames? a Antologia dos cantadores?' ... "tem" ... "rapaz... esse livro era pra ser lançado no Festival de Violeiros... quando é que dá pra sair esse livro?" aí, ele disse... "não... dá pra sair daqui pra sexta feira..." [inaudível] aí, quando livro saiu eu fui lá no governador aí, eu digo... "governador... o livro saiu..." ... "saiu?" ... "saiu..." ok...aí, ele disse... agora você prepara, então, você prepara... procura um lugar bom... pra fazer o lançamento... prepare quarenta convites pra mim... que eu vou com o meu secretariado... assistir... éhh: pra ver o lançamento do livro... e comprar os livros... e vou lhe dar setecentos e cinquenta livros... dos mil... e vou ficar com duzentos e cinquenta pra distribuir no Piauí a fora... aí... tá bom? eu digo... "tá bom..." aí, minha senhora... aí, lá no festival do violeiro foi feito o lançamento... aí, o doutor Pedro apurou lá pra mim uns três mil... lá... apurou uns três mil... aí, na outra semana eu fiz o lançamento... consegui com o [...] Campelo... cê conhece o [...] Campelo? nessa</p>

	<p>época ele era... presidente ali daquele complexo... [inaudível] aí, ele me cedeu a sala Torquato Neto... [inaudível] aí, o Raimundo Clementino com ele lá ajeitaram... o Raimundo Clementino disse "eu dou o coquetel... aí, ajeitaram lá um balcão e tudo mais... compraram um coquetel... compraram bolo... salgado... e tudo mais... [inaudível] encheram de livros aí, marcamos o dia lá... chegou lá eu fui só me sentar numa mesa acolá... aí, primeiro teve o discurso... né? primeiro teve um discurso... aí, o governador chegou... aí, o governador falou... falou... e outras pessoas lá falaram... aí, eu falei também um pouco... porque eu não sou bom orador... mas eu sou sempre muito sucinto... eu falo pouco... porque o cabra que sabe pouco tem que falar pouco... né? [inaudível] bom aí, eu fui só autografar lá... e a moça vendendo... e eu autografando e a fila grande... né? dentro de duas horas... não foi nem duas horas... cê sabe quanto foi que a moça me entregou? isso em dois mil e seis... ela me entregou seis mil e quatrocentos e cinquenta reais... aí, na época eu tirei trezentos reais... dei pra ela... ela era a vendedora... né? ela ficou muito satisfeita... e eu fiquei com o dinheiro... eu tinha vontade de comprar um computador... não tinha condição e comprei... aí, comprei geladeira nova... [risos]</p>
<p>10. O senhor é presidente da Cordelaria de Teresina, a COCHACOR. Fale-nos sobre a criação e o objetivo dela.</p>	<p>R: Eu resolvi... eu tive a ideia de fundar essa entidade... é como eu falei ainda agora... a pouco pra senhora... que a gente tendo uma ideia... se a ideia for boa... põe em prática... comece logo a trabalhar... então, quando eu tive a ideia eu pensei nisso... né? o cordel tava órfão no Piauí... né? o quê que a gente faz... só resolve se fundar uma entidade... aí, eu começo a ligar para os amigos... rapaz... eu tô com essa preocupação... "o quê que a gente faz? a gente funda uma entidade?" ... "se você começar a gente acompanha." aí, eu meti a cabeça no mundo e fundamos a entidade... e graças a vocês... né? a entidade tá aí... com pouco tempo nós já realizamos duas festas de cordel... lá... três festas de cordel lá debaixo da ponte... mesmo que não tenha sido grande/ de cordel não... de repente... mesmo que não tenha sido um grande sucesso... já realizamos também duas oficinas de cordel por conta da Cordelaria e já editamos uma coleção de cordel... também por conta da Cordelaria... quer dizer... nós estamos com dez meses de atividades... é pouco? é muito pouco... deveria ser mais... mas é muita coisa pra quem tem quarenta anos e nunca fez nada... não é verdade? e eu... e temos... agora pra este ano... de dois mil e vinte... temos algumas... alguns projetos ambiciosos... éhh: por exemplo... editar uma coleção de cordéis clássico... aqueles clássicos... que muita gente tem saudade... né? fazer uma seleção dos melhores... e editar uma coleção daquela e também realizamos um Festival de Violeiros de maior porte... numa das cidades do interior do Piauí... eu até optei pela minha cidade Pedro II... que eu sou de lá e nunca foi feito um Festival de Violeiros lá... né? pois é... estamos com esses dois projetos em pauta... né? pra realizar esses... esses dois eventos... e o nosso objetivo é continuar lutando... e se der... quando aparecer recursos... a gente não vai guardar recursos não... a gente vai produzir e divulgar...</p>
<p>11. Especialmente, sobre a contribuição de Pedro Costa para o cordel em Teresina, o que o senhor pode nos informar?</p>	<p>R: O Pedro Costa ele tem/ a literatura de cordel deve muito a ele... deve muito a ele por quê? Porque o Pedro Costa ele foi um baluarte... ou seja uma pessoa muito interessada e muito atuante no campo da literatura de cordel... no ponto de vista de produção... do ponto de vista até mesmo de incentivar muitas pessoas a praticar o cordel... ele tem/ o cordel deve a ele uma grande... um grande impulso que teve... né? o Pedro Costa só tem... aqui eu vou falar como crítico... literário de cordel... o Pedro Costa só não tem é qualidade... o trabalho dele... né? quantidade tem muito... ele produziu muito... agora... é... promoveu também... agora... os próprios trabalho dele em si mesmo... dele próprio... não tem qualidade... era muito desleixado e muito inculto também e não se preocupava... e eu convivi muito com o Pedro Costa... e eu aconselhava muito... "Pedro rapaz... estuda rapaz... tu vive trabalhando nesse meio... tu precisa estudar rapaz... escreve mais correto..." ... "rapaz eu só leio aquilo que eu preciso..." ... "pois isso que você precisa é isso que você tá fazendo... né? fazendo cordel tem que aprender... tem que estudar..." então, a poesia popular... o Piauí deve muito a ele...</p>
<p>12. Fale-nos sobre o</p>	<p>R: Aqui existe a associação dos violeiros... eu sou membro lá da associação dos</p>

<p>repente e o cordel em Teresina, especialmente, sobre como veio sendo conduzido pela Diretoria do Associação dos Poetas e Violeiros nos últimos tempo.</p>	<p>violeiros... conheço o estatuto lá... o estatuto da associação dos violeiros diz que os objetivos da associação é incentivar e divulgar o cordel e o repente... no Piauí... só que eu milito lá na associação dos violeiros... junto com o doutor Pedro... e isso eu falei na última reunião... não sei se a senhora estava lá... eu falei lá que o doutor Pedro... apesar de ter feito muito pelo repente... tem feito muito pouco pelo cordel... falei na presença dele... viu? Porque tem mesmo... a associação dos violeiros nunca editou um cordel... bom... aí, em virtude de nós estarmos órfãos no sentido do cordel... o repente existe aqui... existe o Festival de Violeiros... acontece todo ano... os cantadores que andam cantando pra cima e pra baixo... e a edição de cordel só tem edições pessoais... muito poucas... muito pouca ainda... né? não tem incentivo de associação/ de entidade nenhuma... porque a casa do cantador havia desprezado essa causa... né?</p>
<p>13. Que avaliação você faz do Projeto Lei Maria da Penha em Cordel desenvolvido nas escolas de Teresina com a presença do cordelista Tião Simpatia?</p>	<p>R: Bom... esse/ esse projeto do Tião... a senhora sabe... cada artista... cada poetisa... cada escritor... cada músico... ele abraça uma área da arte... né? uma particularidade da arte... né? eu escolhi o quê? eu escolhi a defesa dos menos favorecidos... se bem que isso se torna bem mais abrangente do que o caso do Tião Simpatia... por que o Tião Simpatia ele... abraçou uma causa muito nobre... que é a defesa da mulher através da Lei Maria da Penha... né? e através disso ele tá se tornando famoso... agora... eu aprovo muito o trabalho dele... e é meu amigo... cidadão... nós temos um bom relacionamento... mas eu não quero me vangloriar... o meu trabalho vai além do dele... no ponto de vista de abrangência... abrangência social... né? pra falar desse tema... ele é indicado... eu acho que pra falar desse tema... no Piauí não tem... é a pessoa certa... né? eu sou até contrário a se trazer poeta de fora... pra trazer aqui pro Piauí pra fazer sabe o quê? pra dar aula nas escolas... porque nós temos aqui quem dê... nós temos alguém com capacidade pra dar aula aqui... pra dar aula de cordel aqui em Teresina.. eu me considero muito bem capacitado... nos colégios... né? então... eu... acho que... as pessoas que me conhecem... diretoras de colégio... os próprios gestores... educadores do Piauí... eles não deveriam desprezar a gente aqui não... deviam nos chamar... e outra coisa... a contribuição que não podemos dar para o alunado piauiense é muito grande... viu? é muito grande... e eles estão desperdiçando essa contribuição que nós podemos dar... com esse projeto nosso projeto... e outros mais... de combate as drogas nas escolas... eles tão perdendo muita coisa... tão perdendo por quê? Porque eles tão... eles... o quê que eles deviam fazer... por exemplo... nesses/ nessas favelas... nesses subúrbios... que tem uma grande incidência de drogados... onde tem um colégio lá que os alunos... logo na adolescência... tão começando a [...] no mundo das drogas... eles levavam a gente pra lá... pra orientar esses meninos... e nós temos um projeto muito bem elaborado... de apoio... vou até lhe mostrar o projeto... tá bom? um projeto daquele ali é muito importante... a gente poderia contribuir muito com os poderes públicos... [inaudível]</p>
<p>14. O que você tem a nos informar sobre a Academia Piauiense de Literatura de Cordel?</p>	<p>R: Ah: esse é um assunto muito... digamos assim... que não deve nem ser falado... olha... o Pedro Costa veio aqui... e disse "poeta eu vou fundar a academia piauiense de literatura de cordel..." [inaudível] eu digo "e quando é que vai começar..." ... "já começou..."..."e quais são os critérios?" ... "você me dá quatrocentos reais... e aí, você se inscreve e fica pagando quatrocentos reais por ano... [inaudível] aí, eu vou cuidar da academia..." [inaudível] eu falei logo o seguinte... "Pedro... eu posso fazer parte da academia de cordel... agora... cadê o estatuto?" ... "não... não tem..." eu digo... " não... não posso... eu só vou me inscrever depois que eu ver o estatuto... eu ler o estatuto e saber quais são os objetivos dessa academia... aí, eu posso me inscrever... mas antes eu não posso..." ... "não... mas... depois a gente elabora..." ... " não..." bom... esse estatuto nunca foi feito... aí, eles juntaram um grupo de poetas e disse... "fundamos a academia..." fizeram uma reunião... a academia foi fundada... não tem estatuto... não tem nada registrado... não tem papel nenhum... dizendo que tem a academia... não existe a academia do Piauí... né? quer dizer... quem diz que é acadêmico... da academia piauiense de literatura de cordel... diz por quê? Porque participou daquela reunião... só que é diferente da nossa Cordelaria... que na nossa Cordelaria nós temos... CNPJ... registro em cartório... registro em Ministério da Fazenda... tudo... a nossa Cordelaria existe... a senhora pode dizer... eu sou ... eu sou membro da Cordelaria Chapada do [...]... por quê? Porque ela existe... nós temos toda a documentação dela... toda regularizada... [inaudível] agora a academia não existe...</p>
<p>15. Que avaliação você faz sobre o cordel em</p>	<p>R: O cordel em Teresina... agora eu estou mais contente... eu estava muito... eu estive muito triste e digamos assim... sem/ sem fé de a gente continuar</p>



Teresina?	produzindo cordel aqui... mas... eu acho que começou com as oficinas... o que começou a me dar coragem... as oficinas do Clementino... né? Aquelas oficinas ali eu não tenho nada a ver com elas... eu vou lá... ali não é nada meu... eu vou lá apenas como participante... um ouvinte... éhh: voluntário... mas aí, eu notei que a gente poderia começar a trabalhar nossa... nossa Vordelaria ali... porque eu vi o interesse das pessoas... aqui tá faltando só um empurrãozinho... se a gente der um empurrãozinho a coisa vai... e com a fundação da Cordelaria... eu já cheguei a descobrir que nós temos cordelistas... né? Inclusive as mulheres... que a gente nem falava em cordelista mulher aqui... tinha aí, umas duas... aliás... só tinha uma... duas... a Josefina e a Elza Bezerra que produziu uma coisinha aí, muito acanhada... né? aí, de lá pra cá já apareceram outras... né? já estão evoluindo e tudo mais e agora eu estou mais confiante na nossa caminhada...
-----------	--

**Fonte:** Dados gerados pela pesquisa.

Joames, que é um importante poeta piauiense, tem contribuído bastante para a expansão do cordel em Teresina e no estado do Piauí. Intitula-se um crítico da literatura de cordel e apresenta sugestões de como produzir uma boa obra. Segundo ele, a rima é de fundamental importância para a poesia, bem como a métrica. Visto ser um poeta experiente, considera-se um professor altamente capacitado para ensinar o cordel nas escolas, projeto que já faz há algum tempo. Durante a nossa entrevista, o cordelista afirma que fazer poesia não é só a prática, não é só correção gramatical, é preciso também colocar sentimentos nela. Nesse sentido, Testa afirma (2015, p. 152):

É importante lembrar que o ato de criar está relacionado também a natureza intuitiva, isto é, a ação de criar potencializa ou faz emergir nosso ser sensível. Contudo, se a criação traz à tona nosso ser sensível, se ela se origina de uma intensa inquietação emocional, nem por isso deixa de envolver o lado intelectual/mental. Portanto, a ação de criar é um ato sensível e intelectual.

Como fala a autora, o ato de criar requer envolvimento intelectual e sensível, e a produção poética não seria diferente.

O poeta Joames também disse que fazer cordel não é fácil. É necessário um bom professor, o aluno precisa ter várias explicações e treinar bastante. Por isso, o ensino de cordel, segundo Joames, tem que ser gradativamente aprendido. Então, verificamos mais uma vez a importância de se ensinar o cordel nas escolas. Nesse sentido, as palavras de José Hélder Pinheiro Alves (2013, p. 46) afirmam: “[...] a literatura de cordel tem uma contribuição importante na formação de leitores, mas precisa entrar na escola como literatura, não como cartilha para ensinar conteúdos os mais diversos [...]”.

O que dizem as autoras nos mostra o quanto a literatura de cordel é importante na formação de leitores, mas o cordel precisa ter seu espaço ampliado nas escolas e nos materiais didáticos também.

Em “Antologia dos cantadores e poetas populares do Piauí” (2006), Joames fala de sua trajetória, de quando decidiu fazer uma coletânea de cantadores e poetas populares, e explica que não foi fácil conseguir uma publicação. Na época, o Piauí tinha 124 municípios e Joames percorreu a todos em busca de poetas populares para organizar a sua antologia. Em seguida, veio a dificuldade para publicar, pois não encontrava patrocínio. Quando, finalmente, encontrou, a editora disse que o prazo tinha expirado. Ficou muito aborrecido. Até que, em 2006, com a ajuda do governador Wellington Dias, conseguiu publicar a obra organizada por ele.

O cordelista Joames, que de forma muito cordial procurou explicitar claramente sobre tudo o que lhe foi perguntado, terminou a entrevista incentivando a leitura de forma geral e, e, especial, a leitura de cordéis. Por fim, disse que aqueles que desejarem escrever/produzir um cordel, que sempre revisem os seus textos antes da publicação, quando lembrou que o cordel é um tipo de poema que tem estilo baseado em técnica que exige rima e métrica.

#### 7.2.1.4 Análise da entrevista com a cordelista Luzinete

A entrevista realizada com a cordelista Maria Luzinete Fontenele (Luzinete) oportunizou saber que ela é piauiense (de Piracuruca), é analista do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) no Piauí trabalha em Teresina, desde o ano de 1991, tem formação em Biblioteconomia. Luzinete foi professora do curso de Secretariado Executivo da Faculdade Centro de Ensino Unificado de Teresina (CEUT), por dez anos, e professora adjunto do Instituto Federal do Piauí (IFPI). É sócia da “Cordelaria Chapada do Corisco” e faz parte da diretoria da entidade. Escreveu vários cordéis dedicados à cultura popular, mas também com a temática do empreendedorismo.

A cordelista Luzinete esteve na turma do 8º ano, no dia 29 de outubro de 2019, com o intuito de transmitir algumas informações pessoais, para que os alunos pudessem produzir versos cordelianos sobre suas memórias.

Figura 5 – A cordelista Maria Luzinete Fontenele na turma do 8º ano



Fonte: Arquivo da autora.

Inicialmente, a cordelista falou de sua profissão (bibliotecária) e conduziu a conversa buscando mostrar a importância da leitura. Vejamos, a seguir, um fragmento das suas falas:

**Fragmento 01**

CORDELISTA LUZINETE: [inaudível] algum de vocês aqui conhece uma biblioteca? A escola de vocês tem biblioteca?

ALUNOS: Tem...

CORDELISTA LUZINETE: [...] por que que eu quis ser bibliotecária? Porque eu não queria ser professora... mas eu queria trabalhar com livros... eu queria trabalhar com leitura... eu queria incentivar as pessoas... a gostar de leitura como eu gosto... eu gosto tanto de leitura... eu gosto tanto de ler, que eu leio/ quando eu não tenho um livro nas minhas mãos... que eu leio até uma receita de remédio... uma bula... seja lá o que for... mas eu gosto de ler... o tempo todo eu quero ter uma coisa pra eu ler... então... como que começou o meu gosto pela leitura? [...]

Durante a sequência, a cordelista contou como iniciou seu gosto pela leitura e relatou a importância de seu avô para sua formação inicial. Vejamos, a seguir, um fragmento do seu percurso de leitora:

**Fragmento 02:**

CORDELISTA LUZINETE: [ao avô] ele era representante comercial... ou seja... ele comprava remédio na cidade... pra ir vender no interior... isso eu lembro de coisas quando eu tinha três... quatro anos de idade... então... o meu avô... na sacola dele... na bagagem dele... de levar os remédios ... ele também gostava de levar revistas... gostava de levar... éhh: calendários... levava... éhh: naquela época... tinha uns livros muito importante... que era... nossa... agora esqueci... como é que é o nome? éhh:

ANGELITA: Almanaque?

CORDELISTA LUZINETE: Almanaque... e levava também o que naquela época era chamado de romance... que a gente sabe que são os cordéis... hoje... o que a gente chama de cordéis... e por que que a gente chama de cordel? Porque era publicações fininhas... escritas com rimas... né? e com métricas... e quem fazia...

fazia com um papel bem popular... era uma publicação que não saia muito cara e que eles conseguiam [...]...

CORDELISTA LUZINETE: [inaudível] e foi assim que eu aprendi a ler e a escrever... quando eu fui pra escola... já aos sete anos de idade... cheguei lá aqueles doidos queriam me botar numa turma ainda pra aprender a ler e escrever... aí, a minha mãe disse "não... ela já sabe ler e escrever... ela já sabe matemática... as primeiras [...]..." e como era que eu sabia? através do cordel... eu fui alfabetizada lendo cordel... que é uma leitura maravilhosa... porque você aprende ler já cantando... você já aprende ler já rimando... e isso é muito gostoso no processo de aprendizagem da leitura... isso é muito estimulante... e aí... outra coisa também que o cordel me ajudou muito foi a vencer a timidez... porque eu lia o cordel e eu queria representar aquela história na escola... pras pessoas/ pras crianças com mais idade que eu... no dia das mães... no natal... a Angelita mesmo conta... e se lembra de uma apresentação que teve na escola... que me viu... eu cantando e eu declamando uma poesia... e eu era talvez bem com menos idade do que vocês...[...]

A cordelista continuou com seu depoimento sobre como desenvolver o gosto pela leitura. Comentou que quando criança preferia ganhar um livro a uma boneca. Suas palavras foram as seguintes:

**Fragmento 03:**

Quando eu tinha sete anos de idade... naquela época... todas as meninas da minha idade... quando perguntava que presente que elas queriam ganhar no dia do aniversário delas... todas diziam que era uma boneca... né? uma boneca que tivesse cabelo... uma boneca que andasse... uma boneca que chorasse... e eu disse pra minha mãe que o que eu queria ganhar de aniversário era um livro grosso... olha só... pois eis aqui o meu presente de aniversário de quando eu tinha sete anos de idade... é um livro que tem trinta e tantas histórias de lendas... histórias de... como a gente chama... histórias de (Trancoso) que são histórias que o povo conta... e esse foi o melhor presente que eu ganhei na minha vida... e, por isso... quando os meus filhos nasceram... eu contei cada historinha que tá aqui... eu contei pra eles... e contei para os meus primos... e no aniversário de sete anos também dos meus filhos... dos meus sobrinhos... os livros que eu dei foi O pequeno príncipe... foi o livro Poliana... vocês sabiam que o livro Poliana eu já li quatro vezes em quatro épocas diferentes da minha vida? eu li quando eu tinha doze anos... eu li quando eu tinha quinze... eu li quando eu tinha vinte e cinco anos... e eu li ano passado... porque leitura é assim... a cada vez que a gente lê... aquela leitura a gente tem um entendimento diferente... porque aquela leitura depende do amadurecimento que a gente tem na cabeça... as vezes, a gente vem da casa da gente pra escola... e a gente nem imagina quanta leitura que a gente faz de tudo que a gente vê da nossa casa até a escola... a gente lê uma casa... a gente lê as pessoas que andam...

Após o incentivo em relação à leitura, a cordelista respondeu às perguntas que os alunos fizeram. Vejamos, a seguir, algumas perguntas e respostas:

ALUNA: Luzinete... conte-nos como você se tornou cordelista...

CORDELISTA LUZINETE: eu me tornei cordelista... porque eu fui alfabetizada através do cordel... porque o meu avô levava muitos cordéis pra gente ler quando era criança... e isso me incentivou no gosto pela leitura rimada...

ALUNA: Fale-nos como é fazer cordel em Teresina...

CORDELISTA LUZINETE: Tá... fazer cordel em Teresina não foi muito fácil pra mim... assim... porque eu não conhecia outros cordelistas... eu até falei pra Angelita... quando eu vinha lá do (Percurso)... que só tá com cinco anos que eu

encontrei outros cordelistas em Teresina... pra poder eu conversar e aprender fazer melhor do que eu já fazia... então, hoje... a gente já tem uma oportunidade muito grande... porque já montamos uma associação... já montamos uma academia... então, hoje, já tem aonde a gente se encontrar e trocar ideias e conhecimento... mas não foi muito fácil... porque eu não conhecia outros... eu vim conhecer de uns cinco anos pra cá...

Destacamos que as entrevistas foram gravadas (por meio de áudio, via celular), com a finalidade de colaborar na feitura dos cordéis, pelos alunos. O foco é das produções é a cena do cordel em Teresina-PI.

Quadro 6 – Entrevista com a poetisa cordelista Maria Luzinete Fontenele

Questões:	Respostas:
1. Luzinete, conte-nos como você se tornou cordelista?	R: A minha relação com o cordel começou muito cedo... por volta de cinco... seis anos de idade... o meu avô, que era representante comercial... ele costumava levar na bagagem dele da cidade pro sertão onde eu nasci... e nas noites de lua, né? Às vezes, até na luz da lamparina... ele lia aqueles cordéis... ele tinha uma entonação muito bacana ... ele tinha uma oralidade muito boa... e ele fazia uma leitura daqueles cordéis de tal forma que me deixa muito feliz e despertava um pensamento crítico... despertou isso muito cedo em mim... eu perguntava pra ele... por exemplo... por que as sandálias do Lampião eram quadradas e não no padrão convencional que é hoje?... e outras perguntas tais que eu lembro que as pessoas ao redor ficavam se perguntando... como era que ainda tão pequena eu já fazia pergunta que até os adultos ficavam impressionados... e quando eu ia contar para as minhas coleguinhas eu queria contar acompanhando o desenho, né? Que é a xilogravura que tinha na capa... e, às vezes, em algumas páginas, né? De dentro do cordel... e eu lembro que a minha mãe me ensinava muitas palavras... muitos termos... que eu lia no cordel, né? Fazendo com que aquilo fosse minha alfabetização... ali minha sala de aula... então, eu devo muito esse gosto pela leitura e pelo cordel ao meu avô Doquinha... meu avô paterno...
2. Fale-nos o que é preciso fazer para sermos cordelistas?	R: O que eu preciso para ser uma boa cordelista? Eu preciso ter inspiração... preciso gostar do que faço... e saber que o cordel tem três regras que são principais... que é a oração o conteúdo... saber sobre o que eu vou escrever... saber rimar... e saber que o cordel tem uma regra básica e muito importante que é a métrica, né? Então, eu posso, por exemplo... <i>iscolher</i> a sextilha... que é o tipo de poesia que eu mais gosto de fazer... e com ela eu narrar um assunto... eu narrar um enredo... e saber qual é a mensagem que eu quero passar pro meu leitor, né? Então, é principalmente isso...
3. Fale-nos sobre a presença da mulher na produção de cordel em Teresina?	R: A literatura de cordel tem demonstrado grande participação de mulher no Brasil e em Teresina... e esse avanço e crescimento a gente tem percebido a olhos vistos... um exemplo é nossa oficina de cordel... que a gente faz aqui em Teresina... que tem possibilitado a gente conhecer quem são as cordelistas e como são feitos seus trabalhos... e isso tem sido muito bom agregar esse valor a nossa literatura, né? Porque à medida que a gente se encontra e se percebe... a gente consegue também se somar...
4. Qual a importância do seu cordel para o empreendedorismo?	R: Cordel e empreendedorismo... porque eu gosto de escrever sobre esse tema? Eu sou bibliotecária de formação... e tive a sorte de trabalhar no SEBRAE... uma instituição que faz fomento ao empreendedorismo... então, neste contexto eu tive a possibilidade de ler muitas obras, né? No meu acervo... no acervo do SEBRAE... sobre essa temática... e de ver acontecer muitos negócios aqui dentro... e acompanhar os meus clientes... então, eu até escrevi um cordel intitulado: mulher, o desafio de ser empreendedora... por ter conhecimento de que o Piauí é um celeiro de mulher de negócio... então, o meu desafio ao escrever esse tema é <i>dispertar</i> o pensamento crítico nos meus leitores... e em especial nas mulheres... para que elas possam tomarem decisões mais acertadas em seus empreendimentos...
5. Na sua trajetória de cordelista quais os principais	R: Eu gosto e <i>custumo</i> ler a obra de muitos poetas cordelistas brasileiros... mas os que mais me chama atenção são os que colocam humor nas suas narrativas... eu acho que de influência eu tiro muito da obra do Ariano Suassuna... O Auto da Compadecida e A

cordelistas lhe influenciaram?	Pedra do Reino... e também gosto muito do Patativa do Assaré... inclusive, eu acabei de escrever agora um cordel intitulado “O cigano e o engano”... onde eu me assemelho muito o meu tipo de narrativa com a narrativa do Ariano Suassuna...
6. Cite versos de cordel que marcaram sua vida.	R: Ahhh são tantos versos que eu gosto de memorizar... mas tem um... A triste partida, do Patativa do Assaré... eternizada pelo Luiz Gonzaga... esse eu gosto muito de lembrar... “setembro passou, outubro e novembro... já estamos em dezembro, meu Deus, que é de nós?... assim fala o pobre do seco Nordeste, com medo da peste da fome feroz... a treze do mês fez experiência perdeu sua crença nas pedra de sal, mas noutra experiência com gosto se agarra pensando na barra do alegre natal”...
7. Que relação você estabelece entre o cordel e sua profissão?	R: A minha relação com o cordel é bem estreita... é bem significativa... porque quando bibliotecária que eu sou... me possibilita essa profissão... a ter acesso a muitas fontes de informações... e daí, eu pude conhecer vários assuntos ou me aprofundar em um... e isso é muito bom pro meu crescimento enquanto cordelista...
8. Conte-nos um pouco da sua experiência de escrever cordel.	R: Na minha experiência com o cordel... escrevendo eu cheguei a jogar muitas coisas fora... porque eu tive um pensamento pesado de que aquilo que eu escrevia não servia de nada... eu escrevi e deixei de publicar muita coisa que merecia ser melhorada... apenas isso... depois eu vi... que ao final de contas... tudo era uma questão de intimidade... o cordel tem a parte técnica que é muito importante... mas ele não se limita a isso... daí, agora eu resolvi escrever e publicar... mesmo errando, acertando... eu vou publicando o que me vem à cabeça... eu sei que essa trajetória tem me dado uma certeza muito grande que eu estou no caminho certo... e eu tô muito orgulhosa do meu crescimento nessa arte...
9. Atualmente você está produzindo cordel? Qual o tema?	R: Ter participado das oficinas de cordel e ter conhecido trabalho de muitos outros poetas que estão fases iguais a minha... de crescimento ou de melhoria do processo produtivo... me ajudou muito no meu crescimento... eu produzi bastante... e os meus títulos mais recentes fora... O amor quando amanhece não envelhece, amadurece... Mulher, o desafio de ser empreendedora... Provérbios uma cultura popular... Sobre equidade de <i>gênio</i> e o engano do cigano...
10. Sobre escrever cordel o que você tem a nos dizer? Exige vocação ou trata-se de técnica? O que se faz necessário para escrever um cordel?	R: E sobre o que é preciso pra escrever um cordel... é preciso vocação, sim... mas existe as técnicas... e essas você pode aprender... e depois se apaixonar... como minha colega Angelita Fontinele e se torna uma cordelista de sucesso... e falar sobre cordel em Teresina... é muito fácil... porque a gente tem visto o crescimento a olhos vistos... tanto no número de poetas que tem se mostrado... quanto na qualidade da produção de suas obras...

**Fonte:** Dados gerados desta pesquisa.

Na fala da cordelista Luzinete podemos observar que ela valoriza por demais as memórias que estão relacionadas ao cordel em sua infância, na família e com as coleguinhas e deixa evidente que já procurava interpretar as leituras que ouvia ou lia, e que a oportunidade lhe despertava o senso crítico. Nesse sentido, Estela Knieter Barros e Nize da Rocha Santos Paraguassu Martins (2019, p. 172) afirmam que:

A leitura é muito mais do que uma simples decodificação ou que a própria compreensão do texto, a leitura tem o papel de formar leitores pensantes e críticos que possam formular suas próprias ideias ou aplicar o novo conhecimento ao cotidiano.

Vemos que o cordel traz novos conhecimentos e que nosso projeto pode ajudar a “formar leitores pensantes e críticos”, como defendem as autoras. Mas a leitura como aponta Cosson (2019, p. 36), “[...] é um processo de produção de sentidos que envolve quatro

elemento: o leitor, o autor, o texto e o contexto”. Desse modo, a presença dos cordelistas na turma também ajudou no processo de leitura e produção textual.

Quanto à entrevista da cordelista Luzinete, podemos observar que ela, ao se referir à sua produção literária, demonstra grande interesse em agradar ao leitor. Nesse sentido, Colomer (2003, p. 95) afirma que “[...] o texto não é o único elemento do fenômeno literário, mas é também a reação do leitor e que, por conseguinte, é preciso explicar o texto a partir desta reação”. Assim, vemos que a cordelista considera o leitor em seu processo de criação literária numa evidente confirmação do que Colomer (2003) chama a atenção, numa visão que confirma a concepção de leitura que adotamos na proposta de letramento literário para a intervenção aplicada com a turma de 8º ano da Escola Municipal Hermelinda de Castro.

#### 7.2.1.4 Análise da entrevista com a cordelista Josefina

Josefina Ferreira Gomes de Lima é piauiense (de Cambaria, em São João do Piauí), hoje município de João Costa. É professora e cordelista e esteve na turma do 8º ano no dia 11 de novembro de 2019.

Figura 6 – Cordelista Josefina de Lima na turma do 8º ano



Fonte: Arquivo da autora.

Com o intuito de obter informações sobre a vida da cordelista, os alunos foram perguntando sobre fatos de sua vida, principalmente, para posterior produção de versos em

forma de cordel sobre suas memórias. Vejamos alguns fragmentos importantes da entrevista realizada em sala de aula:

**Fragmento 01:**

ALUNO: éhh: Josefina... conte-nos como você se tornou cordelista...  
CORDELISTA JOSEFINA: Ele perguntou quando que eu me tornei cordelista... me tornei cordelista durante/ depois... aliás... durante o tempo que eu estava na escola... porque a minha mãe lia os cordéis para as pessoas... e também fazia cordéis na sala de aula... como eu disse... minha mãe era professora... então, ela trazia cordel pra sala de aula e eu comecei a gostar de cordel... a conhecer o cordel na escola... onde eu estudei... que era aonde? na minha casa... e quem era a professora? a minha mãe... e foi a partir daí, que eu comecei... não só a conhecer o cordel... como também ler e depois escrever...

Josefina, quando instigada pela turma a falar sobre o que é preciso fazer para ser cordelista, destacou, com bastante ênfase, a importância da leitura para obter maior eficácia na produção de cordéis. Vejamos o que fala a cordelista:

**Fragmento 02:**

CORDELISTA JOSEFINA: Para sermos cordelistas... a primeira coisa que a gente precisa fazer é ler cordel... a partir do momento que você consegue ler... você observa como é que ele é feito... então... o primeiro passo é você fazer a leitura dos cordéis... se possível ouvir alguns cordéis por aí... ouvir vídeos de cordéis por aí... alguém recitando... né? é primeira coisa... a segunda coisa é você tentar fazer... observar a estrutura do cordel... conhecer... que é feito em sextilha... né? pode ser feito em sextilha... e nessa estrutura você começa a tentar escrever... outro ponto importante é ler... é fazer muita leitura... ler muitas histórias... outras histórias... a partir do momento que você desenvolve a leitura... você busca/ você consegue se [...] mentalmente....esse é o primeiro passo...[...].

A cordelista apresentou suas obras e deu bastante destaque ao cordel lido em sala de aula, intitulado: “A batalha do Jenipapo”. Vejamos, a seguir, o comentário da autora:

**Fragmento 03:**

CORDELISTA JOSEFINA: A (Batalha) do Jenipapo... que é a peleja piauiense... é uma história que mostra como foi que o Piauí participou da independência do Brasil... lutaram bastante pra ter a nossa independência... [inaudível] é algo que já existe na história e eu só transformei em cordel... olha que coisa linda...[...].

À cordelista foi perguntado acerca da presença da mulher na produção do cordel. Josefina fez os seguintes comentários:

**Fragmento 04:**

ALUNA: Fale-nos sobre a presença da mulher na produção de cordel em Teresina...  
CORDELISTA JOSEFINA: ... eu, professora Josefina, sou uma delas... mas eu já tinha conhecido a (Ilza) Bezerra, a (Neiza) Bezerra... que é também professora da rede estadual... que ela escreveu também cordel... ela escreveu esse aqui... [inaudível] mas ela escreveu também... um outro texto... ela reescreveu uma tragédia de Shakespeare... que é Romeu e Julieta... ela fez em cordel... esse aqui é



[inaudível]... mas ela também escreveu [...]... e mais outros textos... e esse texto dela foi publicado em uma grande editora chamada (Cruzeiro)... e aí, foi bastante publicado no Brasil todo... então, a (Ilza) Bezerra é uma das mulheres... Maria Ilza Bezerra... ela é cordelista e é também professora que nem eu... 'esse' é uma das mulheres no cordel em Teresina... e nós temos também... vamos descobrindo aos poucos outras mulheres... éhh: cordelistas... Marina Campelo... que escreveu as lendas de Teresina em cordel... e vários outros textos que Marina já escreveu... ela é professora da rede estadual... vocês podem até anotar o nome dela aí... Marina Campelo... primeiro foi Ilza Bezerra... depois foi Marina Campelo... e aos poucos nós fomos conhecendo outras mulheres... como Luciana Azevedo, que escreveu (Maria) de cuia... não existe Cabeça de Cuia? Pois agora ela inventou uma tal de (Maria) de cuia... [inaudível]

Acerca da importância de seu cordel para a cultura piauiense, a cordelista teceu os seguintes comentários, vejamos a seguir:

**Fragmento 05:**

CORDELISTA JOSEFINA: Eu acho o meu cordel importante para a cultura do Piauí... viu, gente... anotem isso aí... porque eu falo das coisas da terra... eu escrevo temas da sala de aula... por isso que ele é importante... porque eu falo de várias coisas da nossa terra... como vocês viram aqui... é tão importante que mais de dez mil livros desse aqui foram distribuídos no Piauí todo... [...] internet...por isso que ele é importante... porque eu resgato várias histórias do Piauí... várias situações do Piauí... e também do dia a dia e coloco no cordel... por isso que meu cordel é importante... porque alguns textos falam do Piauí... falam do sertão... falam do nosso povo e falam principalmente das nossas coisas... por isso que vocês viram a... [inaudível] ... que conta a história de nordestinos que, por falta de oportunidades, vão embora daqui... e aí, nós estamos falando de uma coisa muito importante que é a questão social...

Josefina também fala das suas influências e apontou os cordelistas Leandro Gomes de Barros, Joames, Pedro Costa e Pedro Ribeiro, ainda disse que as obras que marcaram sua vida foram: “As proezas de João Grilo”, de João Martins de Athayde (1880-1959), “A chegada de Lampião no inferno”, de José Pacheco, e “O Pavão Misterioso”, de José Camelo de Melo Rezende, publicado em 1923.

Sobre a relação que estabelece entre o cordel e sua profissão, a cordelista esclareceu que:

**Fragmento 06:**

[...] nós precisamos ter uma variedades de texto diferente em sala de aula... então, eu faço uma relação muito grande... porque eu trabalho com o cordel também dentro da sala de aula... como produção artística... com o texto poético e também com temáticas diferentes...por isso que tem essa relação... e é importante justamente... porque nós trazemos a cultura nordestina pra dentro da sala de aula e isso faz com que nós valorizemos o que é nosso... valorizemos essa cultura popular de raiz que engrandece o nosso Brasil... principalmente o Nordeste... então, eu/ é tanto que tem essa relação com a sala de aula... que neste livro que eu trabalho... [inaudível] eu falei justamente... foi um texto que nasceu na sala de aula... assim como o livro velho e o livro novo... no caso da história da escrita... nasceu na sala de aula por uma necessidade... foi um projeto que eu desenvolvi na escola falando sobre a importância de aprender a ler e a escrever... dominar a leitura e a escrita pra dominar o mundo... pra sobreviver... nesse caso eu comecei... eu fiz um projeto na escola...

chamado... ler e escrever compromisso da escola e nesse projeto eu fiz um cordel para coroar... para dizer pras crianças como foi que a humanidade fez pra ter a escrita que temos hoje... ou seja... [...] trajetória que o homem e a mulher no Brasil e no mundo sofreu até chegar à escrita fácil que a gente tem hoje... cês imaginam que antes de existir escrita as pessoas escreviam nas paredes das cavernas... né? e hoje a gente dá um clic só assim no computador e chega um monte de escrita na nossa frente... e é esse texto que eu vou mostrar pra vocês um trequinho dele... [...] esse aqui responde justamente...

Sobre sua nova produção, a cordelista Josefina disse que está em fase de impressão e seu título é: “Os escritores da floresta”. A obra está no Tocantins-TO, para a produção da xilogravura. De acordo com ela, este é um cordel bastante interessante, pois apresenta noventa estrofes que contam a história de uns pássaros que estão tranquilos na floresta, quando, de repente, passa um caçador com uma espingarda e joga um toco de cigarro no chão, que põe fogo na floresta e os pássaros saem desesperados procurando um lugar bom pra viver e encontram uma floresta preservada (a Serra da Capivara) e lá eles podem viver em paz.

Da entrevista de Josefina, destacamos:

Quadro 7 – Entrevista com a poetisa cordelista Josefina Ferreira Gomes

Questões:	Respostas:
1. Josefina, conte-nos como você se tornou cordelista?	R: Bom eu me tornei cordelista... primeiro como ouvinte... ouvindo a minha mãe... recitar os cordéis pra gente em casa como lá na sala de aula que... quando juntava muitas pessoas crianças inclusive... [...] minha mãe lia o cordel... pra crianças da escola... lia também no outro momento que não era na sala de aula... para a vizinhança... que comprava os romances, né? E a partir daí, levava esses romances para minha mãe fazer a leitura... e durante essa leitura eu fui tomando gosto... aí, mais tarde passei a fazer a leitura pras pessoas que nos procuravam para isso... ou seja, de ouvinte para leitora... e aí, depois com o tempo eu fui escrevendo algumas estrofes sobre acontecimentos da região... sobre fatos... sobre a seca... sobre política... eleições... temas engraçado pra região... e a partir daí, comecei a escrever... e aí, num parei mais... fui pra Brasília passei um tempo por lá... escrevi sobre Teotônio Viléla... sobre a seca de oitenta e três... perdi esse material todo e aí, depois continuei já no curso de Letras... em mil novecentos e noventa e sete... a escrever e aí, foi daí, que foi nascendo aí... os cordéis outros folhetos que eu tenho até hoje... história da escrita... aventura maldita e muitos outros...
2. Fale-nos o que é preciso fazer para sermos cordelistas?	R: Eh: o que é possível... o que é preciso sermos cordelista? A primeira coisa é gostar de literatura de cordel... a ser cordelista primeiro tem que ser leitor de cordel... de gostar também de cordel... então, uma das coisas importante para isso é estudar também o cordel... conhecer grandes cordelistas... conhecer as técnicas de como fazer um verso de cordel... as técnicas em relação ao seu formato... suas rimas... métricas... ritmos... temas, né?... Então, o que é preciso é justamente isso... além de conhecer o cordel... estudar, né? Teoricamente, porque o cordel num é só os versos prontos... nós temos também a teorias cordelianas... conhecer grandes autores e procurar esses textos também na internet e outros espaços... a partir do momento que faz a... que se pretende ser cordelista tem que ter todo esse exercício... pesquisa diária, né? Pesquisa leitura apresentação pra depois você produzir...
3. Fale-nos sobre a presença da mulher na produção de cordel em Teresina?	R: Em relação à presença da mulher na produção de cordel em Teresina... o que eu posso dizer é que aqui em Teresina eu conheço cordelistas... a primeira que eu conheci aqui foi Maria Ilza Bezerra... professora da rede estadual... que escreveu Romeu e Julieta em cordel... Maria das tiras... Antônio dos (Andores)... e muitos outros, né? Essa foi a primeira pessoa que eu conheci... Marina Campelo, que também é professora da rede estadual aqui em Teresina... e ela escreveu Memórias dos Gomes... escreveu a história

	<p>das memórias da vida dela lá em (Pedro II)... escreveu essas histórias essas memórias... e escreveu também As lendas de Teresina em cordel... e vários outros textos que ela já tem espalhado por aí... mas os que mais conheço são esses... e depois eu fiquei conhecendo a Luzinete... que é... funcionária do Sebrae, né? E que começou a produzir seus textos inspirado em temas aí... com a questão do empreendedorismo... conheci lá na Academia Piauiense de cordel no dia... da fundação... essas aqui são do Piauí... outras... éh: eu não conheço outras além da gente... e assim, nacionalmente... principalmente no Nordeste temos grandes cordelista como Dalina (Catunda)... Ivonete Moraes, cordelista... Ritinha... [...] e muitas outras... nós temos muitas mulheres cordelistas na região Nordeste... mas aqui exclusivamente no Piauí eu conheço essas...</p>
4. Qual a importância do seu cordel para a cultura de Teresina?	<p>R: Eu acho que o meu cordel importante para a cultura do Piauí... viu gente... anotem isso aí... porque eu falo das coisas da terra... eu escrevo temas da sala de aula... por isso que ele é importante... porque eu falo de várias coisas da nossa terra... como vocês viram aqui... é tão importante que mais de dez mil livros desse aqui foram distribuídos no Piauí todo... [...] internet...por isso que ele é importante... porque eu resgato várias histórias do Piauí... várias situações do Piauí... e também do dia a dia e coloco no cordel... por isso que meu cordel é importante... porque alguns textos falam do Piauí... falam do sertão... falam do nosso povo e falam principalmente das nossas coisas... por isso que vocês viram a ... [inaudível] ... que conta a história de nordestinos que por falta de oportunidades vão embora daqui... e aí, nós estamos falando de uma coisa muito importante que é a questão social...</p>
5. Na sua trajetória de cordelista quais os principais cordelistas lhe influenciaram?	<p>R: Na minha trajetória de cordelista, os principais cordelistas que me influenciaram foi primeiro esses mais antigos como Leandro Gomes de Barros... Marquinhos Ataíde...Zeca Melo... Patativa do Assaré... como poesia cabocla parecida com o cordel, mas um pouco diferente... e outros mais... e os mais novos foi uma inspiração muito grande... Joames pela sua técnica apurada e pela sua excelência na poesia e tem o Pedro Costa como uma pessoa que também me influenciou pela resistência que ele tinha em manter o cordel vivo... com o cordel nas escolas assim como Pedro Ribeiro que foi quem criou coronel nas escolas projeto... primeiro projeto cordel nas escolas... com as escolas do município... e o Pedro Costa com as escolas do Estado... então, esses dois Pedros aí, também foram muito importante na minha vida em relação a essa produção cordeliana... até porque me incentivaram também a publicar, né? No jornal diário do povo... e foi influência muito boa... porque além de me mostrar o cordel através da revista de repente... através de jornal diário do povo onde eu publicava... tivemos oportunidade de ver os cordéis também nos dias das... dos grandes festivais [...] na praça da bandeira aí, a gente tinha acesso ao cordel... não só o folheto como a antologias trazida por vários poetas e isso foi importante pra mim também...</p>
6. Cite versos de cordel que marcaram sua vida.	<p>R: Eu tenho alguns versos da minha infância que eu ouvia na sala de aula... quando a minha mãe estava ensinando essa cultura pra gente... aí, no livro mesmo... no livro didático tinha algumas estrofes de alguns repentistas em relação aos desafios... e tem um que estou lembrando com três versinhos... que... que fiz mais ou menos assim... diz assim "sou Veríssimo do Teixeira furo pau furo tijolo... se manda a mão beija a queda... se pé vejo rolo... na ponta da língua eu trago noventa mil desaforos"... aí, o outro responde "Sou Pedro Ventania morador lá nas gangorras... se correres não te assombres... se te assombrares não corras... se correres não corras... se correres não te assombres... se te assombrares não morras" eu acho que eu errei um pouquinho aí... e o outro é assim "eu não tenho inveja disso sou Valente e valentão... cangaço é meu cavalo... cascavel meu cinturão... eu engulo brasa viva pego corisco com a mão... e o empurrão do meu dedo... bota dez morros no chão"... então, foram esses três... essas três estrofes uma até andei errando aí, né? Que eu me lembro assim que a minha mãe recitava pra gente na escola, né? Então, mais ou menos isso...</p>
7. Que relação você estabelece entre o cordel e sua profissão?	<p>R: Em relação a... a esta questão do cordel e à minha profissão... eu realmente eu não sou uma profissional cordelista... num vivo do cordel... em relação à profissão, eu trabalho muito cordel na sala de aula... minha profissão é muito aberta para a questão do cordel... ou seja, ser professor está na sala de aula ou não... minha ajuda muito porque os meus temas... a maioria dos meus temas nasceram na sala de aula... como por exemplo o Livro velho o livro novo...que foi texto trabalhado em sala de aula para incentivar os alunos a apresentar o livro didático e gostar de ler... e a história escrita das cavernas ao computador... e também onde está a leitura?... que estimula justamente os alunos a entenderem a importância da leitura em todos os dias e todos os espaços, né? e também</p>

	<p>pra ver a importância que foi a história da humanidade até a escrita que temos hoje... então, são temas que nasceram em sala de aula... é que eu vejo na tv... a reflexão sobre importância de assistir com moderação... navegar com segurança em relação a internet... também apague o cigarro antes que lhe apague... foi justamente uma campanha contra cigarro... tudo isso em sala de aula... então, ele tá bem relacionado com a minha profissão... porque muitos temas nasceram na sala de aula... e é justamente isso... já em relação a minha experiência de escrever cordel essa experiência é como eu já disse... ela começou lá na casa da mamãe...na sala de aula...</p>
	<p>....depois de ouvir os cordéis e se ampliou depois que eu tive um acesso maior aos meios de produção... principalmente gráfica pudesse imprimir o cordel bunitim no folheto... participar em antologias de livros... como a antologia transcultural de poesia feminina... eu participo com dois cordéis um sobre mamãe... falando [...] biografia da mamãe... e o outro da história da escrita... e depois a antologia (vários) folhetos... então, essa produção ela continua...</p>
8. Conte-nos um pouco da sua experiência de escrever cordel.	<p>R: Quando... eu já escrevi biografias, inclusive vai ser lançada uma biografia em breve... chamada trajetória do mestre da Academia Piauiense de Letras que são seis estrofes que eu faço a biografia de uma grande educador Padre [inaudível] então... você ver que além dos temas eu gosto mesmo de temas mais livres que você pode inventar mais... a ficção por exemplo... mas tem também temas como biografias... esse último que eu fiz por exemplo foi um pouco da história da Maria Bonita só que em forma de epitáfio... e também reescrever a história da batalha do jenipapo... né?... Ou seja, passei da história para literatura... cordel, né?... E é mais ou menos isso... o mais importante é que mesmo num tendo vocação... as pessoas têm que seguir a técnica... quando tem vocação melhor ainda, porque mistura as duas coisas... a técnica e também aí, a questão da vocação...</p>
9. Atualmente você está produzindo cordel? Qual o tema?	<p>R: Eu estou com livro aí, pra ser lançado, Os escritores da floresta... estou agora com um chamado Uma onda de poesia, que eu estou formatando pra lançar ano que vem... dois livros...</p>
10. Sobre escrever cordel o que você tem a nos dizer? Exige vocação ou trata-se de técnica? O que se faz necessário para escrever um cordel?	<p>R: E sobre escrever cordel... você pergunta aqui o que eu tenho a dizer... eu digo assim... você até pergunta se existe a vocação ou trata-se de técnica... eu digo que são as duas coisas... escrever cordel é: muito interessante você ter a vocação também... que, às vezes, a pessoa num gosta... faz um cordel até porque a pessoa mandou aí, tem que fazer de todo jeito... então, exige um pouco da vocação... a vocação - - tem pessoas que dizem que num tinha vocação começou fazer e gostou achou interessante... achou um excelente exercício de memorização... organização do conhecimento... e continuou a escrever... seja por vocação ou seja simplesmente porque alguém sugeriu é preciso usar técnica... porque a técnica faz o cordel ser bom... como ele é um produção... fixa, né? De forma fixa que nem o soneto, por exemplo... ele não pode ser escrito sem a rima e sem a métrica... se o cordel não tem rima e nem métrica, então, não é considerado cordel... é chamado poema que não tem nenhum problema, eu fiz um poema... então, ele tem que ter se é a sextilha ela tem que ser em redondilha maior... tem que os versos rimarem... rimarem os ímpares entre si... aliás, pares... os ímpares não rimam... e quando se sextilha aí, já tem outro esquema, porque vem rimando é: os versos pares e depois... [...] que rima entre si... e assim os demais... os demais formatos...os demais estilos... aí, vai seguindo... as oitavas... as décimas né? as décimas também em redondilha maior que são... os versos com sete sílaba... aí, vem o mote, né? Os décimos com motes... aí, depois vêm os galopes... e as outras formas... mas esse mais simples que trabalhamos que são a sextilha e septilha... ele tem que ter toda essa organização... a técnica... e aliás todos os versos da cultura popular eles tem rima e tem métrica e tem cadência... e também oração... é isso que faz o cordel que é necessário pra fazer o cordel... é justamente essa questão de estudar as técnicas... saber escolher os temas... buscar por exemplo temas que as pessoas - - sejam bons... que seja de seu interesse... porque o tema que não é do seu interesse dá mais trabalho... quando o tema é do seu interesse você tem mais gosto de fazer... e isso faz com que a pessoa pesquise e busque muito coisas sobre o assunto... eu por exemplo acho muito bom escrever temas sobre a natureza... temas mais livres, né?</p>

**Fonte:** Dados gerados desta pesquisa.

Ressaltamos das entrevistas com as duas cordelistas, que ambas destacaram a leitura, como algo fundamental para se poder gostar ou produzir cordéis. Nesse sentido, segundo Alves (2013, p. 47), para que a literatura de cordel seja uma opção de leitura é necessário que os professores sejam leitores desse tipo de literatura. Vejamos, a seguir o que defende a autor:

Leitores dos clássicos, dos contemporâneos. Leitores capazes de articular diferentes perspectivas de leitura, de reconhecer preconceitos, de viajar nas utopias de discutir questões sociais suscitadas nos folhetos, e, sobretudo, que saibam ler em voz alta os folhetos, procurando reativar uma prática cultural que anda cada vez mais em desuso. (ALVES, 2013, p. 47).

Prática social esta que implica o nosso projeto e o nosso trabalho de letramento literário. Assim, buscar “reativar” esta prática cultural dos “folhetos” de cordéis dentro (e fora) da escola.

Outro fato importante que gostaríamos de destacar, é que o número de mulheres cordelistas, em Teresina-PI, ainda é muito pequeno. Tal fato vai ao encontro da obra “Relações de gênero na literatura de cordel”, de Barros (2015), autor que observa um viés de opressão à mulher associada ao cordel. Segundo o autor, “Destaca-se reduzida presença de mulheres entre produtores, autores e editores de cordel. Quando adentro o tema específico referente às novas autoras, observa-se que a participação de mulheres entre autores de cordel é recente e ocorre desde os anos de 1980” (BARROS, 2015, p. 106).

Sabemos que se a presença de autoras de cordéis ainda é um espaço tímido nos meios literários ou editoriais, não podemos dizer o mesmo sobre a presença da mulher na literatura de cordel desde sempre, todavia, ela é marcada e ocupada por papéis de submissão e passividade, já que é o homem que ocupa normalmente seu espaço de poder nas relações de gênero nos textos de cordéis.

A seguir, passaremos para análise que compreende as socializações das leituras e as interpretações dos textos.

#### 7.2.2 Análise das subsequências 02: Socialização das leituras e compreensão dos textos

As análises das subsequências 2 consideram a socialização de leituras realizadas previamente pelos alunos, em especial, no intervalo entre a primeira subsequência e a que se busca analisar, neste subitem 4.2.2. Na compreensão das leituras foram asseguradas algumas habilidades de leitura das Matrizes de Referência da Prova Teresina, Sistema de Avaliação Educacional de Teresina (SAETHE), quais sejam:

a) No terceiro bimestre:

i) (EF69LP02) Estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuam para a continuidade de um texto; ii) (EF69LP03) Inferir o sentido de uma palavra ou expressão; iii) (EF69LP05) interpretar, em textos multissemióticos, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos gráfico-visuais, imagens e sua relação com o texto verbal; iv) (EF69LP06) Identificar o tema de um texto; v) (EF69LP11) Estabelecer relação causa/consequência entre partes e elementos do texto; vi) (EF69LP12) Identificar a finalidade do texto; vii) (EF68LP13) Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto; viii) Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato. (SEMEC, 2019 – Matriz de referência da Prova Teresina).

b) No quarto bimestre:

i) (EF69LP01) Localizar informação explícita em texto; ii) (EF69LP02) Estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuam para a continuidade de um texto; iii) (EF69LP03) Inferir o sentido de uma palavra ou expressão; iv) (EF69LP06) Identificar o tema de um texto; v) (EF69LP09) Diferenciar as partes principais das secundárias de um texto; vi) (EF69LP11) Estabelecer relação causa/consequência entre partes e elementos do texto; vii) (EF69LP12) Identificar a finalidade do texto; viii) (EF68LP13) Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto. (SEMEC, 2019 – Matriz de referência da Prova Teresina).

A socialização das leituras visa, antes de tudo, o exercício da oralidade, própria do texto cordeliano, quando os alunos tiveram oportunidade de compartilhar as estrofes que mais gostaram e de expor os seus pontos de vista.

Na compreensão da leitura, além de buscar dar conta das intenções do texto lido, foi necessário adequá-la às habilidades de leituras previstas em cada bimestre pela rede municipal, conforme já apresentadas antes e constantes no Anexo C.

A orientação para essas subsequências encontra-se de forma mais direta em Cosson (2018, 2019), que embasa a aplicação de nossa proposta de intervenção por meio do letramento literário e da apropriação à leitura de literatura de cordel.

Segundo Cosson (2018, p. 17), “[...] para que a literatura cumpra seu papel humanizador, precisamos mudar os rumos da sua escolarização, [...] promovendo o letramento literário”. Dessa forma, as sequências a seguir exploram na literatura de cordel a leitura e a interpretação, de modo a ampliar a visão da educação literária no ensino básico. Além disso, nosso intuito foi também o de explorar algumas temáticas que fazem parte da sociedade nordestina, e compreendemos que essa proximidade cultural pode levar à leitura a um reconhecimento maior por parte do aluno. Desse modo, Cosson (2018, p. 27) defende que “Ler implica troca de sentidos, não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade

onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço”.

Podemos afirmar que diversos foram os depoimentos de pais que compareceram à escola para elogiar o trabalho com o cordel na perspectiva de que seus filhos levassem para a família os saberes construídos a partir da leitura e da compreensão das obras cordelianas, e, ainda que o interesse pela participação da Audiência Pública realizada na escola pela Câmara de Vereadores deveu-se em grande parte ao trabalho com o cordel “Não ao feminicídio”, produção da Oficina de Cordel, na oportunidade do concurso da capa do folheto.

#### 7.2.2.1 Análise da leitura e da interpretação do cordel “O pequeno príncipe em cordel”, de Raimundo Clementino

A obra “O pequeno príncipe em cordel”, de Raimundo Clementino, vide capa no Anexo 08, traz uma releitura do clássico de Antoine de Saint-Exupéry, uma obra, aliás, que cruzou séculos e parece permanecer atual. O cordelista Clemente escreve os seguintes versos na apresentação do cordel

O pequeno príncipe em cordel

O livro expõe claramente  
Um sentimento oculto,  
Que registra na memória  
Algum vestígio ou vulto  
Da criança que habita  
Dentro de cada adulto.

Revela as dificuldades,  
-Com muita sabedoria –  
Do adulto em perceber  
O mundo de fantasia  
Que encontrava a criança  
Que ele próprio foi um dia!  
(CLEMENTINO NETO, 2016, p. 5).

As atividades desenvolveram-se em uma sequência que durou duas horas, durante o mês de agosto de 2019. A leitura prévia da obra “O pequeno príncipe em cordel” foi realizada com os alunos (de modo orientado). Depois, retomamos a obra de cordel em sala de aula, em quase a sua totalidade, em momentos de leitura espontânea. É válido ressaltar que, para a realização das leituras, algumas dificuldades se apresentaram, como a timidez dos alunos na ocasião das rodas de leitura. Por vezes, mesmo estimulando os estudantes, alguns alunos preferiram não ler, porém não significa que não interagiram na vivência da oralidade, uma vez

que ouviram com atenção e sorriram com alegria ao ouvir os demais. Ressaltamos a participação entusiástica da maioria da turma, lendo em voz alta e apresentando seus pontos de vista sobre a leitura realizada.

Ao trabalharmos com a temática da amizade em diferentes perspectivas, constatamos que a escolha do cordel foi bem oportuna, uma vez que os estudantes são jovens-adolescentes e estão numa fase em que as amizades se solidificam ou, por vezes, se tornam confusas, até mesmo, geradoras de conflitos. Por isso, os discentes foram instigados a refletir sobre o mote: “Como ser um bom amigo”. Depois, houve a audição da música “Canção da América”, de Milton Nascimento, para estimular a discussão do tema proposto: amizade.

Os alunos tiveram boa participação nas atividades, pois a leitura do cordel em questão desencadeou a importância de pensarem na espiritualidade, de refletirem sobre o altruísmo ou de verem os colegas com outros olhos. Assim, toda discussão ajudou a despertar nos alunos modos “outros” de eles se relacionarem entre si e com o mundo (questão da alteridade). Ressaltamos que o texto lido possibilitou discutir temas como: amizade, saudade, lealdade, falsidade, entre outros. Temas que acreditamos ser importantes, especialmente nesta fase da vida deles.

Aos discentes, então, foi proposta a produção de uma declaração de amizade a um colega, como gesto concreto na introdução da aula.

No plano de desenvolvimento da sequência, os alunos receberam um “*kit* de trabalho”, especialmente para esta sequência didática, contendo a biografia e a obra do autor a ser lida. Assim, prosseguimos a aula, com a exibição de um filme que retrata uma obra original.

Quanto à essa exibição, os alunos mostraram-se bastante atentos, interessados, interagiram uns com os outros, e cada um deu a sua opinião, demonstrando que houve um resultado satisfatório. Em seguida, foram estimulados a localizar a temática da obra, conforme o descritor EF69LP06, da Matriz de Referência da Prova Teresina. As colocações foram orais e os alunos expuseram seus depoimentos, e relataram seus tipos de amizades. Também incentivamos a comparação entre a obra de cordel e a película (o filme), o que obtivemos como resultados foram depoimentos em que os estudantes viram semelhanças e compararam com suas amizades/relações, com pessoas ou animais, mas eles observaram tratar-se de uma ficção.

Como atividade finalizadora, os alunos foram orientados a produzir, em casa, sextilhas sobre as memórias do cordelista Raimundo Clementino, a serem socializada na subsequência, quando também foi realizada a reescrita. Dessa forma, concluímos que a exploração dessa sequência se mostrou profícua, uma vez que a participação dos alunos rendeu frutos que



proporcionaram envolvimento, conhecimentos e um contato mais profundo e “vivo” com a literatura, bem como saber que um clássico da literatura universal pode ser “parodiado” e trazido em uma linguagem mais próxima da realidade deles.

#### 7.2.2.2 Socialização e interpretação do cordel “Reabrindo a biblioteca da cultura popular”, de José Bezerra

Entre os meses de agosto e setembro de 2019 foram aplicadas sequências didáticas, a partir da leitura da obra “Reabrindo a biblioteca da cultura popular”, do cordelista José Bezerra de Carvalho, vide Anexo L. A obra traz como temática a abertura de uma biblioteca popular, localizada na Avenida Centenário, zona Norte de Teresina-PI e foi publicada em 2004. Vide fotografia no Anexo J.

Esta subsequência corresponde à exploração da literatura de cordel com leitura e interpretação do seu conteúdo, conforme a Matriz de Referência da Prova Teresina, em alguns escritores que foram os balizadores das atividades.

Como introdução, os alunos assistiram a uma pequena entrevista (em vídeo), que trata do mapeamento das bibliotecas públicas de Teresina-PI, em seguida, foram indagados sobre o conhecimento desses lugares. As respostas obtidas mostram que só conhecem a biblioteca da escola (ou da escola em que estudaram anteriormente), mas, na realidade, esta é apenas uma sala que organiza os livros para empréstimos.

As respostas dos alunos nos levam a pensar no que diz Cosson (2019):

Atualmente a literatura parece não ter mais lugar no cotidiano das pessoas [...] se esse quadro tem muito de desolador para quem trabalha com literatura e acredita que ela é fundamental para a condição humana, a situação do ensino de literatura não deixa dúvidas do quanto se pode esperar da formação do leitor literário ou mais precisamente do da ausência do leitor literário. (COSSON, 2019, p. 11-12).

Desse modo, percebemos que a literatura não tem sido valorizada no cotidiano dos jovens estudantes fora da escola. Assim, a escola tem que ter consciência do seu papel na formação da leitura literária, pois parece ser nela que os alunos mantêm mais contato com a literatura.

Mas, voltando à questão da sequência, os alunos assistiram a um vídeo de visitação à Biblioteca Nacional como estímulo à curiosidade (ou ao desejo?) de visitar bibliotecas da cidade, mesmo que estas não tenham a estrutura daquela.

Os alunos, então, passaram à socialização do texto de cordel, lido em casa, relendo trechos da obra, na sala de aula. Nesse momento, as participações foram estimuladas, mas, mesmo diante da nossa mediação, percebemos que ainda a timidez é um entrave, o que colaborou de forma negativa para a totalização das participações por meio da oralidade.

Durante a socialização, pontos em comuns que se levantaram diziam respeito à novidade do trabalho com o mote: “Zé Bezerra engrandece a cultura popular”, curiosidade sobre os nomes dos cordelistas que aparecem no cordel, bem como a presença do Raimundo Clementino no cordel.

Anotamos alguns desses pontos no quadro, a partir das observações dos alunos, e, analisados os pontos em comuns, vistos nos vídeos iniciais, na fala do autor (na ocasião da entrevista, realizada em sua biblioteca por um grupo de alunos e replicada em sala de aula) e levantados a partir da leitura do cordel. Os pontos comuns pertinentes que surgiram foram que o autor faz cordel desde menino, que escreve sobre os problemas da vida real, mas, que prefere tratar de temas da religião porque tem muita fé em Deus, que sua religiosidade tem sido pesquisada pelas universidades, que ele afirma que fazer cordel é por vocação, que abriu a biblioteca para manter viva a cultura do cordel que parecia desaparecer, que não prima pela rima e métrica (e que já foi muito criticado por isso), que já escreveu o cordel para o seu velório, porque já é um homem de idade, assim, quer ter o seu cordel lido na hora da morte e deixado para posteridade.

Destacamos que fizemos a proposta de interpretação de texto, contemplando os seguintes descritores da Matriz de Referência da Prova Teresina: (EF69LP03): Inferir o sentido de uma palavra ou expressão; (EF69LP01); Localizar informações explícitas em um texto; (EF69LP13); Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.

Os alunos tiveram um tempo de trinta minutos para desenvolver essas atividades, em seguida, foi feita uma correção coletiva. As dificuldades se deram em maior incidência no descritor (EF69LP03), que é o de inferir o sentido de uma palavra ou expressão. Acreditamos que a pouca prática de leitura e o vocabulário precário são os maiores contribuintes para tal realidade. Dessa forma, houve o reforço da importância da leitura na construção do vocabulário mais amplo e a sugestão de eles sempre recorrerem ao dicionário, principalmente como fonte de aprendizado, de pesquisa e de aquisição da língua.

Para a finalização desta sequência, os alunos foram orientados quanto à atividade de casa (que consistiu em reler algumas páginas do cordel “Reabrindo a biblioteca da cultura popular”) e, a partir do conteúdo delas, manifestar suas conclusões a partir de impressões

particulares, depois, seriam expostas oralmente ou por meio de objetos, textos ou outro dispositivo que conviesse.

Como realização dessa atividade de casa, os resultados foram as impressões orais na roda de compartilhamento seguinte, uma minimaquete apresentada por um grupo de três alunos e alguns cartazes que ilustravam bibliotecas/salas de leituras.

### 7.2.2.3 Análise da leitura e da interpretação do cordel “O cordel e o repente por caminhos diferentes” de Joames

A análise do texto “O cordel e o repente por caminhos diferentes”, do cordelista Joames, aconteceu na data de 25 de outubro de 2019. Evidencia as diferenças cruciais entre o texto de cordel, na sua escrita, e o texto oral do repente, criado espontaneamente por artistas populares. Vide uma imagem com a turma na leitura do cordel no Anexo E.

Essas duas modalidades textuais, muitas vezes, se confundem, haja vista que, como Marinho e Pinheiro (2012, p. 83) afirmam, “São inúmeros os cordéis que aceitam com facilidade a realização musical. Violeiros cantam e recitam seus poemas. Folhetos escritos para serem lidos ou recitados receberam melodia e em qualquer das situações revelam-nos sua beleza”.

Para os alunos, essa semelhança torna-se mais evidente ainda pela melodia evocada na leitura do cordel, o que se torna um atrativo e uma oportunidade de trabalho com a linguagem oral.

A subsequência de leitura e de interpretação partiu da roda de conversa, em que os alunos expuseram suas impressões sobre a leitura (que foi realizada em casa), a partir da expressão “poeta cantador”. Inicialmente, o aluno Antonio Geovane Ferreira da Silva, 13 anos pediu para recitar uma estrofe do cordel lido (“O poeta cantador/Tem contato com a massa, / o seu palco é um palanque /num salão ou uma praça, /Quem puder e quiser paga, / Quem não paga ouve de graça”). Nesse momento o referido aluno brincou de passar um chapéu (uma folha de papel em dobraduras) para receber pagamento pela recitação. A turma achou muito engraçado e houve vários risos. Depois disso, o aluno Jonas César Vieira de Lima, 13 anos, explicou que o repente não é recitação, que é criado na hora. Explicamos que a participação do aluno Antonio Geovane foi muito importante e que a recitação do cordel é um procedimento muito adotado nos festivais e nas arenas aqui em Teresina e em todo o Brasil, especialmente no Nordeste. Dissemos também que o aluno Jonas tinha razão e agradecemos a participação. Em seguida, perguntamos o que eles tinham a dizer sobre o cordel e o repente,

quando alguns alunos responderam lendo estrofes do cordel que haviam lido, “O cordel e o repente por caminhos diferentes”.

A aluna Daniele Baltazar Conceição, 13 anos, disse que, realmente, como haviam aprendido desde o início, o cordel e o repente andam juntos, quando a aluna Isis Gabriely Damasceno Mendes, 13 anos, completou, dizendo: “e são semelhantes”. Nesse momento, o aluno Jean Charles Matos da Silva, 14 anos, interrompeu cobrando a presença de um repentista, no que foi aplaudido pelos demais alunos. Na continuidade, vários alunos comentaram que gostariam muito de conhecer um repentista, queriam saber se viria algum visitar a turma, assim como vieram os cordelistas. A curiosidade dos alunos ficou aguçada diante da ideia do texto cordeliano e do repente terem forte ligação. Prometemos que levaríamos um repentista até o final da pesquisa, que eles a chamavam o tempo todo de “Cordel em Teresina”. Como prometido, encerramos as atividades da aplicação da intervenção com a presença de um repentista, que foi até a escola e encantou muitíssimo os alunos, pois o repentista improvisou versos e inseriu os alunos em seu repente, tudo de modo muito rápido e interativo.

A atividade proposta com a metodologia de roda de conversa tende a propiciar lugar de posicionamento dos alunos, para que eles se sintam parte do processo de construção de aprendizagem. A roda de conversa estimula o protagonismo (ou mesmo a autoestima) dos jovens-adolescentes estudantes, uma vez que cada aluno pode se posicionar, ser ouvido e ser apreciado. Por isso, Maria Carmem Silveira Barbosa e Maria da Graça Souza Horn (2008) afirmam que:

a construção de um campo dialógico e democrático, no qual a criança ganha vez e voz, mas que não fala sozinha, já que o adulto, parceiro e sensível às suas necessidades, estão com ela em diferentes momentos. Reconhece-se a criança como sujeito de direitos e ativos na construção de conhecimentos [...]. (BARBOSA; HORN, 2008, p. 33).

Ainda como parte introdutória da aula, os alunos assistiram ao vídeo “Brasil cordel e repente 1º bloco”, e foram estimulados a refletir sobre o conteúdo, a partir das diferenças e das convergências entre o cordel e o repente, nas duas situações: leitura do folheto e acesso ao vídeo. Alguns comentários dos alunos refletiram a situação retratada em sala, a primeira foi a observação de que o poema traz uma reflexão de temas sociais menos dinâmicos em relação ao repente, visto que ele improvisa e insere os alunos em situações lúdicas ou em cenas do dia a dia, de forma mais animada. Alguns alunos destacaram a criatividade e o jogo das rimas dos

repentes, e o aluno Francisco Dayvesson Alves de Araújo, 13 anos, disse que o repente é mais animado.

Nessa subsequência, os alunos montaram um glossário, conforme se pode observar em três glossários escolhidos aleatoriamente, constantes no Apêndice E, produzidos pelos alunos Antonio Geovane Ferreira da Silva, 13 anos; Michael dos Santos Lima, 13 anos; e Iasmin da Silva Reis, 13 anos, a partir de inferências da leitura e do contexto. Os alunos escolheram uma estrofe do cordel para ilustrar, conforme a sua interpretação. As ilustrações foram posteriormente expostas para a apreciação de toda a turma.

Para a atividade de casa, os estudantes foram orientados a relerem um trecho da obra que mostra uma função do cordel, que consiste, principalmente, em informar ao leitor de forma divertida e lúdica, levando a comunidade a envolver-se com a arte popular, sobre a qual deveriam tecer comentário.

No geral, apesar de nossa busca contínua de tentarmos integrar todos os alunos nas atividades propostas, observamos dificuldades relacionadas às leituras espontâneas, quando alguns alunos manifestaram certa timidez na hora de ler ou até mesmo de falar em roda, o que é característico da região rural na qual estão inseridos e que havia sido previsto como risco de possível constrangimento junto ao Comitê de Ética e Pesquisa. Destacamos que o fato de não participarem oralmente, não significou deixarem de interagir, pois os mesmos alunos acompanhavam as leituras e as falas dos demais e não apresentaram dificuldade na produção, fazendo-se representar em duplas, o que fora previsto como solução para evitar risco de constrangimento.

#### 7.2.2.4 Análise da leitura e da interpretação dos cordéis “Equidade de gênero: igualdade política e social para a mulher” e “Mulher: o desafio de ser empreendedora”, de Luzinete Fontenele

De autoria da cordelista Luzinete Fontenele, os cordéis “Equidade de gênero: igualdade política e social para a mulher” e “Mulher: o desafio de ser empreendedora” foram utilizados como base para a realização da subsequência e discussão da temática acerca da mulher. Essa subsequência fez parte do grupo de sequências que foi trabalhado entre os meses de agosto a dezembro de 2019. Tal atividade teve como objetivo despertar o interesse dos alunos a participarem de forma ativa e reflexiva da leitura em sala e dos fatos sociais que os cercam. Essa medida foi aplicada, especificamente, no dia 28 de outubro, de 2019. Vide fotografia da socialização e interpretação desses cordéis no Apêndice G.

O início dessa subsequência aconteceu a partir da audição da música “Mulher (Sexo frágil)”, de Erasmo Carlos. Foi lembrada a entrevista com a autora, por meio de vídeo e os alunos foram desafiados a escrever em um recorte de estrela o nome de uma mulher que lhe lembrasse empreendedorismo, luta e resistência. Nenhum aluno citou nome específico, mas alguns fizeram referência às artesãs e às mulheres do *shopping* da cidade.

A seguir fizeram a leitura da letra da canção e também assistiram ao seu vídeoclip, então, iniciou-se a exploração interpretativa dos cordéis e da música, a partir das provocações: Qual o sentido da palavra sapiência? Qual a relação dessa palavra com o tema dos cordéis? Que pontos comuns ou diversos podem ser observados entre a música e os cordéis? Os alunos foram orientados, ainda, que deveriam considerar em suas análises dos cordéis o que nos textos era fato e o que era opinião.

Depois, a turma foi dividida em dois grupos, e, então, cada grupo fez a releitura individual e silenciosa dos textos cordelistas, na seguinte formatação: Grupo A – EQUIDADE DE GÊNERO: Igualdade política e social para a mulher.; Grupo B – MULHER: o desafio de ser empreendedora. Após esse momento, os alunos confeccionaram pequenos cartazes, em folha A4, ilustrando uma passagem do cordel que, para si, foi mais significativa na situação da mulher, considerando, ainda, as falas da autora na situação da entrevista, acrescentando uma legenda significativa para a sua produção. Essa atividade contempla a Matriz de Referência da Prova Teresina, organizada pela SEMEC, e corresponde ao descritor (Ef69LP03): Inferir o sentido de uma palavra ou expressão.

Quadro 8 – Falas dos discentes durante a subsequência

<b>Discentes:</b>	<b>Fala dos discentes:</b>
Danilo:	A música fala de uma boa dona de casa
Mikael:	Sapiência significa ter sabedoria para cuidar da família. Nos cordéis, a mulher inteligente busca seu espaço no mundo dos negócios
Flávia Joelma:	A letra da música fala de mulheres fortes, que cuidam bem da família. Os cordéis falam de mulheres empreendedoras e que trabalham fora de casa em seus próprios negócios.
Ana Flávia:	A mulher é forte na música e nos cordéis.
Isis:	Os cordéis falam de mulheres que batalham para conquistar igualdade de direitos e uma posição justa na sociedade, para isso, é preciso ter conhecimento e sabedoria.
Brenda:	Na música, a mulher é amada e é forte, porque cuida de quatro homens; nos cordéis, a mulher é forte porque luta por direitos iguais.
Walisson:	Nos cordéis, a mulher trabalha para ajudar a família; na música, ela somente cuida da família.
Maria Eduarda:	Os cordéis mostram a realidade da mulher que trabalha dentro e fora de casa, mas que é mais independente.
Sabrina Stefany:	Que está faltando política pública é um fato e que, independentemente do sexo, deve ser o pensamento, é opinião.

**Fonte:** Dados gerados nesta pesquisa.

Como atividade de casa propusemos que eles fizessem o esboço de um cordel com a temática abordada em sala de ou com as memórias construídas a partir da entrevista realizada com a cordelista Luzinete Fontenele. Em subsequência, fizemos o trabalho de reescrita.

#### 7.2.2.5 Análise da leitura e da interpretação do cordel “A batalha do Jenipapo: a peleja piauiense pela independência do Brasil”, de Josefina Ferreira Gomes de Lima

O último cordel trabalhado foi “A batalha do Jenipapo: a peleja piauiense pela independência do Brasil”, de Josefina Ferreira Gomes de Lima, nas sequências didáticas apresentadas neste estudo. A sua aplicação deu-se no mês novembro de 2019. A seguir, descrevemos a subsequência que, em seu conjunto, corresponde às atividades relacionadas à leitura e à interpretação textual.

O início da subsequência deu-se com a investigação sobre os conhecimentos prévios dos alunos a respeito da história do Piauí. As respostas mais comuns foram: que o Piauí é um estado pobre; que foi explorado; que os índios chegaram primeiro; que o Piauí foi colonizado por pessoas batalhadoras e que sempre lutaram por seus ideais. Todas as respostas foram anotadas no quadro e, em seguida, foi exibido um vídeo sobre a Batalha do Jenipapo, disponível no *link* <https://www.youtube.com/watch?v=gMHRzbC4ufM>, com o título Batalha do Jenipapo (A luta pela Independência do Brasil), e os estudantes puderam ter um outro olhar sobre o estado do Piauí. Em sequência, foram confrontadas as informações anteriores dos alunos e o novo olhar que agora poderiam construir diante de informações novas. Vide fotografia desse momento no Apêndice H.

Em outro momento, como ação subsequente, a leitura do cordel foi retomada em sala de aula, e os estudantes rememoraram a vida da autora e consideraram todas as informações adquiridas nas aulas. Com essas relações, buscamos dar sentido à leitura, ao envolver o aluno na exploração de um fato histórico pertencente à sua região, ao seu estado, aliás, muitas vezes, os jovens estudantes desconhecem a história do seu próprio estado. E, com a socialização da leitura, os alunos relataram o quanto eles ficaram contentes em conhecer, de diferentes modos, a história do Estado.

A atividade então proposta levou em consideração a Matriz de Referência da Prova Teresina, do 4º Bimestre, organizada pela SEMEC, contemplando os descritores: (EF69LP03): Inferir o sentido de uma palavra ou expressão; (EF69LP06): identificar a temática do texto; (EF69LP09): Diferenciar as partes principais das secundárias em um texto; (EF69LP11): Estabelecer relação causa/consequência entre as partes e elementos do texto.

Para a conclusão dessa atividade de interpretação, realizamos a correção coletiva, que contou com a participação dos alunos, principalmente ao darem suas respostas a questões discursivas correspondentes ao descritor (EF69LP09): diferenciar as partes principais das secundárias em um texto. Segundo os alunos, no texto lido, as principais são os trechos que envolvem a “Batalha do Jenipapo” e a vitória do Nordeste para conseguir ser independente de Portugal, e as secundárias são as partes que destacam a insatisfação de Fidié, ao inferirem informações que não estavam na superfície do texto e informações principais, explícitas na superfície, como: “Qual foi a motivação para a Batalha acontecer?” Ao que os alunos responderam que o Brasil era independente, mas o Nordeste não era. Portugal não aceitava a total independência e explorava as riquezas do Piauí. “Ao final do cordel, qual a grande lição que a autora destaca dessa Batalha?” Os alunos destacaram que a lição é de que para lutar por liberdade não precisa munição, porque a união do povo é que faz a grandeza da nação.

Assim, acreditamos que as respostas atenderam às expectativas interpretativas da turma, uma vez que foram sendo construídas de maneira coletiva.

### 7.2.3 Análise das subsequências 03. Socialização das produções sobre as memórias dos cordelistas participantes da pesquisa e reescrita dos textos

Ressaltamos a seguinte informação: a cordelista Marina Campelo foi selecionada como participante desta pesquisa, mas como ela não pôde comparecer à turma de 8º ano, acabou sendo excluída das sequências didáticas. Contudo, decidimos manter sua entrevista, tendo em vista sua expressão como cordelista que trabalha com memórias e por ser uma mulher ativista quanto à cultura popular, além de ser membro da diretoria da COCHACOR. Vejamos as respostas da cordelista às perguntas que lhe foram dirigidas, no quadro a seguir.

Quadro 9 – Entrevista com a poetisa cordelista Marina Campelo

Questões:	Respostas:
1. Marina, conte-nos como você se tornou cordelista?	R: Primeiro, quando eu comecei a escrever cordel... eu baseei me na minha origens que é o cordel de Pedro II, Piauí... aquelas histórias da infância que a gente ouve... e acaba internalizando bem... e motivando pra... contar histórias... então, quando eu resolvi escrever... minha história de éh: de vida de criança... foi... resolvi fazer com o cordel e trabalhar dentro do espaço memória... fui muito feliz... com isso... tenho esse livro Santos do Gomes... memórias da minha infância... esse... é história da minha vida... quando crianças... depois escrevi sobre as lendas de Teresina... escrevi em cordel... também gosto muito desse meu livro...
2. Qual a importância do seu cordel para a cultura de Teresina?	R: O cordel tem uma importância muito grande na minha vida, assim como no espaço de Teresina, como eu já citei que eu escrevi as lendas em cordel, então, eu considero de fundamental importância... até porque eu tô dentro do cenário... eu estou dentro do cenário cultural de Teresina... como incentivadora, né? Como fomentadora da



	cultura...
3. Na sua trajetória de cordelista quais os principais cordelistas lhe influenciaram?	R: A minha trajetória como cordelista... é: foi influenciada por muitos cordelistas também... como Joames, que é meu conterrâneo... o Raimundo Clementino Neto... como Patativa do Assaré... como Leandro Gomes de Campos... então, toda essa... esses cordelistas me influenciaram... o seu bom cordel... e é neles que eu tento me basear quando escrevo meus cordéis, né?
4. Que relação você estabelece entre o cordel e sua profissão?	R: O cordel e minha profissão... a relação que eu estabeleço entre o cordel e a minha profissão... é também de fundamental importância visto que eu, como professora... posso ensiná-los, né? Usando algumas técnicas simples em oficinas...e por eu ser cordelista isso já facilita bastante, né?
5. Atualmente você está produzindo cordel? Qual o tema?	R: Atualmente eu continuo produzindo cordel... acabei de publicar um livro com os ditados populares... as citações... provérbios... vinte e oito estrofes... foi publicado pela Cordelaria Chapada do Corisco... da qual eu faço parte... e outros temas também... eu agora estou escrevendo um cordel (chamo) Piauí... né?... É uma descrição totalmente histórica, né? Fundamental... fundamentada toda na história do Piauí... estou escrevendo também... conversa de terreiro... que é outro cordel onde eu faço um resgate das memórias... das conversas que eram dos ferreiros de antigamente... entre outros...
6. Sobre escrever cordel o que você tem a nos dizer? Exige vocação ou trata-se de técnica? O que se faz necessário para escrever um cordel?	R: Escrever cordel exige técnica, sim... muito... o cordel é muito exigente... dentro da rima... da métrica e da oração... então, escrever cordel... acaba aprimorando você como poeta pela exigência que o mesmo tem... então... é necessário que se conheça as técnicas... exigidas pelo cordel, né?

**Fonte:** Dados gerados nesta pesquisa.

Como fica evidente nas falas da cordelista Marina Campelo, vemos que ela trabalha com textos de cordel centrada na história, nas lendas, nos ditados populares e costumes de nosso estado, como é o caso do que escreve atualmente sobre as conversas de terreiros que eram costumes entre as famílias nos finais de tarde e entrar da noite. Marina também deixa evidente que trabalha o cordel em sala de aula porque é professora da rede estadual pública de ensino.

A memória e a cultura estão imbricadas, a memória cumpre uma importante função social quando o assunto é a criação literária. A partir da memória (ou de sua reinvenção), é possível (re)evocar emoções e prazeres. Para o escritor Gabriel García Márquez (2003), em sua obra "Viver para contar", "A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente "recorda", e como recorda para contá-la" (MÁRQUEZ, 2003, p. 5).

Assim como os demais cordelistas participantes da pesquisa, a entrevista da cordelista Marina evidencia o que Márquez afirma, pois todos falaram de recordações de suas vidas, especialmente sobre a importância do contato com a literatura de cordel na infância, o que lhes possibilitou o desenvolvimento do gostar de ler, do gostar de poesia, e de gostar de cordel.

### 7.2.3.1 Análise dos cordéis escritos pelos alunos

Após ouvirem os cordelistas, os alunos elaboraram seus próprios cordéis, com o centrado na vida (nas memórias, nos relatos, nas entrevistas) dos poetas que estiveram em sala de aula. A atividade envolveu três momentos distintos: o primeiro, conhecer os cordelistas. O segundo, leitura e interpretação de cordéis. O terceiro, escrita e reescrita dos textos. Destacamos que os alunos optaram pelas sextilhas, que usaram as rimas ABCBDB e a métrica de sete sílabas, conforme exigência do poema cordeliano mais tradicional e usual.

As produções foram as seguintes: (i) Sobre Raimundo Clementino: 35 alunos produziram o cordel e 28 a sua reescrita; (ii) José Bezerra: 23 produziram o cordel e 19 a reescrita; (iii) Joames: 30 alunos produziram o cordel e 26 a reescrita; (iv) Luzinete: 32 alunos produziram o cordel e 23 a reescrita; Josefina: 28 produziram o cordel e 20 a reescrita. Dessa maneira, quase todos os cordéis dos alunos passaram por um processo de escrita e reescrita.

Antes de iniciarem suas produções poéticas, os alunos, incentivados e orientados por nós, receberam em sala de aula os poetas/cordelistas, os entrevistaram, leram suas biografias e fizeram a leitura e a interpretação de seus cordéis.

Koche, Marinello e Boff (2015, p. 14) afirmam o seguinte: “Inicialmente o professor orienta seu aluno a efetuar o planejamento do texto e a procurar informações que subsidiem sua produção, tendo em mente: o que escrever? para que escrever? a quem escrever? E como escrever?”

As produções foram desenvolvidas de acordo com a vivência e a experiência de cada aluno. Após a primeira escrita textual, os alunos foram orientados a reescreverem os textos, para enquadrá-los dentro do gênero poético cordel.

Selecionamos como *corpus* de análise cinco textos. Ressaltamos que colocamos o texto da primeira escrita e da reescrita. Os textos foram colacionados no Apêndice I.

Como já dito, as produções, que visaram, antes de tudo, o exercício prático da escrita de cordéis, foram realizadas na terceira subsequência de cada uma das cinco sequências aplicadas. Para que os alunos realizassem suas produções, deveriam observar os conhecimentos acerca da entrevista com os cordelistas, centrando-se especialmente em suas memórias. Eis porque aqui organizamos a apresentação das subsequências 03 a partir dos cordelistas.

### 7.2.3.1.1 Cordelista: Raimundo Clementino

Sobre as memórias do cordelista Raimundo Clementino, analisamos a produção da aluna Maria Luiza Sousa Silva e, como toda reescrita, observamos que houve modificação para aprimorar os versos e adequar o texto ao gênero cordel, como mostram os versos a seguir:

<p>1ª escrita (2ª estrofe):</p> <p>“Féz vários livros de sua autoria foi para São Paulo fazer curso de Egenhariá Montou até uma gráfica onde lia e ria”</p>	<p>Reescrita:</p> <p>“Falei sobre minha vida Desde quando era menino Que nasci no Piauí Mas que seguindo destino Fui morar em São Paulo Como muito nordestino”</p>
---	--

A 1ª escrita apresenta erros de ortografia e as rimas não estavam adequadas ao padrão da sextilha (ABCBDB). Conforme Patrícia dos Santos e Vima Regina Alves Motta (2018, p. 176), a primeira escrita é apenas um esboço ou rascunho: “No esboço/rascunho, ocorre a primeira escrita, um momento de transição, no qual começam a ser acomodadas as primeiras ideias, um rascunho, efetivamente, contendo a microestrutura da produção textual, por assim dizer”. Já na reescrita, alguns versos foram modificados totalmente e os erros ortográficos foram corrigidos.

O objetivo do trabalho foi alcançado, quando a aluna se refere à memória do autor em dois momentos: quando ainda era menino e quando foi morar em São Paulo.

### 7.2.3.1.2 Cordelista: José Bezerra

Sobre as memórias do cordelista José Bezerra, analisamos a produção da aluna Brenda Mirelly Carvalho de Oliveira, 13 anos. A aluna manteve na reescrita o mesmo texto da 1ª escrita, três sextilhas, palavras bem selecionadas, rimas adequadas ao padrão do cordel. Isso mostra que compreendeu plenamente a proposta apresentada pela professora.

<p>1ª escrita (1ª estrofe):</p> <p>“Eu sou o José Bezerra  Autor de longa carreira  Escrevo muitos cordéis  Neles não falo besteira  Ensino a minha lição  Para Teresina inteira”</p>	<p>Reescrita:</p> <p>“Eu sou o José Bezerra  Autor de longa carreira  Escrevo muitos cordéis  Neles não falo besteira  Ensino a minha lição  Para Teresina inteira</p>
---	--

No cordel da aluna Brenda Mirelly Carvalho de Oliveira, fica evidenciado que há um diálogo com a infância, no que se configura a ideia de que todo texto é um objeto heterogêneo, conforme afirmam Ingedore Villaça Koch (2018, p. 59), para quem no texto “[...] há uma relação radical de seu interior com seu exterior e, desse exterior, evidentemente, fazem parte outros textos que lhe dão origem, que, que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude, ou que se opõe [...]”. Dessa forma, a produção e a recepção de um texto dependem do conhecimento que temos de outros textos com os quais nos relacionamos. Assim, a marca, para esta aluna, é a ideia de que na infância não é adequado trabalhar, pois o cordelista traz essas informações em suas memórias, quando confessa que ele não teve infância, porque trabalhou desde muito cedo.

#### 7.2.3.1.3 Cordelista: Joames

Sobre as memórias do cordelista Joames, analisamos a produção da aluna Flávia Joelma Gomes Sousa, 13 anos. A primeira escrita possui erros ortográficos e as rimas não estão de acordo com o padrão mais formal do cordel. Embora o estudo da ortografia não faça parte da análise estudada, a observação é feita para justificar que a escrita original da aluna foi mantida, até mesmo a título de comparação. As memórias ficam em evidência somente na primeira estrofe, quando a aluna destaca que o poeta teve uma infância simples junto com seus pais e que não viu cordel na escola, mas aprendeu a escutar. A reescrita não possui erros de ortografia e as rimas se enquadram no estilo de um texto de cordel. Vejamos, a seguir, o processo de escrita e reescrita:

<p>1ª escrita (3ª estrofe):</p> <p>“Sou um poeta esfoçado  Depois que entenda  O significado do cordel  Me aprofundei em produzir  Mais valores mais a mais  Gosto de ler e rir.”</p>	<p>Reescrita:</p> <p>“Sou poeta engajado  E faço o povo sentir  O valor da poesia  Que aprendi a produzir  Escrevo em dias de hoje  Para garantir o porvir”.</p>
---	--

No texto da aluna Flávia Joelma Gomes Sousa, é possível observar que ela ativa o tema trabalho infantil. Para Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias (2018, p. 44), “Além dos conhecimentos descritos, a escrita demanda atividade de modelos cognitivos que o produtor possui sobre práticas interacionais diversas, histórica e culturalmente constituída”. Assim, o contato da aluna com o cordelista Joames amplia seu repertório de conhecimentos e o sociocultural, possibilitando a ela recursos para expressar criativamente seu texto.

#### 7.2.3.1.4 Cordelista: Luzinete

Sobre as memórias da cordelista Luzinete, analisamos a produção da aluna Sabryna Stefany de Amorin Lira, 13 anos. Embora tenha recebido toda a orientação adequada, pode-se perceber que, na 1ª escrita, a aluna não conseguiu compreender corretamente a estrutura do gênero proposto, pois a 1ª escrita possui uma estrofe com quatro versos e duas com três versos e está em 3ª pessoa. Visto que os alunos da turma escolheram produzir os cordéis utilizando as sextilhas, o texto passou por várias modificações durante a reescrita, adequando-se melhor ao estilo do cordel. As memórias destacam-se quando ela fala da infância do cordelista, do passado dele no sertão, com seus avós, das brincadeiras e da debilidade do feijão, fatos tão marcantes para o poeta do sertão. Vejamos, a seguir, o processo de escrita e reescrita:

<p>1ª escrita (1ª estrofe):</p> <p>“Luiza Fonteneli é uma cordelista Faz cordel em Teresina e faz todo povo repensar e na sua vida um rumo tomar.”</p>	<p>Reescrita:</p> <p>“Eu sou Luzinete e faço Meu cordel em Teresina Sobre empreendedorismo Pois cordel também ensina E falo de minha infância Quando eu era pequenina.”</p>
--	---

A aluna Sabryna Stefany de Amorin Lira, após compreender plenamente o gênero poético proposto, fez a trabalho de reescrita, por isso, o texto foi quase todo modificado. Outro fato importante é quanto à produção do verso: “Mas levo a se inspirar” e “Quanto é melhor ensinar”, em que se confirma os ensinamento de Koche, Marinello e Boff (2015, p. 135), quando dizem que “O produtor do texto tem liberdade para recriar situações ou fatos narrados de modo que deixem o leitor comovido”. De fato, a aluna, além das memórias da cordelista, enaltece o cordel da poetisa de forma que pode vir a despertar nos leitores o desejo de conhecer sua produção cordeliana.

### 7.2.3.1.5 Cordelista: Josefina

Sobre as memórias da cordelista Josefina, analisamos a produção da aluna Ana Beatriz de Carvalho Silva, 14 anos. A aluna manteve a 1ª pessoa nas duas versões. Das três estrofes produzidas, apenas uma não sofreu modificação (1ª estrofe). O objetivo do texto também foi alcançado na primeira estrofe, pois as memórias aparecem nos versos que falam da infância da cordelista, de sua mãe, que era professora, e da saída de sua cidade para morar em Teresina. Vejamos, a seguir, o processo de escrita e reescrita:

1ª escrita (1ª estrofe):	Reescrita:
“Eu nasci em São João E me chamo Josefina Sou filha de professora Grande mulher nordestina Saí, da minha cidade Pra morar em Teresina.”	“Eu nasci em São João E me chamo Josefina Sou filha de professora Grande mulher nordestina Saí da minha cidade Pra morar em Teresina

Um aspecto bastante relevante e presente no texto da aluna Ana Beatriz de Carvalho Silva é a retomada do tema “mulher”, trabalhado com a cordelista anteriormente em sala de aula. Tal fenômeno é o que Luiz Antônio Marcuschi (2008, p. 129) chama de intertextualidade, quando afirma: “Este critério subsumi as relações entre um dado texto e os outros textos relevantes encontrados em experiências anteriores, com ou sem mediação”. Dessa forma, fica evidente a intertextualidade realizada pela aluna ao produzir suas estrofes sobre a vida e as memórias da cordelista Josefina.

Em uma breve “conclusão” sobre as presentes análises, é possível afirmar que foi possível perceber que a sextilha foi utilizada em todas as produções feitas pelos alunos. Segundo Joaquim Mendes Sobrinho (2010, p. 30), em seu livro “Como Fazer Versos”, a sextilha é uma das principais características do cordel. Assim, parece que os alunos compreenderam muito bem esta questão formal do texto de cordel.

Destacamos, ainda, que selecionamos apenas um cordel de cada poetisa-participante da pesquisa, feito pelos alunos, para também podermos comparar a 1ª escrita com a reescrita. Contudo, ressaltamos que toda turma conseguiu produzir os textos, destacando, especialmente, a vida e as memórias das/dos cordelistas, pois todos os estudantes tiveram acesso as essas informações. Sendo assim, acreditamos que conseguimos alcançar o objetivo principal deste estudo, que foi levar o aluno a produzir um texto de cordel, efetivando as

práticas de letramento literário. Também evidenciamos que algumas produções foram feitas em duplas em respeito ao risco de constrangimento.

Foi possível notar, também, por meio da escolha das palavras e da distribuição das estrofes, que alguns discentes possuem nível de letramento mais elevado que outros. Embora alguns textos apresentem erros ortográficos, todos estão coerentes com a proposta apresentada: a produção de um cordel.

Todavia, é necessário dizermos que alunos conseguiram desenvolver suas produções em virtude da nossa mediação, que implica: leituras de cordéis, debates sem sala de aula, conversas com cordelistas locais, etc. Por isso, cada discente leu uma obra de cada cordelista-participante desta investigação. Nesse sentido, Wilson Seraine da Silva Filho (2015) afirma que:

O contexto cultural deveria, nesse sentido, ser mais abordado na escola, em especial na sala de aula, como requisito obrigatório no processo do ensino e da aprendizagem, sendo a cultura local, produzida pelas pessoas da região, um dos elementos mais significativos na prática docente e escolar. (SILVA FILHO, 2015, p. 34).

Segundo defende o autor, é importante levar “a cultura local” para dentro da sala de aula, pois facilita o processo tanto de ensino como de aprendizagem, uma vez que pode se tornar para os jovens estudantes uma prática mais significativa e “viva”.

O trabalho realizado em sala de aula com os cordéis motivou os alunos a produzirem, e, mesmo não tendo as técnicas de um profissional, não hesitaram em participar e se aventurar as fazer versos. Sobre esse viés, percebemos que todos são capazes de escrever cordel, basta ter o desejo e boa orientação da professora-mediadora. Além disso, passaram a conhecer mais de perto a cultura da região por meio do cordel e da história de vida das/dos cordelistas que vivem em Teresina-PI, onde atuam efetivamente em favor de manter “viva” a tradição de fazer versos em forma de cordel. Assim, pudemos ver como a cena do cordel é dinâmica, viva e presente na vida das pessoas.

#### 7. 2.4 Análise sobre a oficina de produção acerca da cena do cordel em Teresina

A penúltima atividade realizada foi a produção de um cordel que intitulamos “Cena do cordel em Teresina”. Antes dessa produção, levamos a turma do 8º ano à Casa do Cantador, onde os alunos adolescentes ouviram as palavras de Pedro Mendes Ribeiro, o Dr. Pedro, que

respondeu às perguntas feitas pelos alunos, seguindo roteiro de entrevista sobre a situação do cordel em Teresina. Apresentamos a entrevista no quadro a seguir:

Quadro 10 – Entrevista com o poeta cordelista Pedro Mendes Ribeiro

Questões:	Respostas:
1. Pedro Mendes Ribeiro, conte-nos onde e quando nasceu?	R: Eu, graças a Deus... nasci no dia vinte e nove de julho de mil novecentos e trinta e um... [inaudível] eu nasci... cresci e estou vivo... (vendo) cordel... fazendo cordel... apreciando cordel... transmitindo cordel... por que é a maior cultura na face da terra... estou falando [inaudível]...
2. O senhor poderia nos contar um pouco sobre a sua infância e juventude. Desse tempo do que sente saudades?	R: A coisa que mais me encantou na vida foi o dever e o direito de ajudar... como nasci e morava numa comunidade de interior... [inaudível] eu visitava aquele pessoal doente... eu levava comida pra quem não tinha o que comer... eu aprendia com os mais velhos as noções de vida... de dever... de felicidade... de seriedade e de (serviço)... porque quem desconhecer essas virtudes da vida... pode se conscientizar que não vive... (passa) pelo mundo... e passar pelo mundo é o maior dos pecados que cada um pode cometer... [início inaudível] Certa vez, discordei lá dos conceitos de uma irmã que tava dando uma aula de religião... e fui chamado pelo então arcebispo de Teresina... Antônio Severino Vieira de Melo... conversei com ele durante uma manhã completa... ele ficou entusiasmado e disse... [inaudível]
3. Conte-nos sobre seus estudos na escola e fora dela.	R: Sou formado em filosofia... mas o cordel é a maior expressão de cultura [...]... por quê? Porque tudo o que é escrito em cordel... é entendido e compreendido numa rapidez tremenda... tanto pelo mais sábio dos homens quanto pelo mais analfabeto deles... é a única cultura que não precisa professor para ensinar... não precisa professor para analisar o que está sendo dito... porque o cordel já diz numa linguagem que cada um sabe... cada um entende... cada um pratica... cada um vive... cada um realiza... cada um conversa... cada um mostra que essa é a grande realidade [...]... não estou aqui dizendo bobagem... eu para responder uma pergunta que fiz... "será que a gente podia levar o cordel e colocar na cabeça de uma criança?" Veja a pergunta.. eu ficava impressionado para ver um cantador analfabeto... cantando para um homem formado... a noite inteira... e ele fazendo estrofes e mais estrofes... [inaudível] assisti muitas cantorias de analfabetos com doutores... e me impressionou o que os analfabetos diziam... por que isso... qual é a importância do cordel, que ele é capaz de ser compreendido por um papa, qual é um dos homens sabidos... e pelo analfabeto... daí, eu me interessei e lancei em Teresina o projeto Cordel nas escolas...
5. Desde quando o senhor mora em Teresina?	R: Em Teresina eu/ eu comecei a morar em Teresina... [inaudível] o ano... mas a professora pode calcular depois pra vocês... eu tenho oitenta e oito anos... (e vim estudar em Teresina meninozinho...) talvez tivesse de sete pra oito anos... [inaudível]
6. Ribeiro, o senhor poderia nos contar como iniciou o seu gosto pelo cordel?	R: [...] iniciado o meu gosto pelo cordel no dia em que nasci... eu nasci no [...]... no dia vinte e nove de julho de mil novecentos e trinta e um... mais ou menos às 18 horas... quando meu pai estava acendendo a fogueira e o violeiro afinando a viola... aí, nasceu Pedro Mendes Ribeiro...
7. Que obra ou versos ou autores mais marcaram a sua vida? Por quê?	R: Olha... na minha vida... tem muita gente... não só autores... primeiro meu pai... um homem que não tinha [...] das universidades... mas era um grande líder... tanto que foi ele... o único brasileiro que recebeu os revoltosos de mil novecentos trinta... mais ou menos... e os hospedou em sua casa... 'nóis' foi se esconder em cima da serra... [inaudível] ele foi o comandante da tropa... [inaudível] "comandante... por que que o senhor não tá em cima da serra como os outros?" Ele respondeu... "eu só saio da minha casa quando eu quero... e eu não estou querendo sair... [inaudível] mas você tá convidado a desmontar... entrar e sentar..." nessa conversa toda... [...] foi muito simples... terminaram todos almoçando na casa do meu pai... [inaudível] mas não levaram um centavo... nada... coisa nenhuma... por quê? A verdade quando ela é bem vivida... ela se transforma em uma defesa imensurável... seja daqui pra frente... se nós tiver sido daqui pra trás... um jovem sério... brinque quando for necessário brincar... respeite a todos que tiverem mais idade do que a sua...
8. Diz-se que o senhor resgatou o cordel em Teresina. Como ocorreu esse	R: Esse resgate tá baseado em uma coisa importante que eu aprendi conversando com os velhos... tudo que eu fiz... eu fiz nos fundamentos essenciais da fé... o que que é a fé? A fé é a sua credibilidade... é a sua aceitação que você tem... [inaudível] é acreditar nos conceitos... vivê-los acima de tudo... porque você vivendo... você



resgate?	<p>         cresce... você crescendo... você cresce os outros... cada um de nós é como uma árvore... produz frutos e produz sombra... [inaudível] e tudo isso é fundamental... [inaudível] eu comecei em mil novecentos e setenta e um... eu fiz o primeiro festival de violeiro do [...]... em Teresina... porque a cultura do cordel havia desaparecido em Teresina... desaparecido no resto do Brasil e no mundo há tempos que está extinto...       </p>
----------	--

**Fonte:** Dados gerados desta pesquisa.

Vejamos, a seguir, algumas imagens (registros) do encontro na “Casa do Cantador”:

Figura 7 – A turma do 8º ano na casa do cantador, com Pedro Mendes Ribeiro



**Fonte:** Arquivo da autora.

Figura 8 – Aluna entrevistando Pedro Mendes Ribeiro



**Fonte:** Arquivo da autora.

No encontro seguinte, em sala de aula, organizamos uma oficina de leitura e uma produção de texto, a partir de pesquisa realizada em materiais impressos, que trazem informações sobre o cordel em Teresina-PI. Para a produção textual relembramos a entrevista com Pedro Mendes Ribeiro e disponibilizamos a escuta do áudio, que gravamos com cordelista Francisco Almeida, que nos deu as seguintes respostas:

Quadro 11 – Entrevista com o poeta cordelista Francisco Almeida

Questões:	Respostas:
1. Onde o senhor nasceu?	R: Eu nasci no... no município de São João da Serra... Piauí... que na época essa região era município de Castelo... então, sou registrado como filho do Castelo Piauí... pois é...
2. Como foi sua infância?	R: Então, vim do interior já com doze anos... estudei em São João da Serra... depois fui para Alto Longá... depois vim pra Teresina... e sempre em colégio público...
3. Desde quando o senhor mora em Teresina?	R: Eu moro em Teresina desde setenta e dois... vim morar aqui na Casa do Estudante... estudar ainda... a segunda série do antigo ginásio, né?
4. Quando iniciou o seu gosto pelo cordel?	R: Tá... meu gosto por cordel... fui há uns dez anos... quando... éh: uma comadre...minha cunhada pediu pra contar história do meu irmão... em cordel pra... pra o aniversário de cinquenta anos dele... pra dar de lembrancinha... aí, depois... AGU... que é onde eu trabalho completou dezoito anos... eu fiz também... aí, me chamaram lá em Brasília... fui na TV Justiça... aí, me empolguei e me apaixonei pelo cordel...
5. Quais são suas obras?	R: Minhas obras aqui num... num dá pra (declinar) tudo... porque tenho muito bem mais de cem já, né?... Então, por exemplo, Sorriso com ternura não é remédio, mas cura... tem também o direito, né? Com o doutor [...] sem paz... eu tenho mandado de segurança para não perder a esperança... tenho sobre o profeta gentileza... aquele que era andarilho... profeta gentileza... Zé [...] foi beleza... eu gosto de botar meus... meus títulos já rimando, né?
6. Qual o seu tema preferido?	R: Eu gosto muito de... fazer... como é? um (científico)... um (jurídico)... que traga algum ensinamento... meu tema preferido... nossa... por exemplo, aqui... nosso sofrimento é proporcional ao lamento... aí, vou atrás lá e tudo... como... tem alguns jurídico e eu tenho também muita bibliografia que o pessoal pede, né?
7. Qual sua última obra?	R: Minha última obra publicada foi... a felicidade ardente reside dentro da gente... mostrando que é muito fácil ser feliz... só se confirmar com o que conseguiu...com sua família ser feliz... sua aparência.. tudo que você conseguiu... e continua lutando... você já tá feliz [rindo] mais... melhor ainda... mais felicidade...
8. Atualmente o senhor está escrevendo algum cordel? Qual?	R: Atualmente estou escrevendo do... terminei agora... sobre a história do Beto... cidadão lá de (Pedreiras) do Maranhão... que o aniversário de sessenta anos dele é no dia onze... de janeiro de dois mil e vinte... vou tá lá presente... e também tem do Valdomiro de Deus Sousa na humildade repousa... é um artista da Bahia... artista plástico... que já expôs mais de vinte e cinco país... uma história muito bonita... o cordel em Teresina têm... eu acho que tem evoluído muito... teve assim uma parada... mas ultimamente tá em alta... apesar do nosso... grande Pedro Costa ter falecido...
9. O que preciso fazer para aprender a produzir cordel?	R: Eu podia definir finalmente o cordel, né? Cordel como... cordel é cultura viva... e também cangaço forte... indo a qualquer lugar... partindo de sua morte... podemos louvar a vida ou mesmo temer a morte... então, cordel está em todo tema... que se possa discutir... que antigamente era mais restrito aquela questão amores impossíveis... de crimes hediondos... mas hoje ele tá em tudo...
10. Fale sobre o cordel em Teresina.	R: Foi criada a Cordelaria Chapada do Corisco que tá ali crescendo com todo vapor... promovendo o cordel... então, o Pedro Costa foi uma contribuição imensurável no cordel... com o projeto cordel nas escolas... eu vi também no âmbito nacional... ganhou concurso nacional... fazia parte da academia nacional de literatura de cordel... academia brasileira de literatura de cordel que a sede é no Rio, né?... As perspectivas aqui em Teresina são as melhores pro cordel... até porque teve essa ascensão agora... eu acho que também... os cordelistas estão motivados... no ano passado, o cordel foi reconhecido pelo IPHAN... como patrimônio cultural nacional... então, tudo bem... tem

muitas entidades... os colégios... as escolas... então, tem muita...muito... muito ramal... né? Fomentando o cordel...
--

**Fonte:** Dados gerados da pesquisa.

Desse modo, os alunos ficaram livres para produzir quantas estrofes quisessem, observamos apenas que eles mantivessem o esticho da sextilha (estrofe com seis versos). As produções ocorreram em folha de A4 coloridas, dobradas em quatro partes, no modelo do folhetim. Fotografias desse momento podem ser vistas no Apêndice J.

Após as produções, fizemos uma exposição dos cordéis, em um varal, tal como o cordel em sua tradição inicial era exposto, em barbante. Depois, passamos à escolha dos versos para compor o cordel coletivo. Foi um momento de grande envolvimento e muitíssima animação. A escolha foi feita após a leitura das estrofes produzidas por cada aluno e foram escolhidas mediante manifestação dos alunos, que deveriam observar a pertinência temática e as características do cordel, especialmente a rima nos versos pares (2, 4 e 6), além da metrificação. Finalizamos com trinta e duas estrofes, quantidade admitida no formato de publicação dos folhetos de cordéis e organizamos as estrofes no modelo adotado pela Oficina de Cordel, para as produções coletivas

A fotografia abaixo retrata o momento da exposição dos cordéis, que fora realizada na própria sala de aula.

Figura 9 - Exposição dos cordéis produzidos pelos alunos sobre a cena do cordel em Teresina



**Fonte:** Arquivo da autora.

Foi realizada a reescrita dos textos, conforme demonstram as produções constantes no Apêndice K, realizadas pelos alunos Landerson e Felipe Gabriel, que produziram, em dupla, em respeito ao risco admitido junto ao Comitê de Ética de que se algum aluno se sentisse constrangido por não conseguir produzir sozinho deveria ser admitida a produção em dupla e também os textos produzidos pela aluna Sabrina Stefany de Amorim Lira e pelo aluno Francisco Ailton da Silva Pereira, que produziram individualmente.

Na comparação dos textos de cordéis escritos e reescritos, foi possível observar que a maioria das produções reescritas se mantiveram fiéis à primeira escrita, conforme se pode verificar na produção da dupla de alunos Landerson Eduardo dos Santos Silva e Felipe Gabriel Pereira da Silva.

Outro fato que constatamos foi o de que na reescrita ocorreram algumas supressões de estrofes, conforme exemplificam as produções da aluna Sabryna Stefany de Amorim Lira e do aluno Francisco Ailton da Silva Pereira.

Relativamente ao fato das alterações realizadas pelas alunas na reescrita, consideramos o que Testa (2015, p. 152) afirma: “Toda criação na arte envolve um processo de transformação, processo essencialmente dinâmico, flexível e não linear. Nunca o processo de criação é apenas uma “somatória”, nem estabelecido por uma causa linear de causa/efeito [...]”. Assim, há sempre, no processo de criação, uma dinâmica ou uma desenvoltura relacional dada à rede de conexões que os estudantes acabam levando em suas produções criativas.

Por fim, escolhemos e organizamos coletivamente as estrofes que passaram a compor o texto intitulado: “Cena do cordel em Teresina”, de acordo com a melhor adequação à temática e às características do texto cordeliano, conforme exemplo a seguir. Antes, ressaltamos que todos os alunos apresentaram suas produções, mas seguindo o modelo adotado pela “Oficina de Cordel” foram escolhidas as trinta e duas estrofes, que apresentam as melhores rimas e métricas, que dão nexos ao texto.

#### **Cena do cordel em Teresina**

O cordel em Teresina  
 Anda junto com o repente  
 Ele existe há muito tempo  
 Sempre foi resplandecente  
 Esteve em crise algum tempo  
 Depois tornou-se eminente. 01

Foi a crise observada  
 Em conversa com Pangula  
 Pedro Costa foi importante

Pedro Ribeiro regula  
A Casa do Cantador  
Que a cultura estimula. 02

O Festival de violeiro  
Ocorre no mês de agosto  
É uma festa muito grande  
A alegria é pressuposto  
Pra fazer versos e rimas  
Todo poeta é disposto. 03

Este ano, um fato novo  
Cordelistas em ação  
Isso não significa  
Que houve separação  
Porque sempre estarão juntos  
Fazendo a animação. 04

Fundou-se a Cordelaria  
Que ainda tem meninice  
Joames é o presidente  
E Clementino é o vice  
Já conversaram conosco  
Cada um, mil coisas disse. 05

Foram cinco os cordelistas  
Que nós aqui conhecemos  
Gostamos de ler seus livros  
Com eles muito aprendemos  
Nós não somos cordelistas  
Mas mui bem nos comprazemos. 06

A casa do cantador  
É um ponto de cultura  
Que, com prazer, visitamos  
Vimos sua formosura  
Foi quando Pedro Ribeiro  
Falou da literatura. 07

O cordel em Teresina  
É de grande animação  
E faz parte de campanhas  
Úteis à educação  
É aceito pelo povo  
Que gosta de informação. 08

Existem muitos projetos  
Que o cordel lhes ajuda  
Tem o meio ambiente  
Que com o cordel se estuda  
E o Educacionildo  
Que o transeunte muda. 09

Temos em Teresina  
Uma biblioteca pessoal  
Pertencente a Zé Bezerra  
Um poeta bem racional  
Escreve sobre a fé  
E também sobre a moral. 10

Conhecemos muitos cordéis  
 Impressos na gráfica rima  
 Ficamos mui curiosos  
 Por conhecer a obra prima  
 Sabemos que seu dono  
 O futebol ele estima. 11

Aprendemos que o cordel  
 É um poema diferente  
 Não aceita a liberdade  
 Que ao outro é inerente  
 É preciso a rima observar  
 E também ser coerente. 12

Pequeno Príncipe em Cordel  
 Versa sobre amizade  
 De uma obra universal  
 Com a qual já intimidade  
 Vimos dois filmes legais  
 Bons pra nossa maturidade. 13

O autor é homem legal  
 Apaixonado por futebol  
 Faz sátira e conta história  
 Até mesmo do lençol  
 Se duvidar ele rima  
 Combinando com o sol. 14

A Cordelista Luzinete  
 Que é bibliotecária  
 Falou muito sobre leitura  
 Importante pra nossa ária  
 Falou sobre empreender  
 E sobre mulher empresária. 15

Josefina cordelista  
 Cativou nossa emoção  
 Disse ser cordelista  
 Exige dedicação  
 Tem que aprender as técnicas  
 Da rima e da metrficação. 16

A professora nos contou  
 Que em Teresina há críticos  
 E que Joames que é um deles  
 Vai saber que somos autênticos  
 Pois escrevemos pouco  
 Porque não somos enclíticos. 17

Joames é homem sábio  
 Em nossa turma nos ensinou  
 A métrica de sete sílabas  
 E sobre a décima ele falou  
 Escreveu uma sextilha  
 E o exemplo nos deixou. 18

Gostamos de ler cordéis  
 Eles falam da cultura  
 Tem cordel sobre a mulher  
 E também sobre a leitura

Tem história inventada  
Que fala de aventura. 19

Muitas vezes nossa arte  
Segue caminhos incertos  
No decorrer da história  
Problemas são descobertos  
Mas Teresina recebe  
Cordel de braços abertos. 20

Sempre lendo as produções  
Dos poetas escritores  
O povo se diverte  
Nos mais diversos setores  
E aplaudem os repentos  
Dos poetas cantadores. 21

Os trabalhos são expostos  
Nas feiras e bienais  
Vendidos nas livrarias  
Nas feiras artesanais  
Enquanto os poetas cantam  
Nos palcos dos festivais. 22

Surgem mil dificuldades  
Mas os poetas enfrentam  
Empresários patrocinam  
Apologistas comentam  
As rádios cedem espaço  
As tevês os apresentam. 23

Ficamos sabendo de um fato  
Bastante interessante  
A paixão de Seu João Claudino  
Que achamos muito importante  
A cultura popular  
É para ele um diamante. 24

Doou a casa do cantador  
Coisa linda de se ver  
Seu João é homem de bem  
Que faz acontecer  
É dono do Paraíba  
Usa o ter para acolher. 25

Lemos e aprendemos  
Sobre o Festival de Violeiros  
Nós nunca estivemos lá  
Mas como bons brasileiros  
No próximo ano  
Queremos ser os primeiros. 26

Sobre a COCHACOR  
Que ainda não tem endereço  
Os cordelistas se reúnem  
Com muito apreço  
Na casa do cantador  
É isso o que conheço. 27

O cordel em nossa turma  
 Começou no mês de junho  
 A mestra e duas alunas  
 Nos deram seu testemunho  
 Da “Oficina de Cordel”  
 Nos passaram seu rascunho. 28

Pra oficina de Cordel  
 Fomos todos convidados  
 A distância nos deixou  
 Meio impossibilitados  
 Porém, por duas alunas  
 Fomos bem representados. 29

Queremos agradecê-las  
 Dizendo muito obrigado  
 E lhes dar os parabéns  
 Por haverem conquistado  
 O diploma da Oficina  
 De Cordel, que lhes foi dado. 30

Parabéns, Flávia Joelma  
 Parabéns, Maria Luiza  
 São as nossas cordelistas  
 E isso nos realiza  
 Recebam suas bonecas  
 Que nosso amor simboliza. 31

O nosso encerramento  
 Se deu com embolada  
 O incrível Joaquim da Matta  
 De forma bem camarada  
 Alegrou nossa manhã  
 Com uma boa toada 32

<b>Participantes:</b>	<b>Estrofes:</b>
Ana Beatriz .....	1, 2 e 3
Andressa e Crislane .....	11,17 e 18
Brenda Mirelly .....	6 e 19
Carlos Eduardo e Jonas .....	8, 9 e 10
Flávia Joelma e Maria Luiz .....	7 e 12
Francisco Ailton .....	20, 21, 22
Yasmim .....	28 e 32
Jean Charles e Raquilson .....	23 e 24
Landerson e Felipe Gabriel .....	29, 30 e 31
Maria Eduarda .....	15 e 16
Maria Jennefer .....	13 e 14
Mikael .....	26 e 27
Sara Fernanda .....	4 e 5



### 7.3 Análise da culminância do projeto

Durante o percurso da aplicação da intervenção, em diversas oportunidades, os alunos leram e ouviram que o cordel e o repente sempre andam juntos em Teresina-PI, e nada melhor que vivenciar o repente no encerramento das atividades com o cordel. Por isso, convidamos o repentista Joaquim da Matta para um encontro com os alunos. Foi uma manhã alegre e dinâmica, Matta fez rimas com os alunos, com a professora e com a diretora adjunto da Escola, que adentrou a sala de aula, igualmente com bastante animação. Foi um momento significativo e inesquecível para aqueles que, ali, se engajaram afetivamente.

Figura 10 – A turma do 8º ano no dia da culminância apreciando a apresentação do repentista Joaquim da Matta



Fonte: Arquivo da autora.

Figura 11 – Culminância do percurso com o repentista Joaquim da Matta



Fonte: Arquivo da autora.

Nessa mesma manhã (da recepção do repentista), os alunos socializaram e apresentaram seus cordéis (versão final), também gravamos um vídeo com a participação de

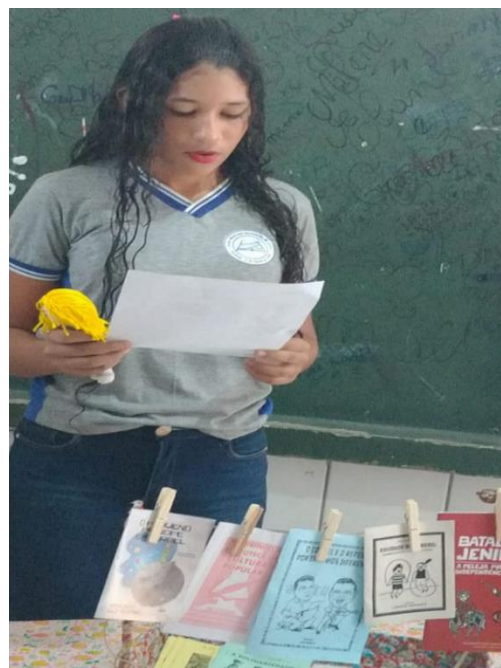
seis alunos, uma aluna fez as devidas apresentações e os outros cinco performaram (com as leituras orais) seus textos.

Figura 12 – Performance oral do aluno Antonio Geovane Feitosa Silva, 13 anos



Fonte: Arquivo da autora.

Figura 13 – Performance oral da aluna Brenda Mirelly Carvalho de Oliveira, 13 anos



Fonte: Arquivo da autora.

Dessa forma, procedeu-se a presente proposta de intervenção, que teve por base o letramento literário, utilizamos as sequências básica e expandidas propostas por Cosson (2018), adaptadas à nossa realidade, considerando que atuamos numa escola rural e o gênero literário escolhido para a pesquisa-ação foi o cordel. Nossas metodologias contam com as entrevistas, as leituras, as interpretações textuais e a produção de cordéis. Além disso, utilizamos a estratégia de receber cordelistas que fazem da cena local do cordel em Teresina-PI, com intuito de trazer mais sentido às suas produções textuais, bem como de serem mais convocados a participar das práticas de letramento social.

Além disso, com este estudo, acreditamos que a contribuição também recaia sobre a prática leitora dos alunos, o que pode se configurar também construir uma comunidade de leitores, numa turma de 8º ano, da Escola Municipal Hermelinda de Castro, que é uma escola da zona rural de Teresina-PI.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho desenvolveu o letramento literário, por meio das sequências didáticas, seguindo algumas orientações de Cosson (2018, 2019). O estudo foi realizado com alunos da rede pública municipal de Teresina-PI. Além disso, participaram desta investigação as/os cordelistas sócias/sócios, da “Cordelaria Chapada do Corisco” (COCHACOR), e destacamos que a participação de todas e todos criou uma ampla rede que fomentou e movimentou nossas práticas docentes e possibilitou realizar o trabalho de intervenção. Quanto à metodologia, aplicamos o método de pesquisa-ação, de natureza qualitativa. Este estudo de intervenção foi desenvolvido mediante ações didáticas, com a intencionalidade de intervir nas nossas práticas docentes e nos processos de ensino e de aprendizagem dos alunos.

As sequências foram aplicadas numa turma de 8º ano (contendo 37 alunos, com idade média entre 13 e 16 anos), da Escola Municipal Hermelinda de Castro (uma escola da rede pública de Teresina, na zona rural), no período de 9 de agosto a 13 de dezembro, de 2019, sob a nossa orientação, como professora-mediadora da referida turma.

Ao todo, foram aplicadas cinco sequências didáticas, sendo cada uma delas dividida em três subseqüências, que contemplaram: a leitura, a compreensão (interpretação) e a produção de texto. A produção de cordéis apresenta temas sobre a vida e as memórias dos seguintes cordelistas: (i) Josefina Ferreira Gomes de Lima (Josefina); (ii) Maria Luzinete Fontenele (Luzinete); (iii) Raimundo Clementino Neto; (iv) José Bezerra de Carvalho; (v) Joaquim Mendes Sobrinho (Joames). E ainda um texto de cordel produzido pelos alunos sobre a cena desse gênero textual em Teresina-PI, que ocorreu numa oficina específica para esse fim.

A subseqüência de leituras de cordéis recebeu a motivação e o incentivo da presença dos autores em sala de aula, com exceção da subseqüência que teve como obra o cordel “Reabrindo a biblioteca da cultura popular”, cujo autor (o cordelista José Bezerra de Carvalho) recebeu um grupo de alunos em sua biblioteca.

Constatamos que este nosso projeto propôs uma experiência nova para os alunos, pois (por meio de conversas) verificamos que eles ainda não tinham vivenciado o contato direto com autores de textos literários. Entendemos, com isso, a abertura que as nossas atividades propuseram e acreditamos que elas favoreceram a interação entre aluno e autor, o que pode ser um grande estímulo para despertar o gosto pela leitura literária. Sem falar do estímulo que o grupo de cordelistas selecionados na nossa pesquisa pode trazer aos alunos em relação à produção de cordéis.

Também observamos que os jovens estudantes, ao se depararem com a subsequência de interpretação (e compreensão) dos textos, conseguiram fazer um mergulho na literatura de cordel. Além disso, os discentes foram estimulados a pensar sobre diferentes temáticas. As nossas sequências ainda implicaram o desenvolvimento de habilidades relacionadas ao Currículo Municipal de Teresina-PI, por meio do direcionamento da Matriz de Referência da Prova Teresina. Esse alinhamento com a Matriz se fez necessário para atender às orientações da SEMEC e renderam bons frutos de trabalho, uma vez que os estudantes trabalharam habilidades alinhadas ao objetivo do letramento literário e ao currículo comum do município.

Durante a subsequência três, foram direcionadas produções textuais de cordéis. Após terem tido contato com os autores, terem lido e interpretado as obras de cordéis, os alunos foram estimulados a produzir seus cordéis com as temáticas que envolviam a vida e as memórias das/dos poetas, bem como a cena do cordel em Teresina-PI. O trabalho com a produção de textual favoreceu a expressividade e a autoestima dos estudantes, uma vez que os adolescentes se sentiram completamente inseridos no processo de letramento, por dimensionarem diferentes práticas sociais e de leitura literária.

Além das sequências didáticas, os alunos fizeram uma incursão na cena do cordel em Teresina-PI. Para tanto, foram levados para uma vivência à “Casa do Cantador”, onde, além de conhecerem o cenário cultural local, ainda tiveram a oportunidade de entrevistar o presidente da “Associação dos poetas e cantadores”, Pedro Mendes Ribeiro, que lhes forneceu importantes informações sobre o “Festival de Violeiros” (considerado o maior do mundo), e ainda falou sobre o cordel em Teresina-PI. Além disso, os estudantes também tiveram acesso a diferentes textos impressos (que discorrem sobre a cena local do cordel), bem como à escuta do áudio que gravamos (utilizando o aparelho de celular), com o cordelista Francisco Almeida. Após essa incursão no mundo dos cantadores e do cordel em Teresina-PI, os discentes produziram um cordel intitulado “Cena do cordel em Teresina”, que contém 32 estrofes e versa sobre a cultura local e suas expressividades.

Também oportunizamos o contato dos adolescentes estudantes com o repentista Joaquim da Matta, que possibilitou a comprovação aos alunos de que o cordel e o repente podem andar juntos, mas também aprenderam que há diferenças entre um e outro.

Acreditamos que esta pesquisa interventiva, focada nos textos da literatura de cordel, possibilitou aos alunos o reconhecimento da função social desse gênero literário e domínio de suas características básicas. Ressaltamos que o contato com as/os cordelistas, as práticas de leitura literária, a interpretação (compreensão), a oralidade e a produção de textos efetivaram a proposta de letramento literária pretendida por nós.

Acerca da cena do cordel em Teresina-PI, foi possível concluir que: (i) Não há produção teórica sobre o cordel antes de 1971; (ii) Os projetos e as pesquisas da cultura local focam mais o “Festival de Violeiro”, mas também trazem o cordel nas escolas e nas campanhas educativas; (iii) a “Academia Piauiense de Cordel” não existe (só na *internet*); (iv) Há um desconforto por parte de determinados cordelistas, que estão no comando da “Associação dos poetas e violeiros”, quanto à valorização do cordel em detrimento dos violeiros; (v) Há importação de cordelistas de outros estados, para alguns projetos, a exemplo do Tião Simpatia (poeta cearense), que fora contratado pelo município de Teresina-PI para o “Projeto Lei Maria da Penha em Cordel” nas escolas, há cinco anos; (vi) A COCHACOR foi fundada, em 2019; (vii) Há vasta produção de literatura de cordel em Teresina-PI; (viii) as/os cordelistas entrevistados são provenientes do interior do Piauí (ou de outros estados) e vivenciaram o cordel com bastante força na infância. Assim, é possível afirmar que a literatura de cordel na infância tem contribuição importante para a formação leitora dos cordelistas.

Os resultados analisados mostram que os objetivos desta pesquisa-ação foram alcançados por meio do nosso trabalho de intervenção. Nesse sentido, acreditamos que conseguimos oportunizar aos jovens estudantes o aprofundamento na construção de habilidades de leitura e de escrita de cordéis, também prevista para o desenvolvimento dos alunos da escola campo de pesquisa. Assim, foi possível evidenciar manifestações do desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita, pois os alunos demonstraram melhora quanto à leitura, à interpretação e à produção de textos poéticos.

Por isso, procuramos efetivar o letramento literário na turma do 8º ano, concebendo-o como uma prática social e, como tal, de responsabilidade da escola. Destacamos, ainda, que o letramento literário está previsto no currículo da SEMEC (Teresina – PI). Além disso, o que nos auxiliou no desenvolvimento do trabalho de intervenção foram as sequências didáticas, baseadas em Cosson (2018) e adaptadas à nossa realidade de trabalho.

Também apresento (de modo mais poético) alguns versos que acionam minhas vivências como mediadora do processo de letramento literário dos estudantes. Vejamos os versos cordelianos:

Concluo, agora o relato  
De meu tão lindo projeto  
Que foi muito importante  
Para mim muito completo  
Na leitura e na escrita  
Em todo o nosso trajeto.

A amizade foi o tema  
 Da primeira atividade  
 "Pequeno príncipe em cordel"  
 Ensina sobre lealdade  
 Na leitura e na escrita  
 A turma teve facilidade.

Sobre a cultura popular  
 Zé Bezerra nos falou  
 Em sua biblioteca  
 De tudo nos mostrou  
 A leitura de seu cordel  
 O tema bem revelou.

Na sequência seguinte  
 Vimos sobre oralidade  
 Foi na obra de Joames  
 Com muita facilidade  
 O autor é muito didático  
 E tem com habilidade.

.  
 A mulher empreendedora  
 Foi o tema da Luzinete  
 Que nos cordéis estudados  
 À igualdade ela remete  
 Crê que a Política Pública  
 É o que melhor promete.

O cordel da Josefina  
 Foi um tema interessante  
 Ele mostra que o Piauí  
 Foi bastante importante  
 Lutando pela independência  
 Em época muito distante.

Na leitura e na escrita  
 A turma foi competente  
 Treinando com as memórias  
 Cada um foi emitente  
 " O cordel em Teresina"  
 Foi a produção pertinente.

Eis o relato que faço  
 Com bastante emoção  
 Pois as memórias vividas  
 Guardarei no coração  
 Penso ter tido a pesquisa  
 Excelente aplicação.

(Versos de Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha, Teresina (PI), 2020)

Acreditamos, ainda, que a prática de leitura e de escrita dos cordéis foi um caminho para a concretização do letramento literário na escola, tendo em vista a interação que houve na turma, na família e na comunidade escolar, além de outras práticas sociais relativas ao nosso projeto. Por isso, que as práticas sociais se estendem muito além da sala de aula,

conseguindo gerar ainda diferentes ações na vida em comunidade. Dentre elas destacamos que:

(i) Houve audiência pública na escola, realizada pela Câmara de Vereadores, para discutir a questão da violência na comunidade e adjacências. A audiência foi proposta pelas lideranças comunitárias e comunidade escolar, impulsionadas, em parte, pelas discussões após a leitura do cordel “Não ao feminicídio”, produzido na Oficina de cordel da qual participamos eu e duas alunas da turma. A leitura do texto cordeliano ocorreu nas turmas do 6º ao 9º ano, nos turnos manhã e tarde, por ocasião do concurso da capa da qual saiu vencedora a aluna Ana Beatriz de Carvalho Silva, 14 anos, da turma do 8º ano;

(ii) Pais testemunharam a mudança de interesse dos filhos pela leitura e até pediram para assistir às aulas por curiosidade, ao notar os filhos mais felizes, sorridentes;

(iii) Uma vendedora de produtos da revista Avon testemunhou que chegou a vender dezenas de exemplares da obra “O pequeno príncipe”, por ocasião da primeira sequência didática em que trabalhamos com a obra cordeliana “O pequeno príncipe em cordel”, que apresenta uma releitura da obra clássica o “O pequeno príncipe”, uma evidência de que o letramento alcançou outros alunos da escola por meio dos alunos da turma do 8º ano.

Acreditamos que outro fato de grande relevância foi o contato dos jovens estudantes da comunidade rural com os cordelistas da região. E essa aproximação (e vivência) de alunas e alunos corrobora o pensamento de Kleiman (2016 p. 12), para quem: “[...] a leitura é um ato social entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem ente si”. Sendo assim, a presença dos autores em sala de aula desencadeia uma interação mais “viva” no ato de ler e de escrever.

Sobre os cordelistas que participaram da nossa pesquisa, escrevemos os seguintes versos:

Raimundo Clementino  
Visitou a nossa escola  
Nos deu muita alegria  
Pois a rima desenrola  
Ensinou-nos metrificar  
Na técnica que controla.

Zé Bezerra é versátil  
Com boa cordialidade  
Fez um verso sobre si  
Mostrando capacidade  
Sua rima é natural  
Dispensa formalidade.

Joames é bom poeta  
Seus cordéis são acurados  
Reconhecido como crítico  
Por cordelistas respeitados

Visitou o oitavo ano  
Nos deixando aprimorados.

Luzinete é engajada  
Na cultura popular  
Divulga o valor da leitura  
Para o saber despertar  
Incentivou o oitavo ano  
A querer muito estudar.

Foi uma manhã de encanto  
O encontro com Josefina  
Sobre o cordel ela conto  
Que o conhece desde menina  
Pois à noitinha em sua casa  
Tinha rima na rotina.

(Versos de Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha, Teresina (PI), 2020)

Também consideramos como base importante para o desenvolvimento de nosso projeto o método de Bordini e Aguiar (1993), proposto para a formação de alunos leitores críticos, capazes de discriminar intenções e de assumir atitudes ante o texto, com independência, o que fizemos por meio da leitura de literatura de cordel, buscando efetivar o letramento literário como prática social.

Sendo considerado como parte de nossa cultura, o cordel também propõe um mergulho na literatura popular, vemos a importância dessa literatura e como ela possibilita, sim, efetivar o letramento literário. Além disso, no caso especificamente da nossa pesquisa-ação, este projeto de intervenção resulta numa grande interação com a cultura local e abre espaço para afirmar a aproximação escola e sociedade, que pode acontecer de diversas formas.

Para mim, revendo, reanalisado a minha prática docente (mas também olhando a minha vida pessoal), posso, com toda certeza, afirmar que depois do desenvolvimento deste trabalho nunca mais serei a mesma, pois as experiências com esta pesquisa (vivida de modo intenso) acabaram por enriquecer minha vida em todos os sentidos.

Por isso, acreditamos que esta ação interventiva é transformadora tanto do ponto de vista da minha prática docente quanto do processo de aprendizagem desses jovens estudantes da zona rural. Nesse contexto, penso que a leitura proporciona diferentes vivências em sala de aula, amplia práticas sociais e desencadeia diferentes processos de inclusão na sociedade.

Destarte, compreendemos que o trabalho com o letramento literário se mostra como uma proposta profícua de trabalho com a literatura em sala de aula, pois, além de ele moldar-se às necessidades do professor-mediador, parece-nos que o efetivar, na escola, é de extrema importância para a construção de alunos-leitores. No entanto, diversas possibilidades de



adaptação e de estímulos ao desenvolvimento da leitura literária na escola devem ser incentivadas, a fim de que se preze pela formação de leitores.

Com isso, podemos afirmar que este estudo não se esgota com o término deste trabalho, mas nos lança cada vez mais a “novos e outros” desafios no âmbito do ensino da literatura e do letramento literário. Ademais, crescemos como pesquisadora e revimos nossas práticas docentes diante de tantas experiências e de novas possibilidades de ensino e de aprendizagem.

Finalizo estas considerações finais, afirmando que nenhum outro trabalho pedagógico, em meus anos de sala de aula, trouxe a mim tanta alegria quanto a realização deste projeto de prática interventiva. Sou muito grata a Deus pela oportunidade, pela felicidade vivenciada com a turma do 8º ano e com a proximidade com os cordelistas participantes da pesquisa, bem como com outros cordelistas que se fizeram importantes neste trabalho.

Assim, em meu percurso, fico devendo esta felicidade ao ProfLetras (UFT/Campus de Araguaína) e, especialmente, à minha orientadora, “sem a qual seria eu sem mim”, pois sua orientação foi primorosa do início ao fim desta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ABLC. Academia Brasileira de Literatura de Cordel. **Dicionário brasileiro de literatura de cordel**. Rio de Janeiro: ABLC, 2005.

ALMEIDA, Francisco. Biografia de Pedro Costa. **Facebook**, 25 dez 2019.

ALVES, José Helder Pinheiro. O que ler? Por quê? A literatura e seu ensino. *In*: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L.; JOVER-FALEIROS, R. (Org.). **Leitura de Literatura na Escola**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 35-49.

AMARAL, Amadeu. **Tradições Populares**. São Paulo, HUCITEC, 1976.

AMARAL, Firmino Teixeira. **A Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho**. Fortaleza: Tupinanquim, 2006.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

AVERBUCK, Lígia Marrone. A poesia na escola. *In*: AGUIAR, Vera Teixeira de. *et al.* (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 6. ed. Porto Alegre: Mercado aberto, 1988. p. 63-83.

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail M. **Questões de estilística no ensino de língua**. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

BAKHTIN, Mikhail M.; VOLOCHÍNOV, Valentin Nikoláievitch. Língua, fala e enunciação. *In*: BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: HUCITEC, 2006. p. 91-111.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BARROS, Miguel Pereira. **Relações de gênero na literatura de cordel**. Curitiba: Appris, 2015.

BARROS, Stela Knitter.; MARTINS. Nize da Rocha Santos Paraguassu. Robinson Crusóé: uma proposta de prática de leitura voltada para a formação do leitor de 6º ano do Ensino Fundamental. *In*: CARVALHO, Lucirene da Silva; ALVES, Shirlei Marly (Org.). **Jogando com as linguagens: práticas de pesquisa no PROFLETRAS**. 1. ed. São Paulo: Pá de Palavras, 2019. p. 171-186.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BATALHA do Jenipapo – a luta pela independência do Brasil. **YouTube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gMhrzbc4ufM>. Acesso em: 20 ago. 2019.

BERGSON, Henri. **Memória e vida**: textos escolhidos. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura**: a formação do leitor: alternativas metodológicas. 2. ed. Porto alegre: Mercado Aberto, 1993.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2018a.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). **Literatura de Cordel ganha título de Patrimônio Cultural Brasileiro**. Brasília: IPHAN, 2018b. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4833/literatura-de-cordel-e-reconhecida-como-patrimonio-cultural-do-brasil>. Acesso em: 28 jul. 2019.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 2013.

BRITO, Áustria Rodrigues; FROIS, Rogeane Silva Moura. Letramento literário: ensino de literatura e a formação do leitor. *In*: BRITO, Áustria Rodrigues; SILVA, Luiza Helena Oliveira da; SOARES, Eliane Pereira Machado. **Divulgando conhecimentos de linguagem**: pesquisas em língua e literatura no Ensino Fundamental. Rio Branco: Nepan Editora, 2017. p.79-99.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. Tradução de Denise Bottmann. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CARVALHO, Rogério Alves. de; BRITO, Stela. Maria Viana. Lima. Leitura do texto dramático em sala de aula: estratégias de letramento literário no ensino fundamental. *In*: CARVALHO, Lucirene da Silva; ALVES, Shirlei Marly (Org.). **Jogando com as linguagens**: práticas de pesquisa no PROFLETRAS. 1. ed. São Paulo: Pá de Palavras, 2019. p. 187-205.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, A. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2017. p. 171-193.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 12. ed. Ouro Azul: Rio de Janeiro, 2011.

CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: Humanitas Publicações/FFLCH/USP, 1996.

CARVALHO, Gilmar de. **Poetas do povo do Piauí: a mídia cordel**. São Paulo: Terceira Margem, 2001.

CARVALHO, José Bezerra de. **Reabrindo a biblioteca da cultura popular**. Teresina: gráfica rima, 2004.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte/São Paulo: Editora Itatiaia/Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

CLEMENTINO NETO, Raimundo. **O belo exemplo de Educacionildo**. Teresina: SA Propaganda, 2010.

CLEMENTINO NETO, Raimundo. **A importância da leitura**. Teresina: Gráfica Rima, 2018.

CLEMENTINO NETO, Raimundo. **Cordel em Teresina**. Facebook, 13 dez. 2019.

CLEMENTINO NETO, Raimundo. **O Pequeno Príncipe em Cordel**. Teresina: Nova Aliança, 2016.

CLEMENTINO NETO, Raimundo. **Vida em equilíbrio**. Teresina: EDUFPI, 2011.

COCHACOR. Cordelaria Chapada do Corisco. **Ata de fundação da COCHACOR**. Teresina: COCHACOR, 2019.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

CORACINI, Maria José R. Faria. Concepções de Leitura na (PÓS) modernidade. *In*: CARVALHO, Regina Célia, LIMA Pascola. **Leitura Múltiplos Olhares**. Campinas, SP: Mercado de Letras; Unefeob, 2005. p. 15-44.

CORDEL ARRETADO. Disponível em <https://sites.google.com/site/cordelarretado/>. Acesso em: 12 de maio de 2020.

COSSON, Rildo. **Círculo de leitura e letramento literário**. 1. ed. São Paulo: contexto, 2019.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: contexto, 2018.

COSTA, Pedro. De repente. **Revista de Divulgação Científica**, v. 1, n. 4, p. 1-12, 1995.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 2. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

CUNHA, Angelita Gomes Fontenele R. da. **Cordel em Teresina**. Teresina: Gráfica Rima, 2019.

CUNHA, Angelita Gomes Fontenele R. da; MEDEIROS, Maria Gessi-Leila. *In*: MEDEIROS, Maria Gessi-Leila; CARVALHO, Zélia Maria Silva; BOMFIM, Maria do Carmo Alves do. **A garantia dos direitos humanos e o combate à pobreza dos educandos: desvendando os projetos educacionais da Secretaria Municipal de Educação de Teresina (SEMEC)**. São Paulo: Garcia Edizione, 2018. p.117-134.

DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória. *In*: ACHARD, P. et al. **Papel da Memória**. 5. ed. Campina, SP: Pontes, 2020. p. 23-36.

DIAS, Ana Creliá Penha. **Literatura e educação literária: quando a literatura faz sentido(s)**. Dias, Revista Cerrados, v. 25, p. 1-10, 2016. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/author/Ana-Creliá-Penha-Dias/121136793>. Acesso em: 13 jan. 2020.

DICIONÁRIO Piauiês. Disponível em <https://umondicoisa.wordpress.com/dicionario-piauiês/>. Acessado em: 19 mai. 2020.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle, SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. (Col.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2011. p. 81-108.

ENES FILHO, Djalma Barbosa. **Letramento literário na escola: a poesia na sala de aula**. Curitiba: Appris, 2018.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Matizes impressas do oral: Conto russo no sertão**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2014.

FIRMINO do Amaral Sobreira. Disponível em: <https://memoriasdapoesiapopular.com.br/>. Acesso em: 14 abr. 2020.

FIRMINO do Amaral Sobreira. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/poesia.html>. Acesso em: 20 abr. 2020.

FONTENELE, Maria Luzinete. **Equidade de gênero: igualdade política e social para a mulher/ Mulher: o desafio de ser empreendedora**. Teresina: gráfica rima, 2019.

FRANCO, Isaquia dos Santos Barros; TESTA, Eliane Cristina. A escolarização da poesia no ensino médio. **Revista Estação Literária**, v. 20, n. 1, p. 204-215, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GERALDI, João Wanderley. O ensino de língua portuguesa e a Base Nacional Comum Curricular. **Revista Retratos da Escola**, v. 9, n. 17, p. 381-396, 2015.

GOMES, Carlos Magno. O modelo cultural de leitura. **Nonada**, n. 18, p. 167-183, 2012.

GOMES, Vilma Aparecida; GOULART, Claudia. A poesia de cordel em sala de aula: interligando os processos de leitura e escrita. *In*: TESTA, Eliane Cristina; LEITE, João de Deus. (Org.). **Além da leitura: cartografias de leitura e de escrita [recurso eletrônico]**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

GOULART, Claudia. **As práticas orais na escola: o seminário como objeto de ensino**. 2005. 228f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2005.

HAURÉLIO, Marcos; SÁ, João Gomes de. **O cordel, suas histórias, seus valores**. São Paulo: Luzeiro, 2011.

HAURÉLIO, Marcos. **Breve história da literatura de cordel**. São Paulo: Claridade, 2010

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas, SP: Pontes, 2016.

KLEIMAN, Ângela; MORAES Silvia E. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas, SP: Mercado de letras, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2018.

KÖCHE, Vanilda Salton; MARINELLO, Adiane Fogali. **Ler, escrever e analisar a língua a partir de gêneros textuais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

KÖCHE, Vanilda Salton; MARINELLO, Adiane Fogali; BOFF, Odete Maria Benetti. **Estudo e produção de texto**: gêneros textuais do narrar, relatar e descrever. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LEITE, João de Deus. A leitura literária e sua transmissão em diferentes espaços na cidade: itinerários do grupo “além da leitura”. *In*: LEITE, J. D.; TESTA, E. (Org.). **Além da leitura**: cartografias de leitura e de escrita [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019. p. 105-128.

LERNER, Délia. **Ler e escrever na escola**: o real, o possível e o necessário. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LÉVY, Pierre. Os Três Tempos do Espírito: A oralidade primária, a escrita e a informática. *In*: LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: Rio de Janeiro: Editora 34, 1994. p 75-132.

LIMA, Josefina Ferreira Gomes de. **Batalha do Jenipapo**: a peleja piauiense pela independência do Brasil. Teresina: Governo do Estado do Piauí/Coordenação de Comunicação Social, 2016.

LIRA NETO, João de Lira Cavalcante Neto. **Padre Cícero**: De maldito a santo. São Paulo: Uol, 2019. Disponível em:

<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-padre-cicero-cariri.phtml>. Acesso em: 20 já. 2019.

LOPES, José de Ribamar (Org). **Literatura de Cordel**: antologia. Fortaleza: BNB, 1982.

LURIA, Alexander Romanovich. A Psicologia Experimental e o Desenvolvimento Infantil. *In*: VIGOTSKI, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alex N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 11. ed. São Paulo: Ícone, 2010. p. 85-102.

LUYTEN, Joseph Maria. **O que é literatura de cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MAIOR, Mário Souto. **Painel Folclórico do Nordeste**. Recife: UFPE; Editora Universitária, 1981.

MARINHO, Ana Cristina.; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortex, 2012.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Viver para contar**. Rio de Janeiro, Record, 2003.

MAXADO, Franklin. **O que é literatura de cordel?** Rio de Janeiro: Codecri, 1980.

MEMÓRIAS DO CORDEL, Disponível em <https://memoriasdapoesiapopular.com.br/>. Acesso em: 20 de março de 2020.

MENDES SOBRINHO, Joaquim. **Antologia dos cantadores e poetas populares do Piauí.** Teresina (PI): Fundação cultural do Piauí, 2006.

MENDES SOBRINHO, Joaquim. **Cartilha do cordel nas escolas.** Teresina (PI): Gráfica Rima, 2019.

MENDES SOBRINHO, Joaquim. **Como fazer versos.** 2. ed. Teresina (PI): Gráfica Rima, 2010.

MENDES SOBRINHO, Joaquim. **O cordel e o repente por caminhos diferentes.** Teresina (PI): Gráfica rima, 2018.

MOISÉS, Carlos Felipe. **Poesia para quê? A função social da poesia.** São Paulo: Unesp, 2019.

MONTEIRO, Silas Borges. Pesquisa-ação e produção de conhecimento na formação docente. In: PIMENTA, Selma Garrido; FRANCO, Maria Amélia Santoro (Org.). **Pesquisa em educação: possibilidades investigativas /formativas da pesquisa-ação.** vol. 1. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 139-155.

OLIVEIRA, Carlos Jorge Dantas de. **História da literatura de cordel: período de formação.** Fortaleza: FGV, 2015.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e leitura.** São Paulo: Unicamp, 1999.

PEREIRA, Teresinha. **Padre Cícero e Lampião, “Rei do Cangaço”.** Disponível em <https://www.recantodasletras.com.br>.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula.** São Paulo: Parábola, 2018.

PMTPI. Prefeitura Municipal de Teresina. **Oficina de criação e produção de literatura de cordel envolve professores e alunos.** Teresina: PMTPI, 2019. Disponível em: <https://pmt.pi.gov.br/2019/08/05/oficina-de-criacao-e-producao-de-literatura-de-cordel-envolve-professores-e-alunos/>. Acesso em: em: 13 dez. 2019.

POUND, Ezra. **ABC da literatura.** Tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1970.

RIBEIRO, Pedro Mendes. **Bodas de prata no repente.** Teresina: Halley: 1999.



ROUXEL, Anne. Ensino da Literatura: experiência estética e formação do leitor. *In*: ALVES, José Helder Pinheiro. (Org.). **Memórias da Borborema**. 4. ed. Campina Grande: Abralic, 2014. p. 19-35.

SANTANA, Zilene Fernandes de Sousa. **A literatura de cordel em foco: uma investigação sobre a aceitabilidade do cordel em uma turma de 3ª etapa da EJA**”. 2020. 200f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade federal do sul e sudeste do Pará, Marabá, 2020.

SANTOS, Idelette Muzart-Fonseca dos Santos. **Memória da Vozes: cantoria, romanceiro & cordel**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2006.

SANTOS, Patrícia dos; MOTTA, Vaima Alves Regina. Escrita, processo e gêneros textuais argumentativos: uma possibilidade de articulação teórico-metodológica para o trabalho com o texto na escola. **Diálogo das Letras**, v. 7, n. 2, p. 173-190, 2018.

SILVA FILHO, Wilson Seraine da. **A Literatura de cordel no ensino de ciências**. Teresina: Ed. Nova Aliança, 2015.

SILVA FILHO, Wilson Seraine da. **O uso da literatura de Cordel como texto auxiliar no ensino de Ciências do Ensino Fundamental da Educação Básica: uma abordagem quantitativa**. 2009. 70f. Dissertação (Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2009.

SILVA, Lais Carolina Machado e. História e representação: a imagem de Lampião na literatura de cordel. **Revista Labirinto**, v. 26, n. 17, p. 232-248, 2017.

SILVA, Luiza Helena Oliveira. Não vejo o mundo com seus olhos: inquietações sobre a leitura e literatura na perspectiva da semiótica didática. *In*: BRITO, Áustria Rodrigues; SILVA, Luiza Helena Oliveira da; SOARES, Eliane Pereira Machado. **Divulgando conhecimentos de linguagem: pesquisas em língua e literatura no Ensino Fundamental**. Rio Branco: Nepan Editora, 2017. p.195-211.

SOARES, Magda Becker. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. *In*: ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. (Org.). **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1999. p. 18-29.

SORRENTI, Neusa. **A poesia vai à escola: reflexões, comentários e dicas de atividades**. 2. ed. Belo Horizonte: autêntica, 2009.

TERESINA. Currículo de Teresina: ensino fundamental, componente curricular: Língua Portuguesa, Prefeitura de Teresina: Secretaria Municipal de Educação. Teresina: UPJ Produções, 2018.

TERESINA (Município). Currículo da Secretaria Municipal de Educação de Teresina. **Cantor Tião Simpatia se apresenta nas escolas do município**. Teresina: SEMEC-PI, 2014. Disponível em: <http://www.semec.teresina.pi.gov.br/Normal/cantor-tiao-simpatia-se-apresenta-nas-escolas-do-municipio.html>. Acesso em: 13 dez. 2019.

TERESINA (Município). **Currículo da Secretaria Municipal de Educação de Teresina (SEMEC)**. Teresina: SEMEC, 2018.

TESTA, Eliane Cristina; FRANCO, Isaquia dos Santos Barros. A escolarização da poesia no ensino médio. **Revista Estação Literária**, v. 20, p. 204-215, 2018.

TESTA, Eliane Cristina. “Além da leitura”: “leitores reais” em condição de compartilhamentos de leituras. *In*: LEITE, J. D.; TESTA, E. (Org.). **Além da leitura: cartografias de leitura e de escrita** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019. p. 83-104.

TESTA, Eliane Cristina. A palavra em estado de poesia. **EntreLetras (Online)**, v. 6, n. 1, p.144-154, 2015.

TEYSSIER, Paul. **Dicionário de literatura brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VIEIRA, Guaipuan. A chegada do Lampião no céu. **YouTube**. Disponível em: <http://bit.ly/LampiaoAcessivel>. Acessado em: 23 abr. 2020.

VIEIRA, Guaipuan. **Conversa por WhatsApp**. Em: 18 mai. 2020.

VIEIRA, Guaipuan. **Personagens folclóricas do bairro Macaúba**. Fortaleza: Cecordel: 2018.

VIEIRA, Guaipuan. **Recordança**. Teresina: Gráfica Andirassu, 1980.

VIEIRA, Guaipuan. **Cordel Arretado**. Disponível em: <https://sites.google.com/site/cordelarretado/>. Acesso em: 20 jan. 2019.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. Aprendizagem e desenvolvimento Intelectual na idade escolar. *In*: VIGOTSKI, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alex N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 11. ed. São Paulo: Ícone, 2010. p. 103-118.

ZILBERMAN, Regina. Leitura na escola. *In*: ZILBERMAN, Regina. (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 5. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. p. 9-22.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a “literatura” medieval.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. **Escritura e Nomadismo: entrevistas e ensaios.** Tradução de Jerusa Pires Ferreira; Sonia Queiroz. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

ZUMTHOR, P. **Introdução à poesia oral.** Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

ZUMTHOR, P. **Performance, recepção, leitura.** Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 1. ed. São Paulo: Cosac Naiffy, 2014.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – ATIVIDADE DIAGNÓSTICA

#### FICHA DE INFORMAÇÃO PESSOAL

NOME: \_\_\_\_\_

IDADE: \_\_\_\_\_

#### QUESTÕES DIAGNÓSTICAS

1. Você gosta de ler poemas? Por quê?
2. Você já escreveu algum poema? Por quê?
3. Você já leu algum cordel?
4. Você sabe diferenciar cordel de poema com versos livres?
5. Você conhece as características do texto em cordel? Se conhece cite-as.
6. Você conhece algum cordelista? Quem?
7. Você já participou do Festival de Violeiros de Teresina? Quantas vezes?
8. Escreva alguns versos sobre sua vida.

## APÊNDICE B – INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS COM OS CORDELISTAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - CAMPUS ARAGUAÍNA

Roteiros de entrevistas destinado aos cordelistas de Teresina

### **Entrevista com o cordelista Raimundo Clementino**

**Código de identificação:** \_\_\_\_\_

01. Poeta Raimundo Clementino, onde o senhor nasceu?
02. Como foi sua infância e adolescência?
03. Desde quando o Sr(a) mora em Teresina?
04. Quando iniciou o seu gosto pelo cordel?
05. Por que escreveu o pequeno Príncipe em Cordel?
06. Qual o seu tema preferido?
07. Fale sobre sua participação na Bienal.
08. Além de fazer cordel gosta de ensinar a fazer? Como o senhor faz para ensinar cordel a quem quer aprender?
09. O que preciso fazer para aprender a produzir cordel?
10. Especialmente, sobre a contribuição de Pedro Costa para o cordel em Teresina, o que o senhor pode nos informar?
11. Nos fale sobre o repente e o cordel em Teresina, especialmente, sobre como veio sendo condutivo pela Diretoria do Associação dos Poetas e Violeiros nos últimos tempo.
12. Fale sobre a fundação da Cordelaria Chapada do Corisco - COCHACOR
13. Que avaliação você faz do Projeto Lei Maria da Penha em Cordel desenvolvido nas escolas de Teresina com a presença do cordelista Tião simpatia.
14. O que você tem a nos informar sobre a Academia Piauiense de Literatura de Cordel
15. Que avaliação você faz sobre o cordel em Teresina?
16. Fale sobre a importância da gráfica Rima para o cordel em Teresina.
17. Fale sobre os Projetos da COCHACOR.

Teresina-PI, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

**Entrevista com o poeta cordelista José Bezerra de Carvalho**

(poeta surdo – surdez recente)

- Entrevista realizada na Biblioteca Popular de Literatura de Cordel em Teresina – PI

**Código de identificação:** \_\_\_\_\_

**O senhor ler a pergunta e fala a resposta para que os alunos anotem. Pode ser?**

01. Onde e quando o senhor nasceu e como foi sua infância e juventude? Desse tempo do que o senhor sente saudades?
02. Fale sobre seus estudos na escola e fora dela.
03. Desde quando o senhor mora em Teresina?
04. Quando iniciou o seu gosto pelo cordel?
05. O senhor escreve sobre a realidade. Nos fale sobre as realidades presentes em sua obra.
06. A religiosidade também está presente em sua obra. Nos conte por qual motivo o senhor escreve sobre a fé.
07. Por que o senhor construiu sua biblioteca popular?
08. Sobre literatura de cordel, o que precisamos fazer para aprender a produzir cordel?
09. O senhor pode nos dizer que obra ou que versos seus mais marcam a sua vida?
10. Nos fale sobre sua última obra escrita e se o senhor está escrevendo alguma obra do momento.

Teresina-PI, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

**Entrevista com o poeta cordelista Joaquim Sobrinho Mendes (Joames),**

**Código de identificação:** \_\_\_\_\_

01. Onde e quando o senhor nasceu e como foi sua infância e juventude?  
Desse tempo do que o senhor sente saudades?
02. Fale sobre seus estudos na escola e fora dela.
03. Desde quando o senhor mora em Teresina?
04. Quando iniciou o seu gosto pelo cordel?
05. O senhor se declara o poeta engajado. Nos explique porque o senhor se diz ser engajado?  
Como sua obra retrata esse fato?

06. O senhor é reconhecido como crítico literário. Nos explique o que é ser um crítico literário do cordel.
07. Que obra ou versos seus mais marcaram a sua vida? Por quê?
08. Sobre literatura de cordel, o que precisamos fazer para aprender a produzir cordel?
09. Nos fale sobre sua última obra escrita e se o senhor está escrevendo alguma obra do momento e também sobre sua Antologia? Qual a importância dela para o Cordel em Teresina?
10. O senhor é Presidente da Cordelaria de Teresina, a COCHACOR. Nos fale sobre a criação e o objetivo da mesma.
11. Especialmente, sobre a contribuição de Pedro Costa para o cordel em Teresina, o que o senhor pode nos informar?
12. Nos fale sobre o repente e o cordel em Teresina, especialmente, sobre como veio sendo condutivo pela Diretoria do Associação dos Poetas e Violeiros nos últimos tempo.
13. Que avaliação você faz do Projeto Lei Maria da Penha em Cordel desenvolvido nas escolas de Teresina com a presença do cordelista Tião simpatia.
- 14.. O que você tem a nos informar sobre a Academia Piauiense de Literatura de Cordel
15. Que avaliação você faz sobre o cordel em Teresina?

Teresina-PI, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

### **Entrevista com a poetisa cordelista Maria Luzinete Fontenele**

**Código de identificação:** \_\_\_\_\_

- 01 Luzinete, conte-nos como você se tornou cordelista?
02. Nos fale o que é preciso fazer para sermos cordelistas?
03. Nos fale sobre a presença da mulher na produção de cordel em Teresina?
04. Qual a importância do seu cordel para o empreendedorismo?
05. Na sua trajetória de cordelista quais os principais cordelistas lhe influenciaram?
06. Cite versos de cordel que marcaram sua vida.
07. Que relação você estabelece entre o cordel e sua profissão?
08. Conte-nos um pouco da sua experiência de escrever cordel.
09. Atualmente você está produzindo cordel? Qual o tema?
10. Sobre escrever cordel o que você tem a nos dizer? Exige vocação ou trata-se de técnica? O que se faz necessário para escrever um cordel?

Teresina-PI, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

### Entrevista com a poetisa cordelista Josefina Ferreira Gomes

**Código de identificação:** \_\_\_\_\_

01. Josefina, conte-nos como você se tornou cordelista?
- 02 Nos fale o que é preciso fazer para sermos cordelistas?
- 03 Nos fale sobre a presença da mulher na produção de cordel em Teresina?
- 04 Qual a importância do seu cordel para a cultura de Teresina?
- 05 Na sua trajetória de cordelista quais os principais cordelistas lhe influenciaram?
- 06 Cite versos de cordel que marcaram sua vida.
- 07 Que relação você estabelece entre o cordel e sua profissão?
- 08 Conte-nos um pouco da sua experiência de escrever cordel.
- 09 Atualmente você está produzindo cordel? Qual o tema?
- 10 Sobre escrever cordel o que você tem a nos dizer? Exige vocação ou trata-se de técnica? O que se faz necessário para escrever um cordel?

Teresina-PI, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

### Entrevista com a poetisa cordelista Marina Campelo

**Código de identificação:** \_\_\_\_\_

01. Marina, conte-nos como você se tornou cordelista?
- 02 Nos fale o que é preciso fazer para sermos cordelistas?
- 03 Nos fale sobre sua experiência de produzir cordel com seus alunos.
- 04 Qual a importância do seu cordel para a cultura de Teresina?
- 05 Na sua trajetória de cordelista quais os principais cordelistas lhe influenciaram?07
- 06 Cite versos de cordel que marcaram sua vida.07.
- 07 Que relação você estabelece entre o cordel e sua profissão?
- 08 Conte-nos um pouco da sua experiência de escrever cordel.
- 09 Atualmente você está produzindo cordel? Qual o tema?
- 10 Sobre escrever cordel o que você tem a nos dizer? Exige vocação ou trata-se de técnica? O que se faz necessário para escrever um cordel?

Teresina-PI, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.



### Entrevista com o cordelista Francisco Almeida

Código de identificação: \_\_\_\_\_

01. Onde o senhor nasceu?
02. Como foi sua infância?
03. Desde quando o Sr(a) mora em Teresina?
04. Quando iniciou o seu gosto pelo cordel?
05. Quais são suas obras?
06. Qual o seu tema preferido?
07. qual sua última obra?
08. Atualmente o senhor está escrevendo algum cordel? Qual?
09. O que preciso fazer para aprender a produzir cordel?
10. Fale sobre o cordel em Teresina

### UM VIOLEIRO EM TERESINA

#### Entrevista com Pedro Mendes Ribeiro

**Pedro Mendes Ribeiro** é o presidente da Associação dos Violeiros e Poetas Populares do Piauí (Avipop) e Ponto de Cultura “Casa do Cantador”.

01. Pedro Mendes Ribeiro conte-nos onde e quando nasceu?
02. O senhor poderia nos contar um pouco sobre a sua infância e juventude. Desse tempo do que sente saudades?
03. Conte-nos sobre seus estudos na escola e fora dela.
04. Desde quando o senhor mora em Teresina?
05. Ribeiro, o senhor poderia nos contar como iniciou o seu gosto pelo cordel?
06. Que obra ou versos ou autores mais marcaram a sua vida? Por quê?
07. Diz -se que o senhor resgatou o cordel em Teresina. Como ocorreu esse resgate?
08. Fale-nos um pouco sobre o *Festival de Violeiros* de Teresina.
09. Fale-nos sobre o projeto cordel nas escolas desenvolvido pela Associação que o senhor preside?
10. O que o senhor nos orienta sobre como vivermos o cordel em Teresina?

Teresina-PI, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

## APÊNDICE C – CADERNO PEDAGÓGICO DE ATIVIDADES DE PRÁTICA DO CORDEL EM SALA DE AULA POR MEIO DE CINCO SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

Sequências para aplicação na pesquisa-ação sobre **PRÁTICAS DE LEITURA E DE ESCRITA: DO CORDEL NO ENSINO FUNDAMENTAL** nas aulas de Língua Portuguesa do 8º ano do ensino fundamental para coleta de dados e formação do *corpus* de uma pesquisa, sob a orientação da Prof. Dra. Eliane Cristina Testa.

Elaboração: Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha

### SEQUÊNCIA DIDÁTICA BÁSICA

TEMA: Amizade

**OBRA LITERÁRIA:** O Pequeno Príncipe em Cordel - Raimundo Clementino Neto

**DURAÇÃO:** 06 horas-aula

**ANO:** 8º ano / Ensino Fundamental

#### ➤ SUBSEQUÊNCIA 1

**Duração:** 02 h/a

**Conteúdo:** Criação de memórias/Entrevista com autores

**Objetivo:** Realizar entrevista com o autor/cordelista Raimundo Clementino a ser estudado por meio da obra “O pequeno príncipe em cordel” a fim de gerar memórias para produções textuais.

**Materiais necessários:** cadernos para anotações, material multimídia.

**Introdução – 20’**

- Explicar sobre o procedimento retomar os conhecimentos prévios dos alunos a respeito do gênero Literatura de Cordel. Em seguida, revisar as características do gênero, mostrando folhetos de cordel e/ou livros com Literatura de Cordel.
- Dizer aos alunos que eles irão conhecer um cordelista e que deverão ouvi-lo com atenção. Explicar sobre o procedimento da entrevista distribuindo as perguntas previamente elaboradas, dentre determinados alunos, especialmente, dentre aqueles que manifestarem interesse em fazê-las. Falar um pouco Raimundo Clementino Neto e pedir que eles pensem sobre outras perguntas que gostariam de fazer a ele.

**Desenvolvimento – 80’**

- Convidar o autor cordelista a entrar na sua sala de aula e apresentá-lo aos alunos e pedir aos alunos que fiquem atentos e tomem nota das respostas para posterior produção de cordel sobre as memórias do autor.
- Promover a interação entre autor e alunos, fazendo as intervenções necessárias.
- Ao final da entrevista, perguntar se algum aluno gostaria de fazer um pronunciamento, em seguida, encerrar a entrevista com as devidas cortesias, para que a aula prossiga.
- **Conclusão** – 20'
- Explicação sobre a versificação e a rima presente na obra: sextilhas. rimas em ABCBDB e metrficação em sete sílabas poéticas.
- Entregar os livros “O pequeno príncipe em cordel” para leitura em casa, para que possam trabalhar o conteúdo nas aulas seguintes e também a biografia do autor

## SUBSEQUÊNCIA 2

**Duração:** 02 h/a

**Conteúdo:** roda de compartilhamento de leitura e interpretação de cordel /Relações e amizades .

**Objetivo:** ler e interpretar o cordel “O pequeno príncipe em cordel” refletindo sobre as relações que se estabelecem nas amizades que fazemos ao longo de nossas vidas e especialmente na escola

**Materiais necessários:** Cadernos para anotações, material multimídia, gravuras, formulários para preenchimento de declarações de amizade.

**Introdução** – 30'

- Exibir a gravura que traz cena de amizade com as frases motivadoras, em seguida, estimule os alunos a relacionar as frases às gravuras, a partir da pergunta “*como ser um bom amigo?*”. Dessa forma, será iniciada a discussão sobre o assunto;
- Dando sequência, fazer a leitura dos versos da letra de música “Canção da América”, de Milton Nascimento;
- Preparar os alunos para a audição da música Canção da América. Em seguida, orientar a produção de declarações de amizades, conforme formulário abaixo.

Para: \_\_\_\_\_

De: \_\_\_\_\_

Declaração: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**Desenvolvimento – 50’**

- Neste momento, deve ser compartilhada a leitura de estrofes do livro “O pequeno príncipe em cordel” e realizada a interpretação, observando a parte teórica e prática, com as colocações referentes à Matriz de Referência da Prova Teresina 3º Bimestre: Qual o sentido da palavra cativar? Qual a relação dessa palavra com o tema da obra? Estabelecer em três sequencias as principais partes do texto em início, meio e fim.

**Conclusão – 40’**

- Exibição do filme “O Pequeno Príncipe” – em anexo – ou do audiobook, no link: <https://www.youtube.com/watch?v=Ag-9zLqkVoc&list=PLDM8daWXtCoe9u1OY2yHkRDPKZ4VSmvll&index=2>
- Pedir que os alunos relacionem as duas obras, o cordel e o filme.

**➤ SUBSEQUÊNCIA 3****Duração:** 02 h/a**Conteúdo:** compartilhamento das produções textuais / oralidade e reescrita das produções.**Objetivo:** Finalizar as produções sobre as memórias do cordelista Raimundo clementino.**Materiais necessários:** Folha pautada A4 e material multimídia.**Introdução – 60’**

- Pedir aos alunos que, espontaneamente leiam algumas sextilhas produzidas, anotando algumas no quadro;

**Desenvolvimento – 60’**

- Neste momento os alunos reescreverão seus versos sobre as memórias do autor, cordelista Raimundo Clementino, seguindo seu estilo e o modelo cordelista adotado por ele na obra lida (sextilhas e rima em ABCBDB) correlacionando com sua biografia e sua produção literária;
- Retomar a leitura do cordel e pedindo para os alunos para marcarem as rimas em sequência.

**Conclusão – 10’**

- Exibição do vídeo “Como encontrar um amigo verdadeiro’ (04, 13’)

- Pedir que, espontaneamente alguém comente sobre o vídeo e a relação de com as sequências anteriores.
- Para casa, os alunos devem fazer o registro das conclusões desta aula.

## **SEQUÊNCIA EXPANDIDA 01**

### **TEMA: Cultura popular**

**OBRA LITERÁRIA:** Reabrindo a biblioteca da cultura popular (José Bezerra)

**DURAÇÃO:** 05 horas-aula

**ANO:** 8º ano / Ensino Fundamental

### ➤ **SUBSEQUÊNCIA 1**

**Duração:** 01 h/a

**Conteúdo:** Criação de memórias/Entrevista com o autor

**Objetivo:** Apreciar os vídeos produzidos na realização da entrevista com o autor/cordelista a ser estudado por meio das obras literárias, a fim de gerar memórias para produções textuais.

**Materiais necessários:** cadernos para anotações, material multimídia.

**Introdução** – pedir aos alunos que foram à biblioteca popular que contem aos colegas da turma como foi a visita e quais foram suas impressões e a realização da entrevista.

**Desenvolvimento** –

- Exibição dos vídeos e das imagens produzidos durante a entrevista realizada por um grupo de quatro alunos que visitarem a biblioteca do autor José Bezerra.
- **Conclusão** –

Neste momento, orientar os alunos a fazerem a leitura do texto “**Reabrindo a biblioteca da cultura popular. (José Bezerra)**” em casa para que possam trabalhar o conteúdo nas aulas seguintes.

- **Referências para aprofundamento sobre o gênero**

MORAIS, Regina Aparecida. **O Cordel e suas possibilidades no ensino da linguagem: formação humana, diversidade e cultura.** Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/P2358-3231.2016n29p126>.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida. **Sequência didática para a leitura de cordel em sala de aula.** Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/download/9388/6742>

## ➤ SUBSEQUÊNCIA 2

**Duração:** 02 h/a

**Conteúdo:** roda de compartilhamento de leitura e interpretação de cordel.

**Objetivo:** A partir da Matriz de referência de Língua Portuguesa da SEMEC – Teresina, ler e interpretar o cordel **Reabrindo a biblioteca da cultura popular. (José Bezerra)**”.

**Materiais necessários:** material multimídia; atividade impressa.

**Introdução – 50’**

- Apresentar um vídeo de uma entrevista sobre as bibliotecas de Teresina (PROJETO MAPEIAMBIBLIOTECAS DE TERESINA). Vídeo neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=jUIC5UrZrQ0>
- Indagar aos alunos se eles têm ideia de quantas bibliotecas públicas existem na cidade, se já visitaram, se gostariam de conhecer e, para eles, qual a importância de uma biblioteca pública.
- Apresentar aos alunos o vídeo de uma visita à Biblioteca Nacional. Antes da exibição, explicar o que é esse patrimônio. Link neste endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=R1-bp0JfDSI>

**Desenvolvimento – 60’**

- Agora pedir aos alunos para socializarem a leitura feita em casa sobre o cordel **“Reabrindo a biblioteca da cultura popular. (José Bezerra)”**.
- Anotar as principais contribuições no quadro.
- Estimular a comparação entre as anotações e destaque, a partir das observações dos alunos, os pontos em comum, vistos nos vídeos iniciais, da fala do autor e levantados a partir da leitura do cordel.
- Retomar a leitura do cordel para o exercício de interpretação, em folha xerocopiada

**QUESTÕES:**

1. Na segunda estrofe, da página 01, lemos os versos *“Convidei toda imprensa/como a falada e escrita”*. Nesses versos, o autor se refere a:
  - A. População em geral e jornais impressos
  - B. Televisão e jornais impressos.
  - C. Televisão e convidados escritores
  - D. Autores de repente e de cordéis.
2. De acordo com o relato na página 01, o padre convidado assistiu a toda a festa? Justifique a sua resposta.
3. Os repentistas convidados para iniciar a festa foram:

- A. Zé Bezerra e Antônio Raimundo
  - B. Edvaldo e Zé Bezerra
  - C. Edvaldo e Antônio Raimundo
  - D. Clementino e Zé Bezerra
4. Qual o mote apresentado para a dupla cantar?
5. Nas páginas 09 e 10, há um texto em que o autor ressignifica algumas palavras poeticamente. Releia essas páginas e faça o mesmo com as palavras a seguir:
- Mãe
  - Abraço
  - Amigo
  - Escola
- Fazer a correção coletiva, comentada da atividade proposta

#### **Conclusão – 10’**

- Agora, para finalizar a aula, orientar os alunos sobre a seguinte atividade de casa:

Nas páginas 08 e 09 do livreto em estudo está um texto chamado “Palavras doces em horas amargas”, sobre a qual os alunos deverão pensar e manifestar suas conclusões a partir de uma memória particular, que pode ser exposta oralmente ou por meio de objetos, textos ou outro dispositivo que convir.

### ➤ **SUBSEQUÊNCIA 3**

**Duração:** 02 h/a

**Conteúdo:** Reescrita e oralidade

**Objetivo:** Socializar e reescrever as memórias do autor.

**Materiais necessários:** Folhas pautadas

#### **Introdução – 30’**

- A introdução desta aula acontecerá a partir da apresentação dos depoimentos de memórias individuais acerca do tema em estudo (atividade de casa da aula anterior)

#### **Desenvolvimento – 80’**

- Socialização das produções dos alunos com roda de leitura.
- Será dado a oportunidade para a reescrita dos textos, em folhas A4 pautadas, com orientações da professora.

#### **Conclusão – 10’**

- Orientar os alunos que, em casa, criem uma ilustração, em papel A4 sobre algo marcante das memórias do autor em estudo, para posterior exposição. Elucidar que eles poderão utilizar materiais e técnicas diversos para essa produção (colagens, imagens, lápis de cor, cera, sementes, tecidos ou outras texturas).

## **SEQUÊNCIA EXPANDIDA 02**

**TEMA: Escrita e oralidade**

**OBRA LITERÁRIA: O cordel e o repente por caminhos diferentes. (Joames)**

**DURAÇÃO: 06 horas-aula**

**ANO: 8º ano / Ensino Fundamental**

### ➤ **SUBSEQUÊNCIA 1**

**Duração:** 02 h/a

**Conteúdo:** Criação de memórias/Entrevista com autores/Estrutura da obra

**Objetivo:** Realizar entrevista com o autor/cordelista a ser estudado por meio de sua obra cordeliana, a fim de gerar memórias para produções textuais.

**Materiais necessários:** cadernos para anotações, material multimídia.

**Introdução – 50'**

- Investigar quais os conhecimentos prévios dos alunos a respeito do gênero Literatura de Cordel. Em seguida, apresente as características do gênero, mostrando folhetos de cordel e/ou livros com Literatura de Cordel.
- Apresentar o áudio de declamação de cordel (<https://www.youtube.com/watch?v=UpfTaLp1sMA>) para que os alunos tenham a experiência com a literatura declamada. Em seguida, indague os alunos sobre suas impressões, a respeito da letra, musicalidade e possíveis emoções extraídas do áudio. Deixe-os falar espontaneamente, para que posteriormente retome suas falas.
- Perguntar aos alunos se eles gostariam de conhecer um cordelista. Diante das respostas, fale aos alunos sobre o autor Joames e peça que eles pensem sobre perguntas que gostariam de fazer a ele. Anote as respostas. Revele então aos alunos que eles poderão entrevistar o autor pessoalmente.

**Desenvolvimento – 60'**

- Convidar o autor cordelista a entrar na sua sala de aula e apresente-o aos alunos. Organize a sequência de perguntas e peça aos alunos que fiquem atentos e tomem nota das respostas para posterior estudo.
- Promover a interação entre autor e alunos, fazendo as intervenções necessárias.



- Ao final da entrevista, perguntar se algum aluno gostaria de fazer um pronunciamento, em seguida, encerrar a entrevista com as devidas cortêsias, para que a aula prossiga.
- Analisar, junto aos alunos a estrutura a obra, observando a metrificação e as rimas, considerando o que o autor expôs sobre este conteúdo durante sua fala.
- Fazer, oralmente com os alunos a substituição das palavras que rimam, inferindo novos significados.
- **Conclusão** – 10’

Neste momento, orientar os alunos a fazerem a leitura do texto “**O cordel e o repente por caminhos diferentes. (Joames)**” em casa para que possam trabalhar o conteúdo nas aulas seguintes.

- **Referências para aprofundamento sobre o gênero**

MORAIS, Regina Aparecida. **O Cordel e suas possibilidades no ensino da linguagem:** formação humana, diversidade e cultura. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/P2358-3231.2016n29p126>.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida. **Sequência didática para a leitura de cordel em sala de aula.** Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/download/9388/6742>

## ➤ **SUBSEQUÊNCIA 2**

**Duração:** 02 h/a

**Conteúdo:** roda de compartilhamento de leitura e interpretação de cordel/ oralidade

**Objetivo:** A partir da Matriz de referência de Língua Portuguesa da Semec – Teresina, ler e interpretar o cordel em estudo.

**Materiais necessários:** material multimídia; folhas de papel A4 ou A3, hidrocor, lápis de cor, fita adesiva

**Introdução** – 50’

- Em roda de conversa, estimular os alunos a partilharem suas impressões sobre a leitura do cordel. Pedir que comentem sobre o significado da expressão “Poeta cantador”.
- Apresentar aos alunos o vídeo “Brasil cordel e repente 1º bloco”. (Disponível em: [youtube.com/watch?v=TVavPia-cw4](https://www.youtube.com/watch?v=TVavPia-cw4))
- Estimule os alunos a refletirem sobre o vídeo, a partir das diferenças e convergências entre cordel e repente, a partir das duas situações: leitura do folheto e vídeo.

**Desenvolvimento** – 60’

- Pedir aos alunos que montem um glossário com as palavras desconhecidas por eles, no cordel. Antes de irem ao dicionário, estimular a inferência, a partir do contexto.
- Retomar a estrutura de metrificação e rima e a socialização da leitura.
- Cada aluno deve escolher uma estrofe do cordel e ilustrá-la, a partir de sua interpretação (Distribuir folhas de sulfite para esta atividade).
- Proporcionar a partilha das produções com as explicações das interpretações.
- Ao final desta atividade, exponha, junto com os alunos, o material produzido em um espaço coletivo da escola par que seja apreciado pelos demais discentes.
- Em dupla, os alunos serão agora estimulados a criar um cordel sobre as memórias do cordelista entrevistado.
- Os alunos criarão a capa do seu cordel para ser usada após a reescrita do texto.

#### **Conclusão – 10'**

- Agora, para finalizar a aula, orientar os alunos sobre a seguinte atividade de casa:

Na página 05 do livreto em estudo, na terceira estrofe, há uma função do cordel. Releia essa estrofe e escreva um comentário sobre ela, esclarecendo essa função.

### ➤ **SUBSEQUÊNCIA 3**

**Duração:** 02 h/a

**Conteúdo:** compartilhamento das produções textuais/ oralidade e reescrita das produções

**Objetivo:** Reescrever texto produzido na aula anterior.

**Materiais necessários:** Folhas pautadas de papel A4.

#### **Introdução – 20'**

- Fazer a socialização da atividade de casa da aula anterior;

#### **Desenvolvimento – 80'**

- Socialização das produções dos alunos com roda de leitura.
- Será dado a oportunidade para a reescrita dos textos, conforme a necessidade observada.

#### **Conclusão – 20'**

- Leitura ou recitação de estrofes do cordel em estudo ou de criação pessoal, em forma de repente, se algum aluno assim desejar.

### SEQUÊNCIA EXPANDIDA 03

**TEMA: Mulher:** empreendedorismo e equidade de gênero

**OBRAS LITERÁRIAS:** Equidade de gênero: igualdade política e social para a mulher/  
Mulher: o desafio de ser empreendedora (Luzinete Fontenele)

**DURAÇÃO:** 06 horas-aula

**ANO:** 8º ano / Ensino Fundamental

#### ➤ SUBSEQUÊNCIA 1

**Duração:** 02 h/a

**Conteúdo:** criação de memórias/Entrevista com a autora.

**Objetivo:** Realizar entrevista com a autora/cordelista a ser estudada por meio das obras literárias, a fim de gerar memórias para produções textuais

**Materiais necessários:** cadernos para anotações, material multimídia.

**Introdução – 50'**

- Investigar quais os conhecimentos prévios dos alunos a respeito do gênero Literatura de Cordel. Em seguida, apresente as características do gênero, mostrando folhetos de cordel e/ou livros com Literatura de Cordel.
- Apresentar o vídeo “Desigualdade de gênero” (neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=74eofUlyx5o>) para que os alunos tenham a experiência um breve conhecimento sobre algumas informações relacionadas ao tema a ser trabalhado. Em seguida, indague os alunos sobre suas impressões, a respeito do conteúdo. Deixe-os falar espontaneamente, para que posteriormente retome suas falas.
- Perguntar aos alunos se eles gostariam de conhecer um cordelista. Diante das respostas, fale aos alunos sobre a autora Luzinete Fontenele e peça que eles pensem sobre perguntas que gostariam de fazer a ele. Anote as respostas. Revele então aos alunos que eles poderão entrevista-la pessoalmente.

**Desenvolvimento – 60'**

- Convidar a autora cordelista a entrar na sua sala de aula e apresentá-la aos alunos. Organize a sequência de perguntas e peça aos alunos que fiquem atentos e tomem nota das respostas para posterior estudo.
- Promover a interação entre autora e alunos, fazendo as intervenções necessárias.
- Ao final da entrevista, perguntar se algum aluno gostaria de fazer um pronunciamento, em seguida, encerrar a entrevista com as devidas cortêsias, para que a aula prossiga.
- Analisar, junto aos alunos a estrutura a obra, observando a metrificação e as rimas, considerando o que o autor expôs sobre este conteúdo durante sua fala.

- Fazer, oralmente com os alunos a substituição das palavras que rimam, inferindo novos significados.
- **Conclusão** – 10’

Neste momento, orientar os alunos a fazerem a leitura do texto “Equidade de gênero: igualdade política e social para a mulher/ Mulher: o desafio de ser empreendedora (Luzinete Fontenele)” em casa para que possam trabalhar o conteúdo nas aulas seguintes.

## ➤ SUBSEQUÊNCIA 2

**Duração:** 02 h/a

**Conteúdo:** roda de compartilhamento de Leitura e interpretação de texto

**Objetivo:** A partir da Matriz de referência de Língua Portuguesa da Semec – Teresina, ler e interpretar o cordel em estudo.

**Objetivo:** A partir da Matriz de referência de Língua Portuguesa da Semec – Teresina, ler e interpretar o cordel em estudo.

**Materiais necessários:**

**Introdução** – 30’

- Para fazermos a introdução desta aula e da temática, entregaremos aos alunos a letra da música Mulher, composição de Erasmo Carlos.

### **Mulher (Sexo Frágil)**

Erasmo Carlos

Dizem que a mulher é o sexo frágil  
Mas que mentira absurda!  
Eu que faço parte da rotina de uma delas  
Sei que a força está com elas

Vejam como é forte a que eu conheço  
Sua sapiência não tem preço  
Satisfaz meu ego, se fingindo submissa  
Mas no fundo me enfeitiça

Quando eu chego em casa à noitinha  
Quero uma mulher só minha  
Mas pra quem deu luz não tem mais jeito  
Porque um filho quer seu peito

O outro já reclama a sua mão  
E o outro quer o amor que ela tiver  
Quatro homens dependentes e carentes  
Da força da mulher

Mulher! Mulher!  
Do barro de que você foi gerada  
Me veio inspiração  
Pra decantar você nessa canção

Mulher! Mulher!  
Na escola em que você foi ensinada  
Jamais tirei um 10  
Sou forte, mas não chego aos seus pés

- No slide 3, rememoraremos a entrevista com a autora e comentaremos os pontos principais destacados sobre a temática em discussão.
- Em seguida, para motivar uma reflexão e reconhecimento, entregaremos aos alunos, estrelas para que eles escrevam ao centro o nome de uma mulher que lhe traga memória de empreendedorismo, luta, resistência ou força.
- Orientaremos a leitura da letra e em seguida solicitaremos aos alunos que falem sobre a temática da letra, com as colocações referentes à Matriz de Referência da Prova Teresina 4º Bimestre: Qual o sentido da palavra sapiência? Qual a relação dessa palavra com o tema dos cordéis? Estabelecer pontos comuns entre os cordéis e a letra de música.
- Em seguida, assistiremos ao vídeo clip da música para encerramento dessa primeira parte. Neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=R5xfhsmBm7Y>

#### **Desenvolvimento – 85’**

- Dividiremos a turma em dois grupos, e cada grupo será incumbido de ler um cordel da autora Luzinete Fontenele (cada aluno de cada grupo fará sua leitura individual e silenciosa neste primeiro momento). Obras: Grupo A – EQUIDADE DE GÊNERO: Igualdade política e social para a mulher. Grupo B – MULHER: o desafio de ser empreendedora.
- Após esse momento, os alunos confeccionarão pequenos cartazes, em folha A4, ilustrando uma passagem do cordel que para ela mais foi significativa na situação da mulher, considerando, ainda, as falas da autora na situação da entrevista, acrescentando uma legenda significativa para a sua produção. Os alunos devem considerar em suas análises o que nas passagens escolhidas é fato e o que é opinião.
- Propor atividade de interpretação de texto, considerando a matriz de referência da Prova Teresina.

#### **QUESTÕES**

1. No título do livreto “Equidade de gênero: igualdade política e social para a mulher”, a palavra destacada significa:

- A. Combate
  - B. Luta
  - C. Igualdade
  - D. Associação
2. A penúltima estrofe da página 07, do cordel “Equidade de gênero: igualdade política e social para a mulher” traz essencialmente:
- A. Fato
  - B. Opinião
  - C. Decisão
  - D. Resposta
3. Na página 02 do cordel Mulher: o desafio de ser empreendedora, autora justifica a escrita do seu texto. Explique o que a motivou escrever sobre essa temática, considerando as estrofes dessa página.
4. Na penúltima estrofe da página 08 do cordel Mulher: o desafio de ser empreendedora, a palavra “**ócio**” sugere:
- A. Trabalho
  - B. Preguiça
  - C. Perseguição
  - D. Desocupação
- Fazer a correção coletiva da atividade.
  - Neste momento será montado um painel na sala com todas as produções e, então, diante do painel, os alunos, espontaneamente, lerão no cordel a parte que retrata a sua ilustração.

### **Conclusão – 05’**

- Para finalizar a sequência, orientaremos a produção de um cordel, individual, em casa (rascunho) sobre a temática aborda e as memórias construídas a partir da entrevista realizada previamente com a autora Luzinete Fontenele.
- 

### **➤ SUBSEQUÊNCIA 3**

**Duração:** 02 h/a

**Conteúdo:** compartilhamento das produções/ oralidade e reescrita dos textos sobre as memórias da cordelista.

**Objetivo:** Reescrever os textos produzidos anteriormente.

escrita, oralidade e reescrita dos textos sobre as memórias da cordelista

**Materiais necessários:** Papel A4 pautado.

### **Introdução – 30’**

- Leitura ou recitação de versos ou estrofes dos cordéis lidos.
- Socialização das produções dos alunos com roda de leitura.

**Desenvolvimento – 70’**

- Os alunos, após as devidas orientações de correções da professora, deverão fazer a reescrita do texto nas folhas de papel A, conforme orientação da professora.
- **Conclusão – 20’**

Para a finalização desta sequência, os alunos montarão um painel com trechos dos cordéis lido em um ponto estratégico da escola para que os demais alunos da comunidade escolar tenham acesso às temáticas.

**SEQUÊNCIA EXPANDIDA 04****TEMA: Piauí**

**OBRA LITERÁRIA: Batalha do Jenipapo – a peleja piauiense pela independência do Brasil (Josefina Ferreira Gomes de Lima)**

**DURAÇÃO:** 06 horas-aula

**ANO:** 8º ano / Ensino Fundamental

**➤ SUBSEQUÊNCIA 1**

**Duração:** 02 h/a

**Conteúdo:** criação de memórias/Entrevista com a autora, cordelista Josefina.

**Objetivo:** Realizar entrevista com a autora/cordelista a ser estudada por meio de obra codeliana, a fim de gerar memórias para produções textuais.

**Materiais necessários:** questionário impresso e cadernos para anotações, material multimídia.

**Introdução – 50’**

- Conversa informal sobre a história do Piauí, falando da origem do nome do estado. Pode se informar mais aqui: <https://www.portalodia.com/noticias/piaui/a-origem-do-nome-piaui-o-rio-dos-piaus-337801.html>
- Falar que existem episódios da história do Piauí que muitos desconhecem e que são de extrema importância para a valorização do estado, além do fato de terem escritores cordelistas que narraram esses acontecimentos em versos.
- Perguntar aos alunos se eles gostariam de conhecer mais um cordelista. Diante das respostas, falar aos alunos sobre a autor Josefina Gomes de Lima ( informações aqui: <https://www.escavador.com/sobre/8214916/josefina-ferreira-gomes-de-lima> e pedir que eles pensem sobre perguntas que gostariam de fazer a ele. Anote as respostas. Revelar então aos alunos que eles poderão entrevistar o autor pessoalmente.

**Desenvolvimento – 60’**

- Convidar o autor cordelista a entrar na sua sala de aula e apresente-o aos alunos. Organizar a sequência de perguntas e pedir aos alunos que fiquem atentos e tomem nota das respostas para posterior estudo.
- Promover a interação entre autor e alunos, fazendo as intervenções necessárias.
- Ao final da entrevista, perguntar se algum aluno gostaria de fazer um pronunciamento, em seguida, encerrar a entrevista com as devidas cortesias, para que a aula prossiga.

#### **Conclusão – 10’**

- Neste momento, os alunos serão orientados a fazerem a leitura do texto “**Batalha do Jenipapo – a peleja piauiense pela independência do Brasil (Josefina Ferreira Gomes de Lima)**” em casa para que possam trabalhar o conteúdo nas aulas seguintes.

### ➤ **SUBSEQUÊNCIA 2**

**Duração:** 02 h/a

**Conteúdo:** roda de compartilhamento de leitura e interpretação de texto.

**Objetivo:** A partir da Matriz de referência de Língua Portuguesa da Semec – Teresina, ler e interpretar o cordel em estudo.

**Materiais necessários:** material multimídia;

#### **Introdução – 30’**

- Investigar junto aos alunos o que eles sabem sobre a história do Piauí, e se eles acham que o Piauí é ou foi um estado importante para a história do Brasil.
- Anotar as observações no quadro, para serem confrontadas com depoimentos posteriores.
- Apresentar aos alunos o vídeo narrativo sobre a Batalha do Jenipapo, disponível neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=gMHRzbC4ufM>
- Pedir que os alunos que se manifestem agora sobre o que acharam do conteúdo e como veem o Piauí a partir das informações recebidas. Anotar no quadro e pedir que eles verifiquem as diferenças entre os depoimentos.

#### **Desenvolvimento – 80’**

- Pedir aos alunos para socializarem a leitura feita em casa sobre o cordel “**Batalha do Jenipapo – a peleja piauiense pela independência do Brasil (Josefina Ferreira Gomes de Lima)**”
- Sugestão inicial de roteiro de condução para a roda de socialização: 1. Você sabia que o povo piauiense havia lutado pela independência do Brasil? 2. Você já observou a data estampada na bandeira do Piauí? 3. Ao que ela remete?
- Chegou a hora de retomar a leitura. Acessar o link [https://issuu.com/jornalismocom/docs/cordel\\_batalha\\_do\\_jenipapo\\_2016](https://issuu.com/jornalismocom/docs/cordel_batalha_do_jenipapo_2016) para leitura coletiva do cordel **Batalha do Jenipapo – a peleja piauiense pela independência do Brasil (Josefina Ferreira Gomes de Lima)**



- Propor atividade de interpretação de texto, considerando a matriz de referência da Prova Teresina.

### QUESTÕES

1. A temática do cordel em estudo retrata:
  - A. Uma história real
  - B. Um conto de fadas
  - C. Uma fábula
  - D. Uma notícia
2. A palavra Jenipapo, no título do cordel refere-se:
  - A. À fruta típica do Piauí
  - B. Ao rio onde aconteceu a batalha
  - C. À cidade onde aconteceu a Batalha
  - D. Ao sobrenome do herói da Batalha
3. Qual foi a motivação para a Batalha acontecer?
4. Ao final do cordel, qual a grande lição que a autora destaca dessa Batalha?
  - Fazer a correção coletiva da atividade proposta.

#### Conclusão – 10’

- Para finalizar a aula, orientar os alunos sobre a seguinte atividade de casa:
- A partir da leitura do cordel “**Batalha do Jenipapo – a peleja piauiense pela independência do Brasil (Josefina Ferreira Gomes de Lima)**” os alunos deverão idealizar uma nova bandeira para o Piauí, considerando suas impressões acerca da temática discutida, das memórias da autora, reveladas na entrevista e do conteúdo do cordel em estudo.

### ➤ SUBSEQUÊNCIA 3

**Duração:** 02 h/a

**Conteúdo:** compartilhamento das produções/ oralidade e reescrita das memórias da cordelista Josefina.

**Objetivo:** Socializar e reescrever cordéis de memórias sobre a cordelista e descobertas sobre a cordelista, a partir da entrevista realizada e da leitura do Cordel “**Batalha do Jenipapo – a peleja piauiense pela independência do Brasil (Josefina Ferreira Gomes de Lima)**”.

**Materiais necessários:** Folhas pautadas

#### Introdução – 50’

- A introdução desta aula acontecerá a partir da apresentação bandeiras (atividade de casa da aula anterior). Cada aluno deverá explicar a sua bandeira, com os significados que ele pretendeu representar.
- Fazer exposição das bandeiras em sala de aula.
- Apresentação dos slides com os símbolos do Piauí e seus significados.

**Desenvolvimento – 60’**

- Neste momento os alunos devem ser estimulados à reescrita de suas estrofes de forma a retratar suas experiências com o contato com o gênero cordel e a história da contribuição do Piauí para a constituição da nação brasileira hoje, considerando, em especial as memórias da autora, reveladas na entrevista.

**Conclusão – 10’**

- Orientação aos alunos para que façam a reescrita em folhas previamente formatadas para este fim.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CARVALHO, José Bezerra de. **Reabrindo a biblioteca da cultura popular**. Teresina: gráfica rima, 2004.

CLEMENTINO NETO, Raimundo. **O Pequeno Príncipe em Cordel**. Teresina, Nova Aliança, 2016.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed, São Paulo: contexto, 2018.

COSSON, Rildo. **Círculo de leitura e letramento literário**. 1. Ed. São Paulo: contexto, 2019.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle, SCHNEUWLY, Bernard. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento**. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e cols. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004. p. 81-108.

FONTENELE, Maria Luzinete. **Equidade de gênero: igualdade política e social para a mulher/ Mulher: o desafio de ser empreendedora**. Teresina: gráfica rima, 2019.

LIMA, Josefina Ferreira Gomes de. **Batalha do Jenipapo: a peleja piauiense pela independência do Brasil**. Governo do Estado do Piauí/Coordenação de Comunicação, Social, 2016. Disponível em [https://issuu.com/jornalismocom/docs/cordel\\_batalha\\_do\\_jenipapo\\_2016](https://issuu.com/jornalismocom/docs/cordel_batalha_do_jenipapo_2016)

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida. **Sequência didática para a leitura de cordel em sala de aula**. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/download/9388/6742>

MENDES SOBRINHO, Joaquim (Joames). **O cordel e o repente por caminhos diferentes. (Joames)**. Teresina: Gráfica Rima, 2000.

MORAIS, Regina Aparecida. **O Cordel e suas possibilidades no ensino da linguagem: formação humana, diversidade e cultura**. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/P2358-3231.2016n29p126>

**APÊNDICE D – IMAGEM COM A TURMA NA LEITURA DO CORDEL “O  
CORDEL E O REPENTE POR CAMINHOS DIFERENTES”**



## APÊNDICE E – MOSTRA DE GLOSSÁRIOS CONTRUÍDOS PELOS ALUNOS

**INSTITUIÇÃO/DEPARTAMENTO:** Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Tocantins – UFT – Campus Araguaína

**PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha  
- Endereço: Rua Tomaz de Area Leão, 1807, Bairro Ininga, Teresina- PI - Fone: ( 86 ) 9.99.4968/1 E-mail:

**PROJETO:** Práticas de Leitura e de Escrita: O cordel no Ensino Fundamental na turma do 8º Ano A Manhã da Escola Municipal Hermelinda de Castro.

ALUNA(O): Lasmin da Silva Reis

### GLOSSÁRIO

1	Ao venhoículo é mais fiel
2	pagina: 01
3	venhoículo: nação, região
4	
5	Sussiste abundantemente diligente e vigilante
6	pagina: 03
7	Diligente: aplicado, zeloso, ativo
8	
9	Tornou-se permanentemente emissário da cultura
10	pagina: 04
11	Emissário: mensageiro
12	
13	Os adeptos do repente difundiram a poesia
14	pagina: 04
15	adeptos: seguidores, amante
16	
17	Na cultura popular o condel tem primazia
18	pagina: 06
19	primazia: quem está em primeiro lugar
20	
21	Para não cair no olvido
22	pagina: 08
23	olvido: esquecimento
24	
25	E já vamos polemizar com quem canta improvisado
26	pagina: 08
27	polemizar: tornar polêmico
28	
29	

**INSTITUIÇÃO/DEPARTAMENTO:** Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Tocantins – UFT – Campus Araguaina  
**PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha  
 - Endereço: Rua Tomaz de Area Leão, 1807, Bairro Ininga, Teresina- PI - Fone: ( 86 ) 9.99496841 E-mail:  
**PROJETO:** Práticas de Leitura e de Escrita: O cordel no Ensino Fundamental na turma do 8º Ano A Manhã da Escola Municipal Hermelinda de Castro.

ALUNA(O): Michael dos Santos Lima

### GLOSSÁRIO

1	"Entre o cordel e o repente" Página 01 ; Verso 01
2	- Cordel ⇒ expressão popular que se caracteriza pela deformação de poemas
3	Ao vernáculo é mais fiel      Página 01 ; Verso 08
4	- Vernáculo ⇒ é utilizado sempre para designar o idioma puro, utilizado tanto
5	no falar, como no escrito, sem utilizar palavras de idiomas estrangeiros.
6	Os eventos memoráveis      Página 02 ; Verso 03
7	- memoráveis ⇒ trazer lembranças, fazer lembrar; comemorar
8	Fonte viva de cultura      Página: 02 ; Verso 05
9	- Cultura ⇒ é tudo aquilo que resulta da criação humana
10	Realismo e ficção      Página 02 ; Verso 14
11	- Ficção ⇒ é o termo usado para designar uma narrativa imaginária.
12	A Viola ou Violão      Página 03 ; Verso 10
13	- Viola ⇒ é um instrumento muito identificada com o Brasil. Principalmente a mi-
14	rica cantoneira raiz.
15	Seu destino é a plateia.      Página 04 ; Verso 24
16	- Plateia ⇒ o parâmetro do texto entre o proferido e os comentaristas, incluindo
17	os espectadores.
18	Cordel é uma epopeia      Página 05 ; Verso 01
19	- Epopeia ⇒ é um extenso poema narrativo heroico que faz referência a
20	temas históricos, mitológicos e lendários.
21	Corduro, afronte o mazela ;      Página 05 ; Verso 19
22	- Mazela ⇒ aquilo que aflige, problemas sociais, molestia
23	Bumba - meu - boi, Capoeira ;      Página 06 ; Verso 03
24	- Capoeira ⇒ expressão cultural brasileira que mistura arte marcial, esporte
25	cultural, dança e música
26	
27	
28	

**INSTITUIÇÃO/DEPARTAMENTO:** Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Tocantins – UFT – Campus Araguaína

**PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha  
- Endereço: Rua Tomaz de Area Leão, 1807, Bairro Ininga, Teresina- PI - Fone: ( 86 ) 9.99496841 E-mail:

**PROJETO:** Práticas de Leitura e de Escrita: O cordel no Ensino Fundamental na turma do 8º Ano A Manhã da Escola Municipal Hermelinda de Castro.

ALUNA(O): Antonio Geovane Ferreira da Silva

### GLOSSÁRIO

1	"Ao vernáculo é mais fiel" - Página 01
2	- Vernáculo: idioma próprio de um país, sem estrangeirismo.
3	
4	"Mais fecundas da eloquência" - Página 02
5	- Eloquência: capacidade de falar e expressar-se com desenvoltura.
6	
7	"Diligente e vigilante" - Página 03
8	- Diligente: aquele que tem prontidão; rápido, ligeiro.
9	
10	"Pensura, afronta e mazela" - Página 05
11	- Mazela: mancha na reputação.
12	
13	"Polivalentes artistas" - Página 07
14	- Polivalente: capaz de realizar várias e múltiplas tarefas; versátil.
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	

**APÊNDICE F – IMAGEM COM A TURMA NA LEITURA DO CORDEL “O  
CORDEL E O REPENTE POR CAMINHOS DIFERENTES”**



**APÊNDICE G – SOCIALIZAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS CORDÊIS  
“EQUIDADE DE GÊNERO: IGUALDADE POLÍTICA E SOCIAL PARA A  
MULHER” E “MULHER: O DESAFIO DE SER EMPREENDEDORA”, DE  
LUZINETE FONTENELE**





**APÊNDICE H – SOCIALIZAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DO CORDEL:  
“BATALHA DO JENIPAPO – A PELEJA PIAUIENSE PELA  
INDEPENDÊNCIA DO BRASIL”, DE JOSEFINA FERREIRA GOMES DE  
LIMA**



**APÊNDICE I – ESCRITAS E REESCRITAS SOBRE AS MEMÓRIAS DOS  
CORDELISTAS**

**INSTITUIÇÃO/DEPARTAMENTO:** Mestrado Profissional em Letras da  
Universidade Federal do Tocantins – UFT – Campus Araguaína  
**PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha  
- Endereço: Rua Tomaz de Area Leão, 1807, Bairro Ininga, Teresina- PI - Fone: ( 86 )  
9.99496841 E-mail: angelitaomenele@hotmail.com  
**PROJETO:** Práticas de Leitura e de Escrita: O cordel no Ensino Fundamental na turma  
do 8º Ano A Manhã da Escola Municipal Hermelinda de Castro.

ALUNA(O): Maria Luiza Sousa Silva

(1ª ESCRITA)

1	Certo dia de manhã
2	eu estava na escola
3	quando chegou um poeta
4	que tinha em mãos um papel
5	veio falar de cordel
6	e ainda falou de bola
7	
8	Fiz várias lições
9	de sua estória
10	foi para São Paulo
11	fazer curso de tipografia
12	Montei até uma gráfica
13	onde lia e via
14	
15	É professor
16	também letrado
17	incusiu vários temas
18	como o amor, crítica
19	social filosofia e
20	também sátiras
21	
22	
23	
24	
25	
26	

**INSTITUIÇÃO/DEPARTAMENTO:** Mestrado Profissional em Letras da  
Universidade Federal do Tocantins – UFT – Campus Araguaína

**PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha  
- Endereço: Rua Tomaz de Area Leão, 1807, Bairro Ininga, Teresina- PI - Fone: ( 86 )  
9.99496841 E-mail: angelitafontenele@hotmail.com

**PROJETO:** Práticas de Leitura e de Escrita: O cordel no Ensino Fundamental na turma  
do 8º Ano A Manhã da Escola Municipal Hermelinda de Castro.

ALUNA(O): Maria Luiza Sousa Silva

(REESCRITA)

Raimundo Clementino

1	Certo dia de manhã
2	Eu cheguei em uma escola
3	fui falar de poesia
4	em minhas mãos uma marola
5	falei sobre cordel
6	E também sobre bola
7	
8	Falei sobre minha vida
9	desde quando era menino
10	que nasci no Piauí
11	mas que seguindo destino
12	Fui <del>morar</del> em São Paulo
13	como muito nordestino.
14	
15	Em São Paulo eu estudei
16	Também pratiquei poesia
17	Fiz curso de Engenharia
18	ligo sempre a melodia
19	A métrica do cordel
20	o que lhe dá harmonia.
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	

**INSTITUIÇÃO/DEPARTAMENTO:** Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Tocantins – UFT – Campus Araguaína

**PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha  
- Endereço: Rua Tomaz de Area Leão, 1807, Bairro Ininga, Teresina- PI - Fone: ( 86 ) 9.99496841 E-mail: angelitafontenele@hotmail.com

**PROJETO:** Práticas de Leitura e de Escrita: O cordel no Ensino Fundamental na turma do 8º Ano A Manhã da Escola Municipal Hermelinda de Castro.

ALUNA(O): Branda Mirely Carvalho de Oliveira

(1ª ESCRITA)

1	JOSÉ BEZERRA
2	
3	Eu sou o José Bezerra
4	autor de longo carreira
5	Escrevo muitos cordéis
6	Nelas não falo besturas
7	Ensino a minha lição
8	Para Teresina inteira
9	
10	A infância é coisa boa
11	Mas isso não pode ter
12	Eu comecei trabalhando
13	Logo depois de nascer
14	Por isso, eu digo: Aprendaite
15	A vida, antes de crescer!
16	
17	Frequentei pouco a escola
18	Mas tive o que aprender
19	A professora era boa
20	que me fez compreender
21	E eu, garoto esparricado
22	Costava de aprender.
23	
24	
25	
26	

**INSTITUIÇÃO/DEPARTAMENTO:** Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Tocantins – UFT – Campus Araguaína

**PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha  
- Endereço: Rua Tomaz de Area Leão, 1807, Bairro Ininga, Teresina- PI - Fone: ( 86 )  
9 99106811 E-mail: angelitatomenele@nomian.com

**PROJETO:** Práticas de Leitura e de Escrita: O cordel no Ensino Fundamental na turma do 8º Ano A Manhã da Escola Municipal Hermelinda de Castro.

ALUNA(O): Brenda Juelly Carvalho de Oliveira

(REESCRITA)

1	José Bezerra
2	Eu sou o José Bezerra
3	Antes de longa convivência
4	Escrevo muitos cordéis
5	Nelas não falo besteira
6	Ensino a minha lição
7	Para Zereza inteira
8	
9	A infância é coisa boa
10	Mos isso não pude ter
11	Eu comecei trabalhando
12	Logo depois de nascer
13	Por isso, eu digo: apresse
14	A vida, antes de crescer!
15	
16	Frequentei pouco a escola
17	Mas tive o que aprender
18	A professora era Bea
19	que me fez compreender
20	E eu, garoto exarçado
21	Gostava de entender.
22	
23	
24	
25	
26	

**INSTITUIÇÃO/DEPARTAMENTO:** Mestrado Profissional em Letras da  
Universidade Federal do Tocantins - UFT - Campus Araguaína

**PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha  
- Endereço: Rua Tomaz de Area Leão, 1807, Bairro Ininga, Teresina- PI - Fone: ( 86 )  
9.99496841 E-mail: angelitafontenele@hotmail.com

**PROJETO:** Práticas de Leitura e de Escrita: O cordel no Ensino Fundamental na turma  
do 8º Ano A Manhã da Escola Municipal Hermelinda de Castro.

ALUNA(O): FLAVIA JOELMA GOMES SOUSA

(1ª ESCRITA)

Joames

1	Sai o Pata Joames
2	Nasido em Pado Segundo
3	Para estudar para
4	Faz estudo profundo
5	Para estudar saber ensinar
6	Passa tem a todo lugar
7	
8	Minha infancia simples
9	anjudado mas pais trabalham
10	Não entendi Cordel na escola
11	Aprendi apenas não estudar
12	An luteranos que eu lia
13	Depois um pouco estudar
14	
15	Sai um pata enforcado
16	Depois que entendi
17	A replicado de cordel
18	Me aprofundi em produzir
19	Mais valores mais a mais
20	Gosto de ler e ler.
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	

**INSTITUIÇÃO/DEPARTAMENTO:** Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Tocantins – UFT – Campus Araguaína

**PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha

- Endereço: Rua Tomaz de Area Leão, 1807, Bairro Ininga, Teresina- PI - Fone: ( 86 )

9 99496841 E-mail: angelitafontenele@uol.com

**PROJETO:** Práticas de Leitura e de Escrita: O cordel no Ensino Fundamental na turma do 8º Ano A Manhã da Escola Municipal Hermeinda de Castro.

ALUNA(O): Flávia Jolma Gomes Sousa

(REESCRITA)

Jolma

1	A minha infância foi simples
2	Com meus pais, a trabalhar
3	Não vi, cordel na escola
4	aprendi ao escutar
5	E ao li por minha conta
6	Ao vez pra eu, estudar
7	
8	Sae pra trabalhar
9	E faço o meu melhor
10	O valor da peça
11	que aprendi a produzir
12	Espero em deus de hoje
13	para garantir o pau.
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	





**INSTITUIÇÃO/DEPARTAMENTO:** Mestrado Profissional em Letras da  
Universidade Federal do Tocantins – UFT – Campus Araguaína

**PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha  
- Endereço: Rua Tomaz de Area Leão, 1807, Bairro Ininga, Teresina- PI - Fone: ( 86 )  
9 99496841 E-mail: angelitaomenele@hotmail.com

**PROJETO:** Práticas de Leitura e de Escrita: O cordel no Ensino Fundamental na turma  
do 8º Ano A Manhã da Escola Municipal Hermelinda de Castro.

ALUNA(O): Sabrina Stepany de Amorim Lira

(REESCRITA)

1	Cordelista Louzinetê
2	
3	Eu sou Louzinetê e faço
4	meus Cordel em Teresina
5	Sobre empreendedorismo
6	Porco Cordel Também ensino
7	E falo de minha infância
8	Quando eu era pequenino.
9	
10	Também ensinando ao povo
11	Técnicas da propinção
12	Valorizando o passado
13	Com meus avós, no sertão
14	Nos brincadeiras, nas festas
15	No bulhar de feijão
16	
17	Não só faço o povo ler
18	mas o levo a se inspirar
19	Aprender com minhas rimas
20	E em sua vida aplicar
21	Tanto é mais fácil aprender
22	Quando é melhor ensinar
23	
24	
25	
26	

**INSTITUIÇÃO/DEPARTAMENTO:** Mestrado Profissional em Letras da  
Universidade Federal do Tocantins - UFT - Campus Araguaína

**PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha  
- Endereço: Rua Tomaz de Area Leão, 1807, Bairro Ininga, Teresina- PI - Fone: ( 86 )  
9 99496621 E-mail: [angelita@uftocantins.edu.br](mailto:angelita@uftocantins.edu.br)

**PROJETO:** Práticas de Leitura e de Escrita: O cordel no Ensino Fundamental na turma  
do 5º Ano A Manhã da Escola Municipal Hermelinda de Castro.

ALUNA(O): Ana Beatriz de Carvalho Silva

(1ª ESCRITA)

1	Eu morei em São João
2	E me chamo Jabelina
3	meu filho de professora
4	grande mulher de destina
5	Eu do minha cidade
6	para morar em Teresina
7	
8	figura projeto "ler Aprender"
9	pelo cordel posso ensinar
10	mulher na produção do cordel
11	eu não posso deixar de falar
12	Tema muito importante
13	Mulheres que ainda vamos encontrar
14	
15	Os Espantados da floresta
16	minha atual produção
17	na minha trajetória no cordel
18	leandro Gomes em minha inspiração
19	Também Jesus e Pedro Costa
20	vários outros no meu currículo.
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

INSTITUIÇÃO/DEPARTAMENTO: Mestrado Profissional em Letras da  
Universidade Federal do Tocantins - UFT - Campus Araguaina

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha  
- Endereço: Rua Tomaz de Area Leão, 1807, Bairro Ininga, Teresina- PI - Fone: ( 86 )  
9 9049682 / E-mail

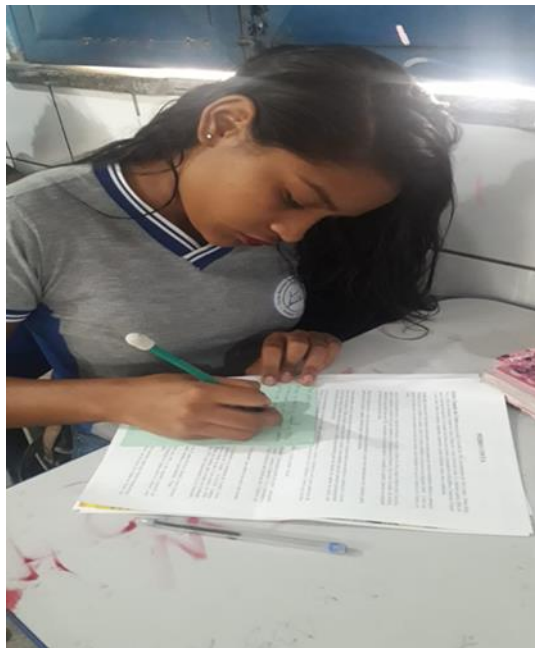
PROJETO: Práticas de Leitura e de Escrita: O cordel no Ensino Fundamental na turma  
do 8º Ano A Manhã da Escola Municipal Herminíada de Castro.

ALUNA(O) Ana Beatriz de Carvalho Silva

(REESCRITA)

1 Eu nasci em São João  
2 E me chamam Josefina  
3 Sou filha de professora  
4 grande mulher por destino  
5 Saí da minha cidade  
6 pra morar em Teresina  
7  
8 Projeto ler Aprender  
9 pra fazer o cordel ensinar  
10 É a mulher que faz cordel  
11 sempre eu preciso falar  
12 por ver um tema importante  
13 Outros nomes encontram  
14  
15 Escritores do folclore (?)  
16 minha atual produção  
17 Leandro Gomes de Barros  
18 Fez minha inspiração  
19 Outros do Juarez e Pedro Costa  
20 Outros dentro do meu coração  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29

**APÊNDICE J - MOMENTO EM QUE OS ALUNOS ESTAVAM PESQUISANDO  
E ESCRREVENDO SOBRE A CENA DO CORDEL EM TERESINA (PI)**



**APÊNDICE K - ESCRITA E REESCRITA DE TEXTOS CORDELIANOS  
SOBRE A CENA DO CORDEL EM TERESINA**

Primeira escrita da aluna Sabryna Stefany de Amorin Lira, sobre a cena do cordel em Teresina (PI):



O Cordel quase foi extinto  
mas Pedro fez mudar  
e assim todo modesto  
Voltou a rimar  
firmou compromisso que nunca  
a situação ia voltar  
A associação de Violinos  
foi fundada em 35 de outubro  
de 1977, iniciando uma  
nova vida para o repente  
reunindo vários Violinos  
e peletos que levam a vida a rimar

Hoje aprendemos  
Sobre o festival de violinos  
Nós nunca estaremos lá  
mas como bons violinos  
No próximo ano  
Queremos ser os primeiros.

Reescrita da aluna Sabryna Stefany de Amorim Lira, sobre a cena do cordel em Teresina (PI):

**INSTITUIÇÃO/DEPARTAMENTO:** Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Tocantins – UFT – Campus Araguaína

**PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha  
 - Endereço: Rua Tomaz de Area Leão, 1807, Bairro Ininga, Teresina- PI - Fone: ( 86 ) 2.99.4968.41 E-mail: angelitarontencie@uoftmaui.com

**PROJETO:** Práticas de Leitura e de Escrita: O cordel no Ensino Fundamental na turma do 8º Ano A Manhã da Escola Municipal Hermelinda de Castro.

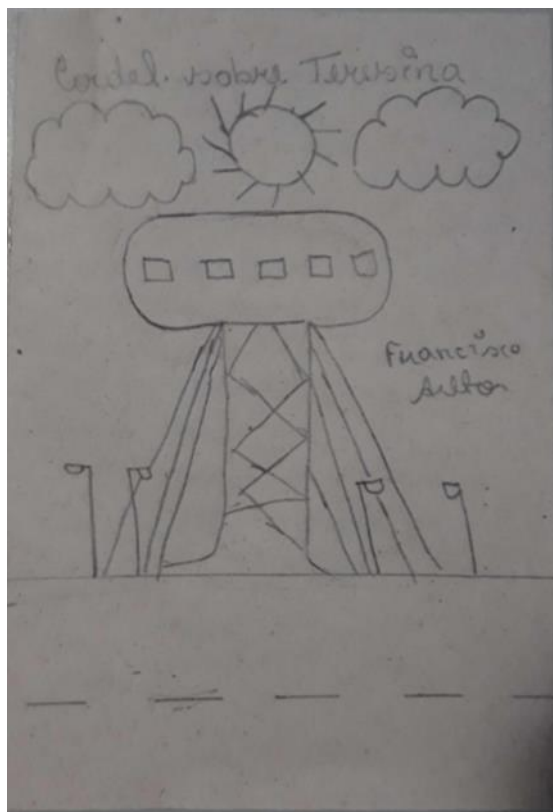
ALUNA(O): Sabryna Stefany de Amorim Lira

(REESCRITA)

Cordel em Teresina

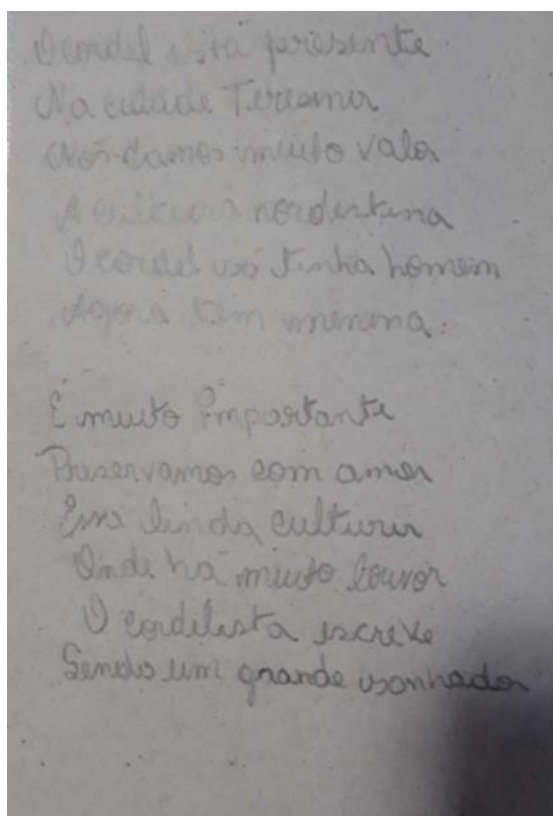
1	
2	<u>Laenos e aprendemos</u>
3	<u>Sobre o festival de violinos</u>
4	<u>Nós nunca estivemos lá</u>
5	<u>Nos anos bons brasileiros</u>
6	<u>No próximos anos</u>
7	<u>Queremos ser os primeiros.</u>
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	

Primeira escrita do aluno Francisco Ailton da Silva Pereira, 13 anos.



Muitas vezes nessa vida  
Segue caminhos incertos  
No decorrer da história  
Problemas são descobertos  
Mas Teresina recebe  
Cordel de braços abertos

Sempre lendo nas produções  
Dos poetas escritores  
O povo se diverte  
Nos mais diversos setores  
E aplaudem os repentes  
Dos poetas contadores.



Cordel está presente  
Na cidade Teresina.  
Não damos muito valor  
A cultura nordestina  
O cordel um Jinka homem  
do povo tem memória.

É muito importante  
Preservamos com amor  
Essa linda cultura  
Onde há muito valor  
O cordelista escreve  
Sendo um grande sonhador

Os trabalhos são expostos  
Nas feiras e bureaus  
Vendidos nas livrarias  
Nas feiras artesanais  
Enquanto os poetas cantam  
Nos palcos dos festivais

Reescrita do aluno Francisco Ailton da Silva Pereira, 13 anos.

**INSTITUIÇÃO/DEPARTAMENTO:** Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Tocantins – UFT – Campus Araguaína  
**PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha  
 - Endereço: Rua Tomaz de Area Leão, 1807, Bairro Ininga, Teresina- PI - Fone: ( 86 ) 2.994.96841 E-mail: angelitafontenele@hotmail.com  
**PROJETO:** Práticas de Leitura e de Escrita: O cordel no Ensino Fundamental na turma do 8º Ano A Manhã da Escola Municipal Hermelinda de Castro.

ALUNA(O): Francisco Ailton da Silva Pereira

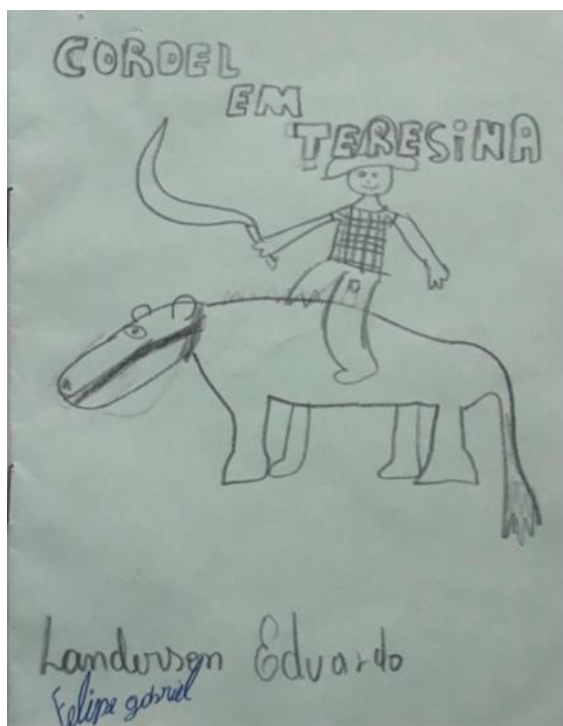
(REESCRITA)

### CORDEL EM TERESINA

1	Muitas vezes mesma sorte
2	Usegue caminhos incertos
3	No descobrir da história
4	Problemas vão descobertos
5	Mas Teresina recebe
6	Cordel de braços abertos
7	
8	Sempre lendo as produções
9	Das partes esquentes
10	O povo se diverte
11	Nas mãos diversos setores
12	E aplaudem os repentes
13	Das partes cantadas
14	
15	Os trabalhos vão expostos
16	Nas feiras e bienais
17	Vendidos nas livrarias
18	Nas feiras artesanais
19	Enquanto as partes cantam
20	Nos palcos dos festivais
21	
22	
23	
24	



Primeira escrita dos alunos Landerson Eduardo dos Santos Silva, 14 anos e Felipe Gabriel Pereira da Silva, 13 anos.



muitas vezes nessa arte  
Sequi caminhos encertos  
No decorrer da História  
Problemas são desdobertos  
mas Teresina recebe  
Cordel de braços abertos.

Sempre lendo as produções  
dos poetas e escritores  
o povo se diverte  
nos mais divertidos setores  
e aplaudem os repentes  
dos poetas contadores

Os trabalhos são expostos  
nas feiras e Vendas  
vendidos nas livrarias  
nas feiras artesanais  
Enquanto os poetas cantam  
nos palcos dos festivais

Reescrita dos alunos Landerson Eduardo dos Santos Silva e Felipe Gabriel Pereira da Silva.

**INSTITUIÇÃO/DEPARTAMENTO:** Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Tocantins – UFT – Campus Araguaína

**PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha  
- Endereço: Rua Tomaz de Area Leão, 1807, Bairro Ininga, Teresina- PI - Fone: ( 86 ) 9.99496841 E-mail: angelitatomenele@gmail.com

**PROJETO:** Práticas de Leitura e de Escrita: O cordel no Ensino Fundamental na turma do 8º Ano A Manhã da Escola Municipal Hermelinda de Castro.

ALUNA(O): Landerson Eduardo e Felipe Gabriel

(REESCRITA)

Cordel em Teresina

1	
2	<u>Muitas vezes nossa arte</u>
3	<u>Segue caminhos incertos</u>
4	<u>No decorrer da história</u>
5	<u>Problemas são descobertos</u>
6	<u>Nas Teresina recebe</u>
7	<u>cordel de braços abertos.</u>
8	
9	<u>Sempre lendo as produções</u>
10	<u>dos poetas exóticos</u>
11	<u>O povo se diverte</u>
12	<u>Nos mais divertidos setores</u>
13	<u>E aplaudem os repente</u>
14	<u>dos poetas cantadores.</u>
15	
16	<u>Os trabalhos são expostos</u>
17	<u>Nas feiras e feiras</u>
18	<u>vendidos nas livrarias</u>
19	<u>Nas feiras artesanais</u>
20	<u>Enquanto os poetas cantam</u>
21	<u>Nos palcos dos festivais.</u>
22	
23	

**APÊNDICE L – A TURMA DO 8º ANO NO DIA DA CULMINÂNCIA  
APRECIANDO A APRESENTAÇÃO DO REPENTISTA JOAQUIM DA MATTA**



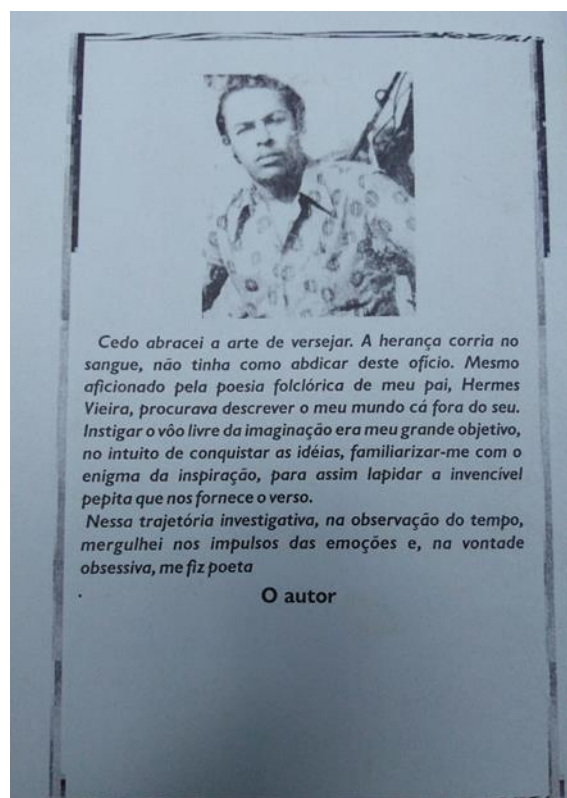
## ANEXOS

ANEXO A – CAPA DO CORDEL “PELEJA DO CEGO ADERALDO COM ZÉ  
PRETINHO DO TUCUM”

**ANEXO B – FOTO DO VÍDEO DO CORDEL “A CHEGADA DO LAMPIÃO NO CÉU” DE GUAIPUAN VIEIRA, ACESSÍVEL EM LIBRAS**



ANEXO C – CAPA E VERSOS DA OBRE “RECORDANÇA”, DE GUAIPUAN VIEIRA



### Saudade

A saudade é sentimento,  
Um desejo indefinido,  
Que revela sempre os "ais"  
De um coração oprimido.  
Ninguém vive sem saudade,  
Porque ela é a vontade  
De rever algo perdido.

Teresina, 1973

17

### O artista

O artista  
é um compromissado  
da arte  
e da vida.  
E ao lado dessa ambivalência,  
surge a crítica  
com suas garras ferrenhas,  
pronta para desviar.  
O primeiro que despontar  
em busca de uma cultura sem jaça.

Teresina, 1969

8

### A morte do poeta

A morte do poeta  
é uma visão sintética e objetiva,  
é a realidade circunstante  
e transcendental...  
o seu lirismo  
é mais lírico e narrativo,  
é mais uma reportagem lírica,  
expressiva,  
com grandes concentrações  
de sentimento  
e pensamento,  
deixando lugar à meditação.

Teresina, 1970

### Velho Monge

Parnaíba, velho Monge,  
que saudade  
da idade,  
de meu tempo de menino.  
Sempre fora genuíno,  
eu traquino,  
singrava tuas águas,  
furioso se agitava;  
eu zombava  
de teu rosto sinuoso.  
Moleque medroso,  
achava-me corajoso,  
somente te enganava.  
Que tristeza sinto agora,  
já chorei e sei que choras,  
por viver abandonado.  
Parnaíba, velho Monge,  
um réptil se arrastando,  
preguiçoso vai levando  
seu troféu de solidão.

Teresina, 1970

11

**ANEXO D – CAPA DO CORDEL “A CHEGADA DO LAMPIÃO NO CÉU, DE GUAIPUAN VIEIRA.**



Folheto de Divulgação da “Oficina de Cordel”, em Teresina (PI):

**Oficina de**  
**C O R D E L**

- Construção do texto rimado, metrificado, com ideias organizadas, obedecendo aos princípios linguísticos de coerência e coesão.

Com o professor/poeta  
Raimundo Clementino Neto  
na Livraria Entrelivros

Em 4 encontros (Sábado à tarde)  
(15/06 • 22/06 • 29/06 • 06/07/2019)  
Das 14:30 as 18hs  
Av. Dom Severino, 1045 - Fátima, Teresina - PI

Informações: (86) 3234.1471 • 99972.0303

**Inscrições abertas - R\$ 50,00**

- Com direito a Certificado;
- Apostila com material didático;
- Participação na edição de um folheto produzido pelos participantes.

Apoio:  **GRÁFICA E EDITORA RIMA** 

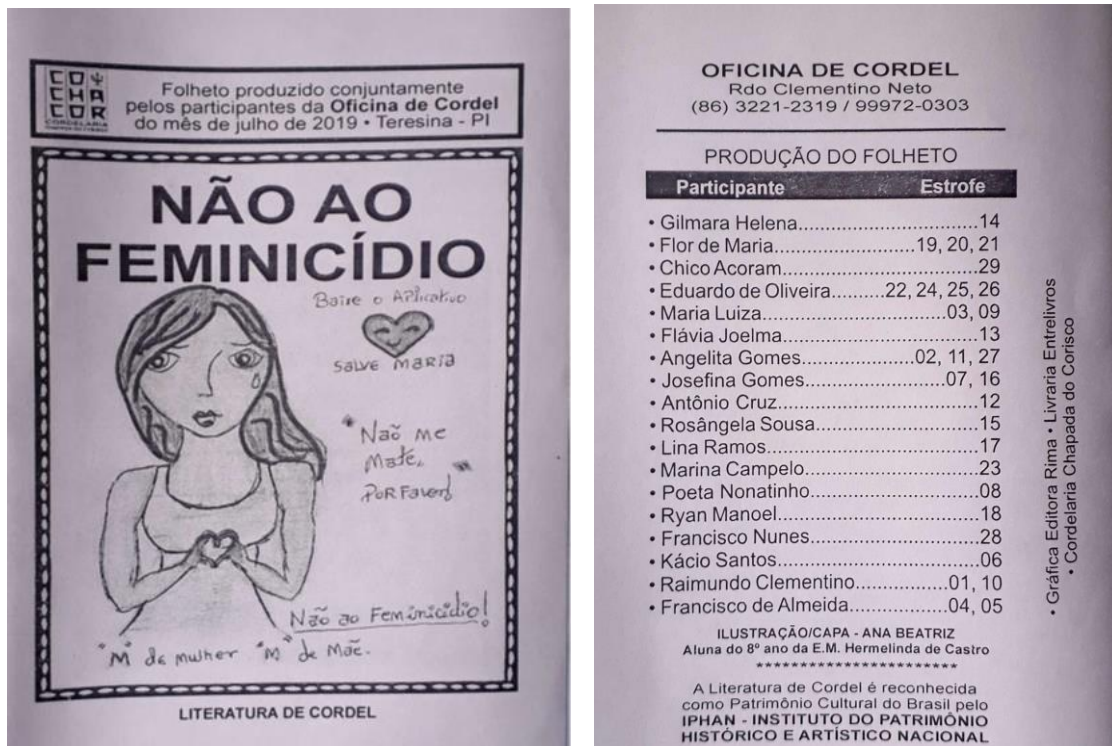
Fonte: Arquivo da autora



**ANEXO E – CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO NA OFICINA DE LITERATURA DE CORDEL E FOTO DE ENCERRAMENTO**



## ANEXO F – FOLHETO “NÃO AO FEMINICÍDIO PRODUZIDO NA OFICINA DE LITERATURA DE CORDEL



**Estrofes produzidas pelas participantes Flávia Joelma Gomes Sousa, Maria Luíza Sousa Silva e Angelita Gomes Fontenele R. da Cunha**

### **Não ao feminicídio**

Tudo que é violência  
Mal ela manifesta  
É sempre uma derrota  
Para nada ela presta  
Só demonstra maldade  
Nada de bom nos resta

Violência é terrível  
Não ela seja praticada  
Provoca muitas lágrimas  
É sempre complicada  
Não ao feminicídio  
Que a paz seja aplicada  
**(Flávia Joelma Gomes Sousa)**

Um homem matar mulher  
 É uma grande injustiça  
 Agindo com maldade  
 Às vezes por cobiça  
 Não ouve o bom coração  
 E o mal lhe enfeitiça.

Homem maltrata mulher  
 Se dele ela depender  
 E até por arrogância  
 Preciso esclarecer  
 Há uma grande lei  
 Que pode lhe defender

Se a mulher denunciar  
 Falando a verdade  
 O mal será afastado  
 Eis a felicidade  
 A mulher vai viver bem  
 Terá sua liberdade  
**(Maria Luíza Sousa Silva)**

Na violência contra a mulher  
 Há grande interrogação  
 Sobre a ação de um homem  
 Que pratica tal aberração  
 Feito um ser tão perverso  
 Que não tem bom coração!

Tirar a vida de alguém  
 Pelo fato de ser mulher  
 Em tantas manifestações  
 De assassinato de mulher  
 Que foi necessário qualificar  
 O crime matar mulher.

O crime feminicídio  
 Representa grande avanço  
 E não é tema banal  
 Mas necessita balanço  
 Ele não devolve a vida  
 É melhor que haja avanço.

Procura-se “homens com M”  
 M da mãe que lhe deu a vida  
 M de Maria mãe de Jesus  
 Homens que abracem a lida  
 Do combate à violência  
 Pelo ponto de partida.

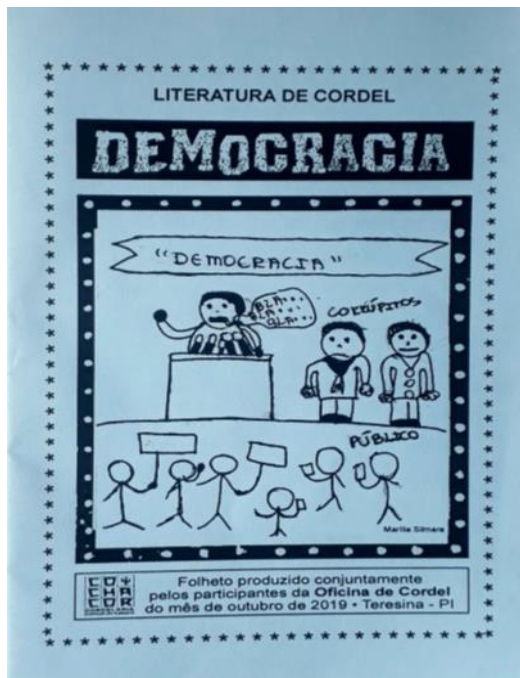
Baixar o Salve Maria  
(aplicativo do Estado)  
Para pedir socorro  
Se perceber que está arriscado  
O problema de uma mulher  
É ação de homem honrado.

Homem como os cordelistas  
Que versam em nosso favor  
Dizendo não ao feminicídio  
Que para nós é um pavor  
Cordelistas engajados,  
Escrevam mais, por favor!

Desculpem escrever pouco  
Sobre o tema aqui falado  
É que ainda sou aprendiz  
Mas o assunto dá um tratado  
E pela Oficina da Cordel  
Por todos foi abraçado.

**(Angelita Gomes Fontenele R. da Cunha)**

**ANEXO G – FOLHETO “DEMOCRACIA”, DA OFICINA DE LITERATURA DE CORDEL E DA VENCEDORA DO CONCURSO DA CAPA DE CORDEL E DA VENCEDORA DO CONCURSO DA CAPA**



**OFICINA DE CORDEL**  
Rdo Clementino Neto  
(86) 3221-2319 / 99972-0303

---

**PRODUÇÃO DO FOLHETO**

Participante	Estrofe
• Gilmara Helena.....	22, 26
• Flor de Maria.....	09, 10
• Chico Acoram.....	07
• Angelita Gomes.....	08, 15
• Antônio Cruz.....	11, 12, 13, 14
• Rosângela Sousa.....	04, 18
• Lina Ramos.....	24
• Marina Campelo.....	05, 06
• Poeta Nonatinho.....	16, 17
• Raimundo Clementino.....	01, 02, 03, 29
• Francisco Almeida.....	30, 31
• Francinaldo Silva.....	19, 20
• Dayana Cunha.....	25
• Adriana Maria.....	21, 23
• Raimundo Oliveira.....	27, 28

ILUSTRAÇÃO/CAPA - Marília Silmara  
Aluna da E.M. Hermelinda de Castro

\*\*\*\*\*

A Literatura de Cordel é reconhecida como Patrimônio Cultural do Brasil pelo IPHAN - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

• Gráfica Editora Rima • Livraria Entrelivros  
• Cordelaria Chapada do Corisco



**ANEXO H – CERTIFICADO DE RECONHECIMENTO POR RELEVANTES  
SERVIÇOS EM PROL DO DESENVOLVIMENTO DA CULTURA PIAUIENSE**



## ANEXO I – “CORDEL EM TERESINA”, DE ANGELITA G. F. R. DA CUNHA


**CORDEL EM TERESINA**  
 ANGELITA GOMES F. R. DA CUNHA

Sou uma filha do Cordel  
 Com ele aprendi a ler  
 Digo pra você agora  
 Com ele estou pra valer  
 O Cordel em Teresina?  
 Preciso agora saber.

Gosto muito do Cordel  
 Primeira leitura feita  
 Em seguida li a Bíblia  
 Minha leitura eleita  
 Por elas gosto de ler  
 O que muito me deleita

Não busco a perfeição  
 Só quero experimentar  
 Do prazer de fazer versos  
 Pra minh'ama alimentar  
 Nutrir a imaginação  
 E assim me ambientar

Os versos me fascinam  
 Minha alma se enfeita  
 Sou aprendiz de Cordel  
 Usando rima imperfeita  
 Pode fazer sua crítica  
 Que ela até será aceita

Que bênção eu alcancei  
 Estar na Cordelaria  
 Com o prof. Clementino  
 Sem o qual nada eu faria  
 E o poeta Joames  
 Que conduz a parceria.

Do que eu busco saber  
 Muitas dúvidas já tirei  
 Já fui à biblioteca  
 Breve lá retornarei  
 E a Casa do Cantador  
 Eu também já visitei

Se não fosse o Valdenor  
 Nada disso eu faria  
 Homem colaborador  
 Que me ajuda todo dia  
 Ele é meu grande amor  
 Ele é minha alegria

Escolhi minha pesquisa  
 Na área da poesia  
 Mas Lia, a poetisa,  
 Me exigiu cinestesia  
 Meu projeto foi aceito  
 Por sua boa cortesia

04

Saibam que não foi tão fácil  
 A orientadora aceitar  
 Sorte que fiz um projeto  
 Que ela pode aproveitar  
 E o apoio de um santo  
 O que veio estreitar

Eu falo de João de Deus  
 Um professor que encanta  
 É na UFT/Araguaína  
 Que o saber ele planta  
 Merece uma cajuína  
 Para adoçar sua janta

Que sorte foi esta minha  
 O nascer de meu projeto  
 Logo na primeira aula  
 Já conheci o trajeto  
 E a professor Selma  
 Me conduziu ao objeto

Gosto muito de poesia  
 Gosto também do poeta  
 Objeto da pesquisa  
 A minha paixão diletta  
 É sobre os cordelistas  
 Que eu prometo ser discreta

05

Queria trabalhar todos  
Pela grande inspiração  
Mas preciso informar  
Pesquisarei uma porção  
Já sei com quem trabalhar  
Espero a confirmação

Duas serão as mulheres  
A Luzinete e a Marina  
Luzinete usa a rima  
Desde quando era menina  
Da segunda quero ver  
Sua arte feminina.

Os cordelistas serão  
Joames e Clementino  
Joames por ser um crítico  
Clementino pelo tino  
Conquistar com as Fulôs  
Que já lhe dei um destino

O poeta Zé Bezerra  
Não pode ficar de fora  
Ele é boa inspiração  
Preciso falar agora  
Que versa os fatos reais  
De hoje e também d'outrora

06

O seu primeiro Cordel  
Foi um fato de infância  
Brincadeira de menino  
É de muita importância  
Está em suas memórias  
O que tem em abundância

Apreendeu a ler sozinho  
E nunca foi à escola  
Já foi muito estudado  
Nenhum saber lhe enrola  
Deve o saber ao Cordel  
Mas não ouvir lhe isola.

Me sinto bem integrada  
Pois fui demais acolhida  
Agora vou pesquisar  
Com a porção escolhida  
Comigo estão as alunas  
Já acima referidas

Tenho que relatar, sim  
Que jamais posso calar  
Que Deus vai está conosco  
Ele é quem me faz falar  
Que creio em sua força  
E que iremos embalar

07

Não poderia esquecer  
De meu papaizinho lindo  
Foi ele quem me ensinou  
A leitura repetindo  
Rosinha e Sebastião  
Ele sempre exigindo

Não falar de minha mãe  
É tremenda injustiça  
Ela é mulher virtuosa  
Não abraça a preguiça  
Brava como uma leoa  
E jamais foi submissa

Foi ela quem me ensinou  
Buscar a felicidade  
O valor da fé em Deus  
E da boa amizade  
O amar sem distinção  
Pautado na lealdade

Escrevo essa poesia  
Querendo ser cordelista  
Sócia da COCHACOR  
Estou sendo realista  
Já provei minha paixão  
E quero ser ativista.

08

Angelita, que é apaixonada por poesia nasceu em Piracuruca (PI), mas mora em Teresina desde os 22 anos de idade onde formou-se e casou-se com o teresinense Valdenor Rodrigues da Cunha com quem tem dois filhos.

Atualmente, trabalha como professora de Língua Portuguesa do Município de Teresina e cursa mestrado profissional em Letras - Proletras na Universidade Federal de Tocantins - UFT/ campus de Araguaína, que lhe reaproximou do cordel, paixão que guarda desde a infância por ter sido a primeira leitura lida nos ensinamentos de seus pais, Argemiro e Maria Julita. Cordel em Teresina são versos que narram seu amor pela poesia cordeliana, a trajetória da pesquisa, ora em curso, que remete ao cordel, em Teresina, e faz uma homenagem aos seus professores do mestrado, importante para a definição do projeto: Selma Abdalla, João de Deus e Lia Testa por quem nutre grande admiração e apreço.

Gráfica Rima  
(86) 3221-2319 • 99972-0303  
raimundoclementino7@gmail.com



**CORDEL / IPHAN**

O Folheto de Cordel  
era encontrado na feira  
impresso em fraco papel  
exposto numa esteira

sendo comprado à granel  
por matutos da ribeira.  
E por ser braço fiel  
da cultura brasileira

unânime, absoluto,  
vanguardista e folclórico  
tem hoje amparo legal

do IPHAN - o Instituto  
do Patrimônio Histórico  
e Artístico Nacional.

Raimundo Clementino Neto / PI

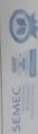
---

**Gráfica Rima**  
(86) 3221-2319 • 99972-0303 ☎  
raimundoclementino7@gmail.com

## ANEXO J – MATRIZES DE REFERÊNCIA DA PROVA TERESINA

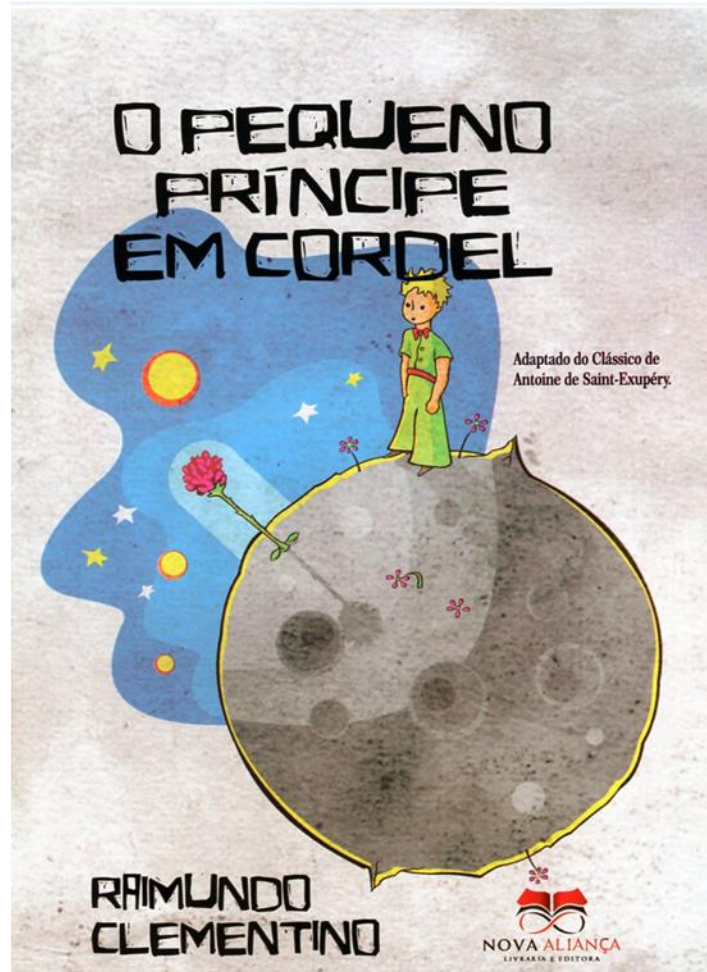
MATRIZ DE REFERÊNCIA DA PROVA TERESINA – LÍNGUA PORTUGUESA 3º BIMESTRE – 8º ANO/2019		SEMEC		GÊNEROS			
		Aprofundamento	Frequente	Reportagem	Síntese	Anúncio Publicitário	
<b>HABILIDADES DE LEITURA</b>							
(EF69LP02) Estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a continuidade de um texto.		X	X	X	X	X	X
(EF69LP03) Inferir o sentido de uma palavra ou expressão.		X	X	X	X	X	X
(EF69LP05) Interpretar, em textos multissemióticos, efeitos produzidos pelo uso de recursos expressivos gráfico-visuais, imagens e sua relação com o texto verbal.		X					X
(EF69LP06) Identificar o tema de um texto.		X	X	X	X	X	X
(EF69LP11) Estabelecer relação causa/consequência entre partes e elementos do texto.		X	X	X	X	X	X
(EF69LP12) Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros.		X					
(EF69LP13) Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.		X	X	X	X	X	X
(EF69LP14) Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato.		X	X	X	X	X	X
<b>HABILIDADES DE ANÁLISE LINGÜÍSTICA</b>							
(EF08LP33) Utilizar adequadamente a vírgula entre os termos da oração.							Virgula
(EF08LP35) Identificar, em textos, os verbos na voz ativa, passiva e reflexiva, interpretando os efeitos de sentido do sujeito ativo e passivo.							Vozes verbais
(EF08LP36) Analisar os efeitos de sentido do agente da passiva na voz passiva analítica.							Agente da passiva
(EF08LP37) Diferenciar, em textos, a função do aposto e do vocativo.							Aposto e vocativo
<b>CONTEÚDOS</b>							

MATRIZ DE REFERÊNCIA DA PROVA TERESINA – LÍNGUA PORTUGUESA  
4º BIMESTRE – 8º ANO/2019

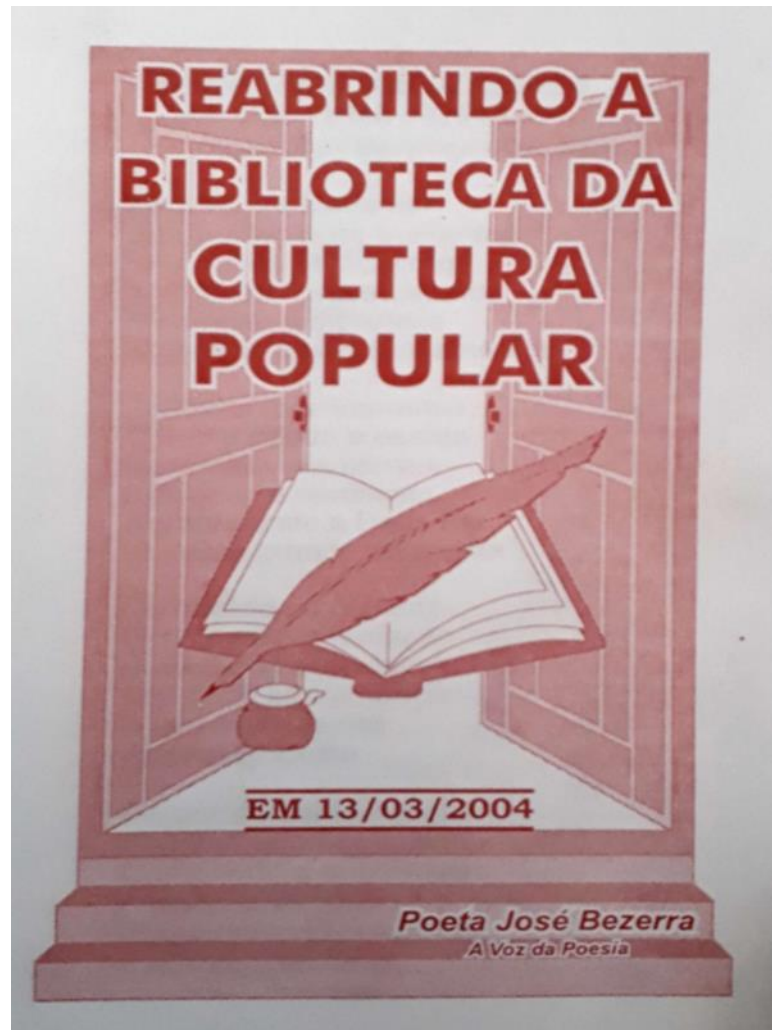


HABILIDADES DE LEITURA	GÊNEROS		
	Aprofundamento	Artigo de divulgação científica	Frequência
			Resumo
			Esquema
(EF69LP01) Localizar informações explícitas em um texto.	X	X	X
(EF69LP02) Estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a continuidade de um texto.	X	X	X
(EF69LP03) Inferir o sentido de uma palavra ou expressão.	X	X	X
(EF69LP06) Identificar o tema de um texto.	X	X	X
(EF69LP09) Diferenciar as partes principais das secundárias em um texto.	X	X	X
(EF69LP11) Estabelecer relação causa/consequência entre partes e elementos do texto.	X	X	X
(EF69LP12) Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros.	X	X	
(EF69LP13) Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.	X	X	X
<b>HABILIDADES DE ANÁLISE LINGÜÍSTICA</b>			
(EF08LP42) Analisar e utilizar adequadamente os diferentes <i>porquês</i> .			Uso dos porquês
(EF08LP43) Identificar as regras básicas de uso do hífen em palavras compostas.			Uso do hífen
(EF08LP48) Analisar, em textos, os sentidos das orações coordenadas com ou sem conectivos.			Orações Coordenadas
(EF08LP49) Analisar os sentidos decorrentes dos usos de palavras que se aproximam de um mesmo campo semântico (hiperonímia e hiponímia), utilizando o dicionário como recurso importante para a construção do repertório.			Hiperonímia e hiponímia

**ANEXO K - IMAGEM DA CAPA DE “O PEQUENO PRÍNCIPE EM CORDEL”, DE RAIMUNDO CLEMENTINO**



**ANEXO L – IMAGEM DA CAPA DO CORDEL “REABRINDO A BIBLIOTECA DA CULTURA POPULAR”, DE JOSÉ BEZERRA**



**ANEXO M – BIBLIOTECA LITERATURA POPULAR**

**ANEXO N – CAPA DA OBRA: “O CORDEL E O REPENTE POR CAMINHOS DIFERENTES, DE JOAMES**

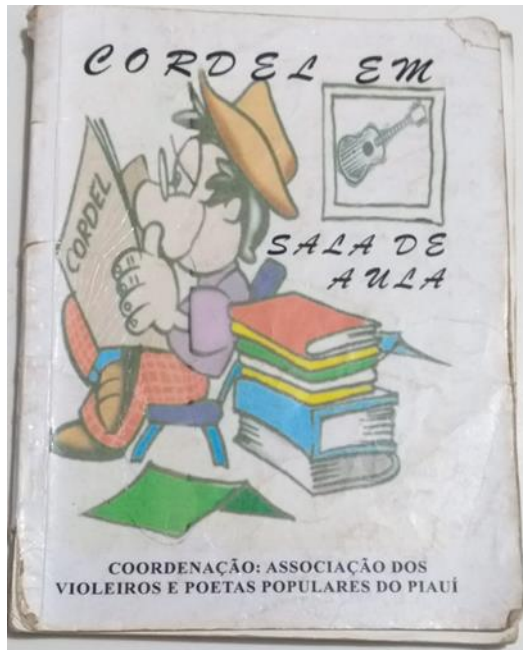


**ANEXO O - CAPAS DA OBRAS: “EQUIDADE DE GÊNERO: IGUALDADE POLÍTICA E SOCIAL PARA A MULHER” E “MULHER: O DESAFIO DE SER EMPREENDEDORA”, DE LUZINETE FONTENELE**





## ANEXO P – PROJETO “CORDEL NA SALA DE AULA”



*Cordel em sala de aula*

ÍNDICE

Agradecimentos especiais.....	9
Apresentação.....	11
Valeu o esforço.....	13
Escola Municipal Angelim.....	15
Escola Municipal Antônio D.Frenandes.....	16
Escola Municipal Areias.....	17
Escola Municipal Barjas Negri.....	18
Escola Municipal Chagas Rodrigues.....	21
Escola Municipal Conselheiro Saraiva.....	22
Escola Municipal Delfina B. Boavista.....	25
Escola Municipal Dep. Humberto R. da Silveira.....	27
Escola Municipal Extrema.....	28
Escola Municipal Hermelinda Castro.....	29
Escola Municipal H. Dobal.....	36
Escola Municipal João Emílio Falcão.....	37
Escola Municipal João Paulo I.....	39
Escola Municipal Joca Vieira.....	40
Escola Municipal Prof. José Camilo da S. Filho.....	31
Escola Municipal Lysandro Tito de Oliveira.....	43

*Cordel em sala de aula*

Escola Municipal Manoel Nogueira Lima.....	47
Escola Municipal Marcílio Flávio Rangel.....	50
Escola Municipal Maria do Socorro P. da Silva.....	51
Escola Municipal Mariano A. de Carvalho.....	54
Escola Municipal Mário Faustino.....	55
Escola Municipal Mascarenhas de Moraes.....	56
Escola Municipal Mateus Rufino.....	57
Escola Municipal Noé Fortes.....	58
Escola Municipal N. S. do Perpétuo Socorro.....	60
Escola Municipal Ofélio Leitão.....	66
Escola Municipal Prof. Cordão.....	67
Escola Municipal Prof. Cristina Evangelista.....	68
Escola Municipal Prof. Zoraide Almeida.....	69
Escola Municipal Raimundo N. M. de Santana.....	70
Escola Municipal São Sebastião.....	72
Escola Municipal Santa Fé.....	73
Escola Municipal Santa Teresa.....	75
Escola Municipal Santo Afonso.....	92
Escola Municipal Valter Alencar.....	84
Componentes da Equipe do Projeto.....	88
Entidades envolvidas no Projeto.....	89

*Cordel em sala de aula*

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Ao Dr. **Silvio Mendes de Oliveira Filho**  
Prefeito Municipal de Teresina

Ao Dr. **Washington Luís de Sousa Bonfim**  
Secretário Municipal de Educação e Cultura  
- SEMEC -

À Prof. **Ana Cleyde Lopes**  
Coordenadora de projetos especiais  
- SEMEC -

À Prof. **Stela Maria Viana Lima Brito**  
Orientadora do Projeto  
Cordel em Sala de Aula

A todos os Sr(a)s. Diretores, Pedagogos,  
Professores, Alunos e Auxiliares  
das Escolas Municipais, pela carinhosa  
acolhida e atenção que nos dispensaram.

**A equipe.**

## ANEXO Q – NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DE TEXTOS ORAIS

(Normas adotadas pelo Projeto NURC/RS)

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	saímos com o e dizia assim olha vai custar tanto... ( <b>mas os daqui</b> ) não há problema...
Truncamento	/	sim ahn é... mas tem <b>ge/</b> tem... cara que às vezes vai num restaurante é bacana né?
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	bom mas eu acho que ginástica em ( ) deve solucionar esse problema né?
Entonação	maiúsculas	já que o ginásio vai TANta coisa boa...acho que não custa pôr uma banheira térmica ali
Alongamento de vogal e consoante (como s, r)	Poden::do muito sua::ve	acho bacana à beça a pantalona viu? né? calça com a boca bem larga... bem <b>cintura::da</b> entende?
Silabação	-	CAMpos... espetaculares não tinha deserto... mas uma COIsa assim <b>fan-TÁs-ti-ca</b> um negócio
Interrogação	?	e quanto a frutas verduras assim o que vocês preferem?
Qualquer pausa	...	leva todo o período de aula... só... subindo e descendo escada
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	aqui vai melhor assim... bom... eu te digo o seguinte... (( <b>pigarro</b> )) tu acharias que:: todas as nossas aulas...
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	- -	também a comida vinha:: - <b>era muita gente, né? muitos atletas</b> - e a comida vinha de São Paulo
Superposição simultânea de vozes	[ Ligando linhas	é difícil de explicar assim [ porque tu queres ver uma coisa
Citações literais ou leitura de textos durante a gravação	“ ”	um cara... me atacou... “ <b>que que eu faço pra tirar a barriga?</b> ” eu digo pára de tomar chope...